



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**REPRESENTAÇÕES DA FIGURA PATERNA DE  
CRIANÇAS EXPOSTAS À VIOLÊNCIA  
INTERPARENTAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Maria José Figueiredo Diniz Henriques

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTOR EMÍLIO SALGUEIRO

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR EMÍLIO SALGUEIRO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor Emílio Eduardo Guerra Salgueiro, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## **Agradecimentos**

Ao Professor Emílio Salgueiro agradeço o entusiasmo que demonstrou por este tema, o encorajamento e a confiança que em mim depositou. Não posso igualmente deixar de referir o quanto foi importante o modo como, nas suas aulas, foi capaz de transmitir a importância de olhar para um fenómeno na sua completude, em detrimento de uma visão redutora, baseada naquilo que é aparente.

Na APAV são muitas as pessoas que incentivaram e permitiram a realização desta dissertação. Ao Dr. José Félix Duque, agradeço a autorização concedida, sem a qual este trabalho não seria possível. À Doutora Cátia Rodrigues, directora da Casa Abrigo Alcipe, por ter contribuído decisivamente para a concretização deste trabalho. À Doutora Rosa Castro e à Doutora Maria João Soares pelo interesse e apoio demonstrados ao longo deste percurso.

A todas as mães e crianças que acederam a participar neste trabalho agradeço a disponibilidade demonstrada. A espontaneidade e generosidade com que as crianças se dispuseram a partilhar vivências tão marcantes constituíram uma comovedora surpresa.

À minha família agradeço o carinho, o apoio e a compreensão. Aos meus filhos, Vasco e António, por tudo...

À Vera e à Inês agradeço a amizade, o incentivo e o encorajamento nos momentos difíceis. À Vera pela sintonia e à Inês pela capacidade de me transmitir serenidade e simultaneamente partilhar comigo momentos únicos de divagação.

## Resumo

A literatura evidencia a ausência de estudos sobre a qualidade da relação pai-criança em contextos familiares marcados por conflitualidade violenta entre as figuras parentais. Este trabalho pretendeu contribuir para a sua compreensão, estabelecendo como objectivo aceder às representações da figura paterna de crianças expostas à violência interparental. Foram realizadas entrevistas e aplicadas provas de desenho da família imaginada e real, a uma amostra constituída por cinco crianças em acolhimento em casa abrigo e cinco crianças em pós-acolhimento, com idades compreendidas entre seis e onze anos. Entrevistámos as suas mães para aceder às representações do ex-parceiro enquanto pai. O modelo teórico construído de acordo com a *Grounded Theory*, a análise das entrevistas às crianças, evidenciou a sua necessidade em manter separadas duas representações antagónicas da figura paterna. As crianças avaliaram alternadamente o comportamento do pai na conjugalidade e na paternidade, revelando capacidade para agir em conformidade com as suas reacções e humores. A clivagem permitiu-lhes manter a ligação ao pai e gerir um conflito de lealdades na fase em que viviam juntos. A separação dos pais e as actuais condições de vida contribuíram para uma focalização numa das facetas do pai. As crianças em acolhimento mantêm o foco na sua faceta violenta e procuram manter a distância, enquanto as crianças em pós-acolhimento avaliam o seu envolvimento e respondem de forma recíproca. A análise dos desenhos reforçou pressupostos do nosso modelo teórico. As entrevistas às mães evidenciaram uma avaliação negativa/ambivalente da paternidade dos ex-parceiros e o seu desagrado pela expectativa de reaproximação ou continuidade da relação pai-criança.

**Palavras-chave:** Exposição à violência interparental, representações, figura paterna, clivagem, agir em conformidade.

## Abstract

Evidentially, current literature lacks studies about the quality of father-child relationships in families marked by violent conflict between the parental figures. This study contributes to an understanding of this relationship, its goal being to access representations of the father figure of children exposed to inter-parental violence. Interviews conducted and children's drawings of imagined and real families were obtained from a sample of ten children, between six and eleven years of age, currently living in shelters, as well as children in post-shelter situations. We interviewed the mothers about their former partners in their paternal role. The theoretical model was created according to *Grounded Theory*, in analyzing interviews with children; their necessity to have two antagonistic representations of the father figure was evident. The children evaluated alternately their father's behavior in the marital relationship and in fatherhood, revealing capacities to act in accordance with their reactions and moods. This split allowed them to keep the connection to their father and manage a loyalty conflict while the family lived together. Parental separation and their current situation lead them to focus more on one facet of the father. Children in shelters put their focus on the father's violent facet and try to keep a distance from him, whereas children in post-shelter situations evaluate their father's involvement and respond reciprocally. Analysis of the children's drawings reinforced the assumptions laid out in our theoretical model. Interviews with mothers showed negative or ambivalent evaluations of their ex-partners and their discontentment with the perspective of a reconnection or continuing father-child relationship.

**Keywords:** Exposure to inter-parental violence, representations, father figure, split, acting in conformity.

## Índice

|                                                                               |    |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                               | 1  |
| Representações mentais.....                                                   | 3  |
| Função paterna.....                                                           | 4  |
| Violência conjugal.....                                                       | 6  |
| Impacto da violência conjugal na maternidade.....                             | 8  |
| Paternidade de homens com comportamentos violentos na conjugalidade .....     | 9  |
| Exposição da criança à violência interparental .....                          | 11 |
| Consequências da exposição da criança à violência interparental.....          | 12 |
| Efeitos directos .....                                                        | 13 |
| Efeitos indirectos.....                                                       | 15 |
| Separação/divórcio em contexto de vitimação.....                              | 15 |
| Casa abrigo.....                                                              | 17 |
| Adaptação das crianças ao acolhimento em casa abrigo .....                    | 17 |
| Estudo empírico .....                                                         | 19 |
| Objectivo do estudo.....                                                      | 19 |
| Amostra.....                                                                  | 19 |
| Instrumentos .....                                                            | 21 |
| Entrevista semiestruturada.....                                               | 21 |
| Provas de desenho .....                                                       | 22 |
| A observação .....                                                            | 22 |
| Procedimento .....                                                            | 22 |
| Questões éticas.....                                                          | 23 |
| Análise e tratamento dos dados.....                                           | 23 |
| Resultados.....                                                               | 25 |
| <i>Grounded Theory</i> .....                                                  | 25 |
| Desenhos da Família Imaginada e da Família Real .....                         | 29 |
| Desenho da Família Imaginada .....                                            | 29 |
| Análise de conteúdo .....                                                     | 29 |
| Desenho da família real .....                                                 | 31 |
| Estruturas formais.....                                                       | 31 |
| Análise de conteúdo .....                                                     | 31 |
| Dados da observação .....                                                     | 33 |
| Entrevistas às mães em acolhimento e pós-acolhimento.....                     | 33 |
| Discussão.....                                                                | 36 |
| <i>Grounded Theory</i> .....                                                  | 36 |
| Desenho da Família Imaginada e desenho da Família Real.....                   | 44 |
| Dados da observação – avaliação da criança na relação com o investigador..... | 44 |
| Entrevistas às mães.....                                                      | 49 |
| Implicações para a prática clínica.....                                       | 54 |

|                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| Limitações do Estudo.....                                            | 55  |
| Recomendações para estudos futuros .....                             | 55  |
| Conclusões.....                                                      | 57  |
| Referências Bibliográficas .....                                     | 61  |
| ANEXO A - <i>GROUNDED THEORY</i> .....                               | 70  |
| ANEXO B - DESENHO DA FAMÍLIA IMAGINADA/DESENHO DA FAMÍLIA REAL ..... | 85  |
| ANEXO C – DADOS DA OBSERVAÇÃO.....                                   | 151 |
| ANEXO D – ENTREVISTAS/ MÃES .....                                    | 158 |
| ANEXO E – REVISÃO DE LITERATURA .....                                | 185 |
| ANEXO F – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO/AUTORIZAÇÃO .....  | 197 |
| ANEXO G – PEDIDO DE CONSENTIMENTO INFORMADO .....                    | 200 |

### Lista de figuras

|                                                                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Caracterização da amostra/crianças em acolhimento.....                                                         | 20 |
| Quadro 2 – Caracterização da amostra/mães em acolhimento.....                                                             | 20 |
| Quadro 3 – Caracterização da amostra/crianças em pós-acolhimento.....                                                     | 20 |
| Quadro 4 – Caracterização da amostra/mães em pós-acolhimento.....                                                         | 21 |
| Quadro 5 – Modelo explicativo das representações da figura paterna de crianças expostas à violência<br>Interparental..... | 25 |

## Introdução

*“Uma pessoa não fica ressentida com a pedra contra a qual se aleija, simplesmente sente dor. Mas quando a pancada vem de uma pessoa com a qual se estabelece uma relação afectiva, depois de suportar a pancada, sofre-se uma segunda vez com a representação do sucedido.”* (Cyrulnik, 2002, pp.20).

O ser humano é naturalmente um ser social, constituindo a relação com os seus cuidadores, desde o nascimento, uma condição fundamental para o seu desenvolvimento normativo (Trevarthen, 2003). A criança desenvolve a capacidade para reconhecer a função de cada um dos pais e de os representar no seu mundo interno, numa dinâmica de sentimentos de pertença mútua, quando o meio que a rodeia lhe proporciona um ambiente de harmonia familiar e de interacção afectiva com cada uma das figuras parentais.

Quando, pelo contrário, o meio familiar se caracteriza pela disfuncionalidade de relação entre os seus membros, principalmente nas situações em que o desencontro se traduz por grande conflitualidade, a criança fica exposta a uma instabilidade, muitas vezes a uma alternância entre a aproximação e o abandono, que potencia insegurança e sofrimento, com consequências negativas para o seu desenvolvimento psíquico (Salgueiro, 2011). Este quadro tende a agravar-se quando a conflitualidade implica violência e a criança passa a estar confrontada com o perigo que advém de quem deveria ter o principal papel na construção e manutenção de referências de afecto, estabilidade e protecção (Osofsky, 2003).

Apesar da impossibilidade de determinar com precisão a incidência da violência conjugal, e a consequente exposição de crianças a esta situação, os elementos empíricos de que dispomos indiciam que se trata de um fenómeno transversal, presente e frequente no tecido social, o que nos permite identificá-lo como um grave problema de saúde pública (Margolin & Gordis, 2000).

A pesquisa sobre os efeitos da exposição das crianças à violência interpaparental tem-se focalizado principalmente nos seus efeitos directos. Mais recentemente concentrou-se também nos efeitos indirectos, principalmente na fragilização que a violência provoca na mulher e, por consequência, na sua capacidade para exercer uma maternidade “suficientemente boa” (e.g. Gordon, 1988; Scourfield, 2003). Apesar da importância da função paterna ter vindo a ser reconhecida pela teoria, pela prática clínica e pelos resultados das pesquisas, existe pouca investigação com o objectivo de compreender a paternidade dos homens com comportamentos violentos na conjugalidade. Os trabalhos disponíveis resultam principalmente de fontes indirectas, como os relatos das vítimas (Levendosky & Graham-Bermann, 1998), e tendem a debruçar-se sobre o perfil violento do agressor associado ao seu funcionamento deficitário enquanto pai (Bancroft & Silverman, 2002). Mesmo considerando a validade da preposição de que a exposição das crianças à violência do progenitor contra a sua mãe é uma forma de abuso infantil e, como tal, constitui um aspecto incontornável da paternidade, não é certamente o único

elemento a que se reduz a relação pai-criança neste contexto (Peled, 2000). Estudos recentes e pioneiros têm vindo a demonstrar que a paternidade destes homens corresponde a um fenómeno complexo que não pode ser avaliado apenas pela perspectiva do défice (Fox e Benson, 2004; Perel & Peled, 2008). É necessário um alargamento das pesquisas, que devem passar a incluir a tentativa de compreensão de outros aspectos subjectivos e psicológicos. Para um melhor conhecimento da paternidade destes homens seria relevante desenvolver estudos que permitissem aceder às representações destas crianças sobre a sua figura paterna e tentar compreender que relação estabelecem com um pai que é simultaneamente o homem que agride a sua mãe.

Com este trabalho pretendemos dar um contributo para uma melhor compreensão da qualidade da relação pai-criança neste contexto relacional, através da perspectiva de dois grupos de crianças com passado de exposição à violência interparental. A motivação para a realização deste estudo exploratório resultou não só da constatação da importância de um aprofundamento da pesquisa nesta área, como do impacto de experiências anteriores da investigadora.

O percurso pessoal e académico de cada um de nós deve-se a uma conjugação de factores psicológicos e relacionais que, num determinado momento, nos permitem reconhecer e decidir um caminho para a escolha de uma área específica. Um período de trabalho em regime de voluntariado em hospital pediátrico confrontou o investigador com a realidade dos maus tratos a crianças e impulsionou o estudo de questões ligadas à vitimação infantil. Este interesse conduziu, posteriormente, à escolha de um estágio académico na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que possibilitou o contacto com vítimas de violência conjugal e consequentemente com a problemática da exposição das crianças a esta forma de violência. Desta experiência resultou a questão na base da nossa proposta de investigação - o objectivo de tentar aceder às representações paternas destas crianças.

A presente dissertação incide numa primeira parte, teórica, constituída por uma revisão teórica subdividida em dois capítulos. No primeiro procuramos conceptualizar as representações mentais e a função paterna, enquadrando-as no nosso estudo. No segundo desenvolvemos a problemática da exposição da criança à violência interparental, procurando identificar as variáveis intervenientes com maior relevância para uma compreensão contextual e integrada do fenómeno em questão.

A segunda parte, respeitante ao estudo empírico, subdivide-se na explicação da metodologia adoptada para este trabalho, na apresentação dos resultados, na sua integração numa proposta teórica de discussão problematizante e nas conclusões finais que constituem um resumo da contribuição desta investigação para uma compreensão da qualidade da relação pai-criança neste contexto específico.

## Representações mentais

A concepção de representação mental, particularmente no que diz respeito à sua dimensão inconsciente, foi pela primeira vez proposta pela teoria psicanalítica freudiana.

De acordo com Freud, as representações mentais têm carácter subjectivo, no sentido em que emergem e se constituem a partir de uma motivação pré-existente no sujeito, relativa aos outros seres humanos e suas propriedades. O autor considerou que o funcionamento do psiquismo humano se inicia com o nascimento e que é esta estrutura que abre ao sujeito a possibilidade de construção interna de representações do mundo externo. Freud postulou a relação entre as experiências dos primeiros anos de vida com a simultânea estruturação funcional da personalidade (Luzes, 2004).

Na sequência destes trabalhos pioneiros, outros teóricos da psicanálise desenvolveram as suas teorias a partir do foco nas relações objectais (Klein, Fairbairn e Winnicott), passando a considerar as representações que se desenvolvem a partir de uma base relacional. A teoria das relações objectais destaca a importância das primeiras relações entre a criança e os seus cuidadores e o desenvolvimento das estruturas psíquicas. É a partir das interacções precoces que a criança vai elaborando o seu mapa de representações mentais e estabelecendo as referências e as direcções necessárias para se guiar nas suas relações interpessoais. Este processo vai influenciar os seus sentimentos, as suas interpretações do mundo externo, as suas expectativas e os seus comportamentos (Diamond & Blatt, 1994).

Neste enquadramento, a representação deriva da relação de objecto, correspondendo a um processo mental afectivamente investido, que permite ao sujeito representar no seu mundo psíquico um objecto ausente. A emergência das representações do *self* e dos objectos pressupõe, por parte do indivíduo, uma capacidade para separar e reconhecer o objecto no mundo externo e interno. Os processos de descontinuidade e de ausência que permitem o pensamento abstracto são fundamentais para o desenvolvimento e a consolidação das representações (Gomez, 2005).

A teoria da vinculação e o conceito de modelos internos dinâmicos propostos por Bowlby (1969/1971/1980) também constituem contributos teóricos para consolidar a importância dos factores relacionais na construção das representações. O autor estabeleceu que são as relações e não as imagens do mundo externo que são internalizadas pela criança, através do desenvolvimento dos modelos internos dinâmicos. O processo de representação mental inicia-se com o nascimento a partir das interacções e das experiências repetidas com a sua figura de vinculação e desenvolve-se ao longo da infância com a diversificação de experiências de aprendizagem na sua relação com os outros. Esta construção de modelos internos do mundo permite ao indivíduo encontrar significantes e encontrar-se nesse mundo. Pelas representações o

sujeito apreende e interpreta o que se passa à sua volta e condiciona as suas decisões de planeamento do pensamento e das acções (Bertherton, 1987).

### **Função paterna**

Em termos psicanalíticos, o estudo das interacções precoces foi durante um longo período protagonizado pela relação entre a mãe e a criança (e.g., Spitz, Mahler, Winnicott), atribuindo ao pai apenas uma acção indirecta de função de apoio e protecção à mulher (Malpique, 1998). A fase pré-edipiana, as interacções precoces entre o bebé e o pai não foram inicialmente consideradas relevantes e a presença do pai na vida psíquica da criança foi apenas integrada pela teoria aplicada à fase edipiana. A literatura realçou a função simbólica de um pai fantasiado ou mítico, símbolo do poder masculino detentor da lei, uma figura ameaçadora que corta o cordão umbilical e representa a possibilidade de castração (Brazelton & Cramer, 1989). Actualmente, os resultados das observações permitem verificar que o bebé é capaz de reconhecer o pai, enquanto figura diferenciada da mãe, e de estabelecer com ele uma relação de interacção desde o nascimento, principalmente quando o pai participa activamente, respondendo às suas necessidades afectivas (Lebovici & Crémieux, 1970).

Melanie Klein revelou o significado das relações da criança com a mãe e com o corpo materno e postulou a possibilidade de uma formação superegoica primitiva, lançando os dados para a abertura do campo da psicanálise ao estudo das relações pré-edipianas. Ao contrário dos autores que a antecederam, Klein considerou o Complexo de Édipo como um processo que se inicia precocemente com as frustrações da primeira infância e se desenvolve ao longo dos primeiros anos de vida, até atingir a plenitude por volta dos quatro anos, fase em que se inicia o Complexo de Édipo descrito por Freud (Segal, 1975).

Abelin (1975) também afirma que o reconhecimento do pai pela criança é pré-edipiano e começa muito precocemente, ainda durante a fase simbiótica da díade mãe-bebé. Pela triangulação precoce, a criança internaliza a relação entre o pai e a mãe numa experiência organizadora. Essa experiência possibilita-lhe a distinção mental das representações da mãe e do pai e, por extensão, a representação de si própria e do outro. A criança procede, assim, a uma separação intrapsíquica que lhe permite ver-se reflectida num espelho duplo em que encontra a sua imagem individualizada. A experiência, simultaneamente traumática e organizadora, permite-lhe a passagem da percepção da sua imagem integrada na díade mãe-bebé para a representação simbólica do seu pai, da sua mãe e de si própria.

A presença do pai numa fase precoce na infância constitui um objecto de identificação alternativo, permitindo à criança um afastamento gradual da relação de exclusividade com a mãe. Pela pré-triangulação edipiana, o pai introduz o masculino e funciona como facilitador da

expressão independente da criança, tornando-se um elemento estruturante para a consolidação da identidade individual, sexual e social (Malpique, 2010).

Coimbra de Matos (2001), referindo-se à triangulação pré-edipiana, desenvolve a ideia de que, nesta fase, a criança começa por escolher a mãe como objecto privilegiado. Mais tarde percebe que a mãe também investe num outro, e sente a simbiose com a mãe ameaçada. Aí instalam-se sentimentos de ciúme e rivalidade. São sentimentos de insegurança que a levam a escolher um segundo objecto de amor e a proceder a um investimento pré-edipiano no pai. Durante este período, a criança coloca-se numa posição angular, com um investimento separado na mãe e no pai. Quando finalmente atinge a consciência da relação conjugal entre os seus pais, entra na fase edipiana e passa a fantasiar as relações entre os pais e a projectar as relações que fantasia entre si e cada um deles.

A psicanálise considera que a triangulação edipiana é a condição de estruturação da vida psíquica do indivíduo, dos grupos familiares e toda a sociedade humana. O ponto em que a criança faz a passagem do objecto materno para o objecto mãe-pai corresponde a um momento único e criador na sua vida psíquica. A triangulação permite-lhe ultrapassar o seu auto-erostimo primitivo e orienta-a em direcção a objectos exteriores. É pela resolução do Complexo de Édipo que a criança abandona as suas fantasias incestuosas precoces e desenvolve um superego que lhe permitirá a interiorização das normas e dos valores necessários para a sua sociabilização (Ferreira, 2002).

Para que a função paterna possa ser exercida adequadamente desde a concepção é necessária a presença de um conjunto de condições no casal e em cada uma das figuras parentais. Quando a existência de uma reciprocidade de amor entre os pais faz querer o nascimento da criança, está estabelecida a base inicial das relações triangulares que se vão desenvolver e permitir o seu crescimento harmonioso. Quando o bebé não foi desejado, mas concebido para preencher lacunas funcionais e/ou afectivas dos pais, toda esta dinâmica fica comprometida (Ferreira, 2002).

Após o nascimento, o bebé estabelece naturalmente uma relação primordial com a mãe, numa relação de envolvimento narcísico e simbiótico. No momento em que o pai exprime o desejo de recuperar a mãe como mulher introduz-se uma frustração na díade, que induz o seu reconhecimento (Malpique, 1998). Nesta fase, a mãe tem uma função mediadora do estabelecimento da triangulação, podendo ter um papel facilitador e integrador ou, pelo contrário, um papel de entrave na relação afectiva entre o pai e a criança (Malpique, 2010).

As atitudes da mãe, tomadas consciente ou inconscientemente, não dependem apenas da qualidade de relação do casal e podem reflectir também questões relacionadas com a identificação da mãe com o seu próprio pai. A existência do bebé no interior psíquico da mãe e do pai emerge antes do nascimento e começa por se desenvolver no mundo interior e no imaginário de cada um deles (Lebovici, 1993). As vivências da infância, a relação que eles próprios tiveram com a sua

mãe e com o seu pai, as suas experiências subsequentes com o triângulo edipiano, a forma como se adaptaram e finalmente se separaram dos seus pais, vão influenciar a sua adaptação à parentalidade e a sua vinculação ao bebé real (Brazelton & Cramer, 1989). Assim, o lugar do pai nesta triangulação depende não só da sua representação mental, mas também da representação mental da figura paterna internalizada pela mãe, que pode variar desde a negação até à idealização. Será pela transmissão das suas representações paternas à criança, através do comportamento e discurso, que a mãe vai permitir, ou não, a intervenção do pai e a internalização da sua presença por parte do bebé. Quando estas condições não se verificam, o pai, mesmo que fisicamente presente, é vivido como simbolicamente perdido, ausente no mundo interno da criança (Kirshner, 1992).

A importância da função paterna para o desenvolvimento do *self* e das suas relações interpessoais tem sido verificada pela teoria e pela análise clínica. A observação de sujeitos que cresceram em condições de ausência e/ou deficiência da sua figura paterna assinala neles manifestas e frequentes dificuldades individuais e sociais. A fragilidade da função paterna parece contribuir para uma maior dificuldade de identificação com os outros e de integração em grupos sociais, e para uma maior incapacidade de idealização a partir de figuras-modelo capazes de facilitar o seu crescimento. O défice de paternidade pode aumentar o carácter depressivo da sua vida mental. A ausência de um pai flexível e estável no mundo interno pode dificultar a relação da criança com a sua estrutura pulsional e com a realidade externa, contribuindo para a formação de personalidades com carácter depressivo e para o estabelecimento de dificuldades nos processos de introspecção individual. É essa introspecção individual que origina o reconhecimento das características próprias e pessoais e o consequente controlo dos impulsos, necessário ao equilíbrio psicossocial (Soriano, 2007).

### **Violência conjugal**

*“Os poetas e os psicanalistas sabem há muito tempo como o amor e o ódio estão próximos um do outro e que, também em nós, seres humanos, o objecto do nosso amor é quase sempre, de uma maneira ambivalente, ao mesmo tempo um objecto de agressão”* (Lorenz, 1963, pp.238).

Até à segunda metade do séc. XX a família foi exclusivamente encarada como um valor social inabalável e não como um espaço de criminalidade. A partir dos anos cinquenta a sociedade foi tomando consciência desta realidade e nos anos setenta iniciaram-se pesquisas sistemáticas e estudos estatísticos que trouxeram visibilidade à violência familiar, que passou a ser considerada como um problema social e político (Matos, 2000). Actualmente, os dados de que a comunidade científica dispõe são suficientes para afirmar que a violência na família é um fenómeno transversal, que desconhece fronteiras culturais, sociais, económicas, étnicas, religiosas, de idade ou de género (Lourenço & Carvalho, 2001). A violência familiar pode suceder em

qualquer etapa da vida, envolvendo formas multidimensionais de vitimação e diferentes tipos de crime, entre os quais a violência conjugal (Matos, 2000).

Não existe uma definição única e consensual para violência conjugal. O fenómeno é descrito de diferentes formas ao longo do tempo. Inicialmente, surgiram as teorias intra-individuais que se focalizavam nas características psicológicas, mentais e comportamentais dos agressores e das vítimas, postulando que seriam as perturbações mentais do agressor e o carácter masoquista da mulher batida as principais explicações para a perpetuação deste tipo de violência. Sucederam-se as teorias diádicas-familiares, que defendem a importância das aprendizagens e dos modelos familiares, questionando a linearidade das causas e dos efeitos até então estabelecidos. Neste enquadramento, a família é vista como um veículo transmissor de valores morais, podendo dissuadir ou potenciar o desenvolvimento de comportamentos violentos. Por último, apareceram as teorias socioculturais, que incluem as perspectivas feministas e a teoria de esquemas de género. Estas passam a considerar que a violência conjugal tem contextos abrangentes e que para a sua compreensão precisamos de equacionar os factores históricos, sociais, culturais e políticos que para ela concorrem (Neves, 2008).

O comportamento violento, abusivo e intencional dirigido ao parceiro, geralmente do homem contra a mulher, com o objectivo de dominar e controlar a relação, e a tendência desta forma de violência para aumentar em frequência e severidade ao longo do tempo, são dois elementos que as várias teorias reconhecem como parte da estrutura característica deste tipo de relação (Almeida, 2001; Matos, 2005).

O “ciclo da violência” é o modelo proposto por Walker (2009) para explicar o processamento da violência neste contexto. A autora estabelece uma correspondência entre a estrutura da violência conjugal e um processo inconstante e circular em três fases que se sucedem no tempo. A primeira fase respeita a um período de acumulação de tensão por parte do agressor até atingir um ponto em que qualquer pretexto serve para descarregar a raiva sobre a vítima. Passa-se então à segunda etapa, o ataque violento. A descarga ocorre geralmente de forma repentina e materializa-se no mau trato físico e/ou psicológico da vítima. Após o ataque violento inicia-se um período de acalmia, a fase de apaziguamento ou “lua-de-mel”. Aqui o agressor muda de comportamento, mostrando arrependimento e tornando-se dedicado e atencioso. Com a passagem do tempo, o ciclo tende a apertar-se, e a alternância dos intervalos entre os momentos de violência e de acalmia é cada vez menor (Walker, 2009).

Esta forma de violência interpessoal pode ser iniciada antes do casamento ou união de facto, mas os dados indicam que emerge com mais frequência após a coabitação, durante a gravidez da mulher ou depois do nascimento do primeiro filho (Machado, Matos & Moreira, 2003). Os maus tratos infligidos à mulher podem variar de frequência e severidade e apresentar-se sob a forma de violência física, sexual, verbal, psicológica, económica e de isolamento social. As

consequências da violência conjugal variam com o tipo, a intensidade, a continuidade e a severidade da violência exercida. A curto prazo evidenciam-se na vítima lesões resultantes das agressões físicas; a médio e a longo prazo predominam as alterações psicológicas (Matos, 2006).

A tipologia de agressores conjugais proposta por Holtzworth-Munroe e Stuart (1994) divide-os em três tipos e estabelece os respectivos perfis. O primeiro grupo integra a maioria dos agressores conjugais (50%), os agressores exclusivamente familiares. Este subgrupo corresponde aos homens que revelam menores índices de violência física e psicológica sobre a parceira, e o seu perfil revela, geralmente, uma ausência ou baixo grau de psicopatologias, uma estrutura de personalidade passiva/dependente e um comportamento social adequado, reduzido envolvimento criminal, baixo/moderado consumo de substâncias e moderação na expressão da raiva. O segundo grupo é constituído pelos indivíduos disfóricos/*borderline* que representam um quarto desta população (25%). Este tipo de homens pode utilizar vários níveis de severidade de violência nas suas relações de intimidade e, embora a expresse principalmente contra a parceira, em determinadas ocasiões pode usa-la em contextos extra-familiares. São agressores com uma personalidade *borderline* ou esquizóide, estão, em geral, psicologicamente afectados por sintomas depressivos e ansiosos, e expressam a raiva de forma elevada. O último grupo corresponde a um quarto desta população (25%) e inclui os indivíduos com perfil violento/antissocial, sofrem de desordem de personalidade antissocial ou psicopatia, são previsivelmente mais violentos na conjugalidade e em contexto extra-conjugal, apresentam elevados níveis de envolvimento em outros tipos de crime e tendência para abuso de substâncias psicoactivas.

### **Impacto da violência conjugal na maternidade**

A vítima de violência conjugal pode estar fragilizada pelas consequências da violência física e psicológica a que está sujeita. A sintomatologia de depressão e ansiedade, frequentemente observável nestas mulheres, pode alterar negativamente a sua maternidade. Estas mães podem encontrar-se menos disponíveis para uma interacção positiva, para a prestação adequada de cuidados emocionais, de saúde e de educação, potenciando a instalação de um ambiente de risco para o desenvolvimento infantil (Lovejoy, Graczyk, O'Hare & Neuman, 2000).

Para além das consequências directas da vitimação, uma série de outros factores pode contribuir para fragilizar a maternidade. O comportamento violento do parceiro pode conduzir a vítima a um estado de hipervigilância que a leva a centralizar a sua vida nas estratégias de manutenção da sua segurança e dos seus filhos e nas formas de prevenir e minimizar as consequências da violência (Jaffe, Crooks & Bala, 2005; Levendosky & Graham-Bermann, 2000). Durante os episódios violentos, algumas destas mulheres não reagem em defesa dos filhos, porque acreditam que a intervenção pode ser mais perigosa do que protectora. Esta inacção pode ser interpretada pelas crianças como uma forma de indiferença da mãe ao seu sofrimento

(Bancroft & Silverman, 2002). O sentimento agravar-se-á pela incompreensão da criança relativamente à permanência da mãe na relação. A prática de criticar a competência da mulher enquanto mãe, comum nos homens com este tipo de comportamentos, também contribui para enfraquecer a sua imagem. A mulher, condicionada pela interferência do agressor, tende a alterar o seu estilo de parentalidade e transmite aos filhos uma postura de submissão, colocando em causa a legitimidade da sua autoridade. Todos estes factores podem transmitir à criança mensagens de desvalorização da necessidade de respeitar a integridade da mãe, o que pode estar reflectido nas maiores taxas de violência e desobediência que se verificam muitas vezes nos filhos de mulheres agredidas (Jaffe & Geffner, 1998).

Resultados de pesquisas nesta área indicarão igualmente uma maior prevalência de agressões físicas e psicológicas aos filhos por parte destas mulheres (Dias, 2004). O comportamento abusivo da mãe pode ser uma resposta à agressividade dos filhos, um reflexo do seu estado ansioso e/ou mesmo uma estratégia de segurança quando se antecipa ao pai, castigando as crianças para evitar a sua intervenção (Bancroft & Silverman, 2002; Margolin, Gordis, Medina & Oliver, 2003). A verificação desta intolerância educacional, para além das consequências directas da vitimação, potenciará na criança o reforço da sua identidade de vítima e/ou agressor em relações futuras (Almeida, Gonçalves & Sani, 2010).

No entanto, apesar do impacto negativo da violência conjugal na maternidade, alguns estudos indicam que não se podem fazer generalizações. Muitas mulheres abusadas conseguem estratégias para proteger e cuidar dos seus filhos e manter uma interacção positiva e afectuosa (Lapierre 2008; Levendosky, Huth-Bocks, Shapiro & Semel, 2003).

### **Paternidade de homens com comportamentos violentos na conjugalidade**

Tradicionalmente, a pesquisa sobre os efeitos da violência conjugal no bem-estar das crianças concentra-se na fragilização provocada na mãe e consequentemente na sua capacidade para exercer uma parentalidade “suficientemente boa”. (e.g. Scourfield, 2003). No entanto, pesquisas recentes refutam esta perspectiva unidimensional ao demonstrarem que o comportamento do pai tem efeitos negativos directos no desenvolvimento dos filhos (e.g. Levendosky & Graham-Bermann, 2000). A exposição das crianças à violência contra a sua mãe é uma forma de abuso infantil e constitui um aspecto incontornável da sua paternidade, mesmo quando não ocorre a violência directa contra a criança (Peled, 2000).

O seu défice de paternidade pode afectar os filhos em qualquer fase do desenvolvimento, e muitas vezes inicia-se mesmo antes do nascimento. Houve autores que observaram em parte destes homens a ausência de uma real motivação para ter filhos; alguns parecem desejar a gravidez da mulher como um meio para lhe criar uma maior dependência (Lapierre, 2008), enquanto outros reagem negativamente à gravidez por sentimentos de posse e de ciúme

(Bancroft & Silverman, 2002). O ataque deliberado às competências maternas é uma das estratégias frequentes destes homens, que sabem estar a atingir uma área de grande vulnerabilidade que é, muitas vezes, a principal fonte de identidade positiva das vítimas (Mullender, Hague, Iman, Kelly, Malos & Regan, 2002). São pais que muitas vezes culpam a mãe pela violência, criticam-na à frente dos filhos, incitam-nos contra ela, criam ou acentuam conflitos entre irmãos, manifestando muitas vezes preferências por um dos filhos (Hurley & Jaffe, 1990).

A literatura descreve a relação pai-criança como uma paternidade marcada pela distância afectiva e/ou pelo autoritarismo (Margolin et al., 2003). Embora neste ambiente familiar os filhos se encontrem em maior risco de ser maltratados por ambos os pais, os resultados dos estudos efectuados nesta área indicam que os pais agredem as crianças com maior frequência e por diferentes causas. (Bancroft, 2002).

Este perfil de parentalidade tem sido traçado com base nas investigações feitas sobre as características gerais dos homens com comportamentos violentos na conjugalidade (Bancroft & Silverman, 2002) e estabelecido a partir dos relatos das vítimas (Levendosky & Graham-Bermann, 1998). Os novos estudos, desenvolvidos a partir da recolha de dados com estes homens, têm vindo a revelar outras dimensões da sua paternidade (Perel & Peled, 2008).

Um estudo realizado por Fox e Benson (2004) conclui que não existem diferenças significativas no que diz respeito ao investimento parental nem à quantidade de tempo que estes homens passam com os filhos, diferindo dos outros pais, principalmente, nas formas de interacção e de expressão das emoções.

Num estudo de Perel e Peled (2008) feito com base numa amostra constituída por indivíduos em programas de intervenção permitiu observar que a maioria destes homens considerava a sua paternidade muito importante, identificava-se com uma imagem de “bom pai” e afirmava ter investido nos seus filhos. Nas suas narrativas, os entrevistados indicaram como obstáculos a uma parentalidade adequada a exposição dos filhos à violência, as suas limitações pessoais, a sua incapacidade para estabelecer uma relação de coparentalidade, a sua infância e factos da sua história de vida. Uma parte destes homens reconheceu, ainda, ter-se afastado da participação na vida das crianças e ter investido mais no papel de provedor e nas funções de controlo e/ou autoridade como resposta ao mau ambiente familiar, manifestando alguma consciência das consequências negativas do seu comportamento para o bem-estar das crianças e para a sua relação com elas. Por fim, uma parte significativa destes pais expressou desejo de criar uma relação mais próxima com os filhos. Os autores consideram que, por um lado, que a investigação focalizada na paternidade destes homens pode abrir novas perspectivas de reabilitação, mas por outro, a metodologia de análise destes dados deve atender à necessidade de distinguir, no conteúdo do discurso, a sinceridade da manipulação.

## Exposição da criança à violência interpaparental

*“Cortar uma rosa e libertar um tornado”* (Helander, 2010, pp. XIII) A violência contra a criança - cortar uma rosa - é um fenómeno tão comum que se estima atingir metade da população mundial. A severidade das sequelas provocadas pelo abuso e pela negligência - os tornados que abalam e destroem tantas vidas - perduram no tempo e são transmitidas às gerações seguintes (Helander, 2010).

O conceito de exposição da criança à violência interpaparental distingue-se do conceito de exposição à violência conjugal. A exposição da criança à violência interpaparental corresponde apenas à situação em que a violência ocorre entre os seus pais naturais, que vivem juntos, podendo estar ou não casados (Sani, 2006).

Os problemas provocados pela violência entre as figuras parentais estendem-se às crianças que integram estes núcleos familiares. Estas crianças encontram-se sujeitas a um ambiente de insegurança que resulta não só dos riscos físicos e psicológicos provocados directamente pela exposição à violência como da necessidade de a interpretar (McIntosh, 2002). O contexto de proximidade familiar e afectiva com o agressor e com a vítima penaliza ainda mais a criança que se encontra confrontada com o perigo que advém precisamente das pessoas que deveriam desempenhar o principal papel na construção e manutenção de referências de afecto, de estabilidade e de protecção (Osofsky, 2003).

A pesquisa na área tem conduzido a maioria dos investigadores a considerar que não é necessário que a criança presencie os episódios de violência entre os pais para se considerar que se encontra exposta à violência (Holden, 2003; Jouriles, McDonald, Norwood, & Ezell, 2001). Holden (2003) propõe uma categorização que integra dez formas de exposição à violência interpaparental que não se excluem mutuamente, podendo ser verificadas isoladamente ou em conjunto. Segundo o modelo, a criança encontra-se exposta à violência quando: na fase pré-natal é afectada directamente pelas agressões e/ou indirectamente pelo *stress* materno; em qualquer fase do seu desenvolvimento presencia o episódio violento; ouve e/ou percebe a violência através dos sons gerados pelo evento conflituoso; tem um papel activamente integrado nas cenas de violência; é directamente vitimizada; é forçada a participar no evento; intervém para tentar parar o agressor; observa as consequências do ataque violento nos intervenientes e/ou nos objectos e/ou é confrontada com a intervenção dos aparatos policiais e de emergência médica; não presencia e/ou não percebe a violência e é informada através de terceiros; acompanha o período de rescaldo que sucede a violência. Nesta última fase que pode experienciar alterações estruturais na sua vida e nas suas rotinas.

Alguns autores verificaram que a experiência continuada de exposição também pode desenvolver na criança um mecanismo de associação/antecipação entre determinados

comportamentos, expressões faciais e alteração do tom de voz do pai e o advento da violência. Estes sinais, por si só, podem desencadear elevados níveis de ansiedade, medo e intimidação (Jaffe, Wolfe & Wilson, 1990).

A pesquisa indica que este contexto de violência familiar raramente se confina aos dois elementos do casal e que uma parte significativa destes homens estende as atitudes violentas aos filhos (Hamby, Finkelhor, Turner, & Ormrod, 2010). Holden (2003) descreve uma série de formas de abuso psicológico contra a criança observáveis nesta situação: o comportamento ameaçador do pai, com o objectivo de a condicionar pelo medo, a ameaça directa de magoar ou abandonar a criança, a crítica destrutiva, e o insulto e/ou as ameaças dirigidas à mãe, irmãos e até animais de estimação.

Se, num nível mais básico, a violência interparental sujeita sempre a criança a uma forma de abuso psicológico, a um nível mais extremo os seus efeitos podem culminar na morte da mãe e dos filhos (Jaffe & Juodis, 2006). A revisão de literatura publicada por Appel e Holden (1998) apresenta os resultados de vários estudos que estabeleceram relações entre a coocorrência de violência entre o casal e o abuso físico direccionado à criança, verificando-se uma percentagem muito significativa de coocorrência (41% das famílias consideradas). Esta forma de abuso pode constituir, em alguns casos, uma ameaça à vida da criança. Existem registos de mortes de crianças em várias circunstâncias: apanhadas acidentalmente no “fogo cruzado” de um episódio violento, assassinadas pelos pais como vingança contra a mulher, e eliminadas como parte do plano de aniquilação dos membros da família pelos pais, antes de se suicidarem. Os dois últimos casos verificam-se, quase sempre, nas situações em que o agressor é confrontado com uma separação (Jaffe & Joudis, 2006). No que diz respeito à coocorrência de exposição da criança à violência interparental e de abuso sexual, as poucas pesquisas efectuadas parecem indicar uma elevada incidência de simultaneidade das duas formas de abuso infantil (Kellog & Menard, 2003).

Para compreender o contexto familiar destas crianças deve-se equacionar uma multiplicidade de factores inerentes à própria família e/ou vindos do meio, a que Rossman (2000) chamou um “Pacote de adversidade”. Nestes ambientes familiares, as crianças estão muitas vezes sujeitas aos efeitos de outros factores ansiogénicos, como a existência de formas directas de abuso, negligência, psicopatologias e/ou comportamentos aditivos dos pais, desemprego, pobreza e/ou instabilidade económica.

### **Consequências da exposição da criança à violência interparental**

A exposição à violência interparental pode provocar consequências directas e/ou indirectas resultantes da dinâmica de violência intrafamiliar (Sullivan, Nguyen, Allen, Bybee & Juras, 2000). Em ambas as situações, a forma como a criança pode ser afectada depende da importância relativa de uma série de factores individuais, situacionais e contextuais.

Em relação à variabilidade individual, as características inatas de cada criança, o temperamento e personalidade (e.g. Guille, 2004), a idade e nível de desenvolvimento (e.g. Cunningham & Baker, 2007), o género (e.g. Graham-Bermann & Brescoll, 2000), o nível socioeconómico (e.g. Rossman, 2000), o contexto étnico (e.g. Graham-Bermann, De Voe, Mattis, Lynch & Thomas, 2006), religioso e cultural (e.g. Rossman, Hughes & Rosenberg, 2000) têm vindo a ser reconhecidos como elementos relevantes para as percepções e interpretações da violência e para o desenvolvimento das estratégias de *coping* para lhe responder (e.g. Grych & Fincham, 1990).

O sistema familiar em que a criança está integrada e o papel que este desempenha também influenciam o impacto da sua exposição (e.g. Skopp, McDonald, Manke & Jouriles, 2005). A funcionalidade de cada família depende de factores como a qualidade das relações intrafamiliares, as características individuais de cada uma das suas figuras parentais, a sua saúde mental e a capacidade de manutenção de competências parentais (e.g. Cunningham & Baker, 2007; Howell, Graham-Bermann, Czyz & Lilly, 2010), o historial de violência passada (e.g. Cummings, Pellegrini, Notarius & Cummings, 1989; Wolfe, Zak, Wilson & Jaffe, 1986), e o suporte social, comunitário e familiar (e.g. Tajima, Herrenkohl, Moylan & Derr, 2011).

Finalmente, as variáveis contextuais do conflito específico correspondem às formas de manifestação da violência (e.g. Carlson, 2000; Kitzmann, Gaylord, Holt & Kenny, 2003), à sua severidade, frequência e duração (e.g. Howell et al., 2010), e ao tipo de conflito, suas causas e resolução (e.g. Cummings & Davies, 1994).

### **Efeitos directos**

Para além de se conhecer a possibilidade de sequelas físicas resultantes de agressões intencionais e/ou acidentais, há estudos neurobiológicos, efectuados com base nesta população, que estabelecem relações entre a exposição à violência interparental e o funcionamento dos sistemas nervoso, hormonal e imunitário. Os resultados indicam que esta forma de *stress* situacional pode afectar a organização cerebral e a regulação dos sistemas homeostáticos com consequências a longo prazo na saúde e no desenvolvimento (e.g. Davies, Sturge-Apple, Cicchetti & Cummings, 2007; Saltzman, Holden & Holahan, 2005).

O ser humano tem mecanismos de resposta fisiológica, emocional e comportamental ao *stress* que lhe permitem proteger-se e restabelecer a homeostasia. Quando as respostas são excessivas ou prolongadas, como acontece com as crianças expostas a uma situação geradora de medo intenso e continuado, a homeostasia não se repõe e o organismo pode permanecer num estado de excitação fisiológica e afectiva de desregulação prolongada, que conduzirá, em última instância, à emergência de uma sintomatologia de pós-stress traumático (Margolin & Gordis, 2000). Mesmo quando a desregulação não atinge um ponto crítico, estas crianças manifestam

frequentemente sintomas de hipereactividade e dificuldades de concentração, que podem interferir com a sua capacidade de exploração e experimentação (Rossman & Ho, 2000). Por outro lado, a exposição crónica à violência interparental pode diminuir as respostas de *feedback* negativo desencadeadas pelo *stress*, potenciando a emergência de sintomas depressivos (Margolin & Gordis, 2000). Muitas crianças manifestam sintomas de internalização, quadros depressivos e/ou ansiosos e problemas somáticos e/ou sintomas de externalização, expressos através de comportamentos agressivos, disruptivos e/ou autodestrutivos, e problemas de socialização (Evans, Davies & DiLillo, 2008).

O desenvolvimento e o bem-estar emocional das crianças podem ser afectados pela presença persistente de sentimentos de medo, tristeza, culpa, confusão, raiva, frustração e preocupação. O medo é a emoção mais frequentemente manifesta e encontra-se muitas vezes associado a uma auto-culpabilização pelas tensões e conflitos conjugais, resultado de uma elaboração interna e/ou de uma transmissão pelos pais (Cunningham & Baker, 2007).

Os resultados da pesquisa permitem verificar que a exposição à violência interparental também pode afectar o desenvolvimento cognitivo, observando-se nalgumas destas crianças défices de capacidade intelectual, de comunicação, de avaliação das relações interpessoais, de memória e de concentração (De Bellis, 2001). Estas alterações individuais dificultam vários aspectos da sua sociabilização e do seu rendimento escolar (De Bellis, 2001; Margolin & Gordis, 2000). Toda a conjuntura pode reforçar negativamente o autoconceito da criança, agravando a sua baixa auto-estima e o consequente desequilíbrio emocional e relacional (Guille, 2004). Também o “segredo”, ou a necessidade que muitas destas crianças sentem, por vergonha ou por imposição de terceiros, de esconder a sua situação familiar pode contribuir muitas vezes para acentuar a sua vulnerabilidade e o seu isolamento social (Alexander, Macdonald & Paton, 2005).

A todos estes factores associa-se o impacto do modelo de referência negativo transmitido pelas figuras parentais. Algumas destas crianças integram a violência como forma natural e eficaz de resolução de conflitos nas suas relações ao longo da vida (Carlson, 2000; Graham-Bermann & Brescoll, 2000). A exposição à violência interparental pode constituir um preditor de futuros padrões relacionais coercivos e hostis. Embora o desenvolvimento destes comportamentos não seja inevitável, muitas destas crianças transportam-nos para a relação com os seus pares e parceiros íntimos na adolescência e na idade adulta, no papel de agressores ou de vítimas (Wolfe, Crooks, Chiodo & Jaffe, 2009).

Alguns estudos longitudinais evidenciam que o impacto da exposição à violência pode ter outros efeitos a longo prazo. Os adultos que vivenciaram esta forma de exposição na infância apresentam maiores níveis de depressão, menor auto-estima, mais sintomatologias de pós-stress traumático e maior tendência para consumo de substâncias psicoactivas (Kerig, Fedorowicz, Brown & Warren, 2000).

## **Efeitos indirectos**

A família constitui para a maioria das crianças o primeiro sistema de sustentabilidade e de referência. A qualidade do ambiente familiar será o agente primário no seu desenvolvimento ontogenético (Sturge-Apple, Davies & Cummings, 2006). A exposição à violência interpaparental afecta necessariamente a relação da criança com ambos os progenitores. Os pais envolvidos nesta forma de conflitualidade encontram-se geralmente menos disponíveis para responder positivamente às necessidades dos filhos (Levendosky & Graham-Bermann, 2001). Neste contexto, os seus tipos de parentalidade revelam frequentemente dinâmicas relacionais de menor interacção positiva com a criança, elevada inconsistência educacional e maior indisponibilidade afectiva (Cummings, Kouros & Papp, 2007).

O conflito conjugal violento inviabiliza também a prática de uma coparentalidade construtiva. Estes pais não se encontram em condições para comunicar entre si e chegar a acordo sobre o bem-estar das crianças e as práticas educativas, emitindo ideias e sinais contraditórios numa dinâmica de triangulação destrutiva, em que a criança pode ver-se obrigada a representar papéis de cuidadora, de confidente da mãe/pai, de aliada da mãe/pai, de criança perfeita, de mediadora e/ou de bode expiatório (Cunningham & Baker, 2007).

O ambiente de insegurança e inconsistência paparental, muitas vezes marcado pela percepção de ameaça à sua integridade física e psicológica, pode inviabilizar o estabelecimento de uma vinculação segura e organizada com os pais (Lieberman, Zeanah & McIntosh, 2011). De acordo com a teoria da vinculação, é a partir das primeiras interacções com os seus cuidadores que a criança desenvolve os modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1969/1973/1980). Como os modelos internos do *self* e do cuidador são complementares, nestas situações a sensação de que as figuras paparentais são distantes, indisponíveis para cuidar e/ou rejeitantes pode conduzir à construção de um modelo do *self* em que a criança se representa desvalorizada, indigna e inaceitável para ser amada (Waters & Cummings, 2000).

Os contextos de dinâmica familiar violenta, caracterizados por reduzidas competências paparentais, podem potenciar vários tipos de inadaptação da criança e comprometerão as suas competências comunicacionais, relacionais e sociais (Davies & Cunningham, 1994).

## **Separação/divórcio em contexto de vitimação**

Uma criança exposta ao conflito interpaparental pode passar por três grandes momentos traumáticos. O primeiro momento, causado pelo contacto precoce com um clima paparental e social negativo, manifesta-se na criança através de angústias de confusão, desorientação e sideração psíquica. Num segundo momento, a concretização da separação dos pais resulta em angústia de abandono. O terceiro momento pode ser provocado pelo processo judicial que normalmente acompanha a regulação das responsabilidades paparentais, quando a criança se pode

sentir dominada por uma angústia de culpabilidade (Salgueiro, 2011). Salgueiro (2011) considera que o efeito cumulativo destas angústias tem consequências muito negativas para o equilíbrio mental. A criança sente-se desvalorizada e paralisada por um sofrimento que não consegue ultrapassar.

As crianças expostas à violência entre as suas figuras parentais expressam muitas vezes padrões de emoções contraditórias em relação ao pai agressor da mãe (Groves et al., 2007; Peled, 2000). O comportamento do pai tem interpretações e impactos diferentes de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontram. Enquanto as crianças mais velhas, em idade escolar e na adolescência, são mais capazes de reconhecer as estratégias violentas do pai como actos de coacção e manipulação, as crianças mais novas não conseguem fazer uma leitura da inconsistência comportamental. A observação de irmãos integrados no mesmo contexto familiar revelou que o modo como as crianças interpretam os actos violentos do pai diverge significativamente em função do seu género, da sua idade e da sua experiência individual (Dutton & Goodman, 2005). A história de violência, a capacidade de avaliar os eventos violentos e a natureza e qualidade da relação pai-criança são também variáveis mediadoras (Groves et al., 2007).

No quadro de uma separação conflituosa, a confusão, a tristeza e a raiva relacionadas com as alterações do quotidiano e com a ausência do pai podem tornar-se emoções severas e prolongadas (Stover, Van Horn, Turner, Cooper & Lieberman, 2003). Este tipo de separação pode ainda traduzir-se por uma maior ambivalência, acentuando a culpabilidade da criança e alterando a sua relação com a mãe. As crianças podem deparar-se com problemas acrescidos, uma vez que lhes é difícil conciliar sentimentos tão contraditórios como o amor e a raiva pela mãe, o amor e o medo pelo pai, o desejo que o pai regresse e a lealdade para com a mãe, e a realidade de um pai capaz de usar de violência para com a mãe com o desejo que ele volte e seja diferente (Lieberman et al., 2011).

A literatura disponível nesta área regista que o comportamento violento destes homens tende a manter-se após a separação e pode dar continuidade ou mesmo aumentar a vitimação das crianças (Buchanan & Heiges, 2001). Enquanto alguns optam pela inibição da expressão dos seus impulsos agressivos dentro de uma estratégia conciliatória, outros incrementam as acções de intimidação para dissuadir a mulher de concretizar a sua decisão. Muitas vezes, quando confrontados com o insucesso das suas acções, entram numa espiral de violência que pode culminar em actos extremos motivados pelo desejo de vingança (Matos, 2006). As suas estratégias coercivas e manipulatórias podem continuar a ter impacto nas crianças, que por vezes permanecem sujeitas ao exercício directo e indirecto de violência e passam a ser o veículo privilegiado para a continuação das agressões dirigidas à sua mãe (Bancroft & Silverman, 2002).

Estas dinâmicas são muitas vezes ignoradas pelo funcionamento do sistema jurídico. Os dados estatísticos indicam que não existem diferenças significativas na regulação jurídica do

exercício das responsabilidades parentais e no regime de visitas entre os processos com e sem histórias de violência (Logan, Walker, Jordan, Horvath & Leukefeld, 2002). Os tribunais interpretam e generalizam a violência neste contexto, confundindo casos em que a violência é severa e continuada com situações em que a violência é situacional e normalmente termina com o fim da relação (Jaffe & Geffner, 1998).

Actualmente, a investigação evidencia que o afastamento do pai e o estabelecimento de um plano de segurança são muitas vezes procedimentos necessários para a cessação da vitimação. A regulação adequada do exercício de responsabilidades parentais constitui uma condição fundamental para uma intervenção bem-sucedida (Levendosky & Graham-Bermann, 2000). No entanto, salvaguardada a prioridade das questões de segurança, devem ser efectuados esforços para que haja o contacto pai-criança sempre que possível (Stover et al., 2003). Neste sentido, pode ser útil a aplicação de visitas supervisionadas e/ou troca supervisionada, que permitam minimizar o risco e controlar a evolução do comportamento do pai e da sua relação com os filhos (Jaffe et al., 2005).

### **Casa abrigo**

O abrigo/refúgio é o espaço que traça o limite entre o perigo e a segurança, entre presas e predadores, simbolizando universalmente o local onde se protegem os vulneráveis daqueles que representam perigo ou ameaça. Estes espaços de confinamento resultam muitas vezes de situações que nos obrigam, do ponto de vista humano e ético, a proteger os inocentes daqueles que os ameaçam. Ao contrário do que se passa com as prisões, que existem para condicionar os agressores e preservar a segurança dos que não constituem ameaça, o abrigo/refúgio limita o espaço de liberdade da vítima potencial (Haaken & Yragui, 2003).

As casas abrigo são o último recurso para vítimas de violência conjugal severa e continuada em situação de elevado risco (Shostack, 2001). A população que recorre a esta forma de acolhimento corresponde, na sua maioria, a um universo de mulheres e suas crianças que, de um modo geral, não dispõe de uma rede socio-familiar de suporte nem de recursos económicos (Haj-Yahia & Cohen, 2009; Renzetti, Edleson & Bergen, 2001).

Cada casa abrigo tem especificidades de funcionamento. Contudo, a regulamentação da segurança, do funcionamento e dos horários é necessária e aplicada em todas as residências. A privacidade pode estar limitada, na medida em que os quartos podem ser partilhados entre as mães e as crianças ou mesmo com outra residente e suas crianças e as áreas como a cozinha, as casas de banho e os espaços de lazer são comuns (Renzetti et al., 2001).

### **Adaptação das crianças ao acolhimento em casa abrigo**

Os poucos estudos focalizados na compreensão do impacto da institucionalização em casa abrigo nas crianças indicam que a situação de acolhimento pode constituir um factor acrescido de

perturbação. A entrada numa casa abrigo corresponde geralmente a uma mudança abrupta e incompreensível para estas crianças. A fuga de casa para local desconhecido envolve, por tempo indeterminado, a separação do pai, das relações familiares e comunitárias e a perda do lar, do quarto e de objectos de referência (Øverlien, 2010). O impacto deste conjunto de perdas pode ainda ser agravado pela instabilidade emocional da mãe (Panzer, Philip & Hayward, 2000).

Desta forma, a recolocação forçada numa casa abrigo e as implicações práticas da adaptação a este tipo de instituição têm vindo a ser relacionadas com alguns dos problemas manifestados por estas crianças durante o período de acolhimento (Fantuzzo & Mohr, 1991; Kostouros, 2007). A quebra de rotinas e hábitos alimentares, a adaptação a uma casa estranha com horários, regras e condicionamentos e a integração e comunicação forçadas com pessoas desconhecidas têm vindo a ser identificados como factores de perturbação (Kostouros, 2007).

Outra questão a considerar é a ausência do pai. A maioria das crianças integradas nestas estruturas passa a ter um contacto controlado e ocasional com o pai, dentro de um plano de segurança estritamente estabelecido e regulado (Peled, 1998). Algumas delas, independentemente da exposição à violência entre os pais e/ou abuso directo a que estiveram sujeitas, guardam representações positivas do pai (Ornduff & Monahan, 1999). Nestes casos, a ausência do progenitor pode traduzir-se num maior sofrimento e incompreensão da situação, dificultando a relação da criança com a mãe e a aceitação do ingresso e adaptação à situação de acolhimento (Peled, 1998). No entanto, apesar da incontornável disrupção na sua vida, a maioria destas crianças, principalmente as mais velhas, parece conseguir compreender que a mãe recorreu ao acolhimento para preservar a sua vida e que este valor justifica os custos humanos e as perdas materiais sofridos (Ornduff & Monahan, 1999).

## **Estudo empírico**

### **Objectivo do estudo**

O objectivo deste estudo foi aceder às representações da figura paterna construídas por crianças expostas à violência interpaparental. Neste sentido, iniciámos a recolha de informação junto de um grupo de crianças em situação de acolhimento em casa abrigo. Para conhecer estas representações decidimos aplicar o método da *Grounded Theory*, de acordo com o qual analisámos as entrevistas realizadas. A codificação dos dados indicou-nos a relevância de alargar o nosso universo inicial a um outro grupo de crianças em situação de pós-acolhimento.

Uma vez que as representações não podem ser compreendidas fora do contexto da história de cada indivíduo, e dado o carácter do tema em estudo, decidimos entrevistar igualmente as mães destas crianças. Neste sentido, colocámos a cada mulher uma série de questões que evitámos conscientemente perguntar às crianças, porque o seu teor poderia constituir uma forma de vitimação secundária.

Decidimos que as entrevistas às mães também deveriam incluir questões relacionadas com as suas representações do ex-parceiro enquanto pai, uma vez que está bem estabelecida a influência da figura materna na formação das representações das crianças da sua figura paterna. A recolha desta informação pode permitir a construção de uma base de cruzamento de dados fornecidos por mães e crianças, sem a qual não poderíamos cumprir o objectivo de desenvolver uma discussão integrada e exaustiva dos nossos resultados.

### **Fundamentação metodológica**

As metodologias qualitativas são a forma mais adequada para conduzir os trabalhos que pretendem compreender fenómenos relacionados com as atitudes mentais, representações e significados que os indivíduos atribuem às suas experiências. Quando o objectivo da investigação é descrever um fenómeno humano com várias dimensões de complexidade, os métodos qualitativos são aqueles que, do ponto de vista epistemológico e ontológico, permitem a integração do investigador e o desenvolvimento de uma estratégia de trabalho interactiva com os seus objectos de estudo, e consequentemente um acesso aos fenómenos mentais e sociais que procura compreender (Patton, 2002).

### **Amostra**

Os participantes deste estudo foram escolhidos com base no princípio da qualidade de informação. A amostra ideal deveria corresponder a uma população de cinco crianças expostas à violência interpaparental e suas mães em situação de acolhimento na mesma casa abrigo, filhas biológicas do parceiro agressor da mãe e encontrar-se na mesma fase de desenvolvimento (idade escolar).

A nossa amostra teórica inicial foi constituída por um grupo (A) de cinco crianças do sexo masculino e suas mães, devido à contingência de não se encontrarem em acolhimento crianças do sexo feminino que reunissem as condições pré-estabelecidas.

**Quadro 1 – Caracterização da amostra/Crianças em acolhimento**

| <b>Grupo A – Crianças em acolhimento</b> |              |             |                   |                     |
|------------------------------------------|--------------|-------------|-------------------|---------------------|
| <b>Criança</b>                           | <b>Idade</b> | <b>Sexo</b> | <b>Irmãos</b>     | <b>Escolaridade</b> |
| C1                                       | 8 Anos       | M           | Filho único       | 2º Ano              |
| C2                                       | 11 Anos      | M           | 1 Irmão mais novo | 2º Ano              |
| C3                                       | 6 Anos       | M           | Filho único       | 1º Ano              |
| C4                                       | 11 Anos      | M           | 1 Irmão mais novo | 4º Ano              |
| C5                                       | 9 Anos       | M           | 1 Irmão mais novo | 2º Ano              |

**Quadro 2 – Caracterização da amostra/Mães em acolhimento**

| <b>Grupo A - Mães em acolhimento</b> |              |                     |                             |
|--------------------------------------|--------------|---------------------|-----------------------------|
| <b>Mãe</b>                           | <b>Idade</b> | <b>Nº de filhos</b> | <b>Tempo em acolhimento</b> |
| M1                                   | 27 Anos      | 1                   | 4 Meses                     |
| M2                                   | 35 Anos      | 2                   | 1 Mês                       |
| M3                                   | 34 Anos      | 1                   | 1 Mês                       |
| M4                                   | 32 Anos      | 2                   | 1 ½ Mês                     |
| M5                                   | 35 Anos      | 2                   | 1 Mês                       |

Numa fase posterior, alargámos esta amostra a um segundo grupo (B), constituído por cinco crianças, três do sexo feminino e duas do sexo masculino, e suas mães que, tendo passado pela mesma instituição, se encontravam em situação de pós-acolhimento.

**Quadro 3 – Caracterização da amostra/Crianças em pós-acolhimento**

| <b>Grupo B – Crianças em pós-acolhimento</b> |              |             |                    |                     |
|----------------------------------------------|--------------|-------------|--------------------|---------------------|
| <b>Criança</b>                               | <b>Idade</b> | <b>Sexo</b> | <b>Irmãos</b>      | <b>Escolaridade</b> |
| C6                                           | 8 Anos       | F           | 1 Irmão mais velho | 3º Ano              |
| C7                                           | 7 Anos       | F           | 1 Irmão mais velho | 2º Ano              |
| C8                                           | 6 Anos       | M           | 1 Irmão mais velho | 1º Ano              |
| C9                                           | 6 Anos       | F           | Filho único        | 1º Ano              |
| C10                                          | 11 Anos      | M           | 1 Irmão mais velho | 5º Ano              |

#### Quadro 4 – Caracterização da amostra/Mães em pós-acolhimento

##### Grupo B – Mães em pós-acolhimento

| Mãe | Idade   | Nº de filhos | Tempo de separação | Tempo em pós-acolhimento |
|-----|---------|--------------|--------------------|--------------------------|
| M6  | 33 Anos | 2            | +/- 1 Ano          | Há alguns meses          |
| M7  | 33 Anos | 2            | 2 ½ Anos           | 1 Ano                    |
| M8  | 39 Anos | 2            | 1 Ano              | 4 Meses                  |
| M9  | 35 Anos | 1            | 3 Anos             | +/- 1 Ano                |
| M10 | 40 Anos | 2            | 3 Anos             | +/- 1 Ano                |

#### Instrumentos

##### Entrevista semiestruturada

Considerámos que a entrevista semiestruturada é o formato que oferece maiores vantagens pragmáticas para a realização deste tipo de trabalho. A estrutura flexível do guião permite ao investigador aceder ao ponto de vista dos indivíduos sem uma imposição de categorias redutoras da sua liberdade de expressão (Patton, 2002).

A estrutura da entrevista pressupõe a elaboração de um guião, concebido para enquadrar as questões mais relevantes do objecto em estudo, formuladas do modo mais neutro e acessível possível. Isto permitirá o fluxo de um processo individual de reflexão do entrevistado e a transmissão das suas opiniões, percepções e crenças. O questionário deve ser construído com a dupla preocupação metodológica de, por um lado, colocar uma série de questões de base que facilitem a análise dos dados e, por outro, não condicionar as narrações dos participantes. A ausência de uma estrutura rígida possibilita ao entrevistador a manutenção dos referenciais necessários para aceder a informações importantes e recolher os dados de forma mais sistemática. Simultaneamente, o entrevistador continua a exercer controlo nas situações em que se confronta com a necessidade de reconduzir a narração do entrevistado ou de o motivar para o aprofundamento de factos relevantes à compreensão do fenómeno (Quivy & Campenhoudt, 2008).

O nosso estudo recorreu à *Grounded Theory* (Anexo A) para o tratamento da informação recolhida nas entrevistas às crianças. Segundo Charmaz (2006), a entrevista semiestruturada é uma técnica que se articula com a aplicação da *Grounded Theory*, uma vez que ambos os procedimentos são suficientemente flexíveis. Esta abertura envolve o investigador num processo dinâmico em que os dados vão sendo integrados à medida que emergem, enriquecendo a problematização.

## **Provas de desenho**

A análise do desenho infantil é uma valiosa ferramenta para entender como a criança vê e interioriza o seu próprio mundo e a realidade que a rodeia. O desenho é uma forma de linguagem e pode tornar visível o que seria invisível, transmitir o que não pode ser dito e revelar aspectos do inconsciente nunca expressos nas narrativas orais (Fortin, 2004).

### **Desenho da Família – Imaginada e Real**

Os desenhos da Família Imaginada e da Família Real e as narrativas das crianças sobre os mesmos foram recolhidos com o objectivo de aceder a mecanismos conscientes e inconscientes relacionados com a dinâmica familiar. O desenho da Família Imaginada tem o potencial de permitir à criança imaginar e representar as suas concepções ideais de família sem o condicionamento de uma realidade existente. O desenho da Família Real pede a representação de um retrato concreto (Corman, 2003).

Para uma análise compreensiva destes desenhos recorreremos à construção de uma grelha baseada na proposta de Corman (2003), considerando também alguns conceitos integrados na grelha aplicada por Malpique (1998) no seu estudo “A ausência do pai”.

### **A observação**

*“A linguagem não é só um instrumento de comunicação, mas também um meio de simulação de emoções profundas. Assim o falar é, de certa forma uma forma de defesa contra os impulsos e sentimentos que originam essas emoções”* (João dos Santos, 2009, pp.175).

A linguagem não-verbal reveste-se de particular importância na tentativa de compreensão do universo infantil. Assim, a observação e o entendimento dos silêncios, actos, expressões e comportamentos que acompanham a expressão verbal é tão fundamental para aceder ao funcionamento psíquico como a atenção às palavras.

### **Procedimento**

Foi solicitada a necessária autorização institucional junto dos Serviços Centrais da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para proceder a uma recolha de dados na sua Casa Abrigo de Lisboa. Uma vez deferido o pedido, a recolha de informação foi planeada com a colaboração da Directora Técnica responsável por esta unidade de acolhimento, que se empenhou em organizar as condições e reunir uma amostra constituída por dois grupos de mães e crianças, em situação de acolhimento e em situação de pós-acolhimento.

A recolha de dados foi realizada na casa abrigo, havendo sido precedida por um encontro com as mães em acolhimento, no sentido de lhes prestar informações sobre os objectivos do estudo, lhes garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados, lhes pedir a sua participação e

dos seus filhos, obter o seu consentimento informado e a autorização para a gravação em áudio das entrevistas.

Foram realizadas dez entrevistas em dez sessões individuais com as mães e as crianças. Na primeira fase foram entrevistadas as mães e numa segunda fase procedeu-se à recolha de informação junto das crianças. Cada sessão com as crianças foi iniciada com uma explicação dos objectivos do estudo, de forma adequada à sua faixa etária, e com o pedido de participação e consentimento informado.

A duração de cada encontro foi variável devido à necessidade de respeitar o ritmo e a vontade de desenvolver narrativas de cada participante. Dada a carga emocional do problema em estudo, houve uma especial preocupação em respeitar os silêncios e evitamentos da criança e em criar um ambiente lúdico especialmente nas fases iniciais e finais de cada sessão. Cada uma destas entrevistas partiu da pergunta: *Achas que as mães e os pais são diferentes na maneira de se darem com os filhos?* E ao longo do seu desenvolvimento procurou-se encontrar espaço para o aprofundamento de outras questões. Uma vez recolhida a narrativa, pedimos à criança que fizesse um desenho da família imaginada e um desenho da família real. Na sequência dos desenhos da família fizemos um pequeno questionário a cada criança.

Este processo foi repetido, nas instalações da instituição, com o universo de alargamento da amostra, constituído por cinco mães e suas crianças em situação de pós-acolhimento.

### **Questões éticas**

O desenvolvimento do estudo compreendeu uma permanente consciência de que existem questões éticas envolvidas. Os participantes passaram por experiências de vitimação, pelo que o investigador teve sempre consciência da importância de planear e conduzir as interações com a preocupação de minimizar fenómenos de vitimação secundária. Os procedimentos deste trabalho tiveram sempre presente a certeza que o bem-estar de cada criança é mais importante do que os objectivos de qualquer investigação. Os procedimentos deste trabalho tiveram sempre presente a certeza que o bem-estar de cada criança é mais importante do que os objectivos de qualquer investigação.

Todas estas mulheres e crianças participaram com total liberdade de expressão, ao ritmo que entenderam e falaram apenas como e quando quiseram. As entrevistas iniciaram-se com uma conversa de reforço de confiança e tranquilidade e terminaram sempre com um período de atenção aos seus sentimentos e de afirmação positiva do seu autoconceito.

### **Análise e tratamento dos dados**

Após a realização das entrevistas ao grupo de mães e crianças em acolhimento procedeu-se à sua transcrição. O texto assinalou, sempre que necessário, a linguagem não-verbal, as emoções e

os ritmos que acompanharam as narrativas. Para o tratamento da informação recolhida nas entrevistas às crianças foi utilizado o método qualitativo da *Grounded Theory* (Anexo A).

A análise da informação obtida através das provas de desenho foi feita de acordo com critérios pré-estabelecidos e posteriormente articulada com os resultados do tratamento das entrevistas e com os dados da observação. As entrevistas às mães foram analisadas dentro de um quadro de categorias pré-estabelecidas e integradas num cruzamento com as narrações das crianças, com o objectivo de contextualizar a informação e compreender a relação entre a intervenção da figura materna e a formação das representações das crianças da sua figura paterna.

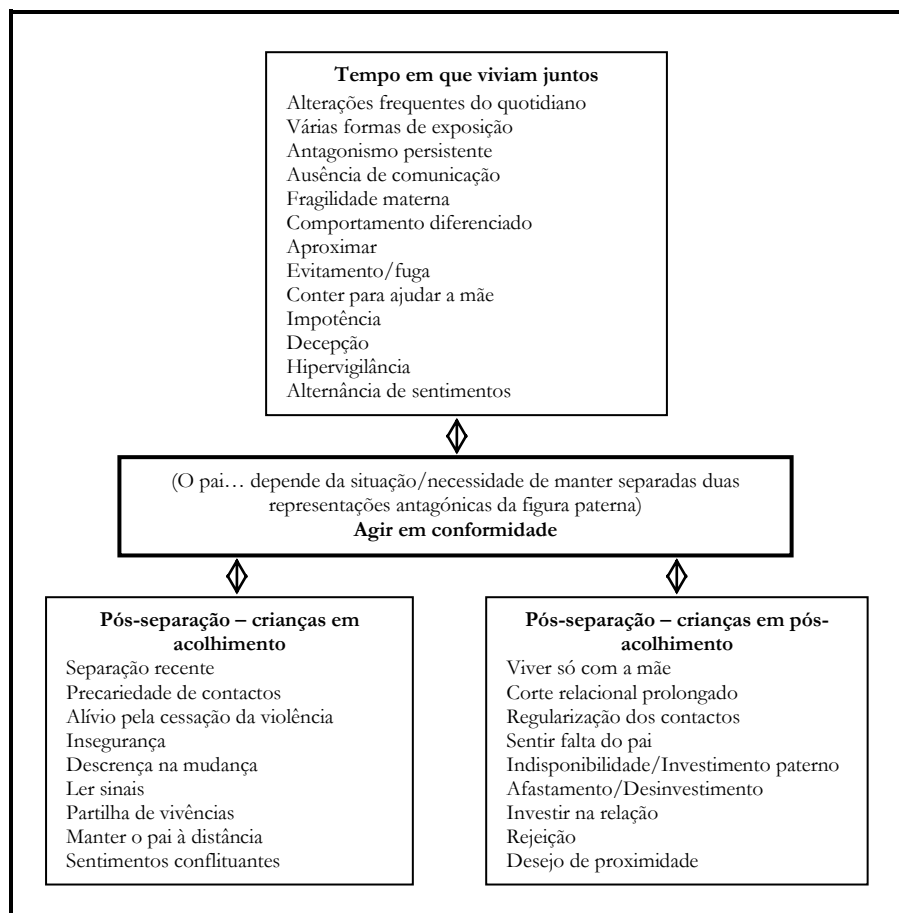
## Resultados

### *Grounded Theory*

Para a construção do modelo teórico explicativo das representações da figura paterna feitas por crianças expostas à violência interparental foi encontrada uma categoria central – *agir em conformidade*. Esta categoria corresponde a um conjunto de estratégias comportamentais que as crianças utilizam para conviver e manter a ligação a um pai com um funcionamento inconsistente e incoerente, avaliado alternadamente de acordo com o seu comportamento, marcadamente diferenciado na conjugalidade e na paternidade (*o pai...depende da situação*).

O nosso trabalho compreende duas dimensões espaço-temporais, o passado de coabitação familiar e o momento presente, pelo que se procedeu a uma sistematização capaz de as distinguir e integrar. Relativamente ao momento presente, os dados indicaram diferenças qualitativas entre as crianças em situação de acolhimento e em situação de pós-acolhimento, o que nos conduziu a uma bifurcação do modelo. Não se tratando, contudo, de um estudo longitudinal, ressaltamos que as crianças em acolhimento e as crianças em pós-acolhimento descrevem o passado a partir de memórias que, pelo seu carácter retrospectivo, resultam do referencial em que se encontram no momento actual.

**Quadro 5 - Modelo explicativo das representações da figura paterna de crianças expostas à violência interparental**



Em relação ao tempo em que os pais viviam juntos, as crianças descreveram um ambiente familiar disfuncional e violento marcado por *alterações frequentes do quotidiano*, em que episódios de conflitualidade entre as figuras parentais alternavam com alguns momentos da maior acalmia. Estes períodos de pacificação temporária foram descritos como momentos de trégua em que, mesmo não se manifestando activamente a violência, continuavam a sentir o *antagonismo persistente* entre os pais. Este clima de instabilidade e insegurança foi vivenciado sem que nenhum dos pais demonstrasse atenção ao seu sofrimento ou disponibilidade para responder aos seus receios e preocupações. A *ausência de comunicação* colocou estas crianças perante a inevitabilidade de ficarem entregues a si próprias e às suas angústias e de terem de integrar sozinhas a experiência confusa e assustadora de conviver com a violência entre as suas principais figuras de vinculação.

O conhecimento dos episódios de violência através de *várias formas de exposição, presencial, auditiva e/ou aos seus efeitos no rescaldo*, evidenciou-lhes de forma inequívoca a potencial severidade dos conflitos interparentais. A exposição revelou-lhes que a violência fazia parte do repertório do pai, e que este era capaz de a usar para atingir a sua mãe, colocando em risco a sua integridade. As crianças identificaram o carácter unidireccional na violência e nos episódios de conflito a mãe aparece sempre representada como uma figura frágil, *em sofrimento e incapaz de conter o comportamento violento do pai*. O pai, na relação com a figura materna, foi descrito apenas enquanto *pai agressor da mãe*, como *autor de várias formas de maus-tratos físicos e psicológicos* e como o *único responsável pelo desencadear dos conflitos*. Enquanto algumas das crianças consideraram que as acções faziam parte da sua *natureza violenta*, exacerbada muitas vezes pelo consumo de álcool, outras tentaram relacionar esta forma de comportamento com características da sua personalidade, como o *carácter ciumento, egocêntrico e irresponsável*.

No entanto, este pai que agredia a mãe parece ter tido um *comportamento diferenciado* na paternidade. Na relação pai-criança surge uma representação de um outro pai, *o meu pai*. Este pai, cujo papel aparece secundarizado através de uma *comparação com a figura materna*, também foi percebido como um elemento importante quando avaliado de forma individualizada, na medida em que foi considerado capaz de proporcionar momentos de qualidade e proximidade. O pai foi representado, por antítese à mãe, como *incapaz de prestar cuidados* necessários à manutenção do dia-a-dia, como *distante e desatento* das suas vivências e experiências e como uma *figura autoritária*, de funcionamento *intransigente*, capaz de recorrer a *práticas punitivas* para corrigir o seu comportamento e/ou obter obediência. No entanto, as crianças salientaram que não se consideravam alvos directos do seu comportamento violento, e estabeleceram uma distinção entre as medidas disciplinares que incluíam *punições físicas, castigos e repreensões verbais*, e as agressões físicas e psicológicas que dirigia à mãe. Quando avaliado isoladamente, este pai foi valorizado de forma significativa por ser *capaz de recompensar o bom comportamento e/ou as suas conquistas, expressar*

*sentimentos de afecto* e pela sua disponibilidade para participar em actividades lúdicas e ser seu *parceiro de brincadeira*.

Este comportamento diferenciado impediu as crianças de construir uma imagem interna estável do pai. A incapacidade em integrar uma figura paradoxal, assim como a necessidade de se adaptarem à realidade das suas condições de vida, terá conduzido a uma compartimentação da representação da figura paterna em dois contextos distintos. Assim, a forma como representam o pai...*depende da situação*, ou seja, depende se é avaliado pelas suas características na relação com a mãe ou pelas suas características na paternidade. As duas facetas do pai nunca aparecem em simultâneo nas suas narrativas.

A coexistência de duas atitudes psíquicas relativamente à realidade exterior permitiu às crianças *agir em conformidade* com as suas reacções e humores, posicionando-se do lado da mãe nos episódios de violência e/ou do lado do pai quando a sua outra faceta se evidenciava. Assim, quando o cenário de conflitualidade entre os pais prevalecia, algumas crianças adoptaram estratégias de *evitamento ou fuga*, procurando ir para outro local da casa onde se tentavam distanciar e evitar o contacto com o sofrimento, enquanto outras tentaram, através de um envolvimento no conflito, *conter o comportamento violento* do pai. Nos momentos de maior acalmia, quando percepcionavam uma maior disponibilidade do pai procuravam *manter a proximidade*, desejando e tentando promover o seu envolvimento.

Estes desempenhos orientados para as prioridades do momento podem ter-se revelado eficazes, mas afastaram as crianças do equilíbrio emocional desejado. Nas suas descrições foi possível identificar uma série de consequências resultantes deste tipo de funcionamento, como a *alternância de sentimentos* contraditórios e inconciliáveis, sentimentos de *decepção* e de *impotência*, e um estado constante de *hipervigilância*.

Todas estas crianças foram confrontadas com uma separação dos pais com contornos muito diferentes dos que geralmente ocorrem numa separação “normal”. A separação implicou a *saída abrupta* de casa, muitas vezes em circunstâncias dramáticas, o afastamento do pai e uma série de *perdas afectivas*. O processo que antecedeu a separação não permitiu às crianças conhecer antecipadamente o momento e as circunstâncias da saída de casa, pelo que não tiveram tempo para se consciencializarem atempadamente da mudança, para reunirem os seus objectos preferidos e/ou para se despedirem de familiares e amigos.

As crianças em acolhimento, mais próximas do tempo de exposição aos eventos violentos e do período crítico de separação, parecem reagir às múltiplas rupturas com grande ambivalência. Se por um lado manifestam sofrimento pelas perdas e pela alteração das suas condições de vida, por outro demonstram sentimentos de *alívio pela cessação das agressões* à mãe e pelo fim da sua exposição à violência.

Contudo, nem o afastamento do pai ou a situação de acolhimento atenuaram sentimentos de *medo e insegurança*. A *cessação ou precaridade dos contactos* com a figura paterna e a necessidade de residir em casa abrigo parece ter contribuído para uma exacerbação da faceta perigosa e ameaçadora do pai e colocado em evidência a possibilidade de a mãe voltar a enfrentar o seu comportamento violento. Esta focalização nas características violentas do pai terá sido ainda reforçada pela constante *partilha de vivências* com os outros residentes e pela capacidade para *ler sinais* de perturbação na mãe. A conjugação de todos estes factores, associados a uma *descrença na mudança* da personalidade e do comportamento do pai, justificada por experiências anteriores, parece ter contribuído para a adopção de uma estratégia de afastamento traduzida em vários comportamentos com o objectivo comum de *manter o pai à distância*.

No entanto, apesar do esforço para negar a sua ligação afectiva à figura paterna, as crianças deixaram transparecer nas suas narrativas *sentimentos conflituantes*, reveladores do seu sofrimento, manifestando em diferentes momentos, o desejo de restabelecer a proximidade e o desejo de manter o afastamento.

As crianças em pós-acolhimento, mais distanciadas do tempo de exposição à violência e da fase crítica de separação, encontram-se no início de um *novo projecto de vida*, sem violência. Estas crianças encontram-se a *viver só com a mãe*, em casa própria ou partilhada com outra família, e após um *corte relacional prolongado* restabeleceram uma *regularização dos contactos* com a figura paterna. As crianças expressaram satisfação pelas novas condições de vida e pela reaproximação à figura paterna, reconhecendo ter *sentido a falta do pai* durante o período de acolhimento em casa abrigo.

Nesta fase de readaptação, pela primeira vez as crianças podem *estar só com o pai*, sem a presença da figura materna. É de acordo com esta nova realidade, que permite o confronto com um pai menos idealizado e mais próximo do real, que as crianças procedem a uma avaliação da sua relação com a figura paterna.

Algumas crianças fizeram referência à *indisponibilidade* do pai para investir na relação, enquanto outras reconheceram o *investimento paterno*, manifesto através de comportamentos e atitudes reveladoras do seu empenho em dar atenção e tentar ir de encontro às suas necessidades. Esta avaliação determinou a escolha de duas estratégias relacionais distintas. As crianças cujos pais se mostram menos disponíveis adoptam uma atitude de *afastamento/desinvestimento*, enquanto as restantes procuram corresponder ao comportamento do pai, revelando vontade de *investir na relação*.

A avaliação do seu comportamento e envolvimento parece ter consequências na forma como as crianças projectam a relação no futuro. As crianças cujos pais se mostram mais indisponíveis para a relação parecem adoptar uma postura de *rejeição*, que pode corresponder a uma estratégia defensiva de evitamento da possibilidade intolerável de voltarem a sentir-se rejeitadas ou abandonadas pelo pai. As crianças cujos pais investem na relação, por sua vez,

mantêm expectativas positivas e revelam *desejo de maior proximidade*, manifestando vontade de prolongar o tempo de visitas e/ou ambicionando a reconciliação dos pais, apesar do passado de exposição à violência.

## **Desenhos da Família Imaginada e da Família Real**

### **Desenho da Família Imaginada**

Passamos a descrever os principais resultados verificados nos dez desenhos da família imaginada, de acordo com as categorias estabelecidas para a interpretação das estruturas formais e do seu conteúdo:

#### **Estruturas formais**

No que diz respeito às dimensões relativas das figuras representadas, não foi possível encontrar uma tendência significativa nos desenhos produzidos, havendo prevalecido uma variação de criança para criança na representação das proporções dos vários elementos desenhados. Quanto à proximidade espacial entre as figuras presentes nos desenhos foi possível que a maioria das crianças (5/8) representou figurativamente todos elementos da família separados entre si.

A maioria das crianças representou no desenho personagens de diferentes gerações (7/10). Quatro das crianças (4/7) desenharam pormenores que as permitem identificar e três (3/7) representaram os vários elementos de forma indiferenciada. A maioria das crianças (6/8) representou figuras masculinas e femininas, incluindo detalhes que permitiram a sua diferenciação.

Metade das crianças (5/10) enquadraram as figuras da família imaginada num ambiente envolvente. Quatro crianças (4/5) posicionaram a família no espaço exterior e uma (1/5) desenhou-a dentro de casa. Das restantes cinco crianças (5/10), quatro (4/5) representaram exclusivamente os elementos da família e apenas uma (1/5) desenhou o ambiente sem a presença de figuras humanas.

#### **Análise de conteúdo**

Predomina nos desenhos da família imaginada a representação de famílias nucleares (3/10), com ou sem inclusão de elementos da família alargada, e de famílias monoparentais (2/10). As crianças do grupo em acolhimento não fizeram corresponder à família imaginada nenhuma família estritamente nuclear (0/5), enquanto as crianças do grupo em pós-acolhimento a desenharam maioritariamente (3/5). A maioria das crianças (6/10) excluiu uma figura paterna do seu desenho. A desvalorização da figura paterna na representação gráfica foi reforçada pela maioria das crianças (8/10) nas descrições orais. A maioria das crianças (7/10) representou no desenho uma figura materna, verificando-se uma maior tendência para a sua valorização nas suas

descrições narrativas sobre o desenho (6/7) do que na representação gráfica em si (4/7). A figura materna foi desvalorizada no desenho pela maioria das crianças em acolhimento (4/5) e maioritariamente valorizada pelas crianças em pós-acolhimento (3/5).

Quando questionadas sobre quem gostariam de ser no desenho, a maioria das crianças (6/8) estabeleceu correspondência com uma das crianças representadas da mesma idade e do mesmo sexo. A figura identificada como o próprio foi valorizada no desenho pela maioria das crianças (7/8) e esta observação foi confirmada nas narrativas de cinco crianças (5/7). Quanto à figura do irmão, verificou-se que das crianças que têm um irmão na realidade (6/10) apenas uma (1/6) não a representou e que das crianças que não têm irmão na realidade (4/10) apenas uma (1/4) a incluiu. Em metade dos desenhos (3/6) a figura do irmão aparece valorizada e na outra metade (3/6) secundarizada, enquanto na descrição narrativa a grande maioria (5/6) a desvalorizou. Apenas quatro crianças (4/10) incluíram outros elementos no desenho com ou sem relação de parentesco, havendo duas (2/4) desenhado outros familiares e duas (2/4) integrado outras figuras sem relação de parentesco. Estes elementos foram valorizados nos desenhos pela maioria das crianças (3/4) e por todas (4/4) na descrição narrativa. A análise permitiu verificar que a grande maioria das crianças do grupo em acolhimento (4/5) representou uma família alargada, enquanto a maioria das crianças do grupo em pós-acolhimento (4/5) confinou os elementos desenhados aos membros de uma família nuclear e/ou monoparental.

A disposição espacial das figuras representadas não nos permitiu encontrar um padrão de tendências significativas. A posição, o número e a proximidade entre as figuras tende a variar individualmente. Duas crianças (2/10) desenharam uma família monoparental em que os elementos se encontram afastados, separados por outros elementos. Uma criança (1/10) representou um dos filhos como figura central de uma família monoparental constituída por três elementos. Uma criança (1/10) representou a mãe como figura central de uma família nuclear de três elementos. Das três crianças (3/10) que representaram uma família nuclear de quatro elementos, uma (1/3) colocou um dos filhos junto com os pais e outro afastado e duas crianças (2/3) representaram o grupo dos filhos ao lado dos pais. Uma criança (1/10) desenhou um grupo de amigos isolando um dos seus elementos dos restantes. Uma criança (1/10) representou no desenho apenas um elemento da sua família imaginada e uma (1/10) não representou figuras humanas. No entanto, foi possível verificar que os dois grupos de crianças organizaram de forma diferente os elementos da família no espaço. Enquanto a grande maioria das crianças do grupo em acolhimento (4/5) representou as figuras mais separadas entre si, a grande maioria das crianças do grupo em pós-acolhimento (4/5) posicionou-as com maior proximidade relativa.

Quanto à ordem de realização dos desenhos, três crianças (3/10) desenharam a figura materna, duas (2/10) representaram a criança identificada como o próprio e apenas uma (1/10) representou a figura paterna em primeiro lugar. As restantes (4/10) desenharam outros elementos

em primeiro lugar. No grupo em acolhimento nenhuma criança (0/5) posicionou a figura materna em primeiro lugar, enquanto a maioria das crianças em pós-acolhimento (3/5) a representou nesta posição.

Nas suas narrativas, quatro crianças (4/10) consideraram a figura identificada como o próprio como personagem preferida, três (3/10) preferiram a figura materna e apenas uma (1/10) elegeu a figura paterna em conjunto com outro elemento da família alargada. A análise dos desenhos permitiu ainda observar que as crianças do grupo em acolhimento diversificaram mais a escolha da sua figura preferida, havendo duas (2/5) indicado uma figura materna, duas (2/5) outros elementos e apenas uma (1/5) criança a figura correspondente ao próprio, enquanto as crianças em pós-acolhimento selecionaram maioritariamente a figura identificada como o próprio (3/5) e apenas uma (1/5) escolheu uma figura materna.

### **Desenho da família real**

Passamos a descrever os principais resultados verificados nos dez desenhos da família real, de acordo com as categorias estabelecidas para a interpretação das estruturas formais e do seu conteúdo:

#### **Estruturas formais**

Quanto às dimensões das figuras representadas, todas as crianças que representaram figurativamente os elementos da sua família desenharam a mãe como figura maior (8/9). Destas crianças, quatro (4/8) desenharam os elementos da família todos separados entre si e quatro (4/8) unificaram-nos. Quanto à proximidade espacial entre as figuras presentes nos desenhos foi possível verificar que as crianças do grupo em acolhimento representaram tendencialmente os elementos da família todos unidos (3/4), enquanto as crianças do grupo em pós-acolhimento dispuseram maioritariamente (3/4) os elementos da família separados entre si.

A representação de diferentes gerações é verificável na maioria dos desenhos (8/10), metade das crianças (4/8) desenhou elementos que as permitem identificar, enquanto a outra metade (4/8) as representaram de modo indiferenciado. Quase todas as crianças (7/8) representaram elementos de ambos os sexos, com pormenores que permitiram a diferenciação.

A maioria das crianças (5/9) enquadraram as figuras da sua família num ambiente envolvente. Três crianças (3/5) posicionaram a família no espaço exterior e duas (2/5) desenharam-na dentro de casa. Das restantes, três (3/4) representaram exclusivamente os elementos da família e uma (1/4) limitou-se a ilustrar um animal selvagem.

#### **Análise de conteúdo**

A maioria das crianças confinou a ilustração a uma família monoparental (6/9), com exclusão da figura paterna. Esta desvalorização da figura paterna no desenho (excluída em seis,

secundarizada num) foi reforçada pela maioria das crianças (7/9) nas descrições orais. Foi possível identificar diferenças entre grupos, sendo que a figura paterna aparece representada por metade das crianças em acolhimento (2/4) e excluída do desenho de quase todas as crianças do grupo em pós-acolhimento (4/5). As duas crianças (2/4) do grupo em acolhimento que integraram o pai valorizaram-no no desenho, enquanto a única criança do grupo em pós-acolhimento (1/5) que o incluiu o desvalorizou.

A maioria das crianças representou a figura materna de forma valorizada no desenho (7/8) e estas observações foram validadas pelas suas narrativas (6/8). A maioria das crianças (7/9) que representou a figura correspondente ao próprio valorizou-a no desenho (5/7), havendo confirmado nas suas narrativas esta atribuição de valor positivo (6/7). A figura correspondente ao próprio foi destacada e valorizada por quase todas as crianças em acolhimento (3/4), enquanto no grupo em pós-acolhimento se observou uma maior tendência para a sua desvalorização (3/4).

Todas as crianças que têm um irmão (5/9) representaram-no de forma valorizada. Na descrição narrativa, pelo contrário, só uma minoria (2/5) o valorizou. Apenas quatro crianças (4/9) incluíram outros elementos no desenho, havendo duas (2/4) representado outros familiares e duas (2/4) integrado figuras sem relação de parentesco. Metade das crianças (2/4) valorizou estas representações no desenho e na descrição narrativa.

A disposição espacial das figuras representadas permitiu encontrar um padrão de proximidade na grande maioria dos desenhos (8/9). Duas crianças (2/9) desenharam uma família monoparental com dois elementos em que as figuras representadas se encontram posicionados lado a lado. Das três crianças (3/9) que representaram uma família monoparental com três elementos, uma (1/3) representou a figura materna como figura central com um filho de cada lado e duas (2/3) desenharam um dos filhos como figura central, ladeado pela mãe e pelo irmão. Das duas crianças (2/9) que desenharam uma família nuclear com três elementos, uma (1/2) representou a figura paterna como figura central e outra (1/2) a figura materna, ambas com um dos outros elementos de cada lado. Apenas uma criança (1/9) desenhou uma família nuclear com mais de três elementos posicionando o grupo dos filhos ao lado dos pais. A única criança (1/9) que não se enquadra neste padrão não desenhou figuras humanas.

Quanto à primeira figura representada, quatro crianças (4/9) desenharam a figura materna, duas (2/9) a criança correspondente ao próprio e as restantes (3/9) outros elementos, com ou sem relação de parentesco. A figura paterna nunca apareceu representada nesta posição (0/9). O posicionamento da figura materna divergiu significativamente nos dois grupos de crianças. No grupo em acolhimento apenas uma criança (1/4) desenhou a mãe em primeiro lugar, enquanto a maioria das crianças em pós-acolhimento (3/4) a representou nesta posição. A maioria das crianças (6/9) considerou a figura materna como personagem preferida, isoladamente

ou em conjunto com outros elementos da família. Das restantes, apenas uma criança (1/3) elegeu a figura paterna como figura preferida.

### **Dados da observação**

A grande maioria (9/10) demonstrou interesse em colaborar de forma positiva com o entrevistador, embora apenas quatro (4/9) o tenham feito com fluidez e descontração. Quatro crianças (4/9) evidenciaram sinais de ansiedade e/ou reserva ao longo da sessão e uma (1/9) cooperou com entusiasmo, tendo demonstrado algumas atitudes de carácter intrusivo e tentado proceder a uma inversão de papéis. Apenas uma criança (1/10) mostrou uma menor motivação para interagir, mantendo-se desconcentrada, movimentando-se de forma agressiva e provocatória.

### **Entrevistas às mães em acolhimento e pós-acolhimento**

A recolha e a análise da informação transmitida pelas entrevistas das mães organizou-se de modo a aceder a uma série de factores que julgamos importantes para a contextualização dos dados recolhidos junto das crianças.

Quando questionadas acerca da existência de violência na sua família de origem e na família de origem dos ex-maridos/companheiros, a maioria das mães (8/10) negou esses antecedentes em ambos os casos. Apenas duas mulheres (2/10) reconheceram a sua presença na sua família e na família do ex-parceiro.

No que diz respeito ao início dos episódios de conflitualidade violenta, metade das mães (5/10) afirmaram que o comportamento violento do ex-parceiro se revelou logo na fase de namoro. Das restantes, uma (1/5) referiu que os episódios violentos se iniciaram após o casamento, duas (2/5) contaram que o primeiro episódio aconteceu depois de algum tempo de vida em comum e duas (2/5) afirmaram que este tipo de comportamento só se manifestou na fase que antecedeu a separação. A grande maioria destas mulheres (9/10) relatou ter sido sujeita a violência física e psicológica severa, descrevendo um processo de escalada de violência com passagem da agressão psicológica para a agressão física. Apenas uma mulher afirmou que a violência física aconteceu uma única vez durante um episódio de conflito (1/10).

A maioria das inquiridas (6/10) reconheceu que o comportamento violento do ex-parceiro fora motivado pela necessidade de manter o controlo da relação. Das restantes (4/10), uma (1/4) atribuiu a violência a factores situacionais, uma (1/4) a incompatibilidades associadas a factores culturais e religiosos e duas (2/4) afirmaram desconhecer as motivações do ex-parceiro agressor. Nenhuma das mães entrevistadas (0/10) considerou como causa principal do comportamento violento factores como o alcoolismo ou qualquer outro tipo de toxicodependência, apesar da maioria (6/10) ter conhecimento que os ex-maridos/companheiros consumiam álcool ou outras substâncias durante a fase em que viviam juntos.

Metade das mulheres (5/10) descreveu o parceiro agressor como violento apenas no ambiente familiar, quatro (4/10) como um indivíduo que estendia a violência a outros contextos de socialização e uma (1/10) afirmou desconhecer o seu comportamento noutros contextos. A maioria das entrevistadas (6/10) respondeu que os ex-maridos/companheiros não procuravam preservar as crianças dos episódios de violência.

Todas as mães (10/10) reconheceram a exposição das crianças aos eventos violentos. A maioria (6/10) afirmou que as crianças estavam presentes e os observavam e as restantes (4/10) contaram que as crianças estiveram expostas num plano auditivo, através de relatos indirectos e/ou pelos efeitos que a violência deixava no seu rescaldo. A maioria destas mulheres (6/10) também revelou que os ex-maridos/companheiros estendiam as agressões aos filhos. Destas mães, quatro (4/6) afirmaram que as crianças eram alvos directos de violência psicológica, duas (2/6) contaram que os ex-parceiros também as agrediam fisicamente e apenas quatro (4/10) relataram que o pai nunca dirigiu o seu comportamento violento à criança. A maioria das mães (6/10) afirmou que os filhos não procuravam intervir directamente durante os episódios de violência, enquanto as restantes (4/10) explicaram que estes procuravam agir numa tentativa conter a agressividade do pai.

Relativamente às circunstâncias que precederam e envolveram o nascimento da criança, a maioria das mães (6/10) afirmou que o casal desejara a gravidez. Das restantes, duas (2/10) afirmaram ter sido uma decisão sua e unilateral, uma (1/10) contou que a concepção da criança fora apenas desejada pelo pai e uma (1/10) que a gravidez fora acidental. No que diz respeito à avaliação do comportamento parental dos ex-maridos/companheiros no tempo em que viviam juntos, a maioria das mulheres (6/10) fez uma avaliação negativa do comportamento paterno. Apenas quatro das mães (4/10) recordaram alguns aspectos positivos, considerando que o carácter agressivo do ex-parceiro não se estendia à paternidade. A maioria das mulheres (6/10) também fez um balanço negativo da relação pai-criança. Quatro destas mães (4/10) afirmaram nunca ter existido uma relação de qualidade entre esta e o pai e duas (2/10) descreveram-na de forma mais ambivalente. As restantes quatro mães (4/10) consideraram ter existido uma boa relação pai-criança.

Decidimos analisar separadamente as narrativas do grupo de mães em acolhimento e pós-acolhimento, para proceder a uma integração compreensiva das suas percepções, interpretações e reacções relativamente aos sentimentos da criança pelo pai e às suas expectativas para a continuidade desta relação. Das entrevistas às mães em acolhimento, constatamos que três mulheres (3/5), o subgrupo das inquiridas que afirmaram existir uma boa relação pai-criança, interpretam que os seus filhos sentem falta do pai, ainda que nem todos o expressem. As duas mães (2/5) que avaliaram negativamente a relação pai-criança antes da separação afirmaram que

os filhos sentem e demonstram uma atitude de revolta para com o pai e ambas contaram que as crianças não falam nem querem ouvir falar nele.

No que diz respeito às mães em pós-acolhimento, das quatro mulheres (4/5) que haviam avaliado negativamente a relação pai-criança, apenas uma (1/4) reconhece que o filho sente falta do pai e expressa desejo de maior proximidade. A única mãe (1/5) que fez uma avaliação positiva da relação pai-criança anterior à separação considerou que presentemente o filho desvaloriza a importância do pai. Das três mães em pós-acolhimento (3/5) que afirmaram que os filhos não demonstram sentir falta do pai, duas (2/3) reconheceram compreender este sentimento e manter uma atitude de neutralidade, respeitando os seus silêncios, e a outra (1/3) disse promover activamente a continuidade desta relação. As restantes (2/5) demonstraram preocupação e dificuldade em compreender os sentimentos dos seus filhos em relação ao pai. Uma (1/2) justificou a sua apreensão porque o filho manifesta alterações comportamentais desde que visita o pai, mas não expressa e não partilha com ela os seus sentimentos, e outra (1/2) partilhou a sua perplexidade, porque a criança demonstra desejos e expectativas positivas relativamente a um pai que foi autor de violência severa e continuada contra si e contra ela.

Quando questionadas sobre as suas expectativas relativas à continuidade da relação pai-criança, todas as mães em acolhimento (5/5) expressaram dificuldade em conceber a relação dos seus filhos com o pai no futuro. Quatro mães (4/5) justificaram a atitude pelo medo de retaliações do ex-parceiro através das crianças e apenas uma (1/5) respondeu evasivamente. As mães em situação de pós-acolhimento (5/5) revelaram a mesma atitude por razões diferentes. Todas as entrevistadas deste grupo (5/5) procederam a uma análise negativa da actual relação pai/criança e expressaram ausência de expectativas positivas em relação ao seu desenvolvimento.

## Discussão

Com este estudo de carácter exploratório procuramos dar um contributo para um melhor conhecimento sobre as representações da figura paterna de um grupo de crianças expostas à violência interparental.

A nossa reflexão baseia-se nos dados obtidos através das entrevistas às crianças, na informação recolhida nas provas de desenho da família imaginada e da família real e nos resultados das entrevistas efectuadas às mães.

### *Grounded Theory*

O modelo teórico sobre as representações paternas de um grupo de crianças expostas à violência interparental, desenvolvido com recurso à *Grounded Theory*, permitiu identificar e integrar os dados de forma a encontrar o contexto, as condições intervenientes, as inter-relações e as especificidades que foram emergindo da pesquisa, revelando o fenómeno que pretendemos descrever na sua complexidade.

O tratamento dos dados resultantes das narrativas acerca do tempo anterior à separação permitiu-nos observar que todas as crianças de ambos os grupos recordaram um contexto familiar disfuncional, marcado por uma alternância de episódios violentos e períodos de maior acalmia entre as figuras parentais. As crianças não descrevem momentos de união, afecto ou cordialidade entre os pais durante os períodos de pacificação, mas a presença de um antagonismo persistente que fazia prever o desencadear de novos eventos violentos. Esta percepção de uma relação parental sempre conflituosa pode corresponder à realidade ou permitir levantar a hipótese de que mesmo que tenham existido momentos naturais de afecto entre os pais, as crianças não os consideraram ou valorizaram, pelo seu carácter volátil e esporádico. O que predomina nas narrativas é a descrição de uma vivência num ambiente imprevisível, sob uma ameaça constante, e em que o perigo advém precisamente das figuras que as deveriam proteger e garantir a sua estabilidade e segurança. Estas observações são concordantes com o resultado de estudos efectuados nesta área, que evidenciam que a vivência em ambientes disfuncionais violentos desenvolve nas crianças a imagem de um mundo imprevisível, inseguro e assustador (e.g. Osofsky, 2003).

As crianças referiram que nenhum dos pais demonstrou estar atento ao seu sofrimento ou disponível para acolher, transformar e reparar os seus receios e preocupações. Ambos os pais foram representados como figuras fisicamente presentes, mas emocionalmente ausentes nos momentos cruciais em que os filhos necessitavam de obter maior apoio e contenção. A ausência de comunicação permitiu a instalação de sentimentos de desamparo e solidão, uma vez que as crianças foram colocadas perante a inevitabilidade de ficarem entregues a si próprias e às suas angústias, tendo de integrar sozinhas a experiência confusa e perturbadora da convivência com a

violência entre as suas principais figuras de vinculação e de se adaptarem a um ambiente de *stress* permanente. Salgueiro (2011) considera que é muito frequente os pais pensarem que os episódios de conflitualidade não têm repercussões significativas nas crianças, especialmente se estas forem muito pequenas, considerando que, pela sua imaturidade, não têm ainda capacidade para perceber a gravidade e o conteúdo daquilo que as rodeia. Esta assumpção de que as crianças numa fase precoce do desenvolvimento não conseguem apreender claramente a realidade em que estão inseridas tem vindo a ser contrariada pelos resultados da pesquisa. Os trabalhos desenvolvidos nesta área têm vindo a evidenciar que as crianças revelam desde muito cedo capacidade para distinguir as interações afectuosas das interações hostis entre as figuras parentais, conseguindo perceber o clima emocional através de uma avaliação das alterações dos tons de voz ou da mímica facial (e.g. Cummings, Vogel, Cummings, El-Sheikh, 1989).

No que concerne à relação que as crianças estabeleceram com as figuras parentais, verificámos que nas suas descrições são mencionados apenas alguns aspectos da relação mãe-criança e/ou da relação pai-criança isoladamente. A passagem de uma relação dual para uma relação triangular, necessária para o desenvolvimento dos processos de diferenciação e identificação, nunca foi mencionada nas suas narrativas. As crianças não fizeram alusão a momentos de interacção conjunta com ambos os pais ou à existência de uma coparentalidade construtiva. A capacidade dos pais para comunicar, resolver os seus conflitos e questões relacionadas com os filhos de forma eficaz e construtiva nunca foi referida nas suas narrativas. A grande maioria das crianças evidenciou, pelo contrário, que cada um dos pais interagiu e educava de forma diferenciada, não havendo consenso nas decisões pragmáticas sobre rotinas, regras e limites. Estas observações vão de encontro à literatura relativa às pesquisas efectuadas sobre os efeitos indirectos da exposição da criança à violência interparental que indica que a presença de conflitualidade violenta entre as figuras parentais inviabiliza qualquer possibilidade de cooperação, impede uma prestação adequada das responsabilidades de ambos os pais e dificulta a sua comunicação com os filhos (e.g. McIntosh, 2003).

No que diz respeito à representação da figura materna, verificou-se que as crianças descreveram a mãe de forma idealizada, mencionando apenas características positivas da sua personalidade e/ou a sua capacidade para se mostrar atenta às suas vivências e experiências, para prestar adequadamente os cuidados necessários à manutenção do quotidiano e de se envolver no planeamento da sua saúde e educação. Contudo, nenhuma destas crianças se referiu à mãe com emotividade ou mencionou a sua disponibilidade para acolher, para prestar cuidados emocionais e/ou para interagir de forma sensível e positiva. Esta descrição de uma mãe com comportamentos mais funcionais do que afectivos pode estar relacionada com a sua história de vitimação. A literatura indica que estas mulheres apresentam frequentemente alterações psicológicas, como quadros depressivos e ansiosos que necessariamente se vão reflectir no

desempenho da função materna e afectar de forma significativa a qualidade das suas interacções com os filhos (Levendosky & Graham-Bermann, 2000). Para além das sequelas psicológicas resultantes da vitimação podemos equacionar a possibilidade de esta forma de funcionamento materno reflectir a reprodução de modelos internalizados na infância. De acordo com Stern (1997), é sobretudo a representação que a mulher tem da sua vivência relacional com a mãe que vai determinar e/ou influenciar o seu comportamento materno e o padrão relacional que vai estabelecer com os seus filhos.

Em relação à representação da figura paterna, verificámos que não emergiu das narrativas das crianças uma imagem integrada do pai. A presença de uma representação clivada da figura paterna parece resultar da conjugação das características do contexto em que estas crianças estiveram inseridas e da intervenção de algumas condições muito específicas que passamos a descrever.

O conhecimento dos episódios de violência através de várias formas de exposição evidenciou-lhes, de forma inequívoca, não só a severidade dos conflitos entre as figuras parentais como o carácter unidireccional da violência. As crianças reconheceram que o comportamento violento fazia parte do repertório do pai, e que este era capaz de o usar para atingir a mãe, colocando em risco a sua integridade física e psicológica. Esta representação da figura paterna nos episódios de conflito contrasta com a imagem frágil da mãe, representada como uma figura indefesa, em sofrimento e incapaz de conter as agressões que lhe eram infligidas. A capacidade das crianças para distinguir o papel de agressor do papel de vítima está bem documentada num trabalho desenvolvido por Sternberg e colaboradores (1993), com base numa amostra de 110 crianças expostas à violência interparental. Os resultados deste estudo permitiram verificar que a grande maioria das crianças participantes revelou ter capacidade para proceder a uma diferenciação de papéis e classificar negativamente o comportamento do pai dirigido à sua mãe (Sternberg, Lamb, Greenbaum, Cicchetti, Dawud, Cortes, Krispin & Lorey, 1993).

Assim, quando representam o pai na relação conjugal, as crianças descrevem-no como uma figura perigosa e ameaçadora, não lhe atribuindo qualquer característica positiva. O pai é retratado apenas pelo seu comportamento violento dirigido à mãe, como autor de várias formas de agressão física e psicológica e como desencadeador e único responsável pelos conflitos familiares. Algumas crianças consideraram que as acções do pai faziam parte da sua natureza violenta, exacerbada pelo consumo de álcool, enquanto outras relacionaram esse comportamento com características da sua personalidade, designadamente o carácter ciumento, egocêntrico ou irresponsável. Estas atribuições causais revelam-se congruentes com resultados de diversos estudos sobre as motivações dos homens com comportamentos violentos nas relações de intimidade (e.g. Bancroft & Silverman, 2002), enquanto as referências ao consumo de álcool por parte da figura paterna, à pobreza e/ou à instabilidade económica vão de encontro ao que

Rossmann (2000) denominou de “pacote de adversidade”, ou seja, à constatação de que as crianças inseridas em ambientes familiares disfuncionais, para além da exposição à violência, se encontram muitas vezes confrontadas com a presença de outros factores ansiogénicos.

No entanto, este pai violento e ameaçador era capaz de apresentar um comportamento marcadamente diferenciado na relação pai-criança. Quando se referem ao pai na relação com elas emerge um “outro pai”, cujo papel é secundarizado quando comparado com a figura materna, mas simultaneamente valorizado quando avaliado de forma individualizada, pela disponibilidade que demonstrava para proporcionar momentos de interacção de exclusividade e qualidade. O pai foi caracterizado, por antítese à mãe, como não-cuidador, mais distante e desatento das suas vivências e experiências e como uma figura autoritária, de funcionamento intransigente e capaz de recorrer a práticas disciplinares punitivas para corrigir o seu comportamento ou obter obediência. No entanto, apesar de reconhecerem que o pai recorria muitas vezes à punição física como medida disciplinar, as crianças demonstraram necessidade de ressaltar que não consideravam ter sido alvos do seu comportamento violento, estabelecendo distinção entre esta característica da sua paternidade e as agressões físicas e psicológicas que dirigia à mãe. Esta interpretação diferenciada pode corresponder à aceitação por parte das crianças de crenças culturalmente enraizadas, que legitimam abordagens disciplinares violentas, ou pode reflectir uma tentativa de relativização do comportamento violento do pai na relação com elas, pela necessidade de manter uma imagem idealizada de uma relação privilegiada. A representação da figura paterna no contexto da relação pai-criança apresentada por estas crianças não difere da imagem conservadora do pai tradicional, que se afigura através da autoridade e se mantém emocionalmente mais distante e ausente da vida dos filhos (Monteiro, Veríssimo, Castro & Oliveira, 2006).

Quando se referiram ao pai de forma particularizada, as crianças enfatizaram a sua capacidade para reforçar e recompensar o seu bom comportamento e/ou as suas conquistas e para expressar sentimentos de afecto, destacando sobretudo a sua disponibilidade para o envolvimento em actividades lúdicas e para ser parceiro de brincadeira. Para além do conteúdo das suas narrativas foi possível identificar, através da observação, alterações da mimica facial e/ou do tom de voz em algumas das crianças que reforçaram a importância atribuída a esta faceta da figura paterna. A este propósito, Lamb, Frodi, Hwang e Frodi (1983) sugerem que a qualidade da relação pai-criança não tem necessariamente de se relacionar com a quantidade global do envolvimento, mas com um tipo particular de envolvimento, nomeadamente a brincadeira.

Podemos reflectir sobre a importância acrescida que estes momentos de interacção lúdica podem ter para estas crianças. Num contexto de grande adversidade o brincar pode ter ainda uma função complementar e representar *“o melhor antidepressivo e ansiolítico, o mais barato natural e saboroso; o mais reconfortante e sem efeitos colaterais adversos — o remédio ideal, o tónico perfeito”* (Coimbra de Matos,

2007, pp.139), o momento que permite o alheamento de uma situação familiar caótica e a idealização de que, pelo menos nesses momentos, conseguiam ter um pai “igual aos outros”.

O comportamento diferenciado e incoerente, que por um lado causava sofrimento à mãe e por outro lhes proporcionava momentos de prazer, impediu as crianças de construir uma imagem interna estável da figura paterna. A incapacidade em integrar uma figura paradoxal, assim como a necessidade de manter a ligação ao pai e o sentimento de afecto que têm por ele, ou pela imagem idealizada que construíram dele, parece ter conduzido, conforme referimos, a uma clivagem da representação da figura paterna em dois contextos distintos. As crianças terão confinado e mantido separadas as suas características na conjugalidade das suas características na paternidade. As duas facetas antagónicas da figura paterna nunca aparecem em simultâneo nas suas narrativas. A clivagem permitiu-lhes a coexistência de duas atitudes psíquicas face à realidade, sendo que uma considera a realidade, enquanto a outra a substitui por um produto de desejo (Berger, 2003).

Podemos ainda considerar a hipótese de esta representação clivada da figura paterna não ter cumprido só a função de manutenção do vínculo com o pai e ter permitido a gestão do conflito de lealdades que esta dinâmica relacional entre as figuras parentais inevitavelmente provocava (Lieberman, Zeanah & McIntosh, 2011). A vivência num ambiente marcado pela conflitualidade extrema entre as suas figuras de vinculação colocou estas crianças perante um dilema interno de difícil resolução. Se por um lado sentiam necessidade em manter a ligação a ambos os pais, por outro eram confrontadas com uma situação que lhes exigia uma tomada de posição que poderia colocar em risco a relação com um dos progenitores. A clivagem parece ter contribuído para atenuar sentimentos de angústia e culpabilidade ao permitir uma adequação do seu comportamento às reacções e humores da figura paterna e à adopção de um conjunto de estratégias que lhes possibilitavam agir em conformidade com o seu comportamento inconsistente. Através desta gestão relacional caótica as crianças conseguiram conservar a relação com o pai nos momentos de acalmia e posicionar-se do lado da mãe quando a sua faceta violenta se evidenciava.

Assim, nos períodos de pacificação em que percepcionavam uma maior disponibilidade do pai, as crianças procuraram manter e estimular uma maior proximidade, enquanto nos episódios de violência em que eram confrontadas com o sofrimento da mãe, algumas crianças optavam por estratégias de evitamento/fuga, que lhes permitiam reduzir o *stress* e o contacto com o sofrimento e outras utilizavam estratégias orientadas para impedir as agressões à mãe, apelando ao pai para parar, interpondo-se entre os pais e/ou pedindo ou tentando pedir ajuda externa para conter o seu comportamento violento. Após os eventos violentos, muitas destas crianças procuravam ainda prestar o apoio emocional possível à mãe, procedendo a uma inversão de papéis, protegendo o adulto que as deveria proteger.

Estes desempenhos orientados para a satisfação dos interesses do adulto podem ter-se revelado temporariamente eficazes, mas afastaram-nas do equilíbrio emocional desejado. Nas suas narrativas foi possível identificar uma série de consequências resultantes deste tipo de funcionamento perturbado que, embora não se manifestem de forma exuberante, podem conduzir à emergência de psicopatologias numa fase posterior da sua vida. Nas suas descrições foi possível identificar uma alternância constante entre estados afectivos, as crianças oscilam entre o afecto, o medo, a zanga, a raiva e a revolta, em consonância com o comportamento do pai. Sentimentos de decepção eram frequentemente experienciados quando o confronto com o seu comportamento violento frustrava a imagem idealizada do pai que necessitavam manter para evitar que a angústia invadissem os seus pensamentos. A inversão de papéis assumida para proteger a mãe gerou sentimentos de culpabilidade e impotência, pelo reconhecimento da sua incapacidade para alterar a realidade. A imprevisibilidade do comportamento do pai e a consciência de que a mãe poderia ser agredida na sua ausência fez com que estas crianças vivessem em estado de alerta e preocupação permanentes, sempre na expectativa do episódio seguinte. Este estado de hipervigilância, que se traduz numa centração da sua vida na preocupação constante com a segurança da mãe, pode condicionar a aquisição de competências expectáveis à sua fase de desenvolvimento, incapacitando-as para responder de forma adequada aos desafios subsequentes (Pynoos & Steinberg, 2006).

Todas as crianças que contribuíram para este estudo foram confrontadas com uma separação dos pais, muitas vezes em circunstâncias dramáticas. A necessidade de uma saída abrupta de casa e a consequente perda de referências afectivas e materiais exigiu-lhes a elaboração de múltiplos lutos e um processo de adaptação em busca de novos referenciais de vida. Esta disrupção, segundo Bowlby (1969/1980), pode ser geradora de reacções intensas e vivida com muita angústia, uma vez que as crianças não estabelecem apenas um processo de vinculação com as suas figuras parentais, mas também com alguns objectos que lhes transmitem tranquilidade e segurança. Estas reacções de sofrimento face às perdas e a presença de sentimentos de angústia gerados pela desorientação e incerteza face ao futuro estão presentes nas suas descrições narrativas, apesar do alívio manifestado por uma separação que permitiu a cessação das agressões à mãe e a sua exposição à violência.

Estas observações reforçam a ideia de que o afastamento da criança de uma situação familiar de risco não pode ser pensado sem que se proceda a uma avaliação cuidada de todas as perdas e ganhos envolvidos. Se a experiência não for analisada como um todo e se nada for feito para as ajudar a ultrapassar o momento traumático, a separação que pretendia protegê-las pode ter consequências ainda mais devastadoras, e resultar numa nova forma de agressão (Cyrulnick, 2002).

Quando se referiram à fase pós-separação foi possível identificar que a alternância constante entre duas representações da figura paterna dá lugar a uma focalização em uma das facetas do pai, de forma distinta para cada grupo de crianças. As crianças do grupo em acolhimento parecem focar-se apenas na sua faceta perigosa e ameaçadora, enquanto as crianças em pós-acolhimento procedem a uma avaliação do comportamento e envolvimento do pai na relação com elas centrada no momento presente. Esta alteração pode ser explicada pela intervenção de um conjunto de condições intervenientes relacionadas com as actuais condições de vida de cada grupo de crianças, das quais se destaca a ausência/presença de contactos com a figura paterna. A importância atribuída à cessação ou continuidade da relação pai-criança após a separação na construção das representações já havia sido evidenciada pelos resultados de um estudo de Lieberman & Van Horn (1998) que permitiram verificar que a ausência de contacto com o pai pode provocar a construção de memórias unidimensionais, que se traduzem numa representação idealizada e extremada da figura paterna, positiva ou negativa, enquanto o contacto regular com o pai ausente promove a estruturação de representações mais complexas e menos idealizadas.

Nas crianças em acolhimento, concretamente, o foco na representação do pai violento e ameaçador parece dever-se à conjugação de uma série de factores como a proximidade da fase crítica de separação, a necessidade de acolhimento em casa abrigo e a cessação de contactos com a figura paterna. A necessidade de adopção de todas estas medidas preventivas para garantir a segurança das suas mães colocou em evidência a perigosidade do pai e a possibilidade de estas puderem vir a ser confrontadas novamente com o seu comportamento violento. A partilha de vivências de vitimação com outros residentes e a leitura de sinais de perturbação na mãe reforçaram sentimentos de medo e insegurança e potenciaram a escolha de estratégias que lhes possibilitem manter o pai à distância. Estas observações vão de encontro aos resultados de um estudo empírico efectuado por Coutinho e Sani (2010) aplicado a este contexto específico, que evidenciam que a necessidade deste tipo de institucionalização pode conduzir a uma centralização na faceta violenta do pai, potenciar a crença no retorno da violência e levar as crianças a adoptar estratégias de afastamento físico e emocional da figura paterna (Coutinho & Sani, 2010).

No entanto, apesar do esforço evidenciado por este grupo de crianças em negar a sua ligação afectiva ao pai, foi possível observar através das suas narrativas a presença de sentimentos ambivalentes. As crianças manifestaram em diferentes momentos desejo de restabelecer a proximidade e desejo de manter o afastamento da figura paterna. A vivência da separação pode ter causado nestas crianças sentimentos de sofrimento e angústia iguais ou superiores aos que sentiam pela convivência com uma figura que, apesar do seu comportamento violento, lhes conseguiu proporcionar alguns momentos de interacção positiva e a quem mantinham ligação. Os sentimentos ambivalentes presentes nas narrativas revelam a oscilação entre o alívio pela cessação da violência e a necessidade de preservar a relação com a “parte” boa do pai, seja ela real

ou idealizada. O que permite constatar que o sofrimento destas crianças não está necessariamente relacionado apenas com a sua exposição à violência, podendo estar associado a outros factores relacionados com a dinâmica de violência intrafamiliar.

As crianças em pós-acolhimento, o distanciamento temporal da exposição aos eventos violentos e do período crítico de separação parece ser uma condição fundamental para a focalização na avaliação do investimento da figura paterna na relação actual. Após um período de residência em casa abrigo, que permitiu a reorganização psicológica e social das suas mães, encontram-se a viver com estas, em casa própria ou partilhada com outra família. As crianças manifestaram satisfação pelas novas condições de vida e pelo restabelecimento dos contactos com o pai após um corte relacional prolongado, e reconheceram ter sentido a sua falta durante a fase de acolhimento. O distanciamento parece ter permitido uma relativização da perigosidade do pai e um sentimento de maior segurança, pelo que a experiência de violência parece já não ocupar um lugar tão central nas suas vidas. Contudo, é importante ressaltar que a omissão da faceta violenta do pai nas narrativas não significa necessariamente que este comportamento tenha sido desvalorizado e/ou que o conflito anteriormente evidenciado tenha sido resolvido. Segundo Peled (1998) esta atitude de aparente alheamento pode ser explicada pelo facto de as crianças evitarem o contacto com memórias dolorosas ou por se encontrarem, no momento, mais focadas em questões relacionadas com a adaptação às suas novas condições de vida.

Nesta fase de readaptação as crianças encontram-se pela primeira vez a conviver, durante o período de visitas, exclusivamente com o pai e com outros membros da família paterna, sem a presença da mãe. Foi a partir desta realidade relacional que algumas crianças avaliaram o comportamento e envolvimento do pai de forma negativa, fazendo referência à sua indisponibilidade para lhes dedicar tempo de qualidade e investir na relação, enquanto outras reconheceram o seu envolvimento e a capacidade para dar atenção e atender às suas necessidades. Estas observações das crianças vão de encontro à literatura sobre o divórcio, mais concretamente sobre os seus efeitos na relação das crianças com o progenitor ausente, normalmente o pai. Ainda que em alguns casos a qualidade da relação pai-criança tenda a degradar-se devido ao menor envolvimento e ao contacto reduzido (Hetherington & Kelly, 2002), em outros o relacionamento parece melhorar qualitativamente, principalmente nas situações em que o pai se disponibiliza para investir na relação com a criança no período de visitas, proporcionando desta forma um clima de maior proximidade e cumplicidade (Ramires, 1997).

Este confronto com um pai menos idealizado e mais próximo do real determinou a escolha de estratégias de desinvestimento para algumas crianças, ou de investimento na relação, para outras. As crianças cujos pais se mostraram indisponíveis para a relação fizeram uma apreciação negativa do seu comportamento e projectaram-na no futuro, adoptando uma postura de afastamento. Esta atitude parece revelar a necessidade de recorrerem a uma estratégia

defensiva que lhes permita evitar a possibilidade intolerável de voltarem a sentir-se novamente rejeitadas pelo pai. A este propósito Guidano (1991) postula que, com este comportamento, a criança elimina as situações penosas, precavendo também a expressão de raiva que poderia reforçar a rejeição parental.

Por seu lado, as crianças cujos pais investiram na relação mantêm expectativas positivas e revelam desejo de maior proximidade, mostrando a vontade de prolongar o tempo de visitas e/ou o desejo de uma reconciliação das figuras parentais e do retomar da vida em comum, apesar do passado de exposição à violência. Este desejo reflecte a recusa da separação dos pais e a idealização de que tudo pode voltar a ser como dantes, excluindo deste cenário a possibilidade de um retorno a um clima de violência.

### **Desenho da Família Imaginada e desenho da Família Real**

Em primeiro lugar, apesar de não constituir uma categoria pré-estabelecida, consideramos fundamental salientar o facto de os desenhos serem, na sua generalidade, pobres, sugerindo um investimento diminuto. De facto, parecem reflectir dificuldades na abordagem à família, espelhando a insegurança vinculatória, a ausência de um modelo familiar acolhedor e protector. Esta ausência de investimento pode também sugerir um mecanismo defensivo que lhes permite um evitamento de uma tarefa que evoca o confronto com uma situação causadora de sofrimento.

Procedemos inicialmente a uma análise das estruturas formais dos desenhos, sendo que, relativamente à Família Imaginada, foi possível observar que a maioria das crianças se revelou incapaz de conceber um modelo familiar diferente do seu. Como tal, representam estruturas familiares desunidas, nas quais não se evidenciam sinais de troca emocional. A observação de um distanciamento entre os vários elementos representados parece remeter para a internalização de uma concepção de família que transparece a ausência de protecção e segurança que estas crianças experienciaram na sua família real. Assim, é possível que a proximidade relacional entre os membros da família possa ser sentida, por estas crianças, como ameaçadora, como sinónimo de agressividade e destruição.

No que respeita aos desenhos da Família Real verificámos diferenças significativas quanto à forma como os dois grupos de crianças dispuseram os elementos da sua família interna. As crianças em acolhimento representaram maioritariamente uma família nuclear, na qual os vários elementos se encontram unidos, desenhando uma família nuclear com inclusão da sua figura paterna. Nesta representação poderá estar implicada a recusa de uma separação e o desejo de retorno a uma reunião familiar concebida de forma idealizada sem a presença de violência. Nos desenhos das crianças em pós-acolhimento foi possível identificar a tendência oposta, tendo a grande maioria representado todos os elementos de uma família monoparental, com exclusão da figura paterna, todos separados entre si. A ausência de proximidade entre estes elementos parece

evidenciar um desejo de quebrar laços de dependência com a figura materna, expressando o seu desejo de autonomização.

A maioria das crianças representou, no desenho da Família Imaginada, elementos representativos de várias gerações, integrando pormenores que permitiram a sua diferenciação. Estes dados parecem indicar uma capacidade para conceber uma dinâmica familiar em que a diferença de papéis entre os vários elementos está estabelecida. No entanto, quando representaram no desenho a sua Família Real, apenas metade das crianças incluiu elementos que possibilitaram diferenciar os vários personagens e estabelecer uma noção de hierarquia. A indiferenciação entre os vários membros da família verificada em alguns desenhos parece deixar transparecer a realidade da dinâmica familiar destas crianças, em que o papel e a função de cada elemento não está claramente definida e onde se verifica muitas vezes a necessidade ou a imposição de proceder a uma inversão de papéis.

No que respeita à diferenciação de género entre as figuras masculinas e femininas, foi possível verificar que a maioria das crianças ilustrou, em ambos os desenhos, detalhes que permitiram identificar os vários elementos representados, o que parece indicar a presença de modelos de identificação de género que permitem estabelecer uma diferenciação.

Foi também possível observar que metade das crianças representou, no desenho da Família Imaginada, os elementos de uma família enquadrados num ambiente envolvente. Contudo, no desenho da Família Real, esta tendência correspondeu à maioria das crianças. Isto pode estar associado a um desinvestimento nas personagens representadas e na relação que vivenciam entre si e a um deslocamento dos afectos para objectos e situações concretas. Ademais, pode ainda reflectir a necessidade de criar um ambiente envolvente que as securize.

A análise de conteúdo de ambos os desenhos permitiu verificar que preponderou, em ambos os desenhos, a representação de famílias monoparentais, com ou sem inclusão de outros elementos. Apesar de esta prevalência de uma concepção de família monoparental corresponder à estrutura familiar destas crianças, uma vez que todas se encontram separadas do pai e a viver apenas com a figura materna, a omissão da figura paterna e/ou a sua desvalorização na maioria dos desenhos, mais do que a sua ausência física parece reflectir a inexistência de uma relação emocional próxima e a presença de sentimentos ambivalentes que já haviam sido identificados através da análise das suas narrativas na fase de entrevista. Esta omissão, que assume um carácter de agressividade, não tem necessariamente de ser interpretada como a ausência de uma internalização da figura paterna ou ser entendida como expressão de sentimentos de rejeição, podendo corresponder apenas a um mecanismo de defesa que lhes permite negar uma realidade que produz angústia e evitar o confronto com conflitos não resolvidos.

É importante destacar que através da análise comparativa entre os dois grupos de crianças foi possível identificar diferenças significativas em ambos os desenhos quanto à representação de

uma tipologia familiar. A maioria das crianças em acolhimento representou, no desenho da Família Imaginada, famílias monoparentais, excluindo do desenho a representação de uma figura paterna. A incapacidade para idealizar uma família composta por ambas as figuras parentais poderá estar relacionada com a focalização na faceta violenta do pai que havia sido destacada através das suas narrativas. Esta focalização num pai perigoso e ameaçador pode inviabilizar a concepção de uma estrutura familiar em que exista a possibilidade de haver uma relação triangular harmoniosa. Nos desenhos das crianças em pós-acolhimento verificou-se a mesma tendência para uma desvalorização de uma figura paterna, ainda que de forma menos acentuada, o que pode estar relacionado com o facto de existir uma maior presença emocional do pai nas suas vidas e da presença da violência já não constituir um elemento central do seu quotidiano.

No desenho da Família Real verifica-se a situação inversa, existindo uma maior tendência por parte das crianças em acolhimento para representar uma família nuclear, ainda que o pai seja representado de forma desvalorizada no desenho e através das suas narrativas. A presença da figura paterna e a configuração de uma família nuclear pode corresponder à recusa da separação e ao desejo de retorno a uma reunião familiar, como já havíamos referido. Esta presença poderá ainda estar ligada a uma relativização dos danos causados pelo seu comportamento violento face às consequências de uma separação geradora de grande perturbação e desorientação. Pelo contrário, a grande maioria das crianças em pós-acolhimento representou uma família monoparental com exclusão do pai. Estas crianças passaram por um período de reorganização e encontram-se mais adaptadas às novas condições de vida. A desvalorização da figura paterna poderá espelhar a fragilização de laços afectivos inerente a um corte relacional prolongado e possivelmente reforçada pela transmissão de uma imagem negativa através do discurso ou atitudes da figura materna.

Quanto à representação de uma figura materna, foi possível observar que a grande maioria das crianças a representaram no desenho da Família Imaginada e no desenho da Família Real, embora se tenha verificado uma maior tendência para a sua valorização nas suas narrativas do que na representação gráfica. Apesar de haver indícios de alguma desvalorização, que podem evidenciar a presença de sentimentos ambivalentes, de um modo geral, a presença de uma figura materna aparece representada de forma bastante mais valorizada do que a figura paterna em ambos os desenhos. O investimento na representação da figura materna parece indicar que é esta a figura com quem as crianças mais se identificam, ou aquela de quem reconhecem depender. Contudo, a análise comparativa dos dois grupos permitiu identificar uma maior tendência para a sua desvalorização entre as crianças em situação de acolhimento. Esta desvalorização pode reflectir o modo como internalizaram a experiência com a sua mãe e/ou reflectir um movimento agressivo, com a presença de sentimentos de zanga e revolta, em que lhe atribuem culpa pela separação, pelas perdas afectivas e pela situação em que se encontram. Por seu lado, para as

crianças em pós-acolhimento a maior valorização da figura materna poderá estar associada à representação de uma mãe mais estabilizada e disponível, mais capaz de exercer uma parentalidade de maior qualidade e menos condicionada pelo impacto da vitimação.

A maioria das crianças identificou-se no desenho da Família Imaginada com a figura que ilustrava uma criança da mesma idade e do mesmo sexo. A figura identificada como o próprio foi valorizada pela maioria das crianças, através do modo como foi representada nos desenhos e esta valorização foi acentuada pelas suas narrativas. Torna-se importante assinalar sobretudo esta valorização, que parece corresponder a uma idealização, na qual se representam, num mundo imaginado, possuidoras de atributos e características positivas, possivelmente como mecanismo compensatório face à incapacidade de se sentirem amados e respeitados na sua individualidade. No desenho da Família Real foi possível observar que a maioria das crianças representou no desenho a figura correspondente ao próprio, atribuindo-lhe valor positivo através da representação gráfica e das suas narrativas. A figura correspondente ao próprio foi valorizada por quase todas as crianças em acolhimento, o que pode remeter para uma negação de sentimentos de inferioridade e/ou de fragilidade com recurso à idealização, funcionando como um processo anti-depressivo para impedir que sentimentos de angústia e desorientação provocados pelo impacto da separação e perda de referenciais de vida invadam os seus pensamentos.

A grande maioria das crianças que tem um irmão na realidade representou a figura correspondente a um irmão no desenho da Família Imaginada e a figura do irmão no desenho da Família Real, verificando-se, contudo, uma tendência para a sua desvalorização quer na representação gráfica, quer nas suas descrições narrativas. A fraca atribuição de valor à figura do irmão, observável em ambos os desenhos, assim como a sua ausência nas descrições narrativas da grande maioria das crianças durante a fase de entrevista parece indicar a presença de sentimentos de rivalidade fraterna. A competição por um lugar privilegiado no afecto dos pais, principalmente da mãe, pode ser exacerbada nestes contextos familiares, uma vez que estas crianças não se sentem seguras em relação ao afecto das suas figuras parentais. Este sentimento poderá ainda ser reforçado pelo facto de existir uma diferença considerável de idade entre irmãos, que dificulta o estabelecimento de uma relação de maior proximidade e/ou acentuar no filho primogénito a noção de figura secundarizada pela diminuição da atenção da figura materna. Neste sentido é importante recordar que a referência à figura do irmão como figura de apoio e suporte nunca foi mencionada nas suas narrativas.

A presença de outros elementos verificou-se somente nos desenhos da Família Imaginada das crianças do grupo em acolhimento, identificando-se uma tendência semelhante nos desenhos da Família Real, com uma única excepção. A valorização destas figuras nos desenhos e nas suas descrições narrativas parece evidenciar um deslocamento dos afectos e reflectir a necessidade destas crianças em procurar noutros elementos o apoio e suporte que não conseguem obter das

suas principais figuras cuidadoras. A situação de grande fragilidade em que as crianças em acolhimento se encontram, pela separação recente e pela perda repentina dos seus referenciais de vida, pode reforçar a importância da presença de elementos que no passado revelaram estar disponíveis para as acolher e proteger. Em contrapartida, a ausência de outros elementos nos desenhos das crianças em pós-acolhimento pode evidenciar a fragilização desses laços afectivos, pelo corte relacional prolongado durante a fase de acolhimento e pelas suas actuais condições de vida, que implicam a continuidade do distanciamento relacional com outros elementos da família e/ou figuras de referência ou ainda reflectir sentimentos de maior segurança e estabilidade proporcionados pelas novas condições de vida e pela presença de uma mãe mais disponível para corresponder às suas necessidades afectivas.

Quanto à disposição dos elementos no desenho não foi possível encontrar um padrão de tendências significativas nos desenhos da Família Imaginada e nos desenhos da Família Real. Contudo, revela-se importante salientar que em ambos os desenhos apenas uma criança se representou posicionada ao lado da figura paterna, o que parece reforçar a noção de desvalorização e a necessidade de manter o distanciamento de uma figura cujo comportamento impossibilita o estabelecimento de um sentimento e de uma relação de confiança.

#### **Dados da observação – avaliação da criança na relação com o investigador**

No que diz respeito à avaliação da atitude da criança na relação com o investigador foi possível observar que apenas quatro crianças interagiram de forma positiva e cooperante. Das restantes seis, quatro evidenciaram sinais de ansiedade e/ou inibição, uma manteve um comportamento constantemente desconcentrado, movimentando-se de forma agressiva e provocatória, e outra colaborou entusiasticamente, esforçando-se para estabelecer uma paridade com o investigador, recorrendo a atitudes intrusivas e/ou de inversão de papéis.

Para uma interpretação da sua conduta, não podemos excluir a possibilidade de o teor das entrevistas poder ter constituído por si só um factor ansiogénico e ter contribuído para as reacções de evitamento e hostilidade manifestadas por algumas crianças. O facto de o entrevistador ser uma mulher também não deve ser negligenciado na avaliação do seu comportamento. O estabelecimento de uma associação da figura do entrevistador à figura materna pode ter favorecido uma atitude de desconfiança e reserva. Segundo Peled (1998), as crianças, mesmo após a separação, evitam abordar com a mãe questões relacionadas com as vivências de violência. A opção por uma atitude de distanciamento parece ser motivada pela presença de sentimentos ambivalentes e pelo desejo de não serem confrontadas com a necessidade de tomar partido por uma das figuras parentais.

Podemos ainda considerar a possibilidade de avaliar as reacções destas crianças em função dos modelos relacionais apreendidos em contexto familiar. Segundo Crittenden (1992), as

crianças vítimas de maus-tratos constroem “modelos” com base nas suas experiências que vão orientar os seus relacionamentos futuros. Estes “modelos” fundamentam-se numa lógica de repetição, ou seja, na premissa de que as novas experiências irão ser semelhantes às vivências anteriores, o que as incapacita para reconhecer e compreender outras formas de relação.

### **Entrevistas às mães**

O tratamento dos dados resultantes das narrativas das mães em situação de acolhimento e pós-acolhimento, em relação ao período anterior à separação, permitiram-nos verificar que a grande maioria das mulheres entrevistadas haviam sido vítimas de violência física e psicológica severa e continuada por parte do ex-marido/companheiro. Embora ambas as formas de violência coexistissem, foi mais frequente a descrição de uma escalada de violência, com passagem da agressão psicológica para a agressão física. As suas narrativas permitiram-nos aceder a uma multiplicidade de acções desencadeadas pelos ex-parceiros agressores, como o comportamento insultuoso, de intrusão e desrespeito pela privacidade, de controlo obsessivo, de ataques à auto-estima, à imagem corporal e à inteligência das mulheres. Estas mulheres foram também frequentemente confinadas a isolamento social, ameaçadas verbalmente de novas agressões e/ou morte, coagidas pela alusão e/ou presença de armas brancas, armas de fogo, armas químicas e outros instrumentos. Quanto à violência física, foram descritas acções como puxar os cabelos, bater com a mão, bater com objectos, esmurrar, pontapear, apertar o pescoço, torturar e violar. No que diz respeito às causas da violência, a grande maioria das mães considerou que o comportamento violento dos ex-parceiros se confinava ao ambiente familiar e havia sido motivado, principalmente, por ciúmes e/ou pela necessidade de manter o controlo da relação. Esta insegurança permanente nos sentimentos e atitudes do outro parece reflectir o sentimento de abandono, a ruptura ou insuficiência de apoio emocional numa determinada fase de desenvolvimento individual destes homens. A perspectiva de infidelidade ou de uma possibilidade de separação vem renovar a sua auto-imagem pobre, agravando o sofrimento, a ferida narcísica e o sentimento de rejeição (Dutton & Goodman, 2005). É o amor, ou pelo menos uma representação muito particular deste sentimento, que pode estar na base do seu comportamento violento.

A maioria das mães afirmou que a presença das crianças não evitava o comportamento violento do ex-parceiro e uma mulher descreveu que o pai ia deliberadamente buscar a filha para assistir às agressões que lhe eram dirigidas. O conteúdo das suas narrativas indica que a maioria das crianças foi testemunha ocular dos eventos violentos, havendo as restantes estado expostas num plano auditivo ou aos efeitos no rescaldo. De acordo com as suas descrições, a maioria das crianças procurava evitar o confronto com os episódios violentos e/ou adoptar uma atitude de neutralidade e passividade perante as situações de conflito. Apenas uma minoria procurava

intervir, apelando ao pai para parar e/ou procurando interpor-se entre as figuras parentais para impedir as agressões dirigidas à sua mãe.

As descrições das mães vão de encontro às narrativas das crianças, excepto na avaliação da severidade do comportamento violento do pai. Esta divergência pode estar relacionada com a incapacidade das crianças para perceber e proceder a uma avaliação adequada da informação ambiental. Se é um facto que as crianças mais pequenas podem estar mais vulneráveis aos efeitos negativos da exposição à violência interparental, pela menor capacidade de compreender e lidar com o trauma e pela maior dependência de ambos os pais, é importante reconhecer que podem estar parcialmente mais protegidas, uma vez que não possuem aptidões cognitivas que lhes permitam avaliar o perigo potencial (Osofsky, 2003). No entanto, se considerarmos que todas estas crianças foram confrontadas com uma separação que evidenciou a perigosidade do pai e que se encontram no momento presente numa outra fase do seu desenvolvimento que permite uma maior percepção e compreensão da realidade, podemos equacionar a possibilidade de existir a necessidade de minimizar o comportamento violento do pai para manter uma imagem idealizada e/ou considerar que esta atitude pode corresponder a um evitamento do contacto com memórias dolorosas.

Para além da descrição pormenorizada do contexto, decidimos explorar questões relacionadas com as representações das mães do ex-parceiro enquanto pai, uma vez que está bem estabelecida a influência da figura materna na construção das representações das crianças da figura paterna e a sua função mediadora no estabelecimento da triangulação.

Assim, e porque os modelos relacionais se estabelecem a partir dos alicerces fundados nas relações precoces com as figuras cuidadoras, procurámos compreender através das suas narrativas se havia um historial de violência nas famílias de origem de ambos os progenitores. A análise das entrevistas permitiu observar que a grande maioria das mães negou a existência de antecedentes de violência na sua família ou na família do seu ex-parceiro. A informação veiculada contraria a literatura nesta área, que evidencia que as histórias de vida marcadas por destruturações familiares parecem estar próximas de constituir um denominador comum na vida deste tipo de agressores e/ou vítimas. Os resultados de vários estudos permitem observar que os sujeitos que foram vítimas ou testemunharam comportamentos violentos ao longo do seu desenvolvimento, fundamentalmente na sua família de origem, manifestam uma maior predisposição para reproduzir estes modelos relacionais na idade adulta, tendendo a estabelecer relações com parceiros com vivências semelhantes (e.g. Wolfe, Crooks, Chiodo & Jaffe, 2009).

Podemos considerar a hipótese de esta atitude reflectir a presença de mecanismos de negação que permitem evitar o confronto com conflitos não resolvidos e/ou ter havido uma interpretação distorcida da questão que lhes foi colocada. As mulheres parecem ter associado a violência familiar apenas à violência na conjugalidade e não haveram considerado outras formas

de manifestação do fenómeno como a violência física e psicológica dirigida à criança e/ou situações de negligência física e emocional.

A grande maioria das mães de ambos os grupos referiu que os episódios violentos se iniciaram na fase de namoro ou numa fase inicial do casamento ou da coabitação, o que evidencia que a grande maioria das crianças entrevistadas esteve exposta à violência interparental desde o nascimento. As mães contaram que a gravidez não fez alterar o comportamento violento do ex-marido/companheiro e algumas afirmaram que o nascimento da criança correspondeu a uma escalada da violência. Os dois casos em que se verificou um agravamento da severidade da violência correspondem às situações em que a decisão de ter um filho foi tomada unilateralmente pela mãe. Uma destas mães revelou que o pai recebeu a criança com rivalidade e estendeu o seu comportamento violento ao filho, desde o nascimento.

No entanto, paradoxalmente, a grande maioria das mulheres afirmou que a criança foi desejada por ambos os elementos do casal. Atendendo à informação anteriormente mencionada, podemos questionar-nos sobre a motivação destes pais para ter um filho, uma vez que o “desejo” surge numa fase de degradação relacional marcada por episódios de conflitualidade violenta. No que diz respeito à mãe, podemos equacionar a hipótese da criança ser “desejada” para colmatar um vazio afectivo (Ferreira, 2002) e/ou pela expectativa de que o nascimento condicionasse o comportamento violento do parceiro, enquanto o “desejo” do pai pode reflectir, não a vontade de ter um filho, mas sim uma estratégia pensada para criar uma maior dependência na mulher e a manter na relação (Lapierre, 2008).

Como a representação materna da paternidade vai influenciar a forma e a motivação da mãe para estabelecer uma triangulação integradora do pai, toda a relação pai-criança pode ser desde o início condicionada pelo seu comportamento. Num contexto marcado por conflitualidade violenta entre os membros do casal a representação que a mulher tem do marido/companheiro enquanto pai torna-se particularmente relevante para a promoção ou boicote da relação pai-criança. A análise das entrevistas evidenciou que a maioria das mães de ambos os grupos avaliou de forma negativa e/ou ambivalente a paternidade dos ex-parceiros e a qualidade da relação pai-criança na fase em que viviam juntos. Estas mulheres consideraram que o investimento do ex-parceiro era inadequado e insuficiente, havendo algumas mencionado que o seu comportamento violento se estendia à paternidade.

Quatro mães afirmaram que as crianças eram alvos directos de violência e duas contaram que o pai agredia as crianças apenas durante os episódios de conflito. As suas observações vão de encontro aos resultados de vários estudos que evidenciam que nestes contextos familiares a violência raramente fica confinada aos elementos do casal e que uma percentagem significativa destes homens dirige o seu comportamento violento aos filhos (e.g. Hamby, Finkelhor, Turner, & Ormrod, 2010), identificando a intervenção das crianças nos episódios violentos como um dos

principais factores risco para a ocorrência do abuso (e.g.Cummings, Pellegrini, Notarius, & Cummings, 1989).

Contudo, estas descrições contradizem os depoimentos das crianças, uma vez que a maioria havia afirmado não ter sido alvo directo do comportamento violento do pai. Esta divergência poderá ser explicada, nos casos em que as mães referem apenas a presença de violência psicológica, pela incapacidade das crianças em reconhecer e/ou distinguir este tipo de abuso, integrando-o como uma medida educativa exercida para corrigir o seu comportamento.

Nos dois casos em que as mães referem que os filhos eram vítimas de violência física e psicológica a questão fica em aberto, uma vez que seria necessário um maior aprofundamento dos casos para conseguirmos determinar a causa ou causas que poderão estar na base destes testemunhos contraditórios. No entanto, podemos considerar algumas hipóteses explicativas como a possibilidade de uma distorção da realidade por parte das mães como forma de retaliação e/ou motivada por sentimentos de medo e insegurança, ou haver, por parte das crianças, uma necessidade em minimizar o comportamento violento do pai e confiná-lo à relação com a mãe para manterem uma imagem idealizada da relação pai-criança.

Independentemente do acordo ou desacordo verificado na informação obtida através da análise das entrevistas das mães e das crianças, concordamos com a observação de Peled e Davies (1995) de que todas as crianças expostas a este tipo de violência são vítimas de abuso emocional, uma vez que se encontram condicionadas a modelos de referência negativos e limitados, e sujeitas a viver num ambiente perigoso e ameaçador.

Porque após a separação a mãe pode ter um papel de boicote ou de promoção à continuidade da relação pai-criança, procurámos entender de que forma interpretavam e reagiam aos sentimentos das crianças pelo pai e como se posicionavam perante a perspectiva de um restabelecimento e/ou manutenção dos contactos com a figura paterna.

A análise das narrativas das mães em situação de acolhimento permitiu observar que a maioria reconheceu existir uma ligação afectiva das crianças com o pai, mesmo nos casos em que os filhos não a manifestam de forma explícita. As mães que foram confrontadas directamente com o desejo dos filhos em restabelecer a relação com a figura paterna apresentaram-se às crianças como disponíveis para compreender, aceitar e promover os seus sentimentos positivos pelo pai, passando-lhes simultaneamente mensagens paradoxais, geradoras de perturbação e desorientação (e.g. M3: *“Ele diz-me: Gosto do pai...e eu digo: olha, mas sabes o que se passou! E diz ele: ok, eu também não gosto do pai. E eu: Mas porque é que dizes isso?”*). Enquanto as mães cujos filhos mantêm uma atitude de reserva procederam a uma avaliação hipotética dos sentimentos das crianças, fundamentada na representação que haviam construído da relação pai-criança, afirmando ter adoptado uma atitude de neutralidade, de aceitação e de respeito pelos seus silêncios.

No que diz respeito às mães em situação de pós-acolhimento, verificámos que a grande maioria percepcionou haver uma desvalorização por parte das crianças da relação com a figura paterna, mencionando que estas desejam confinar o contacto ao período estipulado de visitas. Estas mulheres assumiram manter uma atitude de aceitação e compreensão pelos sentimentos dos filhos, procurando evitar interferir nas suas opiniões ou decisões. As duas mães cujos filhos demonstraram desejo de uma maior aproximação ao pai manifestaram preocupação e dificuldade em compreender os seus sentimentos de afecto, referindo, no entanto, que, apesar da sua apreensão, tentam promover a relação e não desvalorizar a imagem paterna.

No que diz respeito às mães em situação de pós-acolhimento, verificámos que a grande maioria sente que os filhos não revelam ter uma ligação afectiva ao pai e que apenas desejam manter o contacto no período de tempo estipulado de visita. Estas mulheres manifestaram uma atitude de aceitação e compreensão para com os sentimentos das crianças e optado por não interferir, afirmando respeitar as suas opiniões e decisões.

Estas reacções aparentemente adequadas e reveladoras de preocupação e compreensão pelos sentimentos das crianças reveladas pela maioria das mães podem, no entanto, ocultar outras motivações. Estas mães parecem procurar, de forma consciente ou inconsciente, impossibilitar a criança de tomar uma iniciativa espontânea de reaproximação, promovendo desta forma o seu afastamento da figura paterna. Enquanto algumas mães parecem proceder de forma passiva, limitando-se a excluir o pai do seu discurso, outras transmitem mensagens subliminares do seu desagrado, acentuando conflitos de lealdade e sentimentos de culpabilidade nas crianças. Esta possibilidade parece ser reforçada pela forma como avaliam a actual relação pai-criança e/ou a projectam no futuro.

O medo de represálias foi o argumento utilizado pela grande maioria das mães em acolhimento para justificar a dificuldade em conceber a relação dos filhos com o pai. Para estas mulheres a reaproximação é sentida como uma ameaça à sua segurança e dos seus filhos, uma vez que consideram existir uma enorme probabilidade de o ex-parceiro puder vir a utilizar as crianças como armas de manutenção do controlo e/ou instrumentos de vingança. Estes sentimentos de medo e insegurança não são infundamentados e a atitude destas mulheres não deve ser confundida com uma tentativa de alienação parental. Este conceito não pode ser aplicado quando existem casos de abuso directo da criança ou quando estas experienciaram uma situação de exposição à violência interparental (Gardner, 2002). A literatura sobre a separação em contexto de vitimação evidencia que o período de separação corresponde muitas vezes a uma escalada na severidade da violência, verificando-se que muitas destas mulheres experienciam frequentemente ameaças sobre os filhos, incluindo ameaças de disputas de custódia, de rapto e de agressão (Mechanic, Weaver & Resick, 2000).

Quanto às mães em situação de pós-acolhimento foi possível identificar a presença de uma atitude muito semelhante à das mães em acolhimento. A grande maioria das mulheres deixou transparecer nas suas narrativas o seu desagrado pela continuidade da relação pai-criança, havendo algumas assumido claramente o desejo de afastar a criança do pai. Contudo, os seus argumentos diferem totalmente das razões evocadas pelas mães em acolhimento para fundamentar a sua atitude de boicote à relação. Para estas mulheres, o que parece prevalecer é a falta de confiança na capacidade do ex-parceiro para exercer uma paternidade de qualidade e não o medo de um confronto das crianças com o seu comportamento violento. Esta mesma atitude prepondera nas situações em que reconhecem que os filhos valorizam a relação com o pai e expressam o desejo de prolongar o tempo regulamentado de visitas.

É possível que, para além das causas mencionadas, sentimentos de mágoa e ressentimento possam estar presentes, e contribuam para acentuar a desvalorização do ex-parceiro enquanto pai. No entanto, consideramos mais importante perceber as repercussões que a sua postura de oposição pode ter nas crianças do que proceder a uma avaliação exaustiva das suas motivações. A percepção de uma atitude permanente de desvalorização da figura paterna por parte da mãe vai interferir necessariamente na avaliação da criança, podendo contribuir significativamente para dificultar o restabelecimento e/ou a continuidade da relação.

### **Implicações para a prática clínica**

Apenas poderemos estar em condições de compreender e responder adequadamente às necessidades das crianças expostas a esta forma de dinâmica relacional entre as suas figuras parentais com o desenvolvimento da investigação e intervenção nesta área. Contudo, consideramos que os resultados obtidos pelo presente estudo permitem concluir que, neste contexto, a relação das crianças com ambos os pais, e principalmente com a figura paterna, é fonte de grande desorientação e perturbação, pelo que se revela necessário implementar estratégias de intervenção centradas nesta problemática específica.

Perante as características muito particulares de cada caso deverá ser delineado um plano de intervenção, de modo a abranger as diferentes necessidades individuais de cada criança, facultando-lhes um espaço isento de julgamento onde possam narrar a sua história e onde os seus sentimentos, angústias, pensamentos e desejos em relação ao pai possam ser expressos, validados, elaborados e transformados. A intervenção com as crianças deverá ser complementada com uma intervenção com as mães com o objectivo de as sensibilizar para esta problemática, e para a importância que o seu comportamento e o seu discurso têm na construção das representações da criança sobre a figura paterna, procurando simultaneamente atenuar os seus medos e angústias para que possam apoiar os seus filhos de forma responsiva.

Afigura-se-nos necessária uma intervenção com estas crianças durante a fase de acolhimento em casa abrigo, não apenas para trabalhar problemáticas mais directamente relacionadas com o impacto da exposição à violência, mas pensada para lhes prestar o apoio e suporte necessários para ultrapassarem esta fase de grande fragilidade, para reparar os danos provocados pelas perdas e para as ajudar a elaborar adequadamente os vários processos de luto.

Consideramos da maior importância o delineamento de programas de intervenção dirigidos a homens com comportamentos violentos nas relações de intimidade. Estes programas deverão abordar questões relacionadas com a sua paternidade, procurando sensibilizá-los para o impacto que o seu comportamento violento tem nos filhos, mesmo quando a violência não lhe é dirigida. Este tipo de intervenção poderá constituir uma oportunidade de reparação da sua paternidade danificada e contribuir simultaneamente para a prevenção da transmissão transgeracional da violência.

Finalmente é importante salientar a necessidade de desenvolver esforços preventivos junto das crianças e dos jovens em contextos educativos. A escola deve ser considerada como um ambiente privilegiado para a realização de acções de sensibilização e programas de prevenção que visem elucidar crianças e jovens sobre a problemática da violência familiar, possibilitar a aprendizagem de outros modelos de relação e de resolução de conflitos. Esta intervenção de carácter preventivo pode revelar-se de grande utilidade para a desconstrução de crenças e atitudes que concorrem para a desvalorização de determinados actos de violência e que sustentam as relações abusivas em contexto familiar.

### **Limitações do Estudo**

Este modelo teórico não permite fazer generalizações para a população, apenas reflecte a forma como o grupo de crianças com passado de exposição à violência interparental que participou na investigação representa a figura paterna. Os resultados obtidos deverão ser considerados apenas como um contributo para a compreensão da problemática em estudo.

Este trabalho apresenta outras limitações, como o número reduzido da amostra e o facto de não ser representativa de ambos os sexos. Na medida em que não se trata de um estudo longitudinal, há também que ressaltar como limitação relevante o facto de as crianças em acolhimento e as crianças em pós-acolhimento descreverem o período em que estiveram expostas à violência interparental através de memórias, que podem corresponder às percepções do momento actual, com um grau de consciência diferente.

### **Recomendações para estudos futuros**

O desenvolvimento da pesquisa nesta área, para além das implicações para a prática clínica, poderá ser de grande utilidade para os técnicos que integram as comissões de protecção de menores e as equipas de apoio ao tribunal de família. A escassez de informação empírica

dificulta o trabalho dos peritos nesta área, que muitas vezes actuam considerando apenas os aspectos mais visíveis do fenómeno descurando uma série de factores que deveriam ser ponderados em tomadas de decisão que se destinam a salvaguardar o superior interesse da criança.

Dada a relevância do tema e as limitações da presente pesquisa, seria importante dar-lhe continuidade, sendo que futuras investigações deveriam utilizar amostras de maior dimensão e representativas de ambos os géneros.

Sugerimos também a necessidade de estudos longitudinais, que permitam avaliar as representações das crianças sobre a figura paterna no momento presente e perceber como evoluem ao longo do tempo, e quais os factores intervenientes nesse processo.

No sentido de aprofundar temáticas que, não constituindo o objectivo desta dissertação, se revelaram de grande pertinência, julgamos relevante explorar em estudos futuros o papel da mãe na construção das representações das crianças da figura paterna neste contexto específico. Outra investigação importante seria a que, apoiada em estudos comparativos dirigidos para o período pós-separação, com amostras de crianças com e sem experiência de acolhimento em casa abrigo, verificasse o modo como o factor institucionalização interfere nas representações da criança sobre a figura paterna no período pós-separação.

## Conclusões

*“A vantagem dos problemas simples é darem aos observadores a impressão de os compreender. O inconveniente é fazerem-nos esquecer de que um golpe do destino é, antes de mais, um acontecimento mental. É por isso que é necessário fazer a distinção entre o golpe que acontece no mundo real e a representação desse golpe, elaborada no mundo psíquico. Ora, os golpes mais destrutivos nem sempre são os mais espectaculares. E a figuração do golpe no nosso mundo interior é uma co-produção do relato íntimo que o sujeito magoado constrói e da história que o contexto cultural faz dele.”* (Cyrulnik, 2003, pp. 20)

Em síntese, o modelo teórico das representações da figura paterna construído com recurso à *Grounded Theory* permite-nos concluir que:

- Todas as crianças vivenciaram um ambiente familiar disfuncional e violento, marcado por um antagonismo persistente entre as figuras parentais, na fase anterior à separação. As crianças deixaram transparecer através das suas narrativas sentimentos de solidão e desamparo, incompreensão e insegurança afectiva, revelando que nenhum dos pais se mostrou atento ao seu sofrimento ou disponível para comunicar e transformar as suas angústias.
- A passagem de uma relação dual para uma relação triangular, necessária para a estruturação do seu aparelho psíquico, nunca foi mencionada nas suas narrativas. As crianças descreveram apenas a sua relação com a figura materna e com a figura paterna isoladamente, clarificando que cada um dos pais interagiu e educava de forma diferenciada.
- A figura materna foi representada de forma idealizada, apesar de ter sido descrita como uma mãe com comportamentos mais funcionais do que afectivos. Nenhuma destas crianças se referiu à mãe com emotividade ou mencionou a sua disponibilidade para acolher, para prestar cuidados emocionais e/ou para interagir de forma sensível e positiva.
- O pai foi representado com uma figura de perfil autoritário e emocionalmente distante das experiências e vivências dos filhos. Apesar do seu papel aparecer secundarizado quando comparado à figura materna, foi valorizado sobretudo pela sua capacidade de proporcionar momentos de exclusividade e proximidade como parceiro de brincadeira.
- O conhecimento dos episódios de conflito através de várias formas de exposição evidenciou - lhes o carácter unidireccional da violência – pai agressor/mãe vítima. Na relação conjugal o pai foi representado apenas como autor de agressões físicas e psicológicas e como único responsável pelos conflitos familiares, motivados pela sua natureza violenta e/ou por características da sua personalidade, como carácter ciumento, egocêntrico ou irresponsável. A mãe foi considerada como uma figura frágil, em sofrimento e incapaz de se defender da violência que lhe era dirigida.

- As crianças não se consideraram alvos directos do comportamento violento do pai, estabelecendo distinção entre o recurso à punição física como medida disciplinar e as agressões dirigidas à sua mãe.
- As crianças demonstraram estar vinculadas ao pai apesar do seu comportamento violento. A necessidade de manter a ligação a ambas as figuras parentais conduziu ao confinamento e a separação das duas facetas marcadamente diferenciadas do pai na conjugalidade e na paternidade. Esta clivagem da representação da figura paterna em dois contextos distintos permitiu-lhes adoptar um conjunto de estratégias que lhes possibilitaram agir em conformidade com as suas reacções e humores, mantendo-se do seu lado nos momentos de maior acalmia e posicionando-se do lado da mãe quando a sua faceta violenta se evidenciava.
- Os desempenhos orientados para satisfazer os interesses das figuras parentais revelaram-se eficazes, no entanto afastaram-nas do equilíbrio emocional desejado. As crianças deixaram transparecer nas suas narrativas algumas consequências deste tipo de gestão relacional como a vivência de um estado permanente de hipervigilância e uma alternância constante entre estados afectivos, assim como a presença de sentimentos de decepção, culpabilidade e impotência.
- A separação dos pais que permitiu a cessação da sua exposição à violência teve custos elevados. A saída abrupta de casa implicou perdas afectivas, que exigiram a elaboração de múltiplos lutos e um processo de procura de novos referenciais de vida.
- A ausência/presença de contactos com a figura paterna após a separação em conjunto com outras condições intervenientes relacionadas com as suas actuais condições de vida parece ter determinado uma focalização numa das facetas do pai, de forma distinta para cada grupo de crianças.
- As crianças em acolhimento em regime de cessação ou precaridade de contactos com a figura paterna focalizaram-se na sua faceta violenta e ameaçadora o que potenciou a escolha de uma estratégia de manter o pai à distância. As crianças em pós-acolhimento com contactos regulares com o pai centraram-se na avaliação do seu comportamento e envolvimento no momento presente, respondendo de forma recíproca.
- A análise dos *desenhos da família imaginada e família real* permitiu reforçar alguns pressupostos do nosso modelo teórico. Na grande maioria dos desenhos foi possível identificar através do posicionamento, das proporções relativas das figuras representadas e/ou pela fraca atribuição de valor nas suas descrições narrativas, a presença de sentimentos ambivalentes em relação a ambas as figuras parentais, fundamentalmente em relação à figura paterna.

- As crianças representaram maioritariamente estruturas familiares monoparentais, com exclusão da figura paterna, configurando grupos familiares desunidos onde não se evidenciam sinais de troca emocional.
- A maioria das crianças identificou-se no desenho da família imaginada com a figura de uma criança representada de forma valorizada, o que pode evidenciar a necessidade de se representarem num mundo imaginado de forma idealizada possivelmente como mecanismo compensatório face à incapacidade de se sentirem amados e respeitados na sua individualidade.
- A figura correspondente ao próprio foi representada pela maioria das crianças de forma valorizada no desenho da família real, principalmente pelas crianças em acolhimento, o que pode remeter para uma negação de sentimentos de inferioridade e/ou de fragilidade com recurso à idealização.
- Ambos os desenhos as crianças evidenciaram a existência de sentimentos de rivalidade fraterna, que podem ter sido exacerbados pela insegurança que sentem em relação ao afecto dos pais. A considerável diferença de idades entre os elementos da fratria pode ter ainda em alguns casos contribuído para dificultar o estabelecimento de uma relação de maior proximidade e/ou acentuar no filho primogénito a noção de figura secundarizada pela diminuição da atenção da figura materna.
- A presença de outras figuras com ou sem relação de parentesco na maioria dos desenhos das crianças em acolhimento parece evidenciar a sua necessidade de procurar em elementos exteriores ao núcleo familiar o apoio e o suporte que não conseguiram obter das suas figuras parentais.
- A análise dos desenhos da família imaginada permitiu ainda observar que não houve por parte destas crianças capacidade para conceber modelos familiares alternativos. A grande maioria das crianças representou famílias com características muito semelhantes à sua família real.
- As *narrativas das mães* confirmaram os depoimentos das crianças no que diz respeito às formas de violência que lhes foram dirigidas, às motivações do pai agressor, ao tipo de exposição e ao seu posicionamento nos episódios de conflito, verificando-se apenas discordância quanto à avaliação da severidade do comportamento violento do pai. Esta divergência poderá estar relacionada com a incapacidade para perceber o perigo potencial em que se encontravam durante a fase de exposição, devido à sua imaturidade ou corresponder à necessidade de manter uma imagem idealizada do pai e/ou ainda a um evitamento do contacto com memórias dolorosas.

- Os episódios de violência entre os elementos do casal tiveram início maioritariamente na fase de namoro ou logo após o casamento/coabitação, o que indica que a grande maioria das crianças esteve exposta à violência durante a vida intra-uterina e/ou logo após o seu nascimento.
- A grande maioria das mães afirmou que os filhos foram “desejados” por ambos os membros do casal. Este “desejo” surge numa fase de degradação relacional marcada por episódios de conflitualidade violenta, o que inviabiliza a possibilidade de esta criança ter sido resultado de um projecto comum, consolidado pelo afecto entre os pais.
- A gravidez não fez alterar o comportamento violento do ex-parceiro e em dois casos, em que a decisão de ter um filho foi tomada unilateralmente pela mãe, o nascimento da criança correspondeu a uma escalada da violência, havendo um destes pais recebido o filho com rivalidade e estendido o seu comportamento violento à criança desde o seu nascimento.
- A maioria das mães avaliou de forma negativa e/ou ambivalente a paternidade dos ex-parceiros e a qualidade da relação pai-criança no período anterior à separação, havendo algumas considerado que o seu comportamento violento se estendia à paternidade. Esta informação discordante com os depoimentos das crianças pode ser explicada em parte pela sua incapacidade para identificar com clareza formas de violência psicológica, mas deixa em aberto uma resposta para os casos em que foram mencionados actos de violência física.
- Quanto à sua reacção perante a percepção dos sentimentos da criança pelo pai após a separação, verificamos que a maioria das mães revelaram ter adoptado uma atitude de neutralidade e respeito pelos seus silêncios, desejos e opiniões. Enquanto algumas mães procedem de forma passiva limitando-se e excluir o pai do seu discurso, outras mostram-se disponíveis para compreender e aceitar os sentimentos das crianças passando simultaneamente mensagens subliminares do seu desagrado, acentuando conflitos de lealdades e sentimentos de culpabilidade nas crianças. Esta postura prevaleceu tanto nas situações em que identificaram a presença de uma ligação afectiva da criança ao pai como quando consideraram haver desejo por parte das crianças de manter o distanciamento.
- Todas as mães revelaram uma atitude de boicote à continuidade da relação pai-criança. Esta atitude foi justificada pelas mães em acolhimento pelo medo de represálias, enquanto as mães em pós-acolhimento a fundamentaram a sua oposição pela falta de confiança na capacidade do pai para exercer uma paternidade de qualidade.

## Referências Bibliográficas

- Abelin, E. L. (1975). Some further observations and comments on the earliest role of the father. *International Journal of Psycho-Analysis*, 56, 293-302.
- Alexander, H., Macdonald, E., & Paton, S. (2005). Raising the issue of domestic abuse in schools. *Children & Society*, 19, 187-198.
- Almeida, S. (2001). A violência conjugal. In Silva, L. (org.) *Ação Social na Área da Família* (pp.251-282). Lisboa: Universidade Aberta.
- Almeida, T. C., Gonçalves, R. A., & Sani, A. I. (2010). Comportamiento agresivo en el menor: Testimonio de conflictos interparentales. *Revista Infancia, Juventud y Ley*, 2, 78-81.
- Appel, A. E., & Holden, G. W. (1998). The co-occurrence of spouse and physical child abuse: A review and appraisal. *Journal of Family Psychology*, 12(4), 578-599.
- Bancroft, L. (2002). The Parenting of Men Who Batter. *Court Review*, 39(2), 44-49.
- Bancroft, L., & Silverman, J. G. (2002). *The batterer as parent: Addressing the impact of domestic violence on family dynamics*. New York: Sage.
- Bayle, F. (2006). *À Volta do Nascimento*. Lisboa: Climepsi.
- Berger, M. (2003). *A criança e o sofrimento da separação*. Lisboa: Climepsi.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. London: Basic Books.
- Brazelton, T. B., & Cramer B. G. (1989). *A relação mais precoce*. Lisboa: Terramar.
- Bretherton, I. (1987). New perspectives on attachment relations: Security, communication, and working models. In J. Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development* (2nd ed). (pp. 1061-1100). New York: Wiley.
- Carlson, B. E. (2000). Children exposed to intimate partner violence: Research findings and implications for intervention. *Trauma, Violence and Abuse*, 1(4), 321-342.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide through Qualitative Analysis*. London: Sage Publications.
- Coimbra de Matos, A. (2001). *A depressão*. Lisboa: Climepsi.
- Coimbra de Matos, A. (2007). *Existo porque fui amado*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Corman, L. (2003). *O teste do desenho da família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Coutinho, M. J. & Sani, A. I. (2010). Casa abrigo: a solução ou o problema? *Psicologia, teoria e pesquisa*, 26(4).

- Crittenden, P. M. (1992). Quality of attachment in the preschool years. *Development and Psychopathology*, 4, 209-241.
- Cummings, E. M. (1998). Children exposed to marital conflict and violence: Conceptual and theoretical directions. In G. W. Holden, R. Geffner, & E. N. Jouriles (Eds.), *Children exposed to marital violence: Theory, research, and applied issues* (pp. 55–93). Washington, DC: American Psychological Association.
- Cummings, E. M., & Davies, P. (1994). *Children and marital conflict: The impact of family dispute and resolution*. New York: Guilford.
- Cummings, E. M., Kouros, C. D., & Papp, L. M. (2007). History of marital aggression, everyday interparental conflict, and children's responding to everyday conflicts. *European Psychologist*, 12(1), 17-28.
- Cummings, E.M., Vogel, D., Cummings, J.S., & El-Sheikh, M. (1989). Children's responses to different forms of conflict expression of anger between adults. *Child Development*, 60, 1392-1404.
- Cummings, J. S., Pellegrini, D. S., Notarius, C. I., & Cummings, E. M. (1989). Children's responses to angry adult behavior as a function of marital distress and history of interparent hostility. *Child Development*, 60, 1035–1043.
- Cunningham, A., & Baker, L. (2007). *Little Eyes, Little Ears: How Violence Against A Mother Shapes Children As They Grow*. Ontario: The Centre for Children and Families in the Justice System.
- Cyrluk, B. (2001). *Resiliência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cyrluk, B. (2002). *O murmúrio dos fantasmas*. Lisboa: Temas e Debates.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116, 387–411.
- Davies, P. T., Sturge-Apple, M. L., Cicchetti, D., & Cummings E. M. (2007). The role of child adrenocortical functioning in pathways between interparental conflict and child maladjustment. *Developmental Psychology*, 43, 918–930.
- De Bellis, M. D. (2001). Developmental traumatology: The psychobiological development of maltreated children and its implications for research, treatment, and policy. *Development and Psychopathology*, 13, 539-564.
- Diamond, D., & Blatt, S. J. (1994). Internal Working Models and the Representational World in Attachment and Psychoanalytic Theories. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives* (pp. 72-97). New York: Guilford Press.
- Dias, I. (2004). *Violência na Família: Uma Abordagem Sociológica*, Porto, Edições Afrontamento.
- Dutton, M. A., & Goodman, L. A. (2005). Coercion in intimate partner violence: Toward a new conceptualization. *Sex Roles*, 52(11), 743-756.
- Edleson, J. L. (1999). Children's witnessing of adult domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 14(8), 839-870.

- Evans, S. E., Davies, C., & DiLillo, D. (2008). Exposure to domestic violence: A meta-analysis of child and adolescent outcomes. *Aggression and Violent Behavior, 13*, 131-140.
- Fantuzzo, J. W., & Mohr, W. K. (1999). Prevalence and effects of child exposure to domestic violence. *The Future of Children, 9*(3), 21-32.
- Ferreira, T. (2002). *Em defesa da criança*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Fortin, A. (2004). Desenhos de crianças numa terapia familiar. In S. Decobert & F. Sacco (Coords), *O desenho no trabalho psicanalítico com a criança* (pp. 181-195) Lisboa: Climepsi.
- Fox, G. L., & Benson, M. L. (2004). Violent men, bad dads? Fathering profiles of men involved in intimate partner violence. In R. D. Day & M. E. Lamb (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 359-384). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Gardner, R. A. (2002). Parental alienation syndrome vs. parental alienation: Which diagnosis should evaluators use in childcustody disputes? *American Journal of Family Therapy, 30*, 93-115.
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of Grounded Theory, strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.
- Gomez, L. (2005). *Uma introdução às relações de objecto*. Lisboa: Climepsi.
- Graham-Bermann, S. A. (1998). The impact of woman abuse on children's social development: Research and theoretical perspectives. In G. W. Holden, R. Geffner, & E. N. Jouriles (Eds.), *Children exposed to marital violence: Theory, research, and applied issues* (pp. 21-54). Washington, DC: American Psychological Association.
- Graham-Bermann, S. A., & Brescoll, V. (2000). Gender, power and violence: Assessing the family stereotypes of the children of batterers. *Journal of Family Psychology, 14*(4), 600-612.
- Graham-Bermann, S. A., DeVoe, E. R., Mattis, J. S., Lynch, S., & Thomas, S. A. (2006). Ecological predictors of traumatic stress symptoms in caucasian and ethnic minority children exposed to intimate partner violence. *Violence Against Women, 12*(7), 663-692.
- Groves, B. M. A., Van Horn, P., & Lieberman, A. F. (2007). Deciding on Father's involvement in their children's treatment after domestic violence. In J. L. Edleson & O. Williams (Eds), *Parenting by men who batter* (pp. 65-84). New York: Oxford University Press.
- Guidano, V. (1991) *The self in process: toward a pos-rationalist cognitive therapy*. London: Guilford Press.
- Guille, L. (2004). Men who batter and their children: An integrated review. *Aggression and Violent Behaviour, 9*, 129-163.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*, 267-290.
- Haaken J., & Yragui N. (2003). Going Underground: Conflicting Perspectives on Domestic Violence Shelter Practices. *Feminism & Psychology, 13*(1), 49-71.
- Haj-Yahia, M., & Cohen, H. (2009). On the Lived Experience of Battered Women Residing in Shelters. *Journal of Family Violence, 24* (2), 95-109.

- Hamby, S., Finkelhor, D., Turner, H., & Ormrod, R. (2010). The overlap of witnessing partner violence with child maltreatment and other victimizations in a nationally representative survey of youth. *Child Abuse & Neglect*, 34, 734–741.
- Helander E. A. (2010). *Lost Lives: The Pandemic Violence Against Children*. Sweden: Academic Press Lund.
- Hetherington, E.M. & Kelly J. (2002). *For better or for worse: divorce reconsidered*. New York: Norton.
- Holden, G. W. (2003). Children exposed to domestic violence and child abuse: Terminology and taxonomy. *Clinical Child and Family Psychological Review*, 6(3), 151–160.
- Holden, G. W., & Ritchie, K. (1991). Linking extreme marital discord, child rearing, and child behavior problems: Evidence from battered women. *Child Development*, 62, 311–327.
- Holtzworth-Munroe, A., & Stuart, G. (1994). Typologies of male batterers: Three subtypes and the differences among them. *Psychological Bulletin*, 116, 476–497.
- Howell, K. H., Graham-Bermann, S. A., Czyz, E., & Lilly, M. (2010). Assessing resilience in preschool children exposed to intimate partner violence. *Violence and Victims*, 25(2), 150–164.
- Hurley, D. J., & Jaffe, P. G. (1990). Children's observations of violence: II. Clinical implications for children's mental health professionals. *Canadian Journal of Psychiatry*, 35(6), 471–476.
- Jaffe, P. G., Crooks, C. V., & Bala, N. (2005). *Making appropriate parenting arrangements in family violence cases: Applying the literature to identify promising practices*. Canada: Department of Justice.
- Jaffe, P. G., & Geffner, R. (1998). Child custody disputes and domestic violence: Critical issues for mental health, social service, and legal professionals. In G. Holden, R. Geffner, & E. Jouriles (Eds.), *Children exposed to marital violence: Theory, research, and applied issues* (pp. 371–408). Washington, DC: American Psychological Association.
- Jaffe, P. G., & Juodis, M. (2006). Children as victims and witnesses of domestic homicide: Lessons learned from domestic violence death review committees. *Juvenile and Family Court Journal*, 57(3), 13–28.
- Jaffe, P. G., Wolfe, D. A., & Wilson, S. K. (1990). *Children of battered women*. Newbury Park, CA: Sage.
- Jouriles, E. N., McDonald, R., Norwood, W. D. & Ezell, E. (2001). Issues and controversies in documenting the prevalence of children's exposure to domestic violence. In S. A. Graham-Bermann & J. L. Edleson (Eds). *Domestic Violence in the Lives of Children: The Future of Research, Intervention, and Social Policy* (pp. 13–34). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Kellog, N. D., & Menard, S. W. (2003). Violence among family members of children and adolescents evaluated for sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 27, 1367–1376.
- Kerig, P. K., Fedorowicz, A.E., Brown, C. A., & Warren, M. (2000). Assessment and Intervention for PTSD in Children Exposed to Violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 3(1), 161–184.

- Kitzmann, K. M., Gaylord, N. K., Holt, A. R., & Kenny, E. D. (2003). Child witnesses to domestic violence: A meta-analytic review. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71(2), 339-352.
- Kostouros, P. (2007). Using perry's brain development theory to inform interventions in a domestic violence women's shelter. *Relational Child & Youth Care Practice*, 20(3), 34-39.
- Kirshner, L. A. (1992). The absence of the father. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 40(4), 1117-1138.
- Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development*, 54, 450-458.
- Lapierre, S. (2008). Mothering in the context of domestic violence: The pervasiveness of a deficit model of mothering. *Child & Family Social Work*, 13, 454-463.
- Lebovici, S., & Crémieux, R. (1970). A Propos du rôle et de l'image du père. *La psychiatrie de l'enfant*, 13(2), 341-447.
- Lebovici, S. (1993). On intergenerational transmission: From filiation to affiliation. *Infant Mental Health Journal*, 14(4), 260-272.
- Levendosky, A. A. & Graham-Bermann, S. A. (1998). The moderating effects of parenting stress on children's adjustment in woman abusing families. *Journal of Family Violence*, 13(3), 383-397.
- Levendosky, A. A., & Graham-Bermann, S. A. (2000). Behavioral observations of parenting in battered women. *Journal of Family Psychology*, 14, 80-94.
- Levendosky, A. A., & Graham-Bermann, S. A. (2001). Parenting in battered women: The effects of domestic violence on women and their children. *Journal of Family Violence*, 16(2), 171-192.
- Levendosky, A. A., Huth-Bocks, A. C., Shapiro, D. L., & Semel, M. A. (2003). The impact of domestic violence on the maternal-child relationship and preschool-age children's functioning. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 275-287.
- Lieberman, A.F., & Van Horn, P. (1998). Attachment, trauma, and domestic violence: Implications for child custody. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 7, 423-444.
- Lieberman A., Zeanah C., & McIntosh J. (2011). Attachment Perspectives on Domestic Violence and Family Law. *Family Court Review*, 49 (3), 529-538.
- Logan, T., Walker, R., Jordan, C., Horvath, L., & Leukefeld, C. (2002). Child custody evaluations and domestic violence: Case comparisons. *Violence and Victims*, 17, 719-742.
- Lorenz, K. (1963). *A agressão – uma história natural do mal*. Lisboa: Relógio D'água Editores
- Lovejoy M. C., Graczyk P. A., O'Hare E., & Neuman, G. (2000). Maternal depression and parenting behavior: A meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, 20(5), 561-592
- Lourenço, N., & Carvalho, M. J. L. (2001). Violência Doméstica: Conceitos e âmbitos. Tipos e espaços de violência. *Revista da Faculdade de Direito da UNL*, 3, 95-121.

- Luzes, P. (2004). *Do Pensamento à Emoção*. Lisboa: Fenda.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: comportamentos e atitudes na população universitária. *Psycologica* 33, 69-83.
- Malpique, C. (1998). *A ausência do pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Malpique, C. (2010). *Pais/Filhos em Consulta Psicoterapêutica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Margolin, G., & Gordis, E. B. (2000). The effects of family and community violence on children. *Annual Review of Psychology*, 51(1), 445-479.
- Margolin, G., Gordis, E. B., Medina, A. M., & Oliver, P. H. (2003). The co-occurrence of husband-to-wife aggression, family-of-origin aggression, and child abuse potential in a community sample: Implications for parenting. *Journal of Interpersonal Violence*, 18(4), 413-440.
- Matos, M. (2000). *Violência Conjugal: O processo de construção de identidade na mulher*. Dissertação de candidatura ao grau de Mestre em Psicologia na especialidade da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Matos, M. (2003) Violência conjugal. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coords), *Violência e Vítimas de crimes, Vol. I: Adultos* (pp.81-130). Coimbra: Quarteto.
- Matos, M. (2005). Avaliação psicológica de vítimas de maus tratos conjugais. In Carla Machado e Rui Abrunhosa (org.), *Psicologia Forense* (pp. 159-186). Coimbra: Quarteto.
- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Minho.
- McIntosh, J. E. (2002). Thought in the face of violence: A child's need. *Child Abuse and Neglect*, 26, 229-241.
- McIntosh, J. E. (2003). Children living with domestic violence: Research foundations for early intervention. *Journal of Family Studies*, 9(2), 219-234.
- Mechanic, M., Weaver, T., & Resick, P. (2000). Intimate partner violence and stalking behavior: Exploration of patterns and correlates in a sample of acutely battered women. *Violence and Victims*, 15(1), pp.55-72.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psycologica*, 42, 213-229.
- Mullender, A., Hague, G., Iman, U., Kelly, L., Malos, E., & Regan, L. (2002). *Children's perspectives on domestic violence*. London: Sage.
- Neves, S. (2008). *Amor, poder e violências na intimidade*. Coimbra: Quarteto.
- Ornduff, S. R., & Monahan, K. (1999). Children's understanding of parental violence. *Child Youth Care Forum* 28, 351-364.
- Osofsky, J. D. (1999). The impact of violence on children. *The Future of Children*, 9(3), 33-49.

- Osofsky, J. D. (2003). Prevalence of children's exposure to domestic violence and child maltreatment: Implications for prevention and intervention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6(3), 161–170.
- Øverlien C. (2010). Abused women with children or children of abused women? A study of conflicting perspectives at women's refuges in Norway. *Child and Family Social Work*, 16, 71–80.
- Panzer, P. G., Philip, M. B., & Hayward, R. A. (2000). Trends in domestic violence service and leadership: Implications for an integrated shelter model. *Administration and Policy in Mental Health*, 27, 339–352.
- Patton, M. (2002). *Qualitative Research & Evaluation Methods* (3 Ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Peled, E. (1998). The experience of living with violence for preadolescent children of battered women. *Youth & Society*, 29(4), 395–430.
- Peled, E. (2000). Parenting by men who abuse women: Issues and dilemmas. *British Journal of Social Work*, 30(1), 25–36.
- Peled, E., & Davis, D. (1995). *Groupwork with children of battered women: A practitioner's manual*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Perel G., & Peled E. (2008) The Fathering of Violent Men: Constriction and Yearning. *Violence Against Women*, 14(4), 457–482.
- Pires, A. (2001). *Crianças (e pais) em risco*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Pynoos, R. S., & Steinberg, A. M. (2006). Recovery of Children and Adolescents After Exposure to Violence: A Developmental Ecological Framework. In A .E. Liberman & A. F. DeMartino (Eds.), *Interventions for children exposed to domestic violence* (pp. 17–43). New Brunswick, NJ: Johnson & Johnson Pediatric Institute.
- Quivy, L., & Champenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª Ed.). Lisboa: Gradiva.
- Ramires, V. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Renzetti, C. M., Edleson, J. L. & Bergen, R. K. (2001). *Sourcebook on Violence Against Women*. London: Sage Publications Ltd.
- Rossmann, B. B. R. (2000). Time heals all: How much and for whom?. *Journal of Emotional Abuse*, 2, 31–50.
- Rossmann, B. B. R., & Ho, J. (2000). Posttraumatic response and children exposed to parental violence. *Journal of Aggression, Maltreatment, & Trauma*, 3, 85–106.
- Rossmann, B. B. R., Hughes, H. M., & Rosenberg, M. S. (2000). *Children and interparental violence: the impact of exposure*. Philadelphia: Taylor & Francis.
- Saathoff, A. J., & Stoffel, E. A. (1999). Community-based domestic violence services. *Domestic Violence and Children*, 9(3), 97–110.

- Salgueiro, E. (2011, Novembro). O interesse da criança nos processos de regulação das responsabilidades parentais. Comunicação inserida na Conferência Internacional "O superior interesse da criança e o mito da "síndrome de alienação parental". Lisboa: Auditório do Montepio Geral.
- Saltzmann, K. M., Holden, G., & Holahan, C. (2005). The psychobiology of children exposed to marital violence. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 34, 129-139
- Sani, A. I. (2006). Vitimação indirecta de crianças em contexto familiar. *Análise Social*, 180, 849-864.
- Santos, J. (2009). *É através da via emocional que a criança apreende o mundo exterior*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Scourfield, J. (2003). *Gender and Child Protection*. New York: Palgrave Macmillan.
- Shostack, A. (2001). *Shelters for Battered Women and Their Children: A Comprehensive Guide to Planning and Operating Safe and Caring Residential Programs*. Illinois: Charles C. Thomas Publisher Ltd.
- Skopp, N. A., McDonald, R., Manke, B., & Jouriles, E. N. (2005). Siblings in domestically violent families: Experiences of interparental conflict and adjustment problems. *Journal of Family Psychology*, 19, 324-333.
- Soriano, J. J. F. (2007). La exclusión del padre una regresión a lo pregenital?. *Revista de psicoanálisis*, 51, 167-187.
- Stover, C. S., Van Horn, P., Turner, R., Cooper, B., & Lieberman, A. F. (2003). The effects of father visitation on preschool-aged witnesses of domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 18(10), 1149.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research*. London: Sage.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sternberg, K. J., Lamb, M. E., Greenbaum, C., Cicchetti, D., Dawud, S., Cortes, R. M., Krispin, O. & Lorey, F. (1993). Effects of domestic violence on children's behavior problems and depression. *Developmental Psychology*, 29, 44-52.
- Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T. & Cummings, E. M. (2006). The impact of interparental hostility and withdrawal on parental emotional unavailability and children's adjustment difficulties. *Child Development*, 77, 1623-1641.
- Sullivan, C. M., Nguyen, H., Allen, N., Bybee, D., & Juras, J. (2000). Beyond searching for deficits: Evidence that physically and emotionally abused women are nurturing parents. *Journal of Emotional Abuse*, 2, 51-71.
- Tajima E. A., Herrenkohl T. I., Moylan C. A., & Derr A. S. (2011). Moderating the Effects of Childhood Exposure to Intimate Partner Violence: The Roles of Parenting Characteristics and Adolescent Peer Support. *Journal of Research on Adolescence*, 21(2), 376-394.
- Trevarthen, C. (2003). Infant psychology is an evolving culture. *Human Development*, 46, 233-246.
- Walker, L. E. A. (2009). *The Battered Woman Syndrome*. New York: Springer Publishing Company.

- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 71*, 164-172.
- Wolfe, D. A., Crooks, C. C., Chiodo, D., & Jaffe, P. G. (2009). Child Maltreatment, Bullying, Gender-Based harassment and adolescent dating violence: making the connections. . *Psychology of Women Quarterly, 33*(1), 21-24.
- Wolfe, D. A., Zak, L., Wilson, S., & Jaffe, P. (1986). Child witnesses to violence between parents: Critical issues in behavioral and social adjustment. *Journal of Abnormal Child Psychology, 14*, 95-104.

## **ANEXO A - *GROUND*ED THEORY**

## Grounded Theory

A *Grounded Theory* constitui um quadro de referência para uma investigação qualitativa. Trata-se de uma metodologia indutiva, pela qual uma teoria é alcançada a partir da análise sistemática dos dados, que vão sendo recolhidos e analisados ao longo do processo de investigação. Para a sua prática, o investigador parte da definição de uma questão geral sem estabelecer qualquer hipótese *a priori* (Pires, 2001). Uma vez definido o problema, as linhas orientadoras da investigação e os limites do fenómeno que se pretende estudar, inicia-se um processo de pesquisa aberta e dinâmica em que o investigador assume um papel interpretativo e de interacção contínua com as perspectivas dos participantes. Este método proposto por Glaser e Strauss (1967) possibilita, através de um conjunto de procedimentos bem definidos, uma conciliação entre a sensibilidade e a criatividade do investigador com o rigor da interpretação dos dados. O sentido e significado atribuídos à informação recolhida deixam em aberto a introdução de novas questões.

Neste processo, a estruturação da amostra não deve ser delimitada à partida, devendo obedecer apenas a um critério de relevância teórica para o desenvolvimento do tema em estudo. A amostra teórica vai sendo construída ao mesmo tempo que o investigador vai recolhendo, codificando e analisando a informação e tomando as suas decisões (Strauss & Corbin, 1990). Os casos individuais ou experiências são a matéria a partir da qual o investigador vai desenvolvendo categorias conceptuais no sentido de identificar, integrar e compreender padrões e relações entre as categorias. Quando este trabalho de comparação contínua já não se traduz em informação útil para o estabelecimento e aperfeiçoamento das categorias ou das relações entre elas, alcançou-se o “ponto de saturação teórica” e pode considerar-se terminado o processo de recolha (Glaser & Strauss, 1967).

Assim, as teorias que resultam da aplicação deste método não se desenvolvem a partir de categorias pré-estabelecidas, mas vão-se construindo através das categorias emergentes no processo de pesquisa (Glaser & Strauss, 1967). As hipóteses vão surgindo ao longo da análise comparativa dos dados da amostra, que vão emergindo e permitindo a identificação de semelhanças e diferenças significativas. Os padrões ou categorias são validados pela sua recorrência para além da variabilidade individual (Pires, 2001).

A aplicação da *Grounded Theory* é um processo dinâmico através do qual os materiais emergentes vão constituindo a sua própria grelha de análise. A construção do modelo teórico começa pela codificação aberta, ou seja, por um processo de decomposição, análise, conceptualização e categorização dos dados. Uma vez terminada esta fase, inicia-se a codificação axial, um conjunto de operações em que se identificam as relações entre as diferentes categorias, no sentido de uma reorganização dos dados previamente conceptualizados. Este processo

termina quando o investigador considera identificada a categoria central e as categorias subsidiárias, iniciando-se a última etapa de codificação selectiva. A codificação selectiva corresponde a uma série de procedimentos que possibilitam, por meio do paradigma axial (identificação de condições, contexto, estratégias, consequências) colocar num sistema hierarquizado a categoria central, as categorias subsidiárias, as suas dimensões e as suas propriedades. O paradigma axial funciona como um recurso integrador que permite validar as relações entre a categoria central e as outras categorias, condição necessária para enquadrar a ordem narrativa numa construção teórica, ou seja, para encontrar “a linha da história” (Strauss & Corbin, 1990).

O processo de desenvolvimento teórico deve ser acompanhado da elaboração de memorandos. Os memorandos permitem ao investigador reflectir sobre as suas categorias, conceptualizar relações e novas categorias e alcançar uma visão mais profunda e abrangente sobre o fenómeno em estudo (Glaser & Strauss, 1967; Pires, 2001). Quando o investigador integrou e relacionou as suas categorias e propriedades atingiu as etapas finais do método. Encontra-se em condições de delimitar o seu modelo e redigir a sua proposta teórica.

De acordo com Pires (2001), as teorias que resultam deste método devem resistir a um critério de ajustamento, ser facilmente aplicáveis ao fenómeno em estudo, possuir um critério de relevância, resultante da capacidade do investigador para identificar as questões mais importantes e, finalmente, responder a um critério de funcionalidade, que permita explicar adequadamente o objecto em estudo. Esta metodologia, quando a investigação é bem-sucedida, produz um esquema teórico ou um modelo integrativo dos conceitos apreendidos, que deve constituir uma ferramenta para a compreensão, previsão e/ou prevenção de acontecimentos em contextos análogos (Strauss & Corbin, 1998).

## Guião de entrevista às crianças

As entrevistas foram guiadas por alguns tópicos de informação relativos ao tema que pretendíamos explorar. Procurámos estabelecer uma conversação informal, amigável e de baixa autoridade que permitisse uma aproximação às diferenças individuais e situacionais de cada criança entrevistada. Após uma primeira fase de estabelecimento de uma relação de confiança, tentámos que cada criança nos desse o seu relato. Só depois de este estar terminado as confrontámos com questões específicas, utilizando a linguagem que dominam, respeitando diferenças de idades e desenvolvimento cognitivo. Houve o cuidado de colocar questões abertas, focalizadas, mas nunca sugestivas. As questões não respondidas não foram repetidas.

Questão inicial:

*- Achas que as mães e os pais são diferentes na maneira de se darem com os filhos?*

Tópicos a abordar:

- Contexto/ No tempo em que viviam juntos e no momento presente

*- Queres falar-me um pouco sobre o tempo que viviam juntos? Como era o dia-a-dia? Como eram os momentos bons? E os momentos menos bons? ( Se abordarem o conflito – costumavam discutir à tua frente? Como é que te sentias? O que é que fazias nesses momentos? Os teus pais costumavam falar contigo sobre o que passava entre eles? Procuravas conversar com eles sobre isso?)*

- Representação da figura paterna/Qualidade da relação pai-criança no tempo em que viviam juntos e no momento presente

*- Como te davas com o teu pai no tempo em que viviam juntos?*

*- Passavam tempo juntos? (Se sim - O que faziam quando estavam juntos?)*

*- Costumavas falar com ele sobre as tuas coisas? (Sobre os teus amigos? Sobre a escola? Sobre as coisas que gostavas? Sobre as coisas que te preocupavam?)*

*- Quando tinhas algum problema procuravas a ajuda do teu pai?*

*- Costumava cuidar de ti?*

*- Como reagia o teu pai quando fazias uma asneira? E uma coisa bem-feita?*

*- Para que eu possa conhecer melhor o teu pai, podes dizer-me quais eram as suas qualidades? E os seus defeitos?*

- Características da separação/ Como entenderam a separação dos pais

*- Sentes falta do teu pai? Costumas falar com ele? (crianças em acolhimento)*

*- Costumas estar com o teu pai? Podes contar-me o que costumam fazer durante o tempo em que estão juntos? (crianças em pós-acolhimento)*

*- Como é que gostarias que fosse a vossa relação no futuro?*

Categorias principais

| Categorias – memorandos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Transcrições                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>O pai...depende da situação</b>(Ent.C5 “O pai...depende da situação”)</p> <p>As crianças descrevem o pai, enquanto agressor da mãe, como autor de várias formas de maus-tratos. Algumas atribuem-lhe a responsabilidade pelo desencadear dos conflitos, pela sua natureza violenta, exacerbada pelo consumo de álcool, e por características de personalidade, como o carácter ciumento, egocêntrico e irresponsável. No entanto, não é a única imagem do pai que parece prevalecer. As crianças reconhecem-lhe uma outra faceta, um comportamento diferenciado que se manifesta na relação com elas e que permite proporcionar momentos de partilha e proximidade. Embora tendam a estabelecer, de um modo geral, uma comparação com a figura materna, a partir da qual o papel do pai sai secundarizado, valorizam-no pela sua capacidade de lhes expressar sentimentos de afecto, por as recompensar pelo seu bom comportamento e conquistas e, sobretudo, pela sua disponibilidade para lhes dedicar momentos de exclusividade como parceiro de brincadeira.</p> <p>Estas duas facetas da figura paterna nunca aparecem em simultâneo nas suas narrativas: o pai é representado como uma figura perigosa e ameaçadora, quando avaliado na relação conjugal, ou como um pai com características positivas e negativas, quando avaliado na relação pai-criança.</p> <p>Durante o tempo em que viviam juntos verifica-se uma alternância entre representações, enquanto após a separação parece haver uma focalização numa das facetas do pai.</p> | <p><b>O pai...depende da situação</b></p> <p><b>O pai agressor da mãe:</b></p> <p><b>Autor de várias formas de maus tratos:</b></p> <p><b>Físicos</b></p> <p>Ent.C1 “Ele batia-lhe muitas vezes”; Ent.C2 “Berrava e batia à minha mãe”; Ent.C3 “O pai às vezes batia, batia à mãe”; “Batia e ralhava com a mãe”; Ent.C4 “Discutia e batia na minha mãe”; Ent.C5 “Ele estava sempre a bater-lhe”; Ent.C8 “Discutia muito...batia”; Ent.C10 “Ele batia-lhe, uma vez deu-lhe estalos mesmo à nossa frente”.</p> <p><b>Psicológicos</b></p> <p>Ent.C6 “Ele discutia, dizia coisas que ela não fazia, chateava a minha mãe”; Ent.C9 “Ele gritava, dizia coisas más, não me lembro de mais nada” Ent.C10 “Uma vez ouvi ele chamar-lhe todos os nomes e mais alguns”, “Ele fazia tudo e mais alguma coisa. Uma vez partiu o carro à minha mãe, furou-lhe os quatro pneus e arrancou-lhe os retrovisores...fez isso num carro emprestado, o outro estava a arranjar e uma vez cortou o colchão com uma faca e ameaçou-a de matá-la, duas vezes”.</p> <p><b>Responsável pelos conflitos:</b></p> <p><b>Natureza violenta</b></p> <p>Ent.C1 “Porque ele era assim, estava muitas vezes zangado. Ia para um sítio grande, com muitas escadas e só bebia”; Ent.C10 “Era dele, ele saía e chegava a casa bêbado. Também me disse um dia que aquilo que ele fazia à minha mãe corria no sangue e que eu também ia fazer no futuro. É assim, o meu bisavô fazia o mesmo à mulher, o meu avô fazia o mesmo à minha avó, o meu pai fez o mesmo à minha mãe”.</p> <p><b>Carácter ciumento</b></p> <p>Ent.C6 “Era ciúmes. A minha mãe trabalha até tarde e depois, por vezes, ela chegava tarde a casa e ele pensava que estava a fazer outras coisas, que andava com coisas na escola”; Ent.C7 “Desconfiava dela, não sei bem e ainda agora quer saber coisas e começa a fazer perguntas: a tua mãe já namora com alguém... Se mora com a minha tia...”.</p> <p><b>Egocêntrico e irresponsável</b></p> <p>Ent.C3 “Ele queria sempre sair e ficava sem dinheiro. A mãe nunca mais recebia...e ela dizia: tens que acabar com isto, estava sempre a dizer...”; Ent.C4 “Porque ele não queria dar dinheiro e dizia que a minha mãe era chata, andava sempre a cobrar dinheiro. A mãe não trabalhava e telefonava para saber se ele tinha dinheiro para comprar qualquer coisa para fazer o jantar. Era isso, e o meu pai não gostava disso e era por isso que batia; Ent.C5 “Era porque ela pedia dinheiro e ele gastava dinheiro em porcarias para o computador. Porcaria, é uma maneira de dizer. Outras</p> |

| Categorias principais               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Categorias – memorandos             | Transcrições                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| O pai...depende da situação (Cont.) | <p><i>vezes gastava dinheiro em outras coisas dele e depois, quando era para a comida já não havia, tinha de ser a mãe”.</i></p> <p><b>O meu pai:</b></p> <p><b>Comparação com a figura materna:</b></p> <p><b>Incapaz de prestar cuidados</b><br/> Ent.C1 “Não. Tratava a mãe, a mãe tratava sempre de mim”; Ent.C2 “Ele não! Era a mãe”; Ent.C3 “Não, era a mãe”; Ent.C4 “Só a mãe”; Ent.C5 “Era a mãe”; Ent.C6 “Era sempre a minha mãe”; Ent.C7 “Essas coisas é a mãe”; Ent.C9 “Era a mãe, ela é que estava comigo”; Ent.C10 “Não,era sempre a minha mãe”.</p> <p><b>Distante das vivências e experiências</b><br/> Ent.C1 “Ele não estava, muitas vezes, saía quase todos os dias. Eu falava mais com a mãe, com ele falava só de comprar”; Ent.C2 “Não falava comigo, era a mãe. Ele ia para o café comprar tabaco e depois ficava lá”; Ent.C3 “Isso não, a mãe preocupava-se. Falar não, ver TV, sim”; Ent.C5 “A mãe falava mais, o pai por vezes falava, explicava coisas de Karaté, ensinava a lutar ”; Ent.C7 “Não, só com falava com a mãe”; Ent.C9 “Não me lembro de ele falar comigo, era a mãe, ele estava sempre a trabalhar”;Ent.C10 “A mãe preocupava-se mais e falava mais comigo. Ele às vezes lá me ajudava a organizar a minha coleção de carros e era só isso. Das outras coisas não dizia nada, não ligava”.</p> <p><b>Figura autoritária:</b></p> <p><b>Intransigente</b><br/> Ent.C1 “Era tudo como ele queria”; Ent.C3 “ Por qualquer coisa, ralhava, ralhava, ralhava”;Ent.C4 “Punha de castigo, dizia: não vais à rua brincar com os teus colegas. Às vezes ele mandava-me fazer 50 cópias e tinha de fazer algumas cópias por dia. Era grande o castigo...”; Ent.C5 “Era à maneira dele e mais nada”; Ent.C6 “Ele zangava-se muitas vezes e eu não gostava assim tanto”; Ent.C7 “O pai nunca me deixava fazer nada do que eu queria”; Ent.C9 “ Às vezes pisava os meus brinquedos sem querer e ele zangava-se logo comigo”.</p> <p><b>Recorria a medidas punitivas</b><br/> Ent.C1 “Quando fazia asneiras, ralhava-me, gritava muito alto ”;Ent.C2 “Ele batia com o cinto às vezes quando fazia asneiras”; Ent.C3 “Ele batia-me e ralhava”; Ent.C4 “Era de me bater quando fazia asneiras e punha-me de castigo”; Ent.C5 “ Ele batia-me...por qualquer coisa malfeita e ele batia-me logo”; Ent.C6 “ Às vezes ele gritava comigo e batia quando estava zangado comigo e dizia-me para não fazer isso e eu dizia sempre que está bem”; Ent.C7 “Ele Ralhava muito comigo”; Ent.C8 “Quando fazia asneiras dava-me sempre palmadas”; Ent.C9 “Zangava-se comigo quando fazia asneiras”; Ent.C10 “Não ralhava, só batia ”.</p> |

---

## Categorias principais

---

### Categorias – memorandos

### Transcrições

---

#### O pai...depende da situação (Cont.)

#### Agir em conformidade

As crianças procederam a uma compartimentação de duas representações da figura paterna, mantendo-as, dentro do possível, confinadas ao contexto a que se referiam, procurando agir em conformidade com o comportamento do pai e as prioridades de cada momento. Assim, nos momentos de maior acalmia familiar, procuravam manter proximidade e interagir com o pai através de actividades lúdicas. No entanto, quando o cenário se alterava, este padrão de interacção era substituído por duas estratégias distintas. Algumas destas crianças adoptaram comportamentos de evitamento ou fuga, procurando

#### Capaz de expressar sentimentos de afecto

Ent.C1 “*Dava-me...*”; Ent.C3 “*Ele gostava de mim, era simpático comigo às vezes*”; Ent.C4 “*Por vezes dava*”; Ent.C5 “*... Ele às vezes era bom comigo*”; Ent.C6 “*Gostava que ele me desse beijinhos e abraços. Às vezes dava, porque lbe apetecia, outras eu pedia, quando estava triste*”; Ent.C7 “*Ele dava beijinhos e ele tem uma tatuagem num braço com a minha cara e o meu nome e a da minha irmã noutra*”; Ent.C8 “*Dava miminhos às vezes*”; Ent.C9 “*Lembro, eu gostava dele dar-me colo*”.

#### Capaz de recompensar:

##### Elogios

Ent.C3 “*Dizia assim sim, assim tá bem, ficava contente*”; Ent.C6 “*Ele ficava contente. Dizia muito bem, às vezes ele diz até que sou boa a desenhar*”; Ent.C7 “*Olhava e dizia: boa! Mais cinco*”; Ent.C10 “*Quando tirava muitos bons ou assim ficava contente. Dizia que tinha feito muito bem*”.

##### Presentes

Ent.C1 “*Quando fazia uma coisa bem feita dava-me o que queria*”; Ent.C2 “*Levava-me e eu dizia: pai quero aquilo e ele comprava...*”; Ent.C4 “*Eu queria uma Playstation 3 e ele costumava dizer que se eu continuar assim ele comprava*”.

#### Parceiro de brincadeira

Ent.C1 “*Íamos jogar à bola no campo muitas vezes*”; Ent.C2 “*Via filmes com ele*”; Ent.C3 “*Eu tinha uma Playstation e jogávamos e brincávamos com um domino*”; Ent.C4 “*Brincávamos. Jogávamos à bola, passeávamos e assim*”; Ent.C5 “*Era o que eu mais gostava. Por vezes era um jogo, era o que mais gostava, a Playstation...e brincávamos também a fazer coegas*”; Ent.C6 “*Nós fazíamos muitas coisas, brincávamos, cozinávamos juntos. Combinávamos o que íamos fazer no sábado e domingo, às vezes íamos ao MacDonalds ou a casa dos nossos primos*”; Ent.C7 “*Gostava muito das brincadeiras*”; Ent.C8 “*Brincávamos com os meus popós, íamos a muitos sítios... não me lembro mais nada*”.

#### Agir em conformidade

##### Aproximar

Ent.C1 “*Eu gostava de estar ao pé dele, pedia-lhe para irmos brincar aos sítios que eu gostava...*”; Ent.C2 “*Gostava de ir com ele e ele dizia “faz como eu faço” e eu fazia tudo o que ele fazia...*”; Ent.C3 “*Quando estava comigo eu pedia para jogar Playstation e brincar*”; Ent.C4 “*Falava com ele, falávamos de futebol, o que almocei, o que fiz na escola, das coisas com os amigos...*”; Ent.C5 “*Pedia mais era para estar com ele a brincar. Às vezes falava dos outros, dos meninos que me batiam*”; Ent.C6 “*Gostava muito de ficarmos tempo juntos*”; Ent.C7 “*Gostava, dizia para irmos brincar, mas só a*

---

## Categorias principais

---

### Categorias – memorandos

#### **Agir em conformidade (Cont.)**

evitar o confronto com a realidade, enquanto outras optaram por intervir no conflito, tentando travar a agressão dirigida à mãe através do apelo, do recurso à violência e/ou pedindo ajuda externa.

Esta adaptação do comportamento às reacções e humores da figura paterna parece manter-se, ainda que com outros contornos, após a separação dos pais e cessação da violência, de forma diferenciada para os dois grupos de crianças.

As crianças do grupo em acolhimento, mais próximas temporalmente do período de exposição à violência e do momento crítico de separação, parecem estar focadas, no momento presente, na faceta violenta do pai. O medo, a raiva e/ou o ressentimento justificam a adopção de estratégias para manter o pai à distância. As crianças do grupo em pós-acolhimento, mais distanciadas dos eventos violentos e a iniciar um novo projecto de vida sem violência, parecem estar focadas na faceta oposta do pai e dispostas a restabelecer o contacto e tentar a aproximação. É o confronto com um pai menos idealizado e, consequentemente, mais próximo do real, que vai determinar a escolha de estratégias de afastamento ou de investimento na relação.

### Transcrições

*algumas coisas. Não gostava das brincadeiras em que ele me arranhava, ele é careca, mas tem uma coisa na barba...”; Ent.C9 “Era bom, pedia para brincar, ir ao Jardim Zoológico... ”.*

#### **Evitamento/Fuga**

Ent.C2 “Saía logo dali ”; Ent.C3 “Fugia. Estava a acontecer uma coisa grave”; Ent.C4 “Eu às vezes fugia para outro sítio da casa. Não gostava de o ver fazer isso ”; Ent.C5 “Escondia-me”; Ent.C6 “Eu costumava ficar assustada. Às vezes fugia e ia para o quarto com o meu irmão a divertirmo-nos para não pensar nisso”; Ent.C8 “Ia logo para o quarto. Zangava-me com o meu pai quando batia, ”; Ent.C10 “Ficava preocupado e às vezes fugia. Uma vez fugi e a minha mãe tinha acabado de lavar o chão, escorreguei e rasguei o joelho”.

#### **Conter para ajudar a mãe:**

##### **Pedir para parar**

Ent.C1 “Gritava para ele parar”; Ent.C4 “Pedia-lhe para ele não lhe bater”; Ent.C6 “Às vezes dizia: para! E o meu irmão vinha e ajudava”; Ent.C8 “Gritava para deixar a mãe”; Ent.C9 “Chorava, pedia para não fazer mais”; Ent.C10 “Eu dizia para ele parar”.

##### **Enfrentar**

Ent.C2 “Uma vez mandei-lhe com uma sapatilha”.

##### **Pedir ajuda externa**

Ent.C1 “Chamava a polícia e eles vinham, falavam com o meu pai e ele parava”; Ent.C4 “Às vezes dizia-lhe que ia chamar a polícia”.

#### **Crianças em acolhimento – momento presente**

##### **Manter o pai à distância**

Ent.C1 “Não quero estar com ele, tenho medo. Só queria se ele mudasse...”; Ent.C3 “Estou aqui com a minha mãe e estou bem. Eu digo-lhe. não quero estar contigo, que tu ralhas à mãe”; Ent.C4 “Não falo com ele porque não quero. Estamos melhor assim longe dele”; Ent.C5 “Gostava que ele estivesse na prisão, assim via-me livre dele”.

##### **Crianças em pós-acolhimento – momento presente**

##### **Afastamento/Desinvestimento**

Ent.C7 “Sei que não queria passar mais tempo”; Ent.C8 “Só quero nas férias”; Ent.C10 “Ele telefona quando quiser ligar, nós nunca ligamos”.

##### **Investir na relação**

Ent.C6 “Gostava de fazer alguma coisa para ele ficar bem. Fico preocupada, não vai ficar pelos cantos a chorar. É que eu por vezes falo no telemóvel e ele começa a chorar, tem saudades de mim, da mãe, de toda a gente.”; Ent.C9 “Gosto muito de estar com ele, de ver TV. Ele gosta de ver os bonecos”.

---

## Categorias principais

---

### Categorias – memorandos

### Transcrições

---

#### Agir em conformidade (Cont.)

#### Tempo de exposição

As crianças descreveram um ambiente familiar marcado por alterações frequentes do cotidiano, em que episódios violentos eram intervalados por momentos de maior acalmia, parecendo descrever o ciclo da violência.

Estes tempos de pacificação temporária foram descritos como períodos de trégua em que continuavam a sentir um antagonismo persistente entre os pais, que fazia prever a possibilidade do desencadear, a qualquer momento, de novos incidentes.

Durante esta fase, nenhum dos pais demonstrou perceber sofrimento das crianças, estar atento às suas necessidades ou disponível para dar resposta aos seus receios e preocupações. Demasiado centrados nos seus problemas ou incapazes de perceber as consequências do seu comportamento, colocaram-nas perante a inevitabilidade de ficarem entregues a si próprias e de terem de interpretar e posicionar-se sozinhas no conflito.

#### Investir na relação

Ent.C6 “*Gostava de fazer alguma coisa para ele ficar bem. Eu fico preocupada, não vai ficar ali pelos cantos a chorar. É que eu por vezes falo no telemóvel e ele começa a chorar porque tem saudades de mim, da mãe, de toda a gente...*”; Ent.C9 “*Gosto muito de estar com ele, de ver TV com ele. Ele gosta de ver os bonecos*”.

#### Tempo de exposição

##### Alterações frequentes do quotidiano

Ent.C2 “*Às vezes estavam juntos, às vezes estavam separados. Era isso...*”; Ent.C3 “*Às vezes estava melhor, poucas vezes*”; Ent.C4 “*Por vezes ficava tudo um bocadinho mais calmo*”; Ent.C5 “*Ele fazia isso muitas vezes. Às vezes ficava menos bruto...quer dizer, não lhe batia assim muito.*”; Ent.C6 “*Davam-se bem e passava e depois acabavam a discutir outra vez*”; Ent.C7 “*Não me lembro muito bem...Discutiam muitas vezes, outras ficavam bem*”; Ent.C8 “*Era bem, só às vezes*”; Ent.C9 “*Às vezes ficavam melhor*”; Ent.C10 “*Nunca se sabia. O pai arranjava a confusão e a mãe queria parar e ele queria continuar*”.

##### Várias formas de exposição:

##### Presencial/Auditiva

Ent. C1 “*Algumas vezes estava e às vezes ouvia*” Ent.C2 “*Era à frente, estava lá*”; Ent.C3 “*Estava no quarto e ouvia-os*” Ent.C4 “*Sim, eu via...*”; Ent.C5 “*Fazia muitas vezes à nossa frente*”; Ent.C6 “*Eles mandavam-nos sair, às vezes ficava e outras vezes ouvia*”; Ent.C7 “*Não estava, só ouvia. Lembro que às vezes me levantava da cama, metia a orelha na porta e ia ouvir a conversa quando ele discutia*”; Ent.C8 “*Via quando ele batia*”; Ent.C9 “*Via...já não me lembro bem,*”; Ent.C10 “*Era sempre à nossa frente*”.

##### Aos efeitos no rescaldo

Ent.C4 “*Por vezes não estava em casa, percebia*”; Ent.C10 “*Às vezes não estávamos em casa, mas nós sabíamos sempre*”.

##### Antagonismo persistente

Ent.C1 “*Estavam quase sempre zangados, às vezes só não se zangavam tanto*”; Ent.C3 “*Era sempre a ralar e gritavam alto*”; Ent.C4 “*Falavam, depois discutiam e o pai às vezes acabava por bater*”; Ent.C5 “*Estavam sempre assim mais ou menos*”; Ent.C9 “*Era só um bocadinho bem*”; Ent.C10 “*Eles às vezes falavam, outras começavam logo a discutir.*”.

##### Ausência de comunicação e suporte

Ent.C1 “*Ninguém falava comigo*”; Ent.C3 “*Só falava que não era nada, que estava cansada e assim*”; Ent.C4 “*Ela só ficava triste, não falava nada*”; Ent.C5 “*Não falavam*”; Ent.C6 “*Eles nunca diziam o que acontecia. A minha mãe dizia sempre: não foi nada, não foi nada*”; Ent.C7 “*Não me lembro de falarem comigo*”; Ent.C9 “*Não me lembro*”; Ent.C10 “*Não. A mãe só tentava acalmar-nos, dizia: está tudo bem*”.

---

## Categorias principais

---

| Categorias – memorandos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Transcrições                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Tempo de exposição (Cont.)</b></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p><b>Antagonismo persistente</b><br/> Ent.C1 “Estavam quase sempre zangados, às vezes só não se zangavam tanto”; Ent.C3 “Era sempre a ralar e gritavam muito alto”; Ent.C4 “Falavam, depois discutiam e o pai às vezes acabava por bater”; Ent.C5 “Estavam sempre assim mais ou menos”; Ent.C9 “Era só um bocadinho bem”; Ent.C10 “Eles às vezes falavam e outras começavam logo a discutir”.</p> <p><b>Ausência de comunicação e suporte</b><br/> Ent.C1 “Ninguém falava comigo”; Ent.C3 “Só falava que não era nada, que estava cansada e assim”; Ent.C4 “Ela só ficava triste, não falava nada”; Ent.C5 “ Não falavam”; Ent.C6 “Eles nunca diziam o que acontecia. A minha mãe dizia sempre: não foi nada, não foi nada”; Ent.C7 “Não me lembro de falarem comigo”; Ent.C9 “Não me lembro”; Ent.C10 “Não. A mãe só tentava acalmar-nos, dizia: está tudo bem”.</p>                                                                                                |
| <p><b>Fragilidade materna</b><br/> A mãe é sempre descrita, nos episódios violentos, como uma figura frágil, em sofrimento, sem força para se defender ou conter o comportamento violento do pai. A imagem de uma mãe indefesa e vulnerável que necessita de apoio e protecção pode conduzir a criança a transformar-se na “mãe” da sua mãe, assumindo a tarefa de proteger o adulto que deveria protegê-la.</p> | <p><b>Fragilidade materna</b><br/> <b>Em sofrimento</b><br/> Ent.C1 “Ela chorava, ficava muito triste”; Ent.C2 “Ficava com medo dele ” Ent.C3 “Dava estalos, batia e a mãe chorava ”; Ent.C4 “Ela ficava muito triste e com medo”; Ent.C5 “Ela ficava sempre a chorar”; Ent.C7 “Ela chorava. Não me lembro de mais”; Ent.C9 “A mãe ficava muito, muito triste”; Ent.C10 “Ficava com medo dele, gritava e chorava de medo”.</p> <p><b>Incapaz de conter a violência</b><br/> Ent.C1 “Ela gritava para parar e ele não parava”; Ent.C2 “Ela gritava, às vezes fugia”; Ent.C3 “ Às vezes conseguia fugir e saía do prédio e depois chamava os vizinhos ”; Ent.C4 “Gritava, mais nada”; Ent.C5 “Dependia...se fosse com mais força já não se defendia”; Ent.C6 “Nunca a vi fazer nada...”; Ent.C9 “Só lhe gritava e ficava triste”; Ent.C10 “ Não fazia nada, às vezes vinha para o nosso quarto, meu e da minha irmã, trancámo-nos e fechámos a janela com estore ”.</p> |
| <p><b>Comportamento diferenciado</b><br/> A maioria das crianças estabeleceu distinção entre as medidas punitivas exercidas pelo pai para corrigir o seu comportamento e as agressões físicas e psicológicas que dirigia à sua mãe.<br/> A punição física não foi identificada por estas crianças como forma de maus-tratos. A mãe aparece como único alvo do comportamento violento do pai.</p>                 | <p><b>Comportamento diferenciado</b><br/> Ent.C1 “ Nunca bateu, só ralhava às vezes”; Ent.C2 “O pai a mim não, a mãe andava sempre a bater com a colher de pau”; Ent.C4 “Só ficava a mal quando fazia asneiras”; Ent.C6 “ Comigo não era assim, zangava-se, mas não era tanto ”; Ent.C7 “Não. Só ralhava quando ficava zangado comigo”; Ent.C9 “Só se zangava quando fazia asneiras, mas eu não fazia assim tantas”; Ent.C10 “ A nós não, era só com a minha mãe”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

---

---

## Categorias principais

---

### Categorias - memorandos

#### Impotência

Algumas crianças tentaram proteger a mãe, intervindo nos conflitos para impedir as agressões que lhe eram dirigidas, enquanto outras prestaram apoio emocional após os episódios violentos para minimizar o seu sofrimento. Desta inversão de papéis, que as confrontou com a sua incapacidade para alterar a realidade, resultaram sentimentos de desânimo e impotência.

#### Decepção

O pai real não corresponde à imagem do pai idealizado que estas crianças precisam de manter. O confronto com o comportamento violento do pai frustra constantemente o desejo de ter “um pai igual aos outros”, cuidador e protector, provocando sentimentos de incompreensão, tristeza e decepção.

#### Hipervigilância

A imprevisibilidade do comportamento do pai e a consciência de que a mãe pode ser agredida na sua ausência fez com que estas crianças vivessem em estado de alerta e preocupação permanente.

#### Alternância de sentimentos

As crianças não só interagem de acordo com o comportamento de um pai contraditório e inconsistente como reagem às mudanças e alternam os seus sentimentos. Sentem afecto pelo pai nos momentos em que lhes dedica tempo de qualidade e exclusividade, e medo, zanga e/ou raiva quando o seu comportamento violento se manifesta.

### Transcrições

#### Impotência

Ent.C1 “*Eu ia ajudar a minha mãe, mas ele continuava*”; Ent.C4 “*Tentava (chamar a policia), mas não sabia onde estava o telefone*”; Ent.C5 “*Às vezes apanhava flores para a minha mãe, só que nunca correu bem. Morrem.*”; Ent.C6 “*Às vezes parecia que conseguimos acalmá-los, por vezes paravam, outras vezes continuavam*”; Ent.C8 “*Não. Ele não me ligava*”; Ent.C10 “*E eu só podia ajudar a minha mãe, mais nada. Um dia para a animar, tinha feito uma passadeira com papel... Mas não resultou lá muito*”.

#### Decepção

Ent.C1 “*Ficava triste, às vezes dizia: Pai do meu coração, porque não és um pai igual aos outros?*”; Ent.C4 “*Ficava triste por ser assim*”; Ent.C5 “*Quando ele batia à minha mãe não sei... ficava triste com ele, era como se eu estivesse a sentir nem sei bem explicar*”; Ent.C6 “*Ficava muito triste com ele*”.

#### Hipervigilância

Ent.C1 “*Ele chegava bêbedo e podia bater*”; Ent.C2 “*Que era melhor ficar lá, para estar lá quando acontecia*”; Ent.C4 “*Andava sempre a pensar nisso*”; Ent.C5 “*Só ficava bem se estivesse preso mesmo na prisão.*”; Ent.C6 “*Nunca sabíamos como ia correr*”; Ent.C10 “*Nunca estávamos bem. As coisas piores fazia quando estávamos na escola ou nos meus avós*”.

#### Alternância de sentimentos

##### Afecto

Ent.C1 “*Gostava dele, gostava muito quando brincávamos*”; Ent.C2 “*Era bom, eu gostava. Dava-me prendas...a mim e à mana*”; Ent.C3 “*Quando estava simpático gostava muito dele*”; Ent.C4 “*Dava bem, gostava quando brincávamos, passávamos e assim...*”; Ent.C6 “*Eu gostava muito dele...*”; Ent.C7 “*Gostava, ele queria sempre brincar*”; Ent.C9 “*Gostava, gosto muito dele*”.

##### Medo

Ent.C3 “*Ficava com medo dele*”; Ent.C7 “*Tinha muito medo*”.

##### Zanga

Ent.C6 “*Ficava muito zangada com ele*”; Ent.C8 “*Ficava zangado*”.

##### Raiva/Revolta

Ent.C5 “*Às vezes dizia, baixinho, dizia: só queria era prender o meu pai. Era a primeira coisa que eu gostava de fazer...Gostava de ver uma cobra aqui (no microscópio com que brincava) cortava a cobra e espetava a cobra... Posso fazer maldades às cobras porque elas é que são más*”; Ent.C10 “*Ficava com raiva dele. Nunca lhe vou perdoar o que ele lhe fazia, há tantas coisas más que não são boas...*”.

---

## Categorias principais

---

### Categorias - memorandos

#### Tempo de acolhimento

Todas as crianças em acolhimento foram confrontadas com uma separação dos pais com contornos muito diferentes dos que geralmente ocorrem numa separação “normal”. A separação implicou uma saída de casa de forma abrupta, muitas vezes em circunstâncias dramáticas, a necessidade de acolhimento em casa abrigo e a cessação ou precariedade de contactos com a figura paterna.

As crianças parecem reagir a esta experiência de múltiplas rupturas com grande ambivalência. Se por um lado manifestam sofrimento pelas perdas e pela alteração das suas condições de vida, por outro revelam sentimentos de alívio pela cessação das agressões e da sua exposição à violência.

No entanto, nem o afastamento do pai nem a situação de acolhimento parecem conseguir atenuar sentimentos de medo e insegurança. O corte relacional com a figura paterna e necessidade de residir em casa abrigo, pelo contrário, parecem colocar em evidência a perigosidade do pai e a possibilidade de voltarem a ser confrontadas com o seu comportamento violento.

#### Descrença na mudança

As crianças mostraram dificuldade em conceber uma mudança de comportamento do pai. Duas crianças manifestaram a sua descrença sem apresentar qualquer tipo de justificação, enquanto outras fundamentaram a sua convicção dando como exemplo situações passadas que colocaram em evidência o carácter manipulador e dissimulado do pai.

### Transcrições

#### Tempo de acolhimento

##### Saída abrupta

Ent.C1 “*Só percebi quando saí. Foi assim...*”; Ent.C2 “*Discutiram. Ela não disse nada, depois só viemos para aqui...*”; Ent.C3 “*Estava na cama a ver televisão e aconteceu isso, não vi que não estava na sala, ouvi. Saí da cama e fui ter com eles e a mãe pegou-me nos braços e foi embora*”; Ent.C4 “*Não sabia de nada, a mãe só disse na altura que íamos sair*”; Ent.C5 “*Um dia bateu na minha mãe, e ela disse que íamos fugir e fugimos. Por vezes a minha mãe dizia que vínhamos e não vínhamos e pensei que estava a fingir. Ela dizia que íamos embora, só para eu ir para casa quando estava a brincar, só que depois ir para casa, ficávamos...E eu caía na patetice de acreditar*”.

##### Perdas afectivas

Ent.C1 “*Tenho saudades da escola antiga, de brincar, jogar à bola*”; Ent.C2 “*Gostava mais lá de casa*”; Ent.C3 “*Gostava de ter as minhas coisas, jogar Playstation e assim*”; Ent.C4 “*Sinto saudades dos meus colegas*”.

##### Cessação ou precariedade de contactos

Ent.C1 “*Só falei algumas vezes*”; Ent.C3 “*Não falo muito*”; Ent.C4 “*Não falo como ele*”; Ent.C5 “*Nunca falámos*”.

##### Alívio pela cessação da violência

Ent.C1 “*Que era bom, já não ia fazer mal à mãe*”; Ent.C3 “*Senti bem, ele em casa só ralhava, dava estalos, batia à mãe*”; Ent.C4 “*Foi bom. Já não vou ver coisas ruins*”; Ent.C5 “*Gostei muito de sair dali, já não há o pai a bater*”.

##### Insegurança

Ent.C1 “*Ele pode vir fazer-me mal, a mim e à minha mãe. Não sei bem, mas pode fazer...*”; Ent.C3 “*Às vezes tenho um bocadinho de medo*”; Ent.C4 “*Estamos aqui. Não sei bem como vai ser*”; Ent.C5 “*Tenho medo, ele é mesmo um bruto. Se soubesses o que ele fazia (...) é só bater, bater, já sabes.*”.

##### Descrença na mudança

Ent.C1 “*Não sei se vai. Ele andava sempre a dizer que não e depois fazia outra vez*”; Ent.C3 “*Ele ao telefone está-se a fazer meiguinho e depois se íamos... Eu sei, agora está-se a fazer de meiguinho só por nós sairmos de casa*”; Ent.C4 “*Ia ser assim, tudo igual*”; Ent.C5 “*Ele é assim. Ele só ficou menos bruto, quando pensou que íamos sair. Ele sabia pelas amigas da minha mãe, ela tinha umas conversas com as amigas e dizia às amigas para lhe dizerem. Elas diziam ao meu pai que a minha mãe se ia embora. Só por isso, ficou menos bruto*”.

---

## Categorias principais

---

### Categorias – memorandos

#### Partilha de vivências

Apesar dos antagonismos e tensões gerados pela convivência forçada com outros residentes, existe algo que une todas estas crianças e que permite um processo de partilha e interação – a experiência de vitimação.

A partilha de vivências e experiências permitiu-lhes compreender que não foram as únicas a experienciar a situação de violência interpaparental. Esta partilha pode constituir um importante contributo para afastar sentimentos de vergonha e culpa e reforçar a sua auto-estima. No entanto, se esta troca de informação não for devidamente acompanhada e supervisionada, pode conduzir a uma focalização na problemática da violência e na faceta do pai agressor, reactivar conflitos não resolvidos e dificultar o restabelecimento do seu equilíbrio emocional.

#### Ler sinais

Conciliar o estado de fragilidade emocional resultante das experiências traumáticas em que as mulheres se encontram quando optam pela entrada nestas instituições com a necessidade de adaptação a um novo ambiente pode ser uma tarefa difícil. Nem sempre uma mãe nestas circunstâncias se encontra emocionalmente disponível para responder às necessidades psicológicas dos filhos e manter uma atitude lúdica e de comunicação com eles. Além disso, a maioria destas mulheres, apesar de se encontrarem num ambiente de maior tranquilidade e segurança, continuam a ter medo de vir a sofrer represálias por parte do ex-parceiro agressor.

Estes sinais de perturbação não passam despercebidos às crianças e foram interpretados de acordo com os seus próprios medos e inseguranças.

#### Sentimentos conflituantes

As crianças deixaram transparecer nas suas narrativas sentimentos ambivalentes. Manifestam, em diferentes momentos, desejo de proximidade e desejo de afastamento.

### Transcrições

#### Partilha de vivências

Ent.C1 “*Sei que estão aqui pelo mesmo, os pais só tratavam mal as mães*”; Ent.C3 “*Os outros também dizem: Não gosto do meu pai, ele era mau para a minha mãe!*”; Ent.C4 “*Eu só fico a ouvir o que dizem, não me apetece falar dele*”; Ent.C5 “*É igual, os pais dos outros também faziam isto ou aquilo à mãe...*”.

#### Ler sinais

Ent.C1 “*Algumas vezes não está bem*”; Ent.C3 “*A mãe fica pior. Ele telefona de propósito e diz para ir para casa. Está-me sempre a dizer...*”; Ent.C4 “*Fica calada. Por vezes fica melhor*”; Ent.C5 “*Ele anda a mandar mensagens à gente, anda à procura da gente. A minha mãe lê as mensagens e fica com medo. Ela diz: Olha, queres uma aposta que é o pai? E ela vai lá ver, e acerta sempre, é sempre o pai...*”.

#### Sentimentos conflituantes

Ent.C1 “*Estou bem assim, longe dele (...)* Eu gostava”; Ent.C2 “*Não quero... (...)* “Ele diz: Olha diz aos doutores para voltares e eu gostava de voltar com a mana”; Ent.C3 “*Não falo muito com ele, não gosto. Ele só ralhava, ralhava (...)* Ele gosta de mim e eu gosto dele às vezes. Se pudesse gostava de jogar Playstation com ele...Gostava um bocadinho”; Ent.C4 “*Não falo com ele porque não quero saber. Não gosto de nada nele (...)* Gostava de o voltar a ver...se o visse dizia se podíamos brincar e mais nada... Mais nada”.

---

## Categorias principais

| Categorias – memorandos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Transcrições                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Novo projecto de vida</b></p> <p>As crianças em pós-acolhimento encontram-se mais distanciadas do tempo de exposição à violência e da fase crítica de separação. Após um período de residência em casa abrigo, que permitiu a reorganização psicológica e social das suas mães, encontram-se a viver com elas, em casa própria ou partilhada com outra família.</p> <p>O comportamento violento do pai, a natureza e a severidade da violência foram considerados no processo de regulação do exercício das responsabilidades parentais. Assim, determinou-se que estas crianças ficariam confiadas à guarda exclusiva das mães, detendo o pai apenas o direito de visitas. Inicialmente, os contactos com o pai foram restabelecidos em regime de visitas supervisionadas ou de troca supervisionada.</p> <p>As crianças manifestaram satisfação pelas novas condições de vida e pelo restabelecimento da relação com o pai, reconhecendo ter sentido a sua falta durante a fase de acolhimento.</p> | <p><b>Novo projecto de vida</b></p> <p><b>Recordar a separação</b></p> <p>Ent.C6 “<i>A minha mãe disse que íamos ao médico e depois ela pediu ajuda a um senhor que não conheço. Acho que era da escola dela, o senhor já tinha as malas e eu perguntei onde íamos, já que temos muitas malas. Quando chegámos aqui, ela contou-nos tudo no quarto. E depois o meu pai perguntou onde estávamos e a mãe disse que estávamos num sítio e o pai perguntou onde, mas não podíamos dizer...</i>”; Ent.C7 “<i>Não me lembro bem</i>”; Ent.C9 “<i>Vim para aqui com a mãe</i>”; Ent.C10 “<i>Foi nesse dia, a minha mãe chamou a polícia, ele estava a ameaça-la de morte. Foi lá o chefe da PSP e levou alguns agentes, estavam cá fora uns e alguns lá dentro. Agarram-no, e nós fomos no carro da PSP para a esquadra, e a minha mãe foi com dois polícias ao médico para fazer baixa, e pronto...</i>”.</p> <p><b>Viver só com a mãe</b></p> <p>Ent.C6 “<i>Gosto muito. Estou numa casa nova com a minha mãe e o meu irmão</i>”; Ent.C7 “<i>É bom, somos nós as três, eu, a minha irmã e a mãe, estamos mais sossegadas</i>”; Ent.C8 “<i>Estou só com a mãe</i>”; Ent.C9 “<i>Gosto, gosto muito de viver com eles</i>”; Ent.C10 “<i>Gosto mais assim, estou com a minha mãe e com a minha irmã e com outros amigos</i>”.</p> <p><b>Corte relacional prolongado</b></p> <p>Ent.C6 “<i>Durante algum tempo nem falava, mas depois as doutoras deram ordem para falar...</i>”; Ent.C7 “<i>Só falávamos poucas vezes</i>” Ent.C8 “<i>Não falava com ele</i>”; Ent.C9 “<i>Falava com o pai só às vezes</i>”; Ent.C10 “<i>Ficámos muito tempo sem falar e sem o ver. Só falamos em Julho, pois estivemos cá um ano</i>”.</p> <p><b>Regularização dos contactos</b></p> <p>Ent.C6 “<i>Primeiro foi com uma senhora, depois fui lá a casa e fiquei lá duas semanas</i>”; Ent.C7 “<i>Agora vou lá às vezes e nas férias do Verão</i>”; Ent.C8 “<i>Estive nas férias da Páscoa e outras vezes</i>”; Ent.C9 “<i>Antes só ia os meus avós. Primeiro, quando fui para a sede a brincar com o meu pai, depois eu fui lá para casa</i>”; Ent.C10 “<i>Vejo-o de 15 em 15 dias</i>”.</p> <p><b>Sentir falta do pai</b></p> <p>Ent.C6 “<i>Fiquei contente, estava um bocadinho triste de estar afastada do pai, uma vez até lhe mandei uma carta</i>”; Ent.C7 “<i>Tive saudades dele. Só falava, já não o via há muito tempo</i>”; Ent.C9 “<i>A primeira vez que eu fui lá a casa gostei muito</i>”; Ent.C10 “<i>Gostei de o voltar a ver</i>”.</p> |
| <p><b>Estar só com o pai</b></p> <p>Algumas crianças referiram a indisponibilidade do pai para investir na relação, enquanto outras reconheceram a sua capacidade para dar atenção e atender às suas necessidades.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <p><b>Estar só com o pai</b></p> <p><b>Indisponibilidade</b></p> <p>Ent.C7 “<i>Estou pouco tempo com ele, ele não quer, eu fico na casa da avó</i>”; Ent.C8 “<i>Só brincamos às vezes e mais nada</i>”; Ent.C10 “<i>Não sei bem, ele quase nunca está. Raramente passo com ele, é mais com os avós. Passo mais o tempo com os meus amigos a andar de bicicleta</i>”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

---

## Categorias principais

---

### Categorias – memorandos

### Transcrições

---

#### Estar só com o pai (Cont.)

##### Rejeição

Algumas crianças fizeram uma avaliação negativa da relação actual com o pai e projectaram-na no futuro, negando a possibilidade de mudança. Esta convicção inabalável que mostraram necessidade de revelar parece corresponder a uma estratégia defensiva que lhes permite evitar o contacto com sentimentos de rejeição e abandono que a indisponibilidade do pai provocou. As crianças rejeitam para não se sentirem ou vir a sentir rejeitadas.

##### Desejo de maior proximidade

Algumas crianças mantêm expectativas positivas, mostrando vontade de estar com o pai e de prolongar o tempo de visitas. Uma destas crianças, apesar do passado de exposição à violência interparental, expressou o desejo de reconciliação dos pais e de retomar a vida em comum.

#### Estar só com o pai

##### Investimento

Ent.C6 “*Fomos ao MacDonalds, fomos ao parque, fomos à piscina. Vínhamos muito tarde e depois eu brincava com os meus amigos*”; Ent.C9 “*Eu costumo brincar no computador e fomos ver o espectáculo dos golfinhos*”.

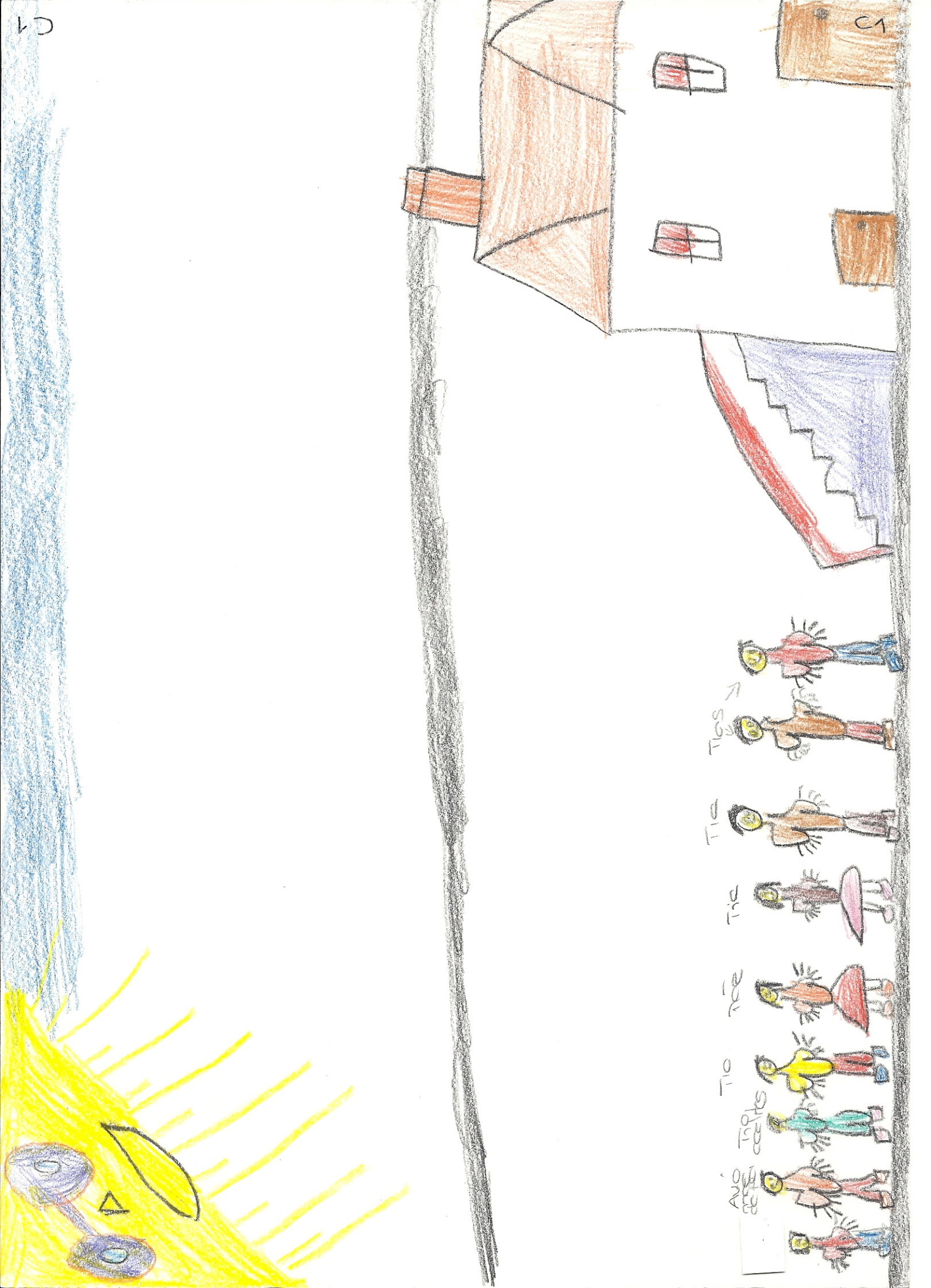
##### Rejeição

Ent.C7 “*Gosto mais ou menos, mais para menos. Sei que não queria viver com ele, se tivesse que ser ou ficava na casa dos meus avós quando eles falecerem ou em casa da minha tia, com ele não*”; Ent.C10 “*... acho que ele está melhor, mas mesmo assim....Mesmo quando tiver 18 anos, e se tiver de dispor, eu quero ficar com a minha mãe e não mudo a minha opinião*”.

##### Desejo de maior proximidade

Ent.C6 “*Gostava de ficarmos juntos. Gostava que a mãe e o pai se juntassem e pediam desculpa e pronto*”; Ent.C9 “*Gostava de ir lá mais vezes*”.

**ANEXO B – DESENHO DA FAMÍLIA IMAGINADA/DESENHO DA  
FAMÍLIA REAL**



C1

TIGS

TIG

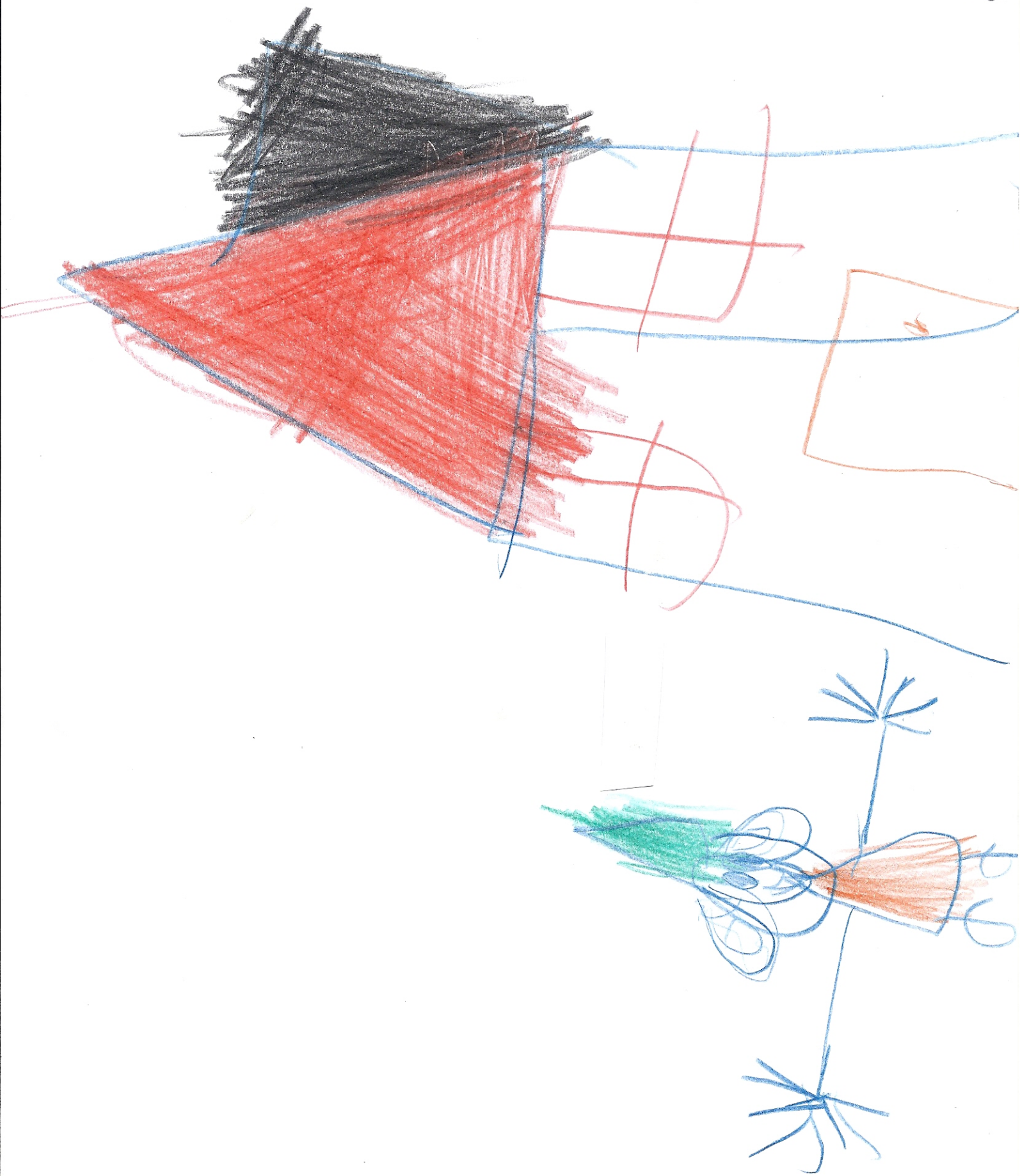
TIG

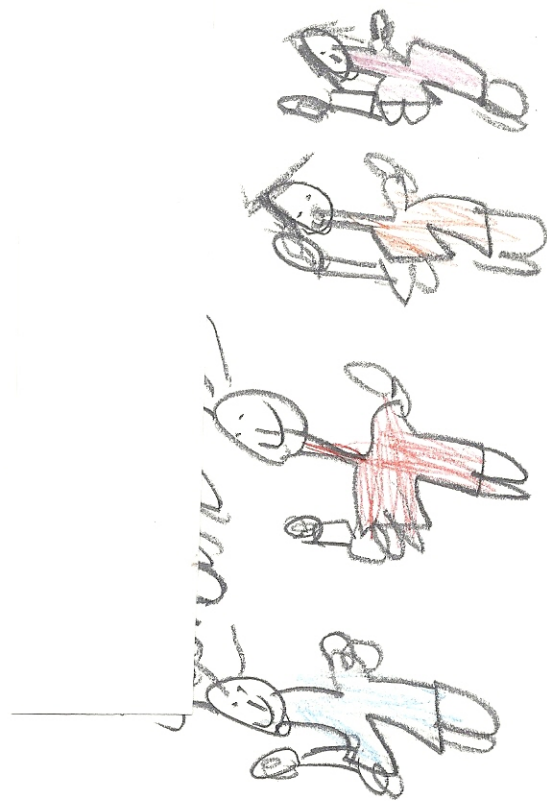
TIG

TIG

TIGS

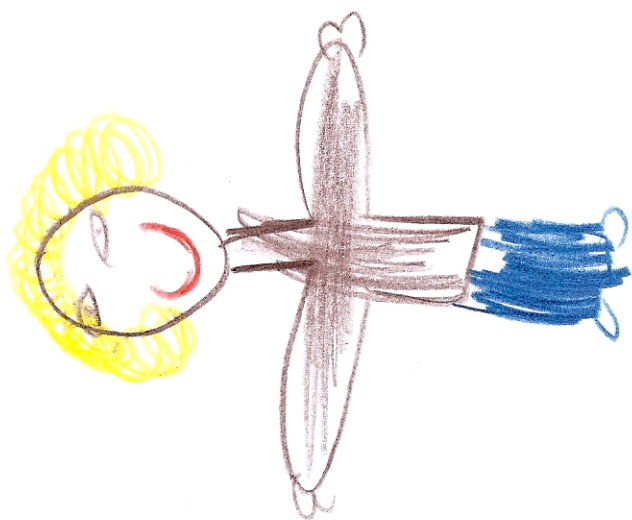
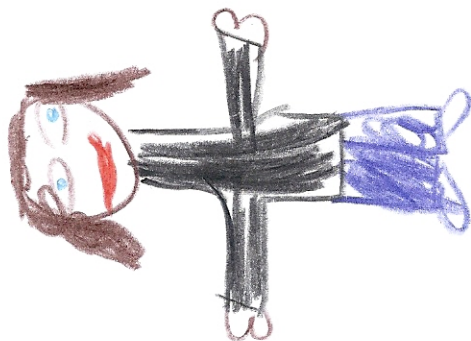
AND  
OTHER  
C1



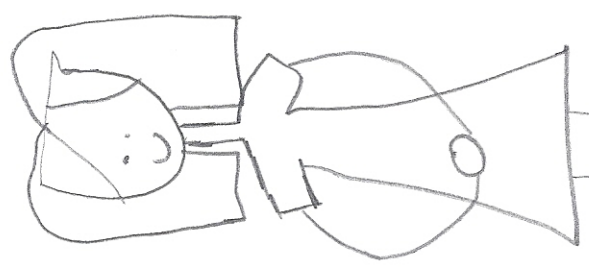




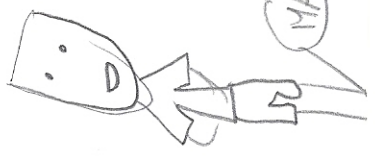




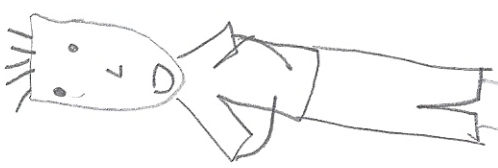
MAMA



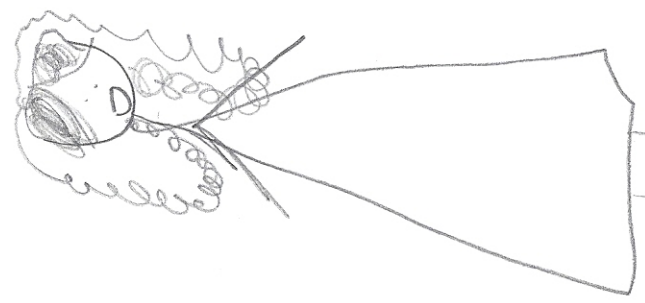
MAMA

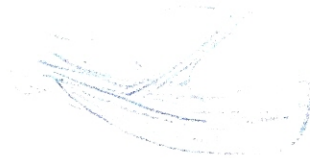


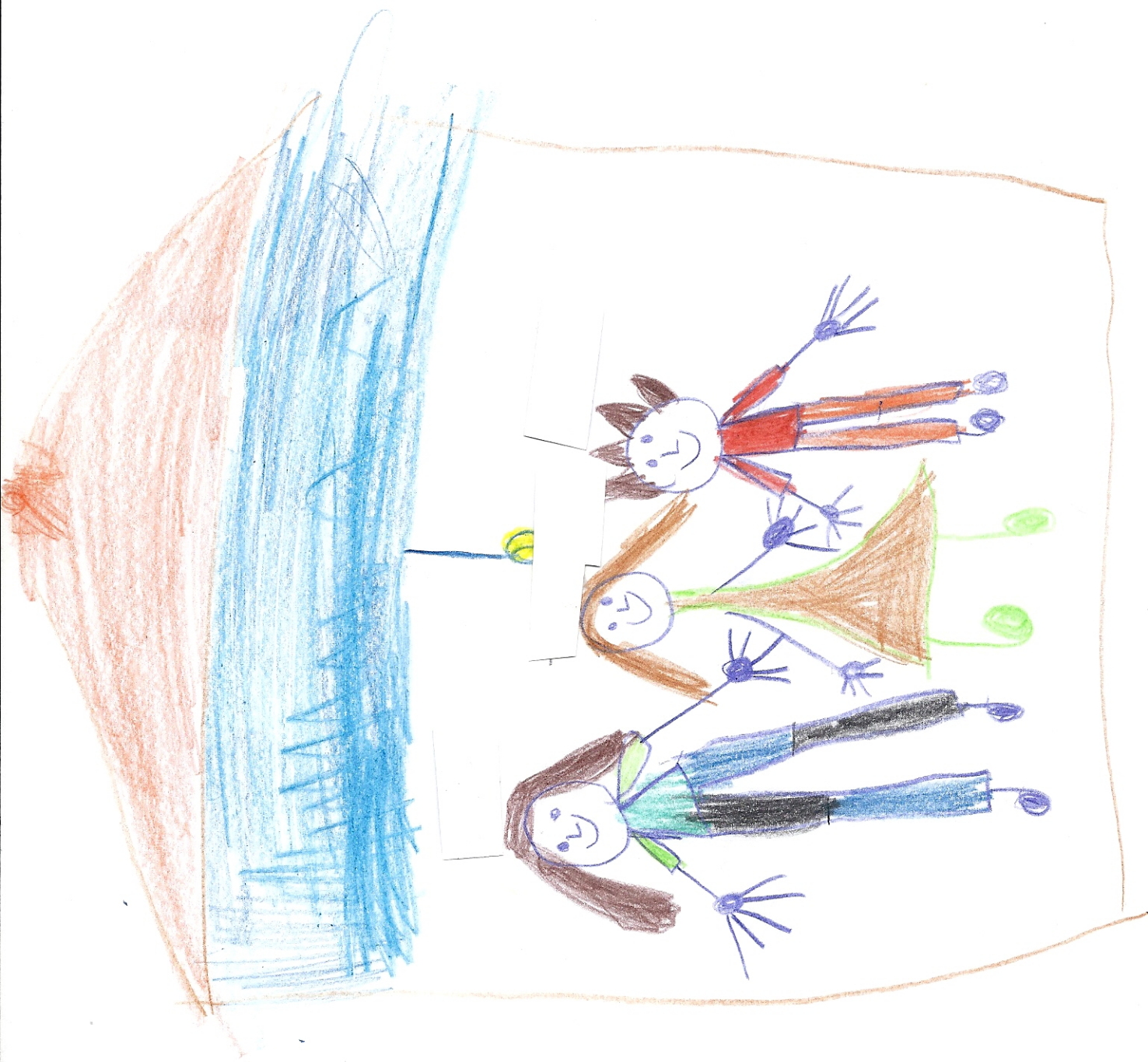
PAI



MÃE









## **Estruturas formais - Desenho da Família Imaginada**

### **Categorias/Critérios de análise**

No sentido de descrever as estruturas formais presentes nos desenhos da família imaginada, recorreremos a uma observação das seguintes categorias:

#### **Categoria – Elementos no desenho (Elementos representados/número de elementos desenhados)**

##### **Subcategoria – Elementos no desenho/Pais**

Presença de ambos os pais

Ausência do pai

Ausência de ambos os pais

##### **Subcategoria – Elementos no desenho/Filhos**

Presença de um filho

Presença de dois filhos

Ausência de filhos

Uma única figura desenhada

##### **Subcategoria – Elementos no desenho/Outros elementos**

Presença de outros elementos

Ausência de outros elementos

Presença de um animal selvagem

#### **Categoria – Ordem dos elementos**

Circular

Por ordem

Uma única figura desenhada

Ausência de figuras humanas

##### **Subcategoria – Circular**

Mãe/Pai com um filho de cada lado (Família monoparental)

Filhos separados/Entre os pais

Filhos unidos ao lado dos pais

##### **Subcategoria – Por ordem**

Pai 1º à esquerda

Mãe 1ª à esquerda

Filho 1º à esquerda

Outro elemento 1º à esquerda

### **Categoria – Proporções**

Mãe maior que o pai e filhos mais pequenos  
Mãe maior e filhos mais pequenos (Família monoparental/Pai ausente)  
Mãe igual ao pai e filhos mais pequenos  
Mãe igual ao pai e aos filhos  
Filho maior que a mãe (Família monoparental/Pai ausente)  
Filho maior que os pais  
Pai maior que a mãe e filhos mais pequenos  
Por ordem decrescente (Grupo de crianças)  
Uma única figura desenhada (Não é possível estabelecer comparação)  
Ausência de figuras humanas

### **Categoria – União (Distância/Proximidade entre os membros da família)**

Todos unidos  
Pais unidos e filhos separados  
Filhos unidos e pais separados  
Todos separados (Todos os elementos se encontram separados entre si)  
Um elemento isolado, três elementos unidos e dois separados  
Um elemento isolado e os restantes unidos  
Uma única figura desenhada  
Ausência de figuras humanas

### **Categoria – Diferenciação de gerações**

Diferenciação (Existem elementos no desenho que permitem identificar e distinguir as diferentes gerações )  
Indiferenciação (Não existem elementos no desenho que permitam estabelecer diferenças de gerações)  
Uma única geração (Não é possível estabelecer comparação)  
Ausência de figuras humanas

### **Categoria – Diferenciação de sexos**

Diferenciação  
Indiferenciação (Não existem pormenores no desenho que permitam a diferenciação)  
Ausência de figuras humanas

### **Categoria – Ambiente**

Sem ambiente (desenha exclusivamente os elementos da família)  
Com ambiente (Acrescenta outros pormenores para além da família representada)  
Só ambiente

**Subcategoria – Tipo de ambiente**

Dentro de casa (Interior de uma casa)

No exterior (Espaço fora de casa)

## Desenho da família imaginária

|                                  | Análise das estruturas formais                                                |                                                                                          |                                                                               |                                                                                       |                                                                                    |                                                                                    |                                                                                    |                                                                                       |                                                                                  |                                                                                 |
|----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
|                                  | C1                                                                            | C2                                                                                       | C3                                                                            | C4                                                                                    | C5                                                                                 | C6                                                                                 | C7                                                                                 | C8                                                                                    | C9                                                                               | C10                                                                             |
| <b>Elementos no desenho</b>      | - Ausência do pai<br>- Presença de um filho<br>- Presença de outros elementos | - Ausência de ambos os pais<br>- Presença de um filho*<br>- Ausência de outros elementos | - Ausência do pai<br>- Presença de um filho<br>- Presença de outros elementos | - Ausência de ambos os pais<br>- Ausência de filhos<br>- Presença de outros elementos | - Presença dos pais<br>- Presença de dois filhos<br>- Presença de outros elementos | - Presença dos pais<br>- Presença de dois filhos<br>- Ausência de outros elementos | - Presença dos pais<br>- Presença de dois filhos<br>- Ausência de outros elementos | - Ausência de ambos os pais<br>- Ausência de filhos<br>- Ausência de outros elementos | - Ausência do pai<br>- Presença de dois filhos<br>- Ausência de outros elementos | - Presença dos pais<br>- Presença de um filho<br>- Ausência de outros elementos |
| <b>Ordem dos elementos</b>       | - Por ordem<br>- Filho 1º à esquerda                                          | - Uma única figura desenhada (Filho)                                                     | - Por ordem<br>- Filho 1º à esquerda                                          | - Por ordem<br>- Outro elemento 1º à esquerda (Uma criança)                           | - Por ordem<br>- Pai 1º à esquerda                                                 | - Por ordem<br>- Mãe 1ª à esquerda                                                 | - Por ordem<br>- Mãe 1ª à esquerda                                                 | - Ausência de figuras humanas                                                         | - Por ordem<br>- Mãe 1ª à esquerda                                               | - Por ordem<br>- Filho 1º à esquerda                                            |
| <b>Proporções</b>                | - Mãe maior, filhos mais pequeno                                              | - Uma única figura desenhada                                                             | - Filho maior que a mãe                                                       | - Ordem decrescente                                                                   | - Filho maior que os pais                                                          | - Pai maior que a mãe e filhos mais pequenos                                       | - Pai maior que a mãe e filhos mais pequenos                                       | -- Ausência de figuras humanas                                                        | - Mãe maior, filhos mais pequenos                                                | - Mãe igual ao pai e aos filhos                                                 |
| <b>União</b>                     | - Todos separados                                                             | - Uma única figura desenhada                                                             | - Todos separados                                                             | - Um elemento isolado e os restantes unidos                                           | - Um elemento isolado, três elementos unidos e dois separados                      | - Todos separados                                                                  | - Todos separados                                                                  | - Ausência de figuras humanas                                                         | - Todos unidos                                                                   | - Todos separados                                                               |
| <b>Diferenciação de gerações</b> | - Diferenciação                                                               | - Uma única geração                                                                      | - Indiferenciação                                                             | - Uma única geração                                                                   | - Indiferenciação                                                                  | - Indiferenciação                                                                  | - Diferenciação                                                                    | - Ausência de figuras humanas                                                         | - Diferenciação                                                                  | - Diferenciação                                                                 |
| <b>Diferenciação de sexos</b>    | - Diferenciação                                                               | - Diferenciação                                                                          | - Diferenciação                                                               | - Indiferenciação                                                                     | - Indiferenciação                                                                  | - Diferenciação                                                                    | - Diferenciação                                                                    | - Ausência de figuras humanas                                                         | - Diferenciação                                                                  | - Diferenciação                                                                 |
| <b>Ambiente</b>                  | - Com ambiente<br>- No exterior                                               | - Com ambiente<br>- No exterior                                                          | - Sem ambiente                                                                | - Sem ambiente                                                                        | - Com ambiente<br>- No exterior                                                    | - Sem ambiente                                                                     | - Sem ambiente                                                                     | - Só ambiente<br>- No exterior                                                        | - Com ambiente<br>- Dentro de casa                                               | - Com ambiente<br>- No exterior                                                 |
| <b>Particularidades</b>          | _____                                                                         | _____                                                                                    | _____                                                                         | _____                                                                                 | _____                                                                              | _____                                                                              | _____                                                                              | _____                                                                                 | _____                                                                            | _____                                                                           |

\*Apenas identificado na narrativa

### **Questionário – Desenhos da Família Imaginada e Família Real**

1. Quem são as pessoas que desenhaste? Que idades têm? O que estão a fazer?
2. Quem é o mais simpático desta família? Porquê?
3. Quem é o mais antipático/o pior desta família? Porquê?
4. Quem é o mais feliz desta família? Porquê?
5. De quem é que gostas mais nesta família? Porquê?
6. Se pudesses ser alguém desta família quem gostarias de ser?\*

\*Questão colocada apenas no desenho da Família imaginada

## Respostas – Questionário/Desenho da Família Imaginada

---

### 1. Quem são as pessoas que desenhaste? Que idades têm? O que estão a fazer?

---

- C1** *“São os tios, a mãe, os outros tios, a avó e o filho”; “A avó é a mais velhinha, depois os tios, a mãe e o filho é o mais novo”; “Esta é a casa de um tio. Não sei muito bem o que as pessoas estão a fazer, pode ser a cantar musica”.*
- C2** *“Fora de casa está uma mana a brincar. Dentro de casa está o pai, a mãe, o tio, a tia, os primos e o filho a comer ovos de chocolate”; “O pai, a mãe e os tios são mais velhos, os primos e o filho já são os mais crescidos e a mana é a mais pequena”.*
- C3** *“É um amigo, um filho, a mãe do amigo e a mãe do filho”; “O primeiro filho tem 9 anos, o outro tem 6 e as mães, não sei, mas são mais crescidas”; “Estão a trabalhar, estão a cantar no Karaoke”.*
- C4** *“O Tiago e o Enzo são colegas da minha antiga escola, a Conceição é a minha irmã e a Marta a irmã do Júlio. Estão em casa da Conceição e estão todos a olhar para a Marta”; “O Tiago e o Enzo são os meus melhores amigos da outra escola, gostam os dois de jogar futebol. A Conceição tem 4 anos dou-me bem com ela, mas preferia que fosse um irmão, às vezes é chata e quer sempre as minhas coisas e a Marta é a mais pequena”.*
- C5** *“Aqui está a família, o pai... a mãe, o mais velho, o pai, o avó e uma avó. Eles estão a fazer uma festa – estão-me a ouvir aí em casa -, estão...Estão a fazer um jogo até à casa, um jogo que tem de estar agarrado assim, e a dizer tatatatyetttaaaye. Aqui é a casa e aqui é a casa do avó, onde está lá o irmão bebé de 4 anos. Os outros estão a jogar às escondidas e o bebé, está à procura deles. As casas estão a deitar fumo por causa que estão a fazer comida. Aqui é os foguetes..., tem um pó que amanda assim, e é um dia de Verão (vai buscar purpurina ao armário e deita em cima do desenho). As pessoas estão contentes (e você está aí em casa também tão contentes? peguem na caneta e comecem a escrever (imitando o sotaque brasileiro), liguem para o nosso número. Isto aqui é uma escada (1ª escada) para a casa e aqui tem umas escadas (2ª escada) para ir para a outra casa”; “Os avós são os mais velhos que os pais e depois é o irmão mais velho e o bebé. O irmão mais velho pode ter 9 anos”.*
- C6** *“Esta família está feliz, estão a passear nos campos. Gostam muito de passear, de fazer piqueniques, brincar e por vezes jogar às escondidas”; “A mãe e o pai são mais velhos, o irmão é mais crescido do que a irmã”.*
- C7** *“As pessoas estão dentro de casa, a irmã está a brincar ao berlinde com o irmão e os pais estão a ver”; “Não sei a idade da irmã, sei que é a mais velha, o irmão é muito mais pequenino e a mãe e o pai são pessoas crescidas”; “Os pais gostam mais dos dois filhos, estão mais com o filho porque é mais pequenino”.*
- C8** *“É um foguetão que está a receber queixas do menino”; “O menino é pequeno”.*
- C9** *“A Sofia é a mãe, a Fernanda é a filha e o Jaime o irmão”; “Não sei quantos anos tem a Sofia, a Fernanda é mais velha e o Jaime mais pequeno”; “Estão em casa e estão contentes”*
- C10** *“É uma família feliz que está a dar um passeio, num parque. O pai é mais velho que a mãe, o filho tem mais ou menos a minha idade”.*
-

---

## 2. Quem é o mais simpático desta família? Porquê?

---

- C1 “São todos simpáticos” (Não explica).
- C2 “Gosto de todos, os tios e os primos são os mais simpáticos”. (Não explica).
- C3 “São todos simpáticos”; “Gostam de todos”.
- C4 “O Tiago e o Enzo”; “São meus amigos”.
- C5 “São todos simpáticos, menos o pai” (faz desenhos na minha cara com purpurina); “A mãe gosta mais dos filhos”.
- C6 “O pai e a mãe”; “Porque gostam os dois mais dos dois filhos”.
- C7 “A irmã e o irmão”; “Estão sempre a brincar”.
- C8 Não responde.
- C9 “A mãe”; “Gosta muito dos filhos”.
- C10 “São todos simpáticos, mas a mãe é mais simpática para o filho”; “Gosta de estar com ele”.
- 

---

## 3. Quem é o mais antipático/o pior desta família? Porquê?

---

- C1 Não responde.
- C2 Não responde.
- C3 “Não são”.
- C4 “Ninguém é antipático”.
- C5 “O pai”; “O pai não liga tanto aos filhos”.
- C6 “Não sei. Acho que nenhum é antipático”.
- C7 “Gosto de todos e são todos simpáticos”.
- C8 Não responde.
- C9 “Gosto muito de todos”.
- C10 “São todos simpáticos”.
-

---

#### 4. Quem é o mais feliz desta família? Porquê?

---

- C1 *“Estão todos felizes porque gostam todos muito de cantar”.*
- C2 Não responde.
- C3 *“Estão todos felizes”; “Porque estão num sítio em Lisboa a cantar”.*
- C4 *“Todos”; “Estão todos a brincar”.*
- C5 *“Estão todas contentes”* (Não explica porquê, muda de assunto).
- C6 *“São todos felizes”; “Gostam de brincar e passear”.*
- C7 *“O irmão”; “É mais pequenino e está sempre a brincar”.*
- C8 Não responde.
- C9 *“Não sei...”; “Estão todos contentes”.*
- C10 *“Estão todos felizes”; “Porque gostam muito de passear”.*
- 

---

#### 5. De quem é que gostas mais nesta família? Porquê?

---

- C1 *“Gosto de todos, mas mais da mãe porque é boa para o filho”*
- C2 *“Gosto mais do pai e dos primos”* (não explica, encolhe os ombros)
- C3 *“Gosto muito de todos, mas mais da mãe porque trata do filho”*
- C4 *“São todos simpáticos e gosto de todos, mais do Tiago”; “Era o meu melhor amigo”.*
- C5 *“Gosto mais dos avós, porque são os mais simpáticos”.*
- C6 *“Gosto de todos, mas mais da menina”; “Porque podia brincar comigo”.*
- C7 *“Gosto de todos, mais da irmã”; “É a filha”.*
- C8 Não responde.
- C9 *“Gosto mais da Fernanda”; “Brinca comigo”.*
- C10 *“O filho gosta dos dois, um bocadinho mais da mãe”; “Passa mais tempo com o filho”*
-

---

6. Se pudesses, quem gostavas de ser nesta família? Porquê?

---

- C1    *“O filho”; “Os outros já são crescidos”.*
- C2    *“O filho”; “ A mana é menina ”.*
- C3    *“O filho”; “ Tem os meus anos ”.*
- C4    *“O Tiago”; “É da minha idade”.*
- C5    *“O irmão mais velho”; “ O outro irmão é bebé”.*
- C6    *“A menina, porque tem a minha idade e pode brincar às mesmas coisas que eu”.*
- C7    *“A irmã porque é uma menina”.*
- C8    *“Era o menino”.*
- C9    *“A Fernanda”; “É menina”.*
- C10   *“O filho”; “Tem a minha idade”.*
- 

Nota: (C1); (C7) desenharam a família imaginada da direita para a esquerda.

(C10) desenhou em primeiro lugar a mãe, em segundo o filho e por último o pai.

## Resultados da análise das estruturas formais – Desenho da Família Imaginada

### Categoria - Elementos no desenho

#### Subcategoria – Elementos do desenho/Pais

| Elementos do desenho/Pais | Total |
|---------------------------|-------|
| Presença de ambos os pais | 4     |
| Ausência do pai           | 3     |
| Ausência de ambos os pais | 3     |

Quatro crianças (uma em acolhimento/três em pós-acolhimento) representaram no desenho ambas as figuras parentais. Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram apenas uma figura materna. Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) não representaram as figuras parentais.

#### Subcategoria – Elementos do desenho/Filhos

| Elementos do desenho/Filhos | Total |
|-----------------------------|-------|
| Presença de um filho        | 4     |
| Presença de dois filhos     | 4     |
| Ausência de filhos          | 2     |

Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram no desenho uma família com um filho. Uma criança (em acolhimento) desenhou apenas uma única figura humana (identificada como filho na narrativa). Quatro crianças representaram uma família com dois filhos (uma em acolhimento/três em pós-acolhimento). Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) não representaram filhos no desenho.

#### Subcategoria – Elementos do desenho/Outros elementos

| Elementos do desenho/Outros elementos | Total |
|---------------------------------------|-------|
| Presença de outros elementos          | 4     |
| Ausência de outros elementos          | 6     |

Quatro crianças incluíram no desenho outros elementos. Duas crianças (em acolhimento) representaram elementos de uma família alargada. Uma criança (em acolhimento) representou uma outra família monoparental sem relação de parentesco. Uma criança (em acolhimento) representou um grupo de crianças. Seis crianças (uma em acolhimento/cinco em pós-acolhimento) não incluíram no desenho outros elementos.

### **Categoria – Ordem dos elementos**

| <b>Ordem dos elementos</b>  | <b>Total</b> |
|-----------------------------|--------------|
| Circular                    | 0            |
| Por ordem                   | 8            |
| Uma única figura desenhada  | 1            |
| Ausência de figuras humanas | 1            |

Oito crianças (quatro em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) desenharam a família imaginada por ordem. Uma criança (em acolhimento) representou um único elemento da família. Uma criança (em pós-acolhimento) não representou figuras humanas.

### **Subcategoria – Ordem dos elementos/Por ordem**

| <b>Ordem dos elementos/Por ordem</b> | <b>Total</b> |
|--------------------------------------|--------------|
| Pai 1º à esquerda                    | 1            |
| Mãe 1ª à esquerda                    | 3            |
| Filho 1º à esquerda                  | 3            |
| Outro elemento 1º à esquerda         | 1            |

Das oito crianças que representaram a família por ordem, uma (em acolhimento) desenhou uma figura paterna como 1ª figura à esquerda. Três (em pós-acolhimento) desenharam a figura materna. Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam o filho ou um dos filhos. Uma criança (em acolhimento) desenhou outro elemento.

### **Categoria – Proporções**

| <b>Proporções</b>                          | <b>Total</b> |
|--------------------------------------------|--------------|
| Mãe maior que o pai e filhos mais pequenos | 0            |
| Mãe maior e filhos mais pequenos           | 2            |
| Mãe igual ao pai e filhos mais pequenos    | 0            |
| Mãe igual ao pai e aos filhos              | 1            |
| Filho maior que a mãe                      | 1            |
| Filho maior que os pais                    | 1            |
| Pai maior que a mãe e filhos mais pequenos | 2            |
| Figuras por ordem decrescente              | 1            |
| Uma única figura desenhada                 | 1            |
| Ausência de figuras humanas                | 1            |

Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram uma família em que a figura materna é desenhada como figura maior. Duas crianças (em pós-acolhimento) representaram uma família desenhando a figura paterna como figura maior. Uma criança (em pós-acolhimento) representou todas as figuras de uma família do mesmo tamanho. Uma criança (em acolhimento) desenhou uma família com o filho maior do que a figura materna. Uma criança (em acolhimento) desenhou uma família com o filho maior que ambas as figuras parentais. Uma criança (em acolhimento) representou apenas um único elemento. Uma criança (em acolhimento) desenhou um grupo de crianças por ordem decrescente de grandeza. Uma criança (em pós-acolhimento) não desenhou figuras humanas.

#### **Categoria – União**

| <b>União</b>                                                | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------------------------|--------------|
| Todos unidos                                                | 1            |
| Pais unidos e filhos separados                              | 0            |
| Filhos unidos e pais separados                              | 0            |
| Todos separados                                             | 5            |
| Um elemento isolado, três elementos unidos e dois separados | 1            |
| Um elemento isolado e os restantes unidos                   | 1            |
| Uma única figura desenhada                                  | 1            |
| Ausência de figuras humanas                                 | 1            |

Uma criança (em pós-acolhimento) desenhou os elementos da família todos unidos. Metade das crianças (duas em acolhimento/três em pós-acolhimento) representou os elementos da família separados. Uma criança (em acolhimento) desenhou um grupo de três elementos unidos ao lado de dois elementos separados entre si e um elemento isolado dos restantes. Uma criança (em acolhimento) desenhou um único elemento da família. Uma criança (em acolhimento) desenhou um grupo de crianças destacando um elemento e unificando os restantes. Uma criança (em pós-acolhimento) não desenhou figuras humanas.

#### **Categoria – Diferenciação de gerações**

| <b>Diferenciação de gerações</b> | <b>Total</b> |
|----------------------------------|--------------|
| Diferenciação                    | 4            |
| Indiferenciação                  | 3            |
| Uma única geração                | 2            |
| Ausência de figuras humanas      | 1            |

Quatro crianças (uma em acolhimento/três em pós-acolhimento) diferenciaram os adultos das crianças. Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam indiferenciadamente adultos e crianças. Duas crianças (em acolhimento) desenharam apenas uma geração. Uma criança (em pós-acolhimento) não desenhou figuras humanas.

#### **Categoria – Diferenciação de sexos**

| <b>Diferenciação de sexos</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------|--------------|
| Diferenciação                 | 7            |
| Indiferenciação               | 2            |
| Ausência de figuras humanas   | 1            |

A maioria das crianças (três em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) desenhou pormenores que permitem diferenciar as figuras masculinas das femininas. Duas crianças (em acolhimento) não diferenciaram as figuras desenhadas de acordo com o sexo. Uma criança (em pós-acolhimento) não incluiu a representação de figuras humanas no desenho.

#### **Categoria – Ambiente**

| <b>Ambiente</b> | <b>Total</b> |
|-----------------|--------------|
| Sem ambiente    | 4            |
| Com ambiente    | 5            |
| Só ambiente     | 1            |

Quatro crianças (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) desenharam exclusivamente os elementos da família imaginada. A maioria das crianças (três em acolhimento/duas em pós-acolhimento) integrou os elementos da família imaginada num ambiente envolvente. Uma criança (em pós-acolhimento) desenhou apenas o ambiente.

#### **Subcategoria – Tipo de ambiente**

| <b>Tipo de ambiente</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------|--------------|
| Dentro de casa          | 1            |
| No exterior             | 5            |

Apenas uma criança (em pós-acolhimento) desenhou uma família dentro de casa (paredes, telhado e uma espécie de cortina). Das seis crianças que fizeram referência ao ambiente no desenho, cinco (três em acolhimento/duas em pós-acolhimento) desenharam um ambiente fora de casa (o céu, o sol, um foguetão e a casa).

## **Análise de conteúdo - Desenho da Família Imaginada**

### **Categorias/Critérios de análise**

No sentido de descrever os conteúdos presentes nos desenhos da família imaginada e família real, recorreremos a uma observação das seguintes categorias:

#### **Categoria - Família representada**

- Família monoparental alargada
- Família nuclear alargada
- Família monoparental
- Família nuclear
- Uma única figura desenhada
- Grupo de amigos
- Não desenha figuras humanas

#### **Categoria - Figura materna**

- Presença da figura materna
- Ausência da figura materna

##### **Subcategoria - Atribuição de valor no desenho/Figura materna**

- Valorizada (figura grande, posição central ou privilegiada, nos 1ºs lugares, desenho cuidado, com riqueza de pormenores)\*
- Desvalorizada (figura pequena, posição secundária, em último lugar, afastada dos restantes, desenho pouco cuidado)\*\*

##### **Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Figura materna**

- Valorizada
- Desvalorizada

#### **Categoria - Figura paterna**

- Presença da figura paterna
- Ausência da figura paterna

##### **Subcategoria - Atribuição de valor no desenho/Figura paterna**

- Valorizada
- Desvalorizada

##### **Subcategoria - Atribuição de valor na narrativa/Figura paterna**

- Valorizada
- Desvalorizada

#### **Categoria - Figura identificada como o próprio**

- Filho único

Filho mais velho

Filho mais novo

Um dos amigos

Ausência de figura identificada como o próprio

**Subcategoria – Idade/Figura identificada como o próprio**

A idade corresponde

Mais novo que a figura representada

Mais velho que a figura representada

**Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Figura identificada como o próprio**

Valorizado

Desvalorizado

**Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Figura identificada como o próprio**

Valorizado

Desvalorizado

**Categoria – Irmãos**

Presença de irmãos

Ausência de irmãos

**Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Irmãos**

Valorizados

Desvalorizados

**Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Irmãos**

Valorizados

Desvalorizados

**Categoria - Outros elementos**

Presença de elementos da família alargada

Presença de elementos sem relação de parentesco

Presença de um animal selvagem

Ausência de outros elementos

**Subcategoria - Atribuição de valor no desenho/Outros elementos**

Valorizados

Desvalorizados

**Subcategoria - Atribuição de valor na narrativa/Outros elementos**

Valorizados

Desvalorizados

## **Categoria - Disposição dos elementos na família**

### **Subcategoria - Família monoparental com dois elementos**

Mãe/Pai e filhos lado a lado

Mãe/Pai e filhos afastados (por interposição de outras figuras desenhadas)

### **Subcategoria - Família monoparental com três elementos**

Mãe/Pai figura central

Um dos filhos figura central

### **Subcategoria - Família nuclear com três elementos**

Pai figura central

Mãe figura central

Filho figura central

### **Subcategoria - Família nuclear com mais de três elementos**

Pais ao centro e um filho de cada lado

Um filho entre os pais

Um filho ao lado dos pais/Um filho afastado

Grupo dos filhos entre os pais

Grupo dos filhos ao lado dos pais

### **Subcategoria – Grupo de amigos**

Todos lado a lado

Um elemento isolado e os restantes lado a lado

## **Categoria - 1ª Figura desenhada**

Figura materna

Figura paterna

Figura identificada como o próprio/O próprio

Irmão

Elemento da família alargada

Elemento sem relação de parentesco

Ausência de figuras humanas

## **Categoria - Figura preferida**

Figura materna

Figura materna/Elemento da família alargada

Figura materna/Figura paterna

Figura materna/Irmão

Figura paterna

Figura paterna/Elemento da família alargada

Figura identificada como o próprio/O próprio

Irmão

Elemento da família alargada

Elemento sem relação de parentesco

Não faz distinção/Gosta de todos

Não menciona

### **Categoria – Particularidades**

Pormenores atípicos

Pormenores atípicos/Desenhou da direita para a esquerda

Família desenhada da direita para a esquerda

Figura central (1º), lado direito (2º), lado esquerdo (3º)

Recusou desenhar

Sem particularidades

## Desenho da Família Imaginada/1

|                                           | Análise de conteúdo                                                                                                                       |                                                                                                                                                 |                                                                                                                                         |                                                                                                                                                              |                                                                                                                                              |                                                                                                                                                   |                                                                                                                                       |                                                                                                                                      |                                                                                                                                               |                                                                                                                                       |
|-------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                           | C1                                                                                                                                        | C2                                                                                                                                              | C3                                                                                                                                      | C4                                                                                                                                                           | C5                                                                                                                                           | C6                                                                                                                                                | C7                                                                                                                                    | C8                                                                                                                                   | C9                                                                                                                                            | C10                                                                                                                                   |
| <b>Família representada</b>               | - Família monoparental (Dois elementos) alargada)                                                                                         | - Uma única figura desenhada*                                                                                                                   | - Família monoparental (Dois elementos)                                                                                                 | - Grupo de quatro amigos (Duas figuras masculinas /Duas femininas)                                                                                           | - Família nuclear (Mais de três elementos) alargada                                                                                          | - Família nuclear (Mais de três elementos)                                                                                                        | - Família nuclear (Mais de três elementos)                                                                                            | - Não desenha figuras humanas                                                                                                        | - Família monoparental (Três elementos)                                                                                                       | - Família nuclear (Três elementos)                                                                                                    |
| <b>Figura materna</b>                     | - Presença da figura materna<br>- Desvalorizada (Lugar secundário/ Indiferenciada)<br>- Valorizada na narrativa (Boa para o filho)        | - Ausência da figura materna*<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Sem destaque)                                      | - Presença da figura materna<br>- Desvalorizada (Nos últimos lugares/Figura mais pequena)<br>- Valorizada na narrativa (Trata do filho) | - Ausência da figura materna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não é mencionada)                                                | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Em 2º lugar)<br>- Valorizada na narrativa (Gosta mais dos filhos)                              | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Em 1º lugar)<br>- Valorizada na narrativa (Gosta dos filhos)                                        | - Presença da figura materna<br>- Desvalorizada (Em último lugar)<br>- Desvalorizada na narrativa (Sem destaque)                      | - Ausência da figura materna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não é mencionada)                        | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Em 1º lugar/Figura maior)<br>- Valorizada na narrativa (Gosta muito dos filhos)                 | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Em 1º lugar/Figura central)<br>- Valorizada na narrativa (De quem a criança mais gosta) |
| <b>Figura paterna</b>                     | - Ausência da figura paterna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Sem destaque)                                 | - Ausência da figura paterna*<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Uma das pessoas de quem mais gosta)                | - Ausência da figura paterna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não é mencionada)                           | - Ausência da figura paterna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não é mencionada)                                                | - Presença da figura paterna<br>- Valorizada (Em 1º lugar)<br>- Desvalorizada na narrativa (Menos simpático)                                 | - Presença da figura paterna<br>- Valorizada (Em 2º lugar/Figura maior)<br>- Valorizada na narrativa (Gosta dos filhos)                           | - Presença da figura paterna<br>- Valorizada (Nos 1ºs lugares/Figura maior)<br>- Desvalorizada na narrativa (Sem destaque)            | - Ausência da figura paterna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (não é mencionada)                        | - Ausência da figura paterna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não é mencionada)                                 | - Presença da figura paterna<br>- Desvalorizada (Em último lugar)<br>- Desvalorizada na narrativa (De quem a criança gosta menos)     |
| <b>Figura identificada como o próprio</b> | - Filho único<br>- Desvalorizada (Em último lugar/ Afastado da mãe)<br>- Desvalorizada na narrativa (Sem destaque)<br>- Idade corresponde | - Filho mais velho<br>- Desvalorizada (Excluído)<br>- Valorizada na narrativa (Contente e junto das figuras preferidas)<br>- Idade corresponde* | - Filho único<br>- Valorizada (Figura maior)<br>- Valorizada na narrativa (Feliz)<br>- Idade corresponde                                | - Um dos amigos<br>- Valorizada (Desenhado em 1º lugar/Figura maior)<br>- Valorizada na narrativa (De quem mais gosta)<br>- A idade corresponde              | - Filho mais velho<br>- Valorizada (Nos 1ºs lugares/Junto dos pais)<br>- Desvalorizado na narrativa (Sem destaque)<br>- Idade corresponde    | - Filho mais novo<br>- Valorizada (Nos 1ºs lugares/Junto dos pais)<br>- Valorizada na narrativa (De quem mais gosta)<br>- Idade corresponde       | - Filho mais velho<br>- Valorizada (Em 1º lugar)<br>- Desvalorizada na narrativa (Recebe menos atenção)<br>- Mais velha que o próprio | - Ausência de figura identificada como o próprio<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Valorizada na narrativa<br>- A idade corresponde | - Filho mais velho<br>- Valorizada (Em 2º lugar/Junto da mãe)<br>- Valorizada na narrativa (De quem mais gosta)<br>- Mais velha que o próprio | - Filho único<br>- Valorizada (Em 2º lugar)<br>- Desvalorizada na narrativa (Sem grande destaque)<br>- Idade corresponde              |
| <b>Irmãos</b>                             | - Ausência de irmãos                                                                                                                      | - Presença de um irmão<br>- Valorizado (Única figura desenhada)<br>- Desvalorizado na narrativa (Sem destaque/Isolada dos elementos da família) | - Ausência de irmãos                                                                                                                    | - Presença de irmãos<br>- Valorizado no desenho (Uma das 1ºs figuras desenhadas)<br>- Desvalorizado na narrativa (Preferia um irmão do sexo masculino/Chata) | - Presença de um irmão<br>- Desvalorizado (Em último lugar/ Isolado da família)<br>- Desvalorizado na narrativa (Sozinho à procura de todos) | - Presença de um irmão<br>- Desvalorizado (Em último lugar/ Afastado dos pais/Figura mais pequena)<br>- Desvalorizado na narrativa (Sem destaque) | - Presença de um irmão<br>- Valorizado (Nos 1ºs lugares/Junto dos pais)<br>- Valorizado na narrativa (Recebe mais atenção)            | - Ausência de irmãos                                                                                                                 | - Presença de um irmão<br>- Desvalorizado (Último a ser desenhado/ Afastado da mãe)<br>- Desvalorizado na narrativa (Sem grande destaque)     | - Ausência de irmãos                                                                                                                  |

## Desenho da Família Imaginada/2

|                                 | Análise de conteúdo                                                                                                                                            |                                                                                     |                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                               |                                                                                                                              |                                                           |                                                           |                                                                                                                 |                                                                                    |                                                                                   |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
|                                 | C1                                                                                                                                                             | C2                                                                                  | C3                                                                                                                                                              | C4                                                                                                                                                                            | C5                                                                                                                           | C6                                                        | C7                                                        | C8                                                                                                              | C9                                                                                 | C10                                                                               |
| <b>Outros elementos</b>         | - Elementos da família alargada (Avó e tios)<br>- Valorizados (Nos 1ºs lugares/Figuras maiores)<br>- Valorizados na narrativa (Gosta de todos/Todos contentes) | - Ausência de outros elementos *<br>- Valorizados na narrativa (Figuras preferidas) | - Elementos sem relação de parentesco (Outra família. Mãe e filho)<br>- Valorizados (Desenhados nos 1ºs lugares)<br>- Valorizados na narrativa (Gosta de todos) | - Elementos sem relação de parentesco (Grupo de amigos)<br>- Valorizados (Desenhados todos unidos/Expressão de felicidade)<br>- Valorizados na narrativa (Os melhores amigos) | - Elementos da família alargada<br>- Desvalorizados (Nos últimos lugares)<br>- Valorizados na narrativa (Os mais simpáticos) | - Ausência de outros elementos<br>- Ausentes na narrativa | - Ausência de outros elementos<br>- Ausentes na narrativa | - Ausência de outros elementos<br>- Ausentes na narrativa                                                       | - Ausência de outros elementos - Ausentes na narrativa                             | - Ausência de outros elementos - Ausentes na narrativa                            |
| <b>Disposição dos elementos</b> | - Mãe afastada do filho (Família monoparental)                                                                                                                 | - Uma única figura desenhada                                                        | - Mãe e filhos afastados (Família monoparental)                                                                                                                 | - Um elemento isolado e os restantes lado a lado (grupo de amigos)                                                                                                            | - Um filho ao lado dos pais/Um filho afastado (Família nuclear)                                                              | - Grupo dos filhos ao lado dos pais (Família nuclear)     | - Grupo dos filhos ao lado dos pais (Família nuclear)     | - Ausência de figuras humanas                                                                                   | - Filho figura central (Figura identificada como o próprio) (Família monoparental) | - Mãe figura central (Família nuclear)                                            |
| <b>1ª Figura desenhada</b>      | - Elemento da família alargada (Tio)                                                                                                                           | - Irmão                                                                             | - Elemento sem relação de parentesco (Filho/Outra família)                                                                                                      | - Figura identificada como o próprio                                                                                                                                          | - Figura paterna                                                                                                             | - Figura materna                                          | - Figura identificada como o próprio                      | - Ausência de figuras humanas                                                                                   | - Figura materna                                                                   | - Figura materna                                                                  |
| <b>Figura preferida</b>         | - Figura materna                                                                                                                                               | - Figura paterna/ Elementos da família alargada (Primos)*                           | - Figura materna                                                                                                                                                | - Identificada como o próprio                                                                                                                                                 | - Elementos da família alargada (Avós)                                                                                       | - Identificada como o próprio                             | - Identificada como o próprio                             | - Não menciona                                                                                                  | - Identificada como o próprio                                                      | - Figura materna                                                                  |
| <b>Particularidades</b>         | - Desenha da direita para a esquerda                                                                                                                           | _____                                                                               | _____                                                                                                                                                           | _____                                                                                                                                                                         | - Pormenores atípicos – Fumo da chaminé de dirigido ao bebé no telhado; Escada no telhado; Cruz na casa; Janelas com cruz.   | _____                                                     | - Desenha da direita para a esquerda                      | - Pormenores atípicos -Foguetão perto do sol no canto da folha: Elementos riscados; Elementos não identificados | _____                                                                              | - Desenha a figura central, seguida da do lado direito e por último a da esquerda |

\*Os outros elementos da família fazem apenas parte da narrativa

## Resultados – Desenho da Família Imaginada/análise de conteúdo

### Categoria - Família representada

| Família representada          | Total |
|-------------------------------|-------|
| Família monoparental alargada | 1     |
| Família nuclear alargada      | 1     |
| Família monoparental          | 2     |
| Família nuclear               | 3     |
| Uma única figura desenhada    | 1     |
| Grupo de amigos               | 1     |
| Não desenha figuras humanas   | 1     |

Uma criança (em acolhimento) desenhou uma família monoparental acrescentando outros elementos da família alargada (tios e avó). Uma criança (em pós-acolhimento) representou uma família nuclear acrescentando outros elementos da família alargada (avós). Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam apenas uma família monoparental. Três crianças (uma em acolhimento/duas em pós-acolhimento) representaram uma família nuclear. Uma criança (em acolhimento) confinou a um único elemento o desenho da família imaginada. Uma criança (em acolhimento) representou a família imaginada como um grupo de amigos. Uma criança (em pós-acolhimento) não desenhou figuras humanas.

### Categoria - Figura materna

| Figura materna             | Total |
|----------------------------|-------|
| Presença da figura materna | 7     |
| Ausência da figura materna | 3     |

A maioria das crianças (três em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) representou no desenho a figura materna. Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) excluíram a figura materna do desenho.

### Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Figura materna

| Atribuição de valor/Figura materna | Total |
|------------------------------------|-------|
| Valorizada                         | 4     |
| Desvalorizada                      | 6     |

Quatro crianças (uma em acolhimento/três em pós-acolhimento) valorizaram a figura materna representada, desenhando-a nos primeiros lugares, como figura maior e/ou como figura central. Seis crianças (quatro em acolhimento/duas em pós-acolhimento) desvalorizaram a figura materna, excluindo-a do desenho, representando-a em último lugar e/ou como figura mais pequena.

#### **Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Figura materna**

| <b>Atribuição de valor/Figura materna</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------|--------------|
| Valorizada                                | 6            |
| Desvalorizada                             | 4            |

Seis crianças (três em acolhimento/três em pós-acolhimento) valorizaram a figura materna na narrativa. Quatro crianças (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) não lhe atribuíram valor ou um lugar de destaque na sua descrição.

#### **Categoria - Figura paterna**

| <b>Figura Paterna</b>      | <b>Total</b> |
|----------------------------|--------------|
| Presença da figura paterna | 4            |
| Ausência da figura paterna | 6            |

Quatro crianças (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) representaram no desenho a figura paterna. Seis crianças (quatro em acolhimento/duas em pós-acolhimento) excluíram a figura paterna do desenho.

#### **Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Figura paterna**

| <b>Atribuição de valor/Figura paterna</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------|--------------|
| Valorizada                                | 3            |
| Desvalorizada                             | 7            |

Três crianças (uma em acolhimento/duas em pós-acolhimento) valorizaram a figura paterna representada no desenho, desenhando-a nos primeiros lugares e/ou como figura maior. Sete crianças (quatro em acolhimento/três em pós-acolhimento) desvalorizaram a figura paterna excluindo-a do desenho ou posicionando-a em último lugar.

**Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Figura paterna**

| <b>Atribuição de valor /Figura paterna</b> | <b>Total</b> |
|--------------------------------------------|--------------|
| Valorizada                                 | 2            |
| Desvalorizada                              | 8            |

Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) valorizaram a figura paterna na narrativa, representando-a como uma figura importante. Oito crianças (quatro em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) desqualificaram ou não mencionaram a figura paterna na narrativa.

**Categoria – Figura identificada como o próprio**

| <b>Figura identificada como o próprio</b>    | <b>Total</b> |
|----------------------------------------------|--------------|
| Filho único                                  | 3            |
| Filho mais velho                             | 4            |
| Filho mais novo                              | 1            |
| Um dos amigos                                | 1            |
| Ausência de figura identificada como próprio | 1            |

Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) identificaram-se com a única figura infantil representada no desenho. Quatro crianças (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) consideraram que gostariam de ser a criança correspondente ao filho mais velho da família. Uma criança (em pós-acolhimento) estabeleceu correspondência entre si própria e o filho mais novo presente no desenho. Uma criança (em acolhimento) identificou-se com a figura infantil destacada na representação da família imaginada a que fez corresponder um grupo de crianças. Uma criança (em pós-acolhimento) não representou figuras humanas.

**Subcategoria – Idade/Figura identificada como o próprio**

| <b>Idade/Figura identificada como o próprio</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------------|--------------|
| A idade corresponde                             | 8            |
| Mais novo que o próprio                         | 0            |
| Mais velho que o próprio                        | 2            |

A maioria das crianças (cinco em acolhimento/três em pós-acolhimento) fez corresponder a idade da figura identificada como o próprio à sua idade real. Duas crianças (em pós-acolhimento) identificaram-se com figuras com idade superior à sua idade real.

**Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Figura identificada como o próprio**

| Atribuição de valor/Figura identificada como o próprio | Total |
|--------------------------------------------------------|-------|
| Valorizado                                             | 7     |
| Desvalorizado                                          | 3     |

Sete crianças (Três em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) valorizaram no desenho a figura identificada como o próprio, representando-a nos primeiros lugares e/ou como figura maior. Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desvalorizaram a figura identificada como o próprio, excluindo-a ou representando-a em último lugar.

**Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Figura identificada como o próprio**

| Atribuição de valor/Figura identificada como o próprio | Total |
|--------------------------------------------------------|-------|
| Valorizado*                                            | 6     |
| Desvalorizado                                          | 4     |

\* (C2) Excluído do desenho, mencionado na narrativa

Seis crianças (três em acolhimento/três em pós-acolhimento) valorizaram na narrativa a figura identificada como o próprio, recorrendo a adjetivos e conceitos de auto-valorização. Quatro crianças (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) desvalorizaram a figura identificada como o próprio, não lhe atribuindo valor ou um lugar de destaque na sua narrativa.

**Categoria - Irmãos**

| Irmãos             | Total |
|--------------------|-------|
| Presença de irmãos | 6     |
| Ausência de irmãos | 4     |

Seis crianças (três em acolhimento/três em pós-acolhimento) representaram um irmão no desenho. Quatro crianças (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) não representaram irmãos.

**Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Irmãos**

| Atribuição de valor/Irmãos | Total |
|----------------------------|-------|
| Valorizados                | 3     |
| Desvalorizados             | 3     |

Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) valorizaram a figura do irmão no desenho, posicionando-o nos primeiros lugares. Três crianças (uma em acolhimento/duas em pós-acolhimento) não valorizaram o irmão representado, desenhando-o em último lugar e/ou isolado dos restantes elementos.

#### **Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Irmãos**

| <b>Atribuição de valor/Irmãos</b> | <b>Total</b> |
|-----------------------------------|--------------|
| Valorizados                       | 1            |
| Desvalorizados                    | 5            |

Apenas uma criança (em pós-acolhimento) valorizou a figura do irmão na narrativa. Cinco crianças (três em acolhimento/duas em pós-acolhimento) não atribuíram valor ou um lugar de destaque à figura do irmão na narrativa.

#### **Categoria – Outros elementos**

| <b>Outros elementos</b>                         | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------------|--------------|
| Presença de elementos da família alargada       | 2            |
| Presença de elementos sem relação de parentesco | 2            |
| Presença de um animal selvagem                  | 0            |
| Ausência de outros elementos                    | 6            |

Duas crianças (em acolhimento) representaram no desenho elementos de uma família alargada (avós e tios). Uma criança (em acolhimento) representou um grupo de amigos. Uma criança (em acolhimento) desenhou uma outra família monoparental sem relação de parentesco. Seis crianças (uma em acolhimento/cinco em pós-acolhimento) não incluíram no desenho outros elementos.

#### **Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Outros elementos**

| <b>Atribuição de valor/Outros elementos</b> | <b>Total</b> |
|---------------------------------------------|--------------|
| Valorizados                                 | 3            |
| Desvalorizados                              | 1            |

Três crianças (em acolhimento) valorizaram os outros elementos representados, posicionando-os nos primeiros lugares e/ou como figuras maiores. Apenas uma criança (em acolhimento) desvalorizou no desenho as figuras que não integram o núcleo familiar, desenhando-as em último lugar.

### Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Outros elementos

| Atribuição de valor/Outros elementos | Total |
|--------------------------------------|-------|
| Valorizados*                         | 5     |
| Desvalorizados                       | 0     |

\*(C2) excluídos do desenho, mencionados na narrativa

Quatro crianças (em acolhimento) valorizaram os outros elementos representados no desenho na sua narrativa. Uma criança (em acolhimento) apesar de não ter representado outros elementos no desenho mencionou-os e valorizou-os na sua descrição.

### Categoria - Disposição dos elementos da família

#### Subcategoria – Família monoparental com dois elementos

| Família monoparental com dois elementos* | Total |
|------------------------------------------|-------|
| Mãe/Pai e filhos lado a lado             | 0     |
| Mãe/Pai e filhos afastados               | 2     |

\*uma das famílias/família alargada

Duas crianças (em acolhimento) desenharam uma família monoparental em que os elementos do núcleo familiar se encontram separados por interposição de outros elementos.

#### Subcategoria – Família monoparental com três elementos

| Família monoparental com três elementos | Total |
|-----------------------------------------|-------|
| Mãe/Pai figura central                  | 0     |
| Um dos filhos figura central            | 1     |

Uma criança (em pós-acolhimento) representou um dos filhos de uma família monoparental (mãe e dois filhos) como figura central.

#### Subcategoria – Família nuclear com três elementos

| Família nuclear com três elementos | Total |
|------------------------------------|-------|
| Pai figura central                 | 0     |
| Mãe figura central                 | 1     |
| Filho figura central               | 0     |

Uma criança (em pós-acolhimento) representou uma família nuclear (mãe, pai e filho), atribuindo à mãe a posição central.

### Subcategoria – Família nuclear com mais de três elementos

| <b>Família nuclear com mais de três elementos*</b> | <b>Total</b> |
|----------------------------------------------------|--------------|
| Pais ao centro e um filho de cada lado             | 0            |
| Um filho entre os pais                             | 0            |
| Um filho ao lado dos pais/Um filho afastado        | 1            |
| Grupo dos filhos entre os pais                     | 0            |
| Grupo dos filhos ao lado dos pais                  | 2            |

\*uma das famílias/família alargada

Uma criança (em acolhimento) representou uma família nuclear (mãe, pai e dois filhos), posicionando um dos filhos junto dos pais e o outro afastado. Duas crianças (em pós-acolhimento) representaram o grupo dos filhos ao lado dos pais.

### Subcategoria – Grupo de amigos

| <b>Grupo de amigos</b>                         | <b>Total</b> |
|------------------------------------------------|--------------|
| Todos lado a lado                              | 0            |
| Um elemento isolado e os restantes lado a lado | 1            |

Uma criança (em acolhimento) desenhou um grupo de amigos, isolando um elemento dos restantes.

### Categoria – 1ª Figura desenhada

| <b>1ª Figura desenhada</b>         | <b>Total</b> |
|------------------------------------|--------------|
| Figura materna                     | 3            |
| Figura paterna                     | 1            |
| Figura identificada como o próprio | 2            |
| Irmão                              | 1            |
| Elemento da família alargada       | 1            |
| Elemento sem relação de parentesco | 1            |
| Ausência de figuras humanas        | 1            |

Três crianças (em pós-acolhimento) desenharam a figura materna em primeiro lugar. Uma criança (em acolhimento) representou a figura paterna em primeiro lugar. Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam a figura identificada como o próprio em primeiro lugar. Uma criança (em acolhimento) representou um irmão em primeiro lugar. Uma criança (em acolhimento) desenhou um elemento da família alargada (tio) em primeiro lugar. Uma criança (em acolhimento) representou um dos elementos de uma outra família

monoparental, sem relação de parentesco, em primeiro lugar. Uma criança (em pós-acolhimento) não desenhou figuras humanas.

#### **Categoria - Figura preferida**

| <b>Figura preferida</b>                     | <b>Total</b> |
|---------------------------------------------|--------------|
| Figura materna                              | 3            |
| Figura materna/Elemento da família alargada | 0            |
| Figura materna/Figura paterna               | 0            |
| Figura materna/Irmão                        | 0            |
| Figura paterna                              | 0            |
| Figura paterna/Elemento da família alargada | 1            |
| Figura identificada como o próprio          | 4            |
| Irmão                                       | 0            |
| Elemento da família alargada                | 1            |
| Elemento sem relação de parentesco          | 0            |
| Não faz distinção/Gosta de todos            | 0            |
| Não menciona                                | 1            |

Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) elegeram a figura materna como figura preferida na narrativa. Uma criança (em acolhimento) nomeou como figuras preferidas a figura paterna e um elemento da família alargada. Quatro crianças (uma em acolhimento/três em pós-acolhimento) consideraram a figura identificada como o próprio como figura preferida. Uma criança (em acolhimento) escolheu como figura preferida um elemento representado no desenho pertencente a uma outra família monoparental, sem relação de parentesco. Uma criança (em pós-acolhimento) não representou figuras humanas e não nomeou nenhum elemento como figura preferida.

#### **Categoria - Particularidades**

| <b>Particularidades</b>                                    | <b>Total</b> |
|------------------------------------------------------------|--------------|
| Pormenores atípicos                                        | 2            |
| Pormenores atípicos/Desenha da direita para a esquerda     | 0            |
| Desenha da direita para a esquerda                         | 2            |
| Figura central (1ª), lado direito (2ª), lado esquerdo (3ª) | 1            |
| Recusou desenhar                                           | 0            |
| Sem particularidades                                       | 5            |

Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) incluíram no desenho alguns pormenores atípicos. Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam os elementos da família da direita para a esquerda. Uma criança (em pós-acolhimento) começou por representar a figura central, em seguida a do lado direito e por último a do lado esquerdo. Nos desenhos de cinco crianças (três em acolhimento/duas em pós-acolhimento) não se encontram particularidades que se destaquem.

## Desenho da Família Imaginada - Diferenças entre o grupo de crianças em acolhimento e o grupo em pós-acolhimento

### Estruturas formais

Existem algumas diferenças significativas nos resultados das estruturas formais entre os desenhos dos dois grupos no que diz respeito aos elementos no desenho e à 1ª figura desenhada à esquerda.

| Categorias                  |                              | Crianças em acolhimento | Crianças em pós-acolhimento |
|-----------------------------|------------------------------|-------------------------|-----------------------------|
| <b>Elementos no desenho</b> | Presença de ambos os pais    | 1/5                     | 3/5                         |
|                             | Ausência do pai              | 2/5                     | 1/5                         |
|                             | Ausência de ambos os pais    | 2/5                     | 1/5                         |
| <b>Ordem dos elementos</b>  | Pai 1º à esquerda            | 1/4                     | 0/4                         |
|                             | Mãe 1ª à esquerda            | 0/4                     | 3/4                         |
|                             | Filho 1º à esquerda          | 2/4                     | 1/4                         |
|                             | Outro elemento 1º à esquerda | 1/4                     | 0/4                         |

No que diz respeito às estruturas formais, a grande maioria das crianças em acolhimento (4/5) excluiu a representação do elemento correspondente a uma figura paterna, tendo duas destas crianças (2/4) omitido também a representação de uma figura materna. No grupo em pós-acolhimento predominou a representação de ambas as figuras parentais (3/5), tendo apenas uma criança (1/5) excluído a figura paterna do desenho e uma (1/5) ambos os pais. A maioria das crianças do grupo em acolhimento (4/5) desenhou os elementos por ordem, não posicionando uma figura materna como primeira figura à esquerda, contrariamente ao que se verificou com o grupo em pós-acolhimento, onde predominou a sua representação nesta posição (3/4).

## Conteúdo

Encontramos algumas diferenças significativas entre os dois grupos no que diz respeito ao tipo de família representada, à representação da figura materna e de outros elementos, à disposição de elementos, à primeira figura desenhada e à figura preferida.

| Categorias                      |                                             | Crianças em acolhimento | Crianças em pós-acolhimento |
|---------------------------------|---------------------------------------------|-------------------------|-----------------------------|
| <b>Família representada</b>     | Família monoparental alargada               | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Família nuclear alargada                    | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Família monoparental                        | 1/5                     | 1/5                         |
|                                 | Família nuclear                             | 0/5                     | 3/5                         |
|                                 | Uma única figura desenhada                  | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Grupo de amigos                             | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Não desenha figuras humanas                 | 0/5                     | 1/5                         |
| <b>Figura materna</b>           | Valorizada                                  | 1/5                     | 3/5                         |
|                                 | Desvalorizada                               | 4/5                     | 2/5                         |
| <b>Outros elementos</b>         | Elementos da família alargada               | 2/5                     | 0/5                         |
|                                 | Elementos sem relação de parentesco         | 2/5                     | 0/5                         |
|                                 | Ausência de outros elementos                | 1/5                     | 5/5                         |
| <b>Disposição dos elementos</b> | Mãe e filhos afastados                      | 2/5                     | 0/5                         |
|                                 | Filho ao lado dos pais/Um filho afastado    | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Elemento isolado/Restantes lado a lado      | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Uma única figura desenhada                  | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Grupo dos filhos ao lado dos pais           | 0/5                     | 2/5                         |
|                                 | Mãe figura central                          | 0/5                     | 1/5                         |
|                                 | Filho figura central                        | 0/5                     | 1/5                         |
|                                 | Ausência de figuras humanas                 | 0/5                     | 1/5                         |
| <b>1ªFigura desenhada</b>       | Figura materna                              | 0/5                     | 3/5                         |
|                                 | Figura paterna                              | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Figura identificada como o próprio          | 1/5                     | 1/5                         |
|                                 | Irmão                                       | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Elemento da família alargada                | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Elemento sem relação de parentesco          | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Ausência de figuras humanas                 | 0/5                     | 1/5                         |
| <b>Figura preferida</b>         | Figura materna                              | 2/5                     | 1/5                         |
|                                 | Figura paterna/Elemento da família alargada | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Figura identificada como o próprio          | 1/5                     | 3/5                         |
|                                 | Elemento da família alargada                | 1/5                     | 0/5                         |
|                                 | Não menciona                                | 0/5                     | 1/5                         |

No que diz respeito ao tipo de família representada, a maioria das crianças em pós-acolhimento representou uma família nuclear (3/5), não incluindo elementos da família alargada

ou sem relação de parentesco. As crianças em acolhimento (5/5) não representaram nenhuma família estritamente nuclear, diversificando as tipologias familiares representadas.

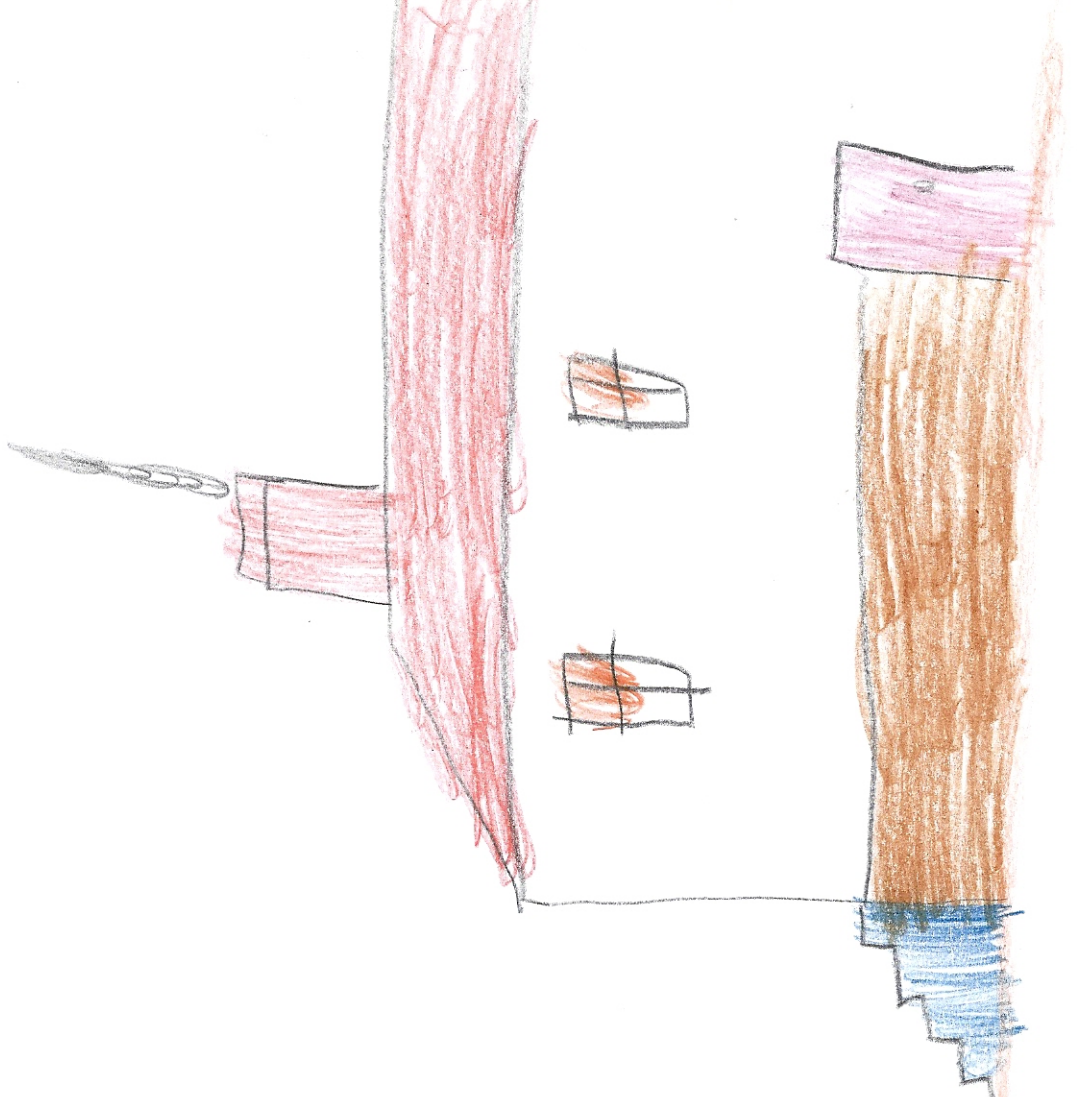
Quanto à presença/ausência de uma figura materna na família imaginada, ambos os grupos a representaram com a mesma prevalência, sendo observável, no entanto, um diferente nível de valorização. A maioria das crianças (4/5) em acolhimento desvalorizou-a no desenho, havendo duas (2/4) que não a representaram e duas (2/4) que a secundarizaram, desenhando-a em último lugar e como a figura mais pequena. Apenas uma criança em acolhimento (1/5) valorizou a figura materna representada no desenho. No grupo em pós-acolhimento a figura materna foi maioritariamente valorizada (3/5).

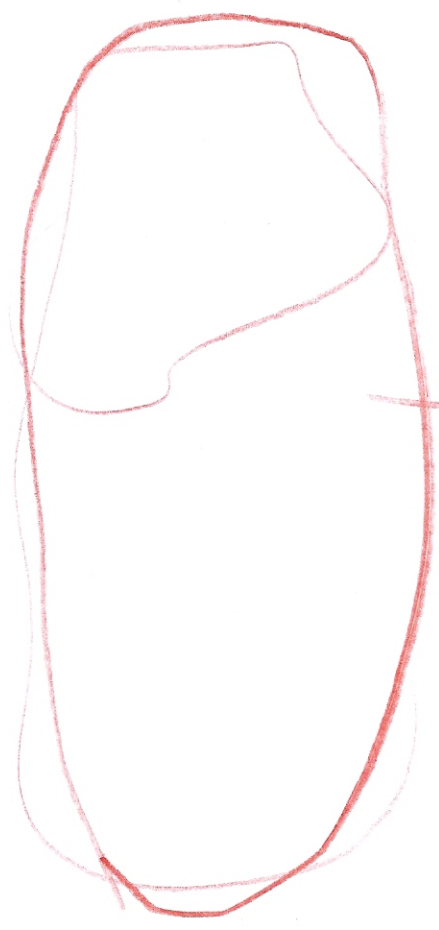
Relativamente à presença/ausência de outros elementos, quatro crianças (4/5) do grupo em acolhimento representaram uma família imaginada alargada pela inclusão de outros membros, com ou sem relações de parentesco. A única criança (1/5) deste grupo que desenhou apenas uma figura humana, correspondente à figura do irmão, também mencionou outros elementos da família alargada quando descreveu o desenho na sua narrativa. No grupo em pós-acolhimento uma criança (1/5) não representou figuras humanas e as restantes (4/5) confinaram o desenho aos elementos de uma família monoparental ou nuclear e não acrescentaram outros elementos na sua narrativa.

Em relação à disposição dos elementos no espaço verificou-se que nenhuma das crianças do grupo em acolhimento (4/4) representou famílias totalmente unificadas, enquanto a maioria das crianças em pós-acolhimento (4/5) desenharam todos os elementos da família com maior proximidade.

Quanto à 1ª figura desenhada, foi possível verificar que no grupo em acolhimento nenhuma criança (0/5) desenhou a figura materna em primeiro lugar, posicionando neste lugar outros elementos, enquanto a maioria das crianças em pós-acolhimento (3/5) a representou nesta posição.

No que diz respeito à escolha da figura preferida, foi possível verificar que as crianças do grupo em pós-acolhimento seleccionaram maioritariamente (3/5) a figura identificada como o próprio e apenas uma (1/5) elegeu a figura materna. No grupo em acolhimento, não se observou a mesma tendência, tendo apenas uma criança (1/5) feito corresponder a figura identificada como o próprio à sua preferência e duas (2/5) uma figura materna. Das restantes (2/5), uma (1/2) elegeu uma figura paterna e outros elementos da família alargada e outra (1/2) dois elementos da família alargada (avós).

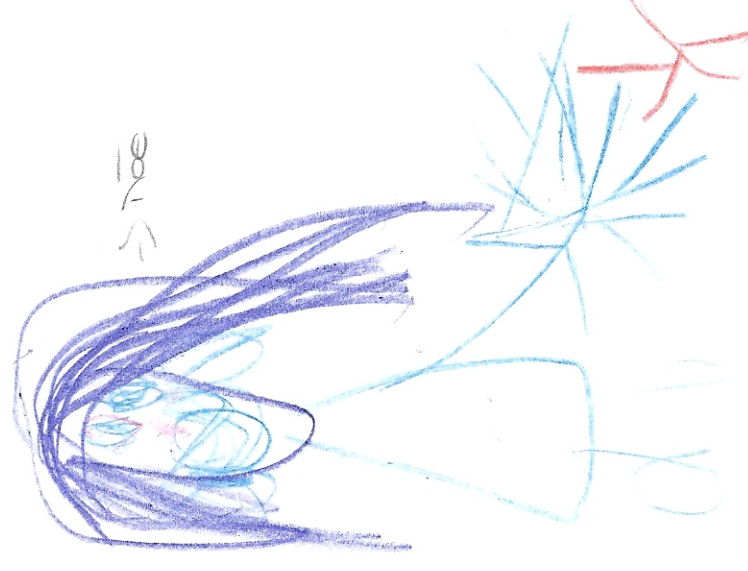




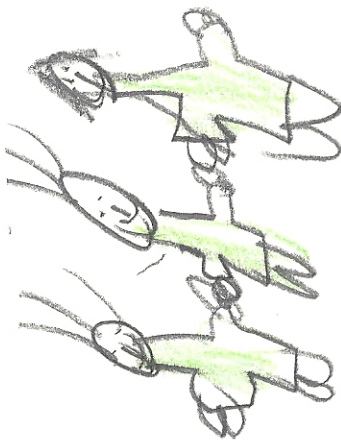
Pelampogol



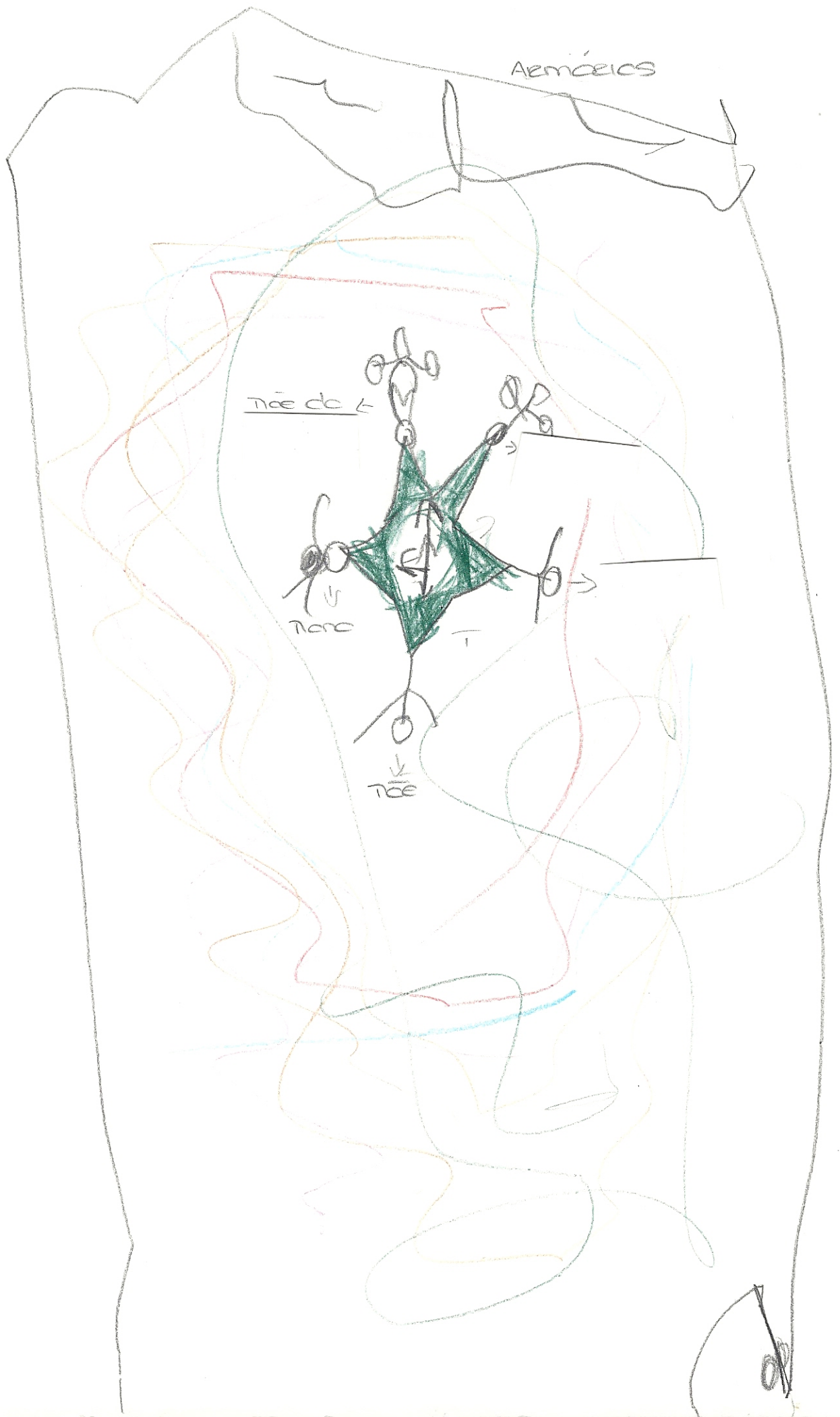
Tanc

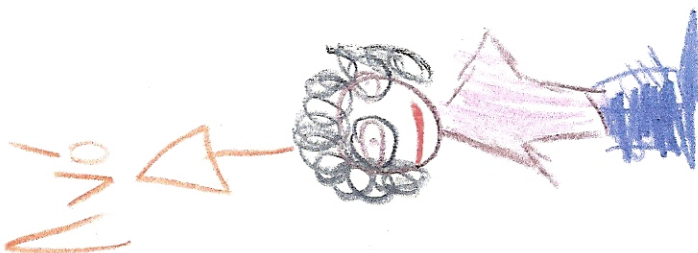
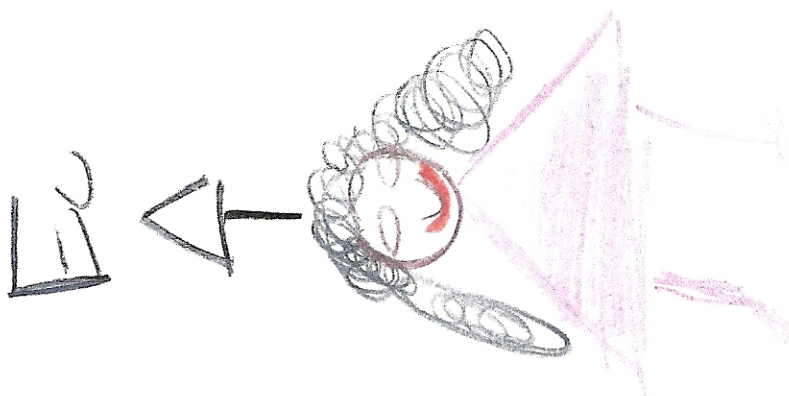
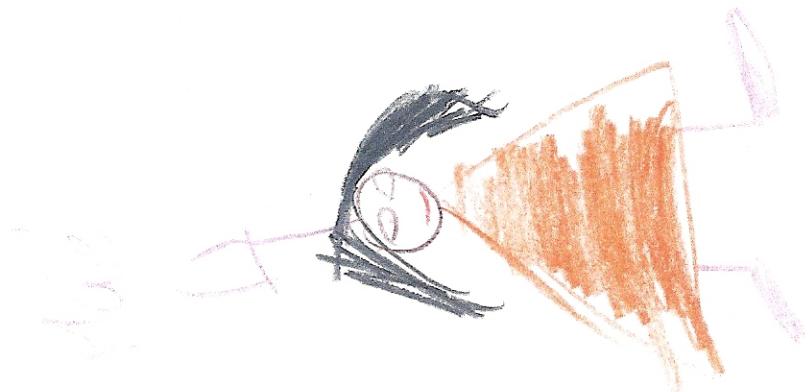
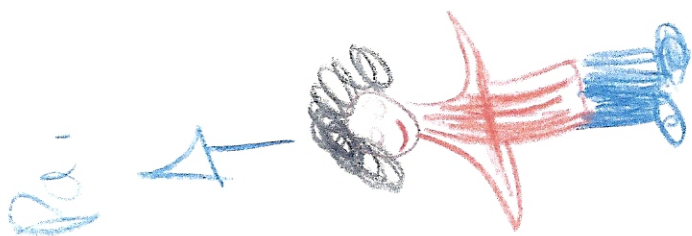


Noe



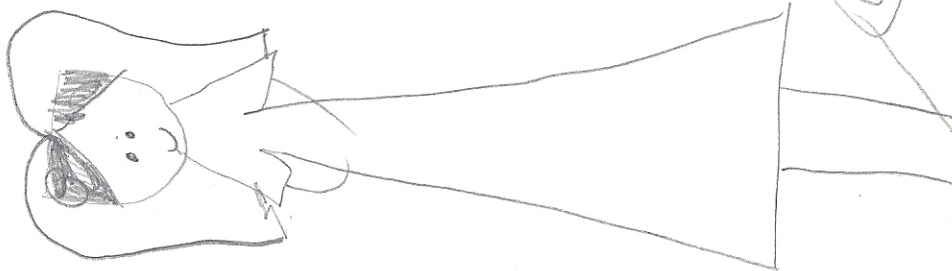




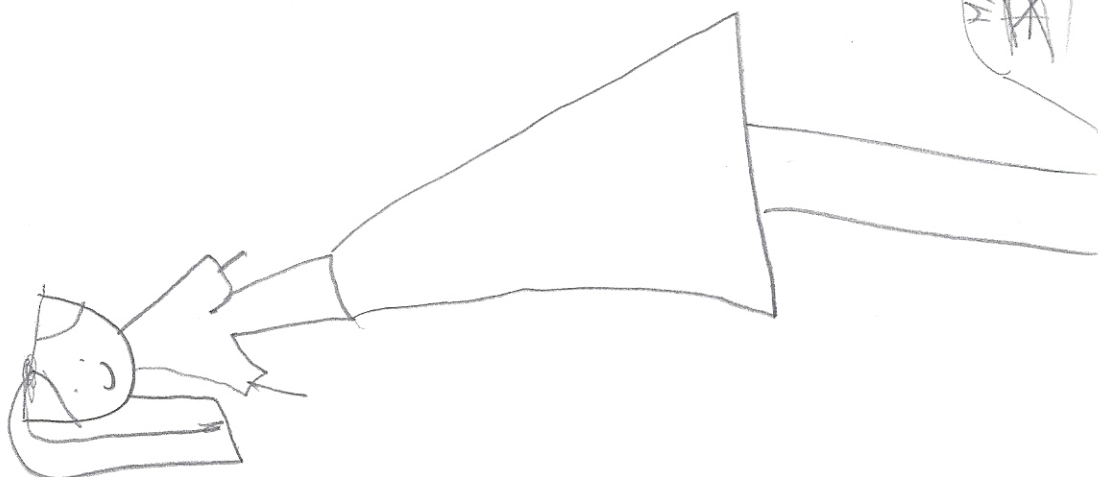


CU

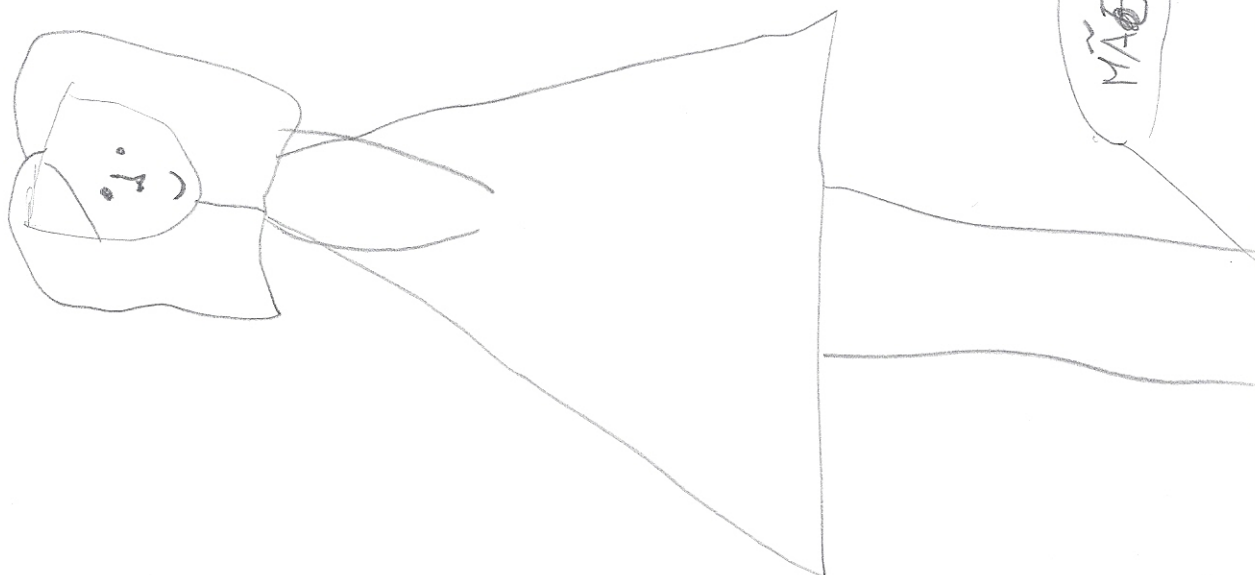
EU

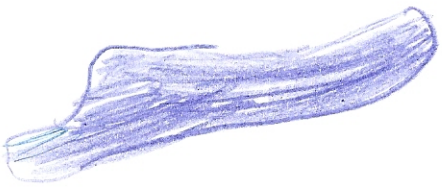
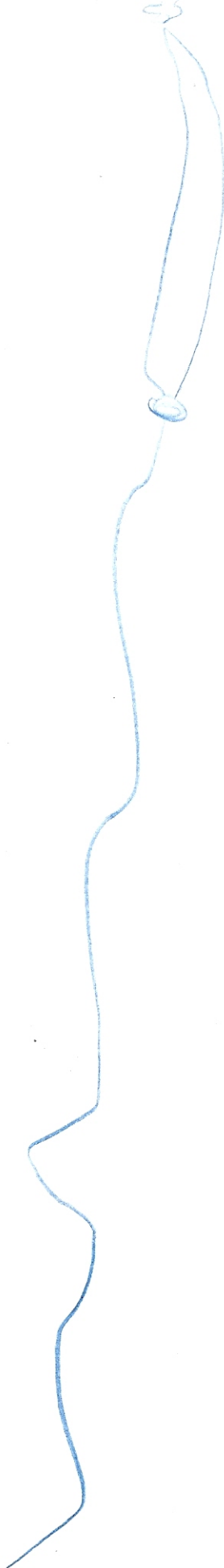


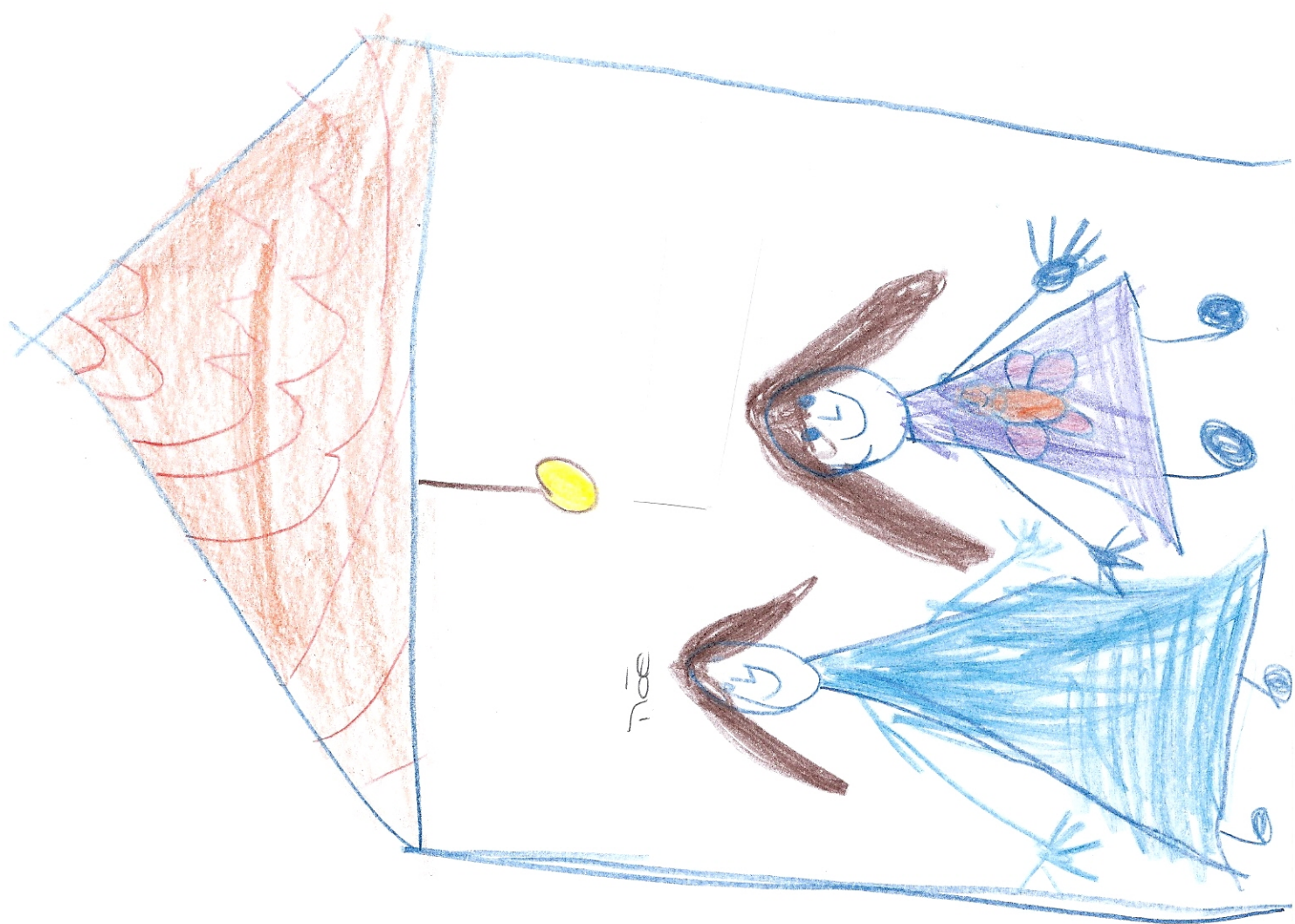
MAMA



MÃE







noe



## **Estruturas formais - Desenho da Família Real**

### **Categorias/Critérios de análise**

No sentido de descrever as estruturas formais presentes nos desenhos da família real, recorreremos a uma observação das seguintes categorias:

#### **Categoria – Elementos no desenho (Elementos representados/Número de elementos desenhados)**

##### **Subcategoria – Elementos no desenho/Pais**

Presença de ambos os pais

Ausência do pai

Ausência de ambos os pais

##### **Subcategoria – Elementos no desenho/Filhos**

Presença de um filho

Presença de dois filhos

Ausência de filhos

Uma única figura desenhada

##### **Subcategoria – Elementos no desenho/Outros elementos**

Presença de outros elementos

Ausência de outros elementos

Presença de uma animal selvagem

#### **Categoria – Ordem dos elementos**

Circular

Por ordem

Uma única figura desenhada

Ausência de figuras humanas

##### **Subcategoria – Circular**

Mãe/Pai com um filho de cada lado (Família monoparental)

Filhos separados/Entre os pais

Filhos unidos ao lado dos pais

##### **Subcategoria – Por ordem**

Pai 1º à esquerda

Mãe 1ª à esquerda

Filho 1º à esquerda

Outro elemento 1º à esquerda

#### **Categoria – Proporções**

Mãe maior que o pai e filhos mais pequenos

Mãe maior e filhos mais pequenos (Família monoparental/Pai ausente)

Mãe igual ao pai e filhos mais pequenos

Mãe igual ao pai e aos filhos

Filho maior que a mãe (Família monoparental/Pai ausente)

Filho maior que os pais

Pai maior que a mãe e filhos mais pequenos

Por ordem decrescente (Grupo de crianças)

Uma única figura desenhada (Não é possível estabelecer comparação)

Ausência de figuras humanas

### **Categoria – União (Distância/Proximidade entre os membros da família)**

Todos unidos

Pais unidos e filhos separados

Filhos unidos e pais separados

Todos separados (Todos os elementos se encontram separados entre si)

Um elemento isolado, três elementos unidos e dois separados

Um elemento isolado e os restantes unidos

Uma única figura desenhada

Ausência de figuras humanas

### **Categoria – Diferenciação de gerações**

Diferenciação (Existem elementos no desenho que permitem identificar e distinguir as diferentes gerações )

Indiferenciação (Não existem elementos no desenho que permitam estabelecer diferenças de gerações)

Uma única geração (Não é possível estabelecer comparação)

Ausência de figuras humanas

### **Categoria – Diferenciação de sexos**

Diferenciação

Indiferenciação (Não existem pormenores no desenho que permitam a diferenciação)

Ausência de figuras humanas

### **Categoria – Ambiente**

Sem ambiente (desenha exclusivamente os elementos da família)

Com ambiente (Acrescenta outros pormenores para além da família representada)

Só ambiente

### **Subcategoria – Tipo de ambiente**

Dentro de casa

No exterior

## Desenho da família real

|                                  | Análise das estruturas formais                                                  |                                                                               |                                                                                 |               |                                                                                  |                                                                                    |                                                                                  |                                                                                         |                                                                               |                                                                                  |
|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|---------------|----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
|                                  | C1                                                                              | C2                                                                            | C3                                                                              | C4            | C5                                                                               | C6                                                                                 | C7                                                                               | C8                                                                                      | C9                                                                            | C10                                                                              |
| <b>Elementos no desenho</b>      | - Presença dos pais<br>- Presença de um filho<br>- Presença de outros elementos | - Ausência do pai<br>- Presença de um filho<br>- Ausência de outros elementos | - Presença dos pais<br>- Presença de um filho<br>- Ausência de outros elementos | _____         | - Ausência do pai<br>- Presença de dois filhos<br>- Presença de outros elementos | - Presença dos pais<br>- Presença de dois filhos<br>- Presença de outros elementos | - Ausência do pai<br>- Presença de dois filhos<br>- Ausência de outros elementos | - Ausência de ambos os pais<br>- Ausência de filhos<br>- Presença de um animal selvagem | - Ausência do pai<br>- Presença de um filho<br>- Ausência de outros elementos | - Ausência do pai<br>- Presença de dois filhos<br>- Ausência de outros elementos |
| <b>Ordem dos elementos</b>       | - Por ordem<br>- Filho 1º à esquerda                                            | - Por ordem<br>- Mãe 1º à esquerda                                            | - Por ordem<br>- Filho 1º à esquerda                                            | _____         | - Circular<br>- Mãe com um filho de cada lado                                    | - Por ordem<br>- Outro elemento 1º à esquerda (Avô)                                | - Por ordem<br>- Mãe 1º à esquerda                                               | - Ausência de figuras humanas                                                           | - Por ordem<br>- Mãe 1º à esquerda                                            | - Por ordem<br>- Filho 1º à esquerda                                             |
| <b>Proporções</b>                | - Mãe maior que o pai e filhos mais pequeno                                     | - Mãe maior, filhos mais pequenos                                             | - Mãe maior que o pai e filhos mais pequeno                                     | _____         | - Mãe maior, filhos mais pequenos                                                | - Mãe maior que o pai e filhos mais pequenos                                       | - Mãe maior filhos mais pequenos                                                 | - Ausência de figuras humanas                                                           | - Mãe maior, filhos mais pequenos                                             | - Mãe maior, filhos mais pequenos                                                |
| <b>União</b>                     | - Todos separados                                                               | - Todos unidos                                                                | - Todos unidos                                                                  | _____         | - Todos unidos                                                                   | - Todos separados                                                                  | - Todos separados                                                                | - Ausência de figuras humanas                                                           | - Todos unidos                                                                | - Todos separados                                                                |
| <b>Diferenciação de gerações</b> | - Diferenciação                                                                 | - Diferenciação                                                               | - Indiferenciação                                                               | _____         | - Indiferenciação                                                                | - Indiferenciação                                                                  | - Diferenciação                                                                  | - Ausência de figuras humanas                                                           | - Diferenciação                                                               | - Indiferenciação                                                                |
| <b>Diferenciação de sexos</b>    | - Diferenciação                                                                 | - Diferenciação                                                               | - Diferenciação                                                                 | _____         | - Indiferenciação                                                                | - Diferenciação                                                                    | - Diferenciação                                                                  | - Ausência de figuras humanas                                                           | - Diferenciação                                                               | - Diferenciação                                                                  |
| <b>Ambiente</b>                  | - Com ambiente<br>- No exterior                                                 | - Com ambiente<br>- No exterior                                               | - Sem ambiente                                                                  | _____         | - Com ambiente<br>- Dentro de casa                                               | - Sem ambiente                                                                     | - Sem ambiente                                                                   | - Sem ambiente                                                                          | - Com ambiente<br>- Dentro de casa                                            | - Com ambiente<br>- No exterior                                                  |
| <b>Particularidades</b>          | _____                                                                           | _____                                                                         | _____                                                                           | - Não desenha | _____                                                                            | _____                                                                              | _____                                                                            | - Foge ao tema                                                                          | _____                                                                         | _____                                                                            |

---

1. Quem são as pessoas que desenhaste? Que idades têm? O que estão a fazer?

---

- C1** “Sou eu, a mãe, o pai e a avó do pai”; “Não sei o que estão a fazer, estão contentes. Acho que estão a dizer adeus a uns amigos que vieram visitar-nos. O sol está a brincar. A casa é da avó, era uma casa muito velhinha, está a sair fumo da chaminé porque a avó acendeu uma fogueira para fazer comida”; “A mais velhinha é a avó, depois o pai, a mãe e eu”.
- C2** “Já não me apetece fazer mais desenhos. Só faço mais este. Vou fazer mais uma casa e já não faço mais nada”; “A mana e a mãe estão lá fora a brincar”; “A mana é mais pequena... não sei quantos anos tem a mãe”; “Dentro da casa está o pai, a família e eu, estamos a brincar e estamos contentes. Começou a chover e um relâmpago acertou no dedo da mana e elas vão para dentro de casa”.
- C3** “Eu, o pai e a mãe”; “É de dia e estamos todos em casa a ver na TV futebol do clube Sporting, que é o clube do pai. A mãe gosta um bocado de futebol”; “Os pais são mais velhos e eu tenho seis anos”.
- C4** “Não me apetece desenhar. Não me apetece mesmo desenhar”. (Folha em branco).
- C5** “É a sala das brincadeiras, a porta, o armário, aqui estou eu. Não estou deitado, estou sentado, com mais amigos meus. Olha, afinal até estamos deitados. Esse é o meu mano. Aqui está um amigo meu que chama-se Nuno e aqui está a mãe dele. Aqui está (no meio da estrela)... é o tempo a passar, os minutos e as horas. Está bonito? É uma estrela relógio, abrimos as pernas para a fazer (canta imitando sotaque brasileiro - Você não se mete comigo que eu não sou teu pai não, para mim quando eu digo pai é como se fosse mãe). Estamos aqui na casa, na sala das brincadeiras e é como se fosse dia da mãe (Nova interrupção – Gostava de gravar aí uma canção que podias mostrar a quem quiseses: ao teu professor. Qual é o nome do teu professor? Respondo: Emílio. Diz: Emílio, olá como é que tu estás? Depois gravas ele a responder, está bem? Que é para eu ouvir. Se quiseses traze-lo cá. Para a outra sexta, segunda, mas vens só para falar comigo... Canta: você não se mete comigo não, eu não sou a sua avó, eu não sou o seu pai... sou uma criança pois sou....sou Sílvio!) Estão efeitos a cair do céu, da casa, isso vermelho é um monte de brinquedos de todas as cores, um monte de brinquedos juntos”; “As mães são mais velhas, eu tenho 9, o Nuno 6 e o mano 4. São todos simpáticos e estão felizes”.
- C6** “É o avó da mãe, seguido da avó do pai, eu, o mano, a mãe e o pai. A avó da mãe e o avó do pai não estão porque já morreram”; “Estão todos a ver um teatro e estão felizes. Gosto muito de teatro, já entrei numa peça em que era a menina que estava doente”; “Os avós já são velhinhos, a mãe e o pai não sei bem a idade, o mano é mais velho e ela é a mais pequena”.
- C7** “Sou eu, a minha irmã e a mãe, o pai já não coube aqui. Estamos em casa de pijamas, acordamos e estamos a falar sobre a escola”; “A mãe é a mais velha e eu mais pequena”.
- C8** “É a terra do buraco. Estou lá dentro escondido, cavei e fui embora para dentro do buraco e fiz uma partida. Está uma serpente fora do buraco e quer morder e vou apanhá-la para comer ao jantar...”.
- C9** “Estamos em casa, eu estou a ajudar a mãe a cozinhar e estamos contentes. A mãe é mais velha do que eu, é mãe, eu tenho 6 anos e sou mais pequena porque sou filha”.
- C10** “É a mãe, a minha irmã e eu. Sou o mais pequenino”; “Estamos a passear num parque e estamos felizes. Está um dia bonito, com o sol a brilhar”; “A mãe é a mais velha e eu sou o mais novo”.
-

---

## 2. Quem é o mais simpático desta família? Porquê?

---

- C1 “São todos simpáticos” (Não explica).
- C2 “Gosto de todos, são todos simpáticos” (Não explica).
- C3 “São todos, o pai é às vezes”; “Às vezes não é simpático”.
- C4 Recusou desenhar.
- C5 “São todos simpáticos e estão felizes” (Não explica).
- C6 “Gosto de todos”; “Eles são bons e também gostam de mim. A mãe gosta de nós os dois, o pai gosta mais um bocadinho de mim”.
- C7 “São as duas” (Não explica).
- C8 Não responde.
- C9 “A mãe”; “Gosta muito de mim”.
- C10 “São as duas simpáticas”; “Gosto muito da minha mãe e da minha irmã”.
- 

---

## 3. Qual é o mais antipático/o pior desta família? Porquê?

---

- C1 “O pai é o menos simpático e faz mal à mãe”.
- C2 “A mãe”. (Não explica).
- C3 “O pai”; “Ralha muito”.
- C4 Recusou desenhar.
- C5 “São todos simpáticos, já sabes”.
- C6 “Acho todos simpáticos”.
- C7 “Não é ninguém”.
- C8 “A serpente”; “É má”.
- C9 “Não sei” (Não explica).
- C10 “Ninguém”; “Damo-nos todos bem”.
-

---

#### 4. Quem é o mais feliz desta família? Porquê?

---

- C1 Não responde.
- C2 Não responde.
- C3 *“Estão todos felizes”; “A menos feliz é a mãe, porque o pai está sempre a ralhar”.*
- C4 Recusou desenhar.
- C5 *“Todos”; “Estamos todos a brincar”.*
- C6 *“Estamos todos felizes”; “O teatro é divertido”.*
- C7 *“Estamos todas felizes”; “Estamos contentes a conversar”.*
- C8 Não responde.
- C9 *“As duas”; “Gosto de ajudar a mãe a cozinhar”.*
- C10 *“Não sei...acho que estamos todos felizes”; “Gostamos muito de passear todos juntos”.*
- 

---

#### 5. De quem é que gostas mais nesta família? Porquê?

---

- C1 *“Gosto de todos, mais da mãe e da avó da mãe que não mora comigo. A minha avó, que é mãe do meu pai, morava comigo”; “São boas para mim”.*
- C2 *“Gosto mais do pai porque a mãe bate-me”.*
- C3 *“Dos dois”; “O pai gosta mais mim que da mãe e a mãe também”.*
- C4 Recusou desenhar.
- C5 *“Gosto mais da mãe. Ela gosta dos dois, de mim e do mano”.*
- C6 *“Gosto de todos”; “São todos simpáticos”.*
- C7 *“Gosto mais da mãe”; “Deixa-me fazer as coisas que eu gosto e gosta de nós as duas”.*
- C8 Não responde.
- C9 *“Gosto muito da mãe”. (Não explica)*
- C10 *“Gosto muito das duas”; “Estou bem com elas”.*
- 

Nota: (C2); (C10) Desenharam a família real da direita para a esquerda.

## Resultados da análise das estruturas formais – Desenho da Família Real

Apenas nove desenhos foram considerados. Uma criança recusou desenhar a família real.

### Categoria - Elementos no desenho

#### Subcategoria – Elementos do desenho/Pais

| Elementos do desenho/Pais | Total |
|---------------------------|-------|
| Presença de ambos os pais | 3     |
| Ausência do pai           | 5     |
| Ausência de ambos os pais | 1     |

Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram no desenho ambas as figuras parentais. Cinco crianças (duas em acolhimento/três em pós-acolhimento) representaram apenas a figura materna, excluindo a figura paterna do desenho. Uma criança não representou as figuras parentais (em pós-acolhimento).

#### Subcategoria – Elementos do desenho/Filhos

| Elementos do desenho/Filhos | Total |
|-----------------------------|-------|
| Presença de um filho        | 4     |
| Presença de dois filhos     | 4     |
| Ausência de filhos          | 1     |
| Uma única figura desenhada  | 0     |

Quatro crianças (três em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram no desenho uma família com um filho. Quatro crianças representaram uma família com dois filhos (três em acolhimento/uma em pós-acolhimento). Uma criança (em pós-acolhimento) não representou filhos no desenho.

#### Subcategoria – Elementos do desenho/Outros elementos

| Elementos do desenho/Outros elementos | Total |
|---------------------------------------|-------|
| Presença de outros elementos          | 3     |
| Ausência de outros elementos          | 5     |
| Presença de um animal selvagem        | 1     |

Três crianças incluíram no desenho outros elementos. Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram elementos da sua família alargada (avós).

Uma criança (em acolhimento) representou a família real e uma outra família monoparental (mãe e um filho) sem relação de parentesco. Cinco crianças não incluíram no desenho outros elementos. Uma criança (pós-acolhimento) representou um animal selvagem.

#### **Categoria – Ordem dos elementos**

| <b>Ordem dos elementos</b>  | <b>Total</b> |
|-----------------------------|--------------|
| Circular                    | 1            |
| Por ordem                   | 7            |
| Uma única figura desenhada  | 0            |
| Ausência de figuras humanas | 1            |

Uma criança (em acolhimento) dispôs em círculo os elementos da família. Sete crianças (três em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) desenharam a família real por ordem. Uma criança não representou figuras humanas (em pós-acolhimento).

#### **Subcategoria – Ordem dos elementos/Circular**

| <b>Ordem dos elementos/Por ordem</b> | <b>Total</b> |
|--------------------------------------|--------------|
| Mãe/Pai com um filho de cada lado    | 1            |
| Filhos separados entre os pais       | 0            |
| Filhos unidos ao lado dos pais       | 0            |

Uma criança (em acolhimento) dispôs em círculo os elementos da família. A mãe encontra-se representada no desenho (elemento mais à esquerda da folha) com um filho de cada lado. Completam o círculo dois elementos de uma outra família monoparental (Mãe e filho) sem relação de parentesco.

#### **Subcategoria – Ordem dos elementos/Por ordem**

| <b>Ordem dos elementos/Por ordem</b> | <b>Total</b> |
|--------------------------------------|--------------|
| Pai 1º à esquerda                    | 0            |
| Mãe 1ª à esquerda                    | 3            |
| Filho 1º à esquerda                  | 3            |
| Outro elemento 1º à esquerda         | 1            |

Das sete crianças que representaram a família por ordem, três (uma em acolhimento/duas em pós-acolhimento) desenharam a figura materna como 1ª figura à esquerda. Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam o filho ou um dos filhos como 1ª figura

à esquerda. Uma criança (em pós-acolhimento) desenhou um elemento da família alargada (avô) como 1ª figura à esquerda.

#### **Categoria - Proporções**

| <b>Proporções</b>                          | <b>Total</b> |
|--------------------------------------------|--------------|
| Mãe maior que o pai e filhos mais pequenos | 3            |
| Mãe maior e filhos mais pequenos           | 5            |
| Mãe igual ao pai e filhos mais pequenos    | 0            |
| Mãe igual ao pai e aos filhos              | 0            |
| Filho maior que a mãe                      | 0            |
| Filho maior que os pais                    | 0            |
| Pai maior que a mãe e filhos mais pequenos | 0            |
| Por ordem decrescente                      | 0            |
| Uma única figura desenhada                 | 0            |
| Ausência de figuras humanas                | 1            |

Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram uma família nuclear desenhando a figura paterna como figura maior que a figura materna e os filhos mais pequenos. Cinco crianças (duas em acolhimento/três em pós-acolhimento) representaram uma família monoparental em que a mãe é desenhada maior e os filhos mais pequenos. Uma criança (em pós-acolhimento) não desenhou figuras humanas.

#### **Categoria – União**

| <b>União</b>                                                | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------------------------|--------------|
| Todos unidos                                                | 4            |
| Pais unidos e filhos separados                              | 0            |
| Filhos unidos e pais separados                              | 0            |
| Todos separados                                             | 4            |
| Um elemento isolado, três elementos unidos e dois separados | 0            |
| Um elemento isolado e os restantes unidos                   | 0            |
| Uma única figura desenhada                                  | 0            |
| Ausência de figuras humanas                                 | 1            |

Quatro crianças (três em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam os elementos da família todos unidos. Quatro crianças (uma em acolhimento/três em pós-

acolhimento) representaram os elementos da família separados. Uma criança (em pós-acolhimento) não desenhou figuras humanas.

#### **Categoria – Diferenciação de gerações**

| <b>Diferenciação de gerações</b> | <b>Total</b> |
|----------------------------------|--------------|
| Diferenciação                    | 4            |
| Indiferenciação                  | 4            |
| Uma única geração                | 0            |
| Ausência de figuras humanas      | 1            |

Quatro crianças (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) diferenciaram os adultos das crianças. Quatro crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam indiferenciadamente adultos e crianças. Uma criança (em pós-acolhimento) não desenhou figuras humanas.

#### **Categoria – Diferenciação de sexos**

| <b>Diferenciação de sexos</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------|--------------|
| Diferenciação                 | 7            |
| Indiferenciação               | 1            |
| Ausência de figuras humanas   | 1            |

A maioria das crianças (três em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) desenhou pormenores que permitiram diferenciar as figuras femininas das masculinas. Uma criança (em acolhimento) não diferenciou as figuras desenhadas de acordo com o sexo. Uma criança (em pós-acolhimento) não incluiu a representação de figuras humanas no desenho.

#### **Categoria – Ambiente**

| <b>Ambiente</b> | <b>Total</b> |
|-----------------|--------------|
| Sem ambiente    | 4            |
| Com ambiente    | 5            |
| Só ambiente     | 0            |

Quatro crianças (uma em acolhimento/três em pós-acolhimento) desenharam exclusivamente os elementos da família real. A maioria das crianças (três em acolhimento/duas em pós-acolhimento) integrou os elementos da família real num ambiente envolvente.

### Subcategoria – Tipo de ambiente

| Tipo de ambiente | Total |
|------------------|-------|
| Dentro de casa   | 2     |
| No exterior      | 3     |

Das cinco crianças que fizeram referência ao ambiente no desenho, quatro (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) desenharam um ambiente fora de casa (céu, sol, nuvens, relâmpago e a casa). Apenas duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram uma família dentro de casa. Uma das crianças limitou-se a desenhar as paredes, telhado e uma espécie de cortina, enquanto a outra desenhou as paredes e a porta de uma das divisões da casa, preenchendo o espaço com rabiscos desordenados (garatujas) que pretendem representar armários e brinquedos.

## **Análise de conteúdo - Desenho da Família Imaginada e desenho da Família Real**

### **Categorias/Critérios de análise**

No sentido de descrever os conteúdos presentes nos desenhos da família real, recorreremos a uma observação das seguintes categorias:

#### **Categoria - Família representada**

Família monoparental alargada

Família nuclear alargada

Família monoparental

Família nuclear

Uma única figura desenhada

Grupo de amigos

Não desenha figuras humanas

#### **Categoria - Figura materna**

Presença da figura materna

Ausência da figura materna

#### **Subcategoria - Atribuição de valor no desenho/Figura materna**

Valorizada (figura grande, posição central ou privilegiada, nos 1ºs lugares, desenho cuidado, com riqueza de pormenores)

Desvalorizada (figura pequena, posição secundária, em último lugar, afastada dos restantes, desenho pouco cuidado )

#### **Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Figura materna**

Valorizada

Desvalorizada

#### **Categoria - Figura paterna**

Presença da figura paterna

Ausência da figura paterna

#### **Subcategoria - Atribuição de valor no desenho/Figura paterna**

Valorizada

Desvalorizada

#### **Subcategoria - Atribuição de valor na narrativa/Figura paterna**

Valorizada

Desvalorizada

#### **Categoria - O próprio**

Presença do próprio

Ausência do próprio

**Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/O próprio**

Valorizado

Desvalorizado

**Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/O próprio**

Valorizado

Desvalorizado

**Categoria – Irmãos**

Presença de irmãos

Ausência de irmãos

**Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Irmãos**

Valorizados

Desvalorizados

**Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Irmãos**

Valorizados

Desvalorizados

**Categoria - Outros elementos**

Presença de elementos da família alargada

Presença de elementos sem relação de parentesco

Presença de um animal selvagem

Ausência de outros elementos

**Subcategoria - Atribuição de valor no desenho/Outros elementos**

Valorizados

Desvalorizados

**Subcategoria - Atribuição de valor na narrativa/Outros elementos**

Valorizados

Desvalorizados

**Categoria - Disposição dos elementos na família**

**Subcategoria - Família monoparental com dois elementos**

Mãe/Pai e filhos lado a lado

Mãe/Pai e filhos afastados (por interposição de outras figuras desenhadas)

**Subcategoria - Família monoparental com três elementos**

Mãe/Pai figura central

Um dos filhos figura central

**Subcategoria - Família nuclear com três elementos**

Pai figura central

Mãe figura central

Filho figura central

### **Subcategoria - Família nuclear com mais de três elementos**

Pais ao centro e um filho de cada lado

Um filho entre os pais

Um filho ao lado dos pais/Um filho afastado

Grupo dos filhos entre os pais

Grupo dos filhos ao lado dos pais

### **Subcategoria – Grupo de amigos**

Todos lado a lado

Um elemento isolado e os restantes lado a lado

### **Categoria - 1ª Figura desenhada**

Figura materna

Figura paterna

O próprio

Irmão

Elemento da família alargada

Elemento sem relação de parentesco

Ausência de figuras humanas

### **Categoria - Figura preferida**

Figura materna

Figura materna/Elemento da família alargada

Figura materna/Figura paterna

Figura materna/Irmão

Figura paterna

Figura paterna/Elemento da família alargada

O próprio

Irmão

Elemento da família alargada

Elemento sem relação de parentesco

Não faz distinção/Gosta de todos

Não menciona

### **Categoria – Particularidades**

Pormenores atípicos

Pormenores atípicos/Desenhou da direita para a esquerda

Família desenhada da direita para a esquerda

Figura central (1º), lado direito (2º), lado esquerdo (3º)

Recusou desenhar

Sem particularidades

## Desenho da Família Real/1

|                             | Análise de conteúdo                                                                                                                         |                                                                                                                               |                                                                                                                                  |       |                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                        |                                                                                                                             |                                                                                                                                 |                                                                                                                                                    |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                             | C1                                                                                                                                          | C2                                                                                                                            | C3                                                                                                                               | C4    | C5                                                                                                                                                 | C6                                                                                                                                                   | C7                                                                                                                                                     | C8                                                                                                                          | C9                                                                                                                              | C10                                                                                                                                                |
| <b>Família representada</b> | - Família nuclear (Três elementos) Alargada                                                                                                 | - Família monoparental (Dois elementos) *                                                                                     | - Família nuclear (Três elementos)                                                                                               | _____ | - Família monoparental (Três elementos)**                                                                                                          | - Família nuclear (Mais de três elementos) alargada                                                                                                  | - Família monoparental (Três elementos)                                                                                                                | - Não desenha figuras humanas                                                                                               | - Família monoparental (Dois elementos)                                                                                         | - Família monoparental (Três elementos)                                                                                                            |
| <b>Figura materna</b>       | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Nos 1ºs lugares/Figura maior)<br>- Valorizada na narrativa (De quem mais gosta)               | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Em 1º lugar/Figura maior)<br>- Desvalorizada na narrativa (Figura agressiva)    | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Figura maior)<br>- Desvalorizada na narrativa (A menos feliz)                      | _____ | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Em 1º lugar/Figura maior)<br>- Valorizada na narrativa (De quem gosta mais)                          | - Presença da figura materna<br>- Desvalorizada (Nos últimos lugares)<br>- Valorizada na narrativa (Feliz/ Gosta dos filhos)                         | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Em 1º lugar/Figura maior)<br>- Valorizada na narrativa (De quem mais gosta)                              | - Ausência da figura materna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não é mencionada)               | - Presença da figura materna<br>- Valorizada (Em 1º lugar/Figura maior)<br>- Valorizada na narrativa (De quem gosta muito)      | - Presença da figura materna<br>- Desvalorizada (Em 1º lugar/Figura maior)<br>- Valorizada na narrativa (Feliz/ Gosta dos filhos)                  |
| <b>Figura paterna</b>       | - Presença da figura paterna<br>- Valorizada (Desenhada nos 1ºs lugares)<br>- Desvalorizada na narrativa (Menos simpático/Figura agressiva) | - Ausência da figura paterna*<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Valorizada na narrativa (De quem mais gosta)                 | - Presença da figura paterna<br>- Valorizada (Nos 1ºs lugares/Figura central)<br>- Desvalorizada na narrativa (Figura agressiva) | _____ | - Ausência da figura paterna*<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não é mencionada)                                     | - Presença da figura paterna<br>- Desvalorizada (Em último lugar/ Figura mais pequena)<br>- Valorizada na narrativa                                  | - Ausência da figura paterna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não cabe na folha)                                         | - Ausência da figura paterna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não é mencionada)               | - Ausência da figura paterna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (não é mencionada)                   | - Ausência da figura paterna<br>- Desvalorizada (Excluída)<br>- Desvalorizada na narrativa (Não é mencionada)                                      |
| <b>O próprio</b>            | - Presença do próprio<br>- Valorizado (Em 1º lugar/Junto da mãe)<br>- Desvalorizado na narrativa (Sem destaque)                             | - Ausência do próprio*<br>- Desvalorizado (Excluído)<br>- Valorizado na narrativa (Contente/Junto das pessoas que mais gosta) | - Presença do próprio<br>- Valorizado (Em 1º lugar/Junto do pai)<br>- Valorizado na narrativa (De quem os pais mais gostam)      | _____ | - Presença do próprio<br>- Valorizado (Nos 1ºs lugares/Junto da mãe)<br>- Valorizado na narrativa (Figura de destaque)                             | - Presença do próprio<br>- Valorizado (Em 3º lugar/ Uma das figuras maiores) /<br>- Valorizado na narrativa (Feliz/De quem o pai gosta mais)         | - Presença do próprio<br>- Desvalorizado (Em último lugar /Afastado da mãe)<br>- Valorizada na narrativa (Contente/ Integrada com os outros elementos) | - Ausência do próprio<br>- Desvalorizado (Excluído)<br>- Valorizado na narrativa (Única personagem mencionada/O mais forte) | - Presença do próprio<br>- Valorizado (Com mais pomenor/ Ao lado da mãe)<br>- Valorizado na narrativa (Contente/A ajudar a mãe) | - Presença do próprio<br>- Desvalorizado (Em último lugar/ Afastado da mãe)<br>- Valorizado na narrativa (Feliz/ Junto das pessoas que mais gosta) |
| <b>Irmãos</b>               | - Ausência de irmãos                                                                                                                        | - Presença de um irmão<br>- Valorizado ( Em 1º lugar)<br>- Desvalorizado na narrativa (Relâmpago acerta-lhe no dedo)          | - Ausência de irmãos                                                                                                             | _____ | - Presença de um irmão<br>- Valorizado (Em 2º lugar/Junto da mãe/Maior que o próprio)<br>- Desvalorizado na narrativa (Isolado/À procura de todos) | - Presença de um irmão<br>- Desvalorizado (Últimos lugares/ Figura pequena)<br>- Desvalorizado na narrativa (Sem destaque/De quem o pai gosta menos) | - Presença de um irmão<br>- Valorizado (Em 2º lugar/Figura central/Junto da mãe)<br>- Valorizado na narrativa (Figura de quem gosta)                   | - Ausência de irmãos                                                                                                        | - Ausência de irmãos                                                                                                            | - Presença de um irmão<br>- Valorizado (Em 2º lugar/Figura central/Junto da mãe)<br>- Valorizado na narrativa (Feliz/ Figura de quem gosta)        |

## Desenho da Família Real/2

|                                 | Análise de conteúdo                                                                                                                                  |                                                                                                                      |                                        |                                   |                                                                                                                                                              |                                                                                                                                   |                                                               |                                                                                                                                                |                                                           |                                                               |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
|                                 | C1                                                                                                                                                   | C2                                                                                                                   | C3                                     | C4                                | C5                                                                                                                                                           | C6                                                                                                                                | C7                                                            | C8                                                                                                                                             | C9                                                        | C10                                                           |
| <b>Outros elementos</b>         | - Elemento da família alargada (Avó)<br>- Desvalorizados (Em último lugar/ Figura pequena)<br>- Desvalorizado na narrativa (Gosta mais da outra avó) | - Ausência de outros elementos *<br>- Valorizados na narrativa (Contentes/Todos juntos/A brincar)                    | - Ausência de outros elementos         | _____                             | - Elementos sem relação de parentesco (Outra família. Mãe e filho) **<br>- Desvalorizados (Em último lugar)<br>- Valorizados na narrativa (São todos amigos) | - Elementos da família alargada (Avós)<br>- Valorizados (Nos 1ºs lugares)<br>- Valorizados na narrativa (Bons/ Gostam do próprio) | - Ausência de outros elementos<br>- Ausentes na narrativa     | - Presença de um animal selvagem<br>- Valorizado (Única figura desenhada)<br>- Desvalorizado na narrativa (Agressivo/Mais fraco que o próprio) | - Ausência de outros elementos<br>- Ausentes na narrativa | - Ausência de outros elementos<br>- Ausentes na narrativa     |
| <b>Disposição dos elementos</b> | - Mãe figura central (Família nuclear)                                                                                                               | - Mãe e filho lado a lado (Família monoparental)                                                                     | - Pai figura central (Família nuclear) | _____                             | - Mãe figura central (Família monoparental)                                                                                                                  | - Grupo dos filhos ao lado dos pais (Família nuclear com mais de três elementos)                                                  | - Um dos filhos figura central (Irmão) (Família monoparental) | - Não desenha figuras humanas                                                                                                                  | - Mãe e filho lado a lado (Família monoparental)          | - Um dos filhos figura central (irmão) (Família monoparental) |
| <b>1ª Figura desenhada</b>      | - Próprio                                                                                                                                            | - Irmão                                                                                                              | - Próprio                              | _____                             | - Figura materna                                                                                                                                             | - Elemento da família alargada (Avó)                                                                                              | - Figura materna                                              | - Ausência de figuras humanas (Serpente)                                                                                                       | - Figura materna                                          | - Figura materna                                              |
| <b>Figura preferida</b>         | - Figura materna/Elemento da família alargada (Avó materna)                                                                                          | - Figura paterna                                                                                                     | - Figura materna/ Figura paterna       | _____                             | - Figura materna                                                                                                                                             | - Não faz distinção/ Gosta de todos                                                                                               | - Figura materna                                              | - Não menciona                                                                                                                                 | - Figura materna                                          | - Figura materna/Irmão                                        |
| <b>Particularidades</b>         | _____                                                                                                                                                | - Desenha da direita para a esquerda<br>- Pormenor atípico - Relâmpago acerta no dedo da irmã; Expressão das figuras | _____                                  | - Recusou desenhar a família real | - Pormenor atípico – Elementos formam uma estrela com um relógio no interior                                                                                 | _____                                                                                                                             | _____                                                         | - Pormenor atípico - Presença de uma animal selvagem como única figura desenhada                                                               | _____                                                     | - Desenha da direita para a esquerda                          |

\*os outros elementos da família fazem apenas parte da narrativa

\*\* Presença de dois elementos desenhados estranhos à família (outra família monoparental – mãe e filho)

## Resultados – Desenho da Família Real

Apenas nove desenhos foram considerados. Uma criança recusou desenhar a família real.

### Categoria - Família representada

| Família representada          | Total |
|-------------------------------|-------|
| Família monoparental alargada | 0     |
| Família nuclear alargada      | 2     |
| Família monoparental          | 5     |
| Família nuclear               | 1     |
| Uma única figura desenhada    | 0     |
| Grupo de amigos               | 0     |
| Não desenha figuras humanas   | 1     |

Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram uma família nuclear acrescentando outros elementos da família alargada (avós). Cinco crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam uma família monoparental. Uma criança (em acolhimento) representou uma família nuclear. Uma criança (em pós-acolhimento) não desenhou figuras humanas.

### Categoria - Figura materna

| Figura materna             | Total |
|----------------------------|-------|
| Presença da figura materna | 8     |
| Ausência da figura materna | 1     |

A maioria das crianças (quatro em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) representou no desenho a figura materna. Uma criança (em pós-acolhimento) excluiu a figura materna do desenho.

### Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Figura materna

| Atribuição de valor/Figura materna | Total |
|------------------------------------|-------|
| Valorizada                         | 7     |
| Desvalorizada                      | 2     |

Sete crianças (quatro em acolhimento/três em pós-acolhimento) valorizaram a figura materna no desenho, representando-a em primeiro lugar e/ou como figura maior. Duas crianças

(pós-acolhimento) desvalorizaram a figura materna, posicionando-a nos últimos lugares ou excluindo-a do desenho.

**Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Figura materna**

| <b>Atribuição de valor/Figura materna</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------|--------------|
| Valorizada                                | 6            |
| Desvalorizada                             | 3            |

Seis crianças (duas em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) valorizaram a figura materna na narrativa. Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) não lhe atribuíram valor ou um lugar de destaque na sua descrição.

**Categoria - Figura paterna**

| <b>Figura Paterna</b>      | <b>Total</b> |
|----------------------------|--------------|
| Presença da figura paterna | 3            |
| Ausência da figura paterna | 6            |

Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) representaram no desenho a figura paterna. Seis crianças (duas em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) excluíram a figura paterna do desenho.

**Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Figura paterna**

| <b>Atribuição de valor/Figura paterna</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------|--------------|
| Valorizada                                | 2            |
| Desvalorizada                             | 7            |

Duas crianças (em acolhimento) valorizaram a figura paterna, posicionando-a nos primeiros lugares e/ou como figura central. Sete crianças (duas em acolhimento/cinco em pós-acolhimento) desvalorizaram a figura paterna, excluindo-a do desenho, representando-a nos últimos lugares e /ou desenhando-a como figura mais pequena.

**Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Figura paterna**

| <b>Atribuição de valor/Figura paterna</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------|--------------|
| Valorizada                                | 2            |
| Desvalorizada                             | 7            |

Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) valorizaram a figura paterna na sua descrição. Sete crianças (três em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) desqualificaram ou não mencionaram a figura paterna na narrativa.

#### **Categoria – O próprio**

| <b>O próprio</b>    | <b>Total</b> |
|---------------------|--------------|
| Presença do próprio | 7            |
| Ausência do próprio | 2            |

Sete crianças (três em acolhimento/quatro em pós-acolhimento) representaram a figura correspondente ao próprio no desenho. Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) não se representaram no desenho.

#### **Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/O próprio**

| <b>Atribuição de valor/O próprio</b> | <b>Total</b> |
|--------------------------------------|--------------|
| Valorizado                           | 5            |
| Desvalorizado                        | 4            |

Cinco crianças (três em acolhimento/duas em pós-acolhimento) valorizaram no desenho a figura correspondente ao próprio, representando-a em primeiro lugar e/ou com mais detalhe. Quatro crianças (uma em acolhimento/três em pós-acolhimento) desvalorizaram a figura correspondente ao próprio, excluindo-a e/ou desenhando-a em último lugar.

#### **Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/O próprio**

| <b>Atribuição de valor/O próprio</b> | <b>Total</b> |
|--------------------------------------|--------------|
| Valorizado                           | 8            |
| Desvalorizado                        | 1            |

A grande maioria das crianças (três em acolhimento/cinco em pós-acolhimento) autovalorizou-se na sua descrição. Uma criança (em acolhimento) desvalorizou-se na narrativa.

#### **Categoria - Irmãos**

| <b>Irmãos</b>      | <b>Total</b> |
|--------------------|--------------|
| Presença de irmãos | 5            |
| Ausência de irmãos | 4            |

Cinco crianças (duas em acolhimento/três em pós-acolhimento) representaram um irmão no desenho. Quatro crianças (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) não representaram irmãos.

#### Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Irmãos

| Atribuição de valor/Irmãos | Total |
|----------------------------|-------|
| Valorizados                | 4     |
| Desvalorizados             | 1     |

Quatro crianças (duas em acolhimento/duas em pós-acolhimento) valorizaram a figura do irmão no desenho, desenhando-a nos primeiros lugares e/ou representando-a como a única figura desenhada. Uma criança (em pós-acolhimento) desvalorizou o irmão representado no desenho, posicionando-o nos últimos lugares e como figura mais pequena.

#### Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Irmãos

| Atribuição de valor/Irmãos | Total |
|----------------------------|-------|
| Valorizados                | 2     |
| Desvalorizados             | 3     |

Duas crianças (em pós-acolhimento) valorizaram a figura do irmão na narrativa. Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desvalorizaram-nos na sua descrição, não lhe atribuindo valor ou lugar de destaque.

#### Categoria – Outros elementos

| Outros elementos                                | Total |
|-------------------------------------------------|-------|
| Presença de elementos da família alargada       | 2     |
| Presença de elementos sem relação de parentesco | 1     |
| Presença de um animal selvagem                  | 1     |
| Ausência de parentes ou outros elementos*       | 5     |

\*(C2) excluídos do desenho, mencionados na narrativa

Duas crianças (em acolhimento) representaram no desenho elementos de uma família alargada (avós). Uma criança (em acolhimento) desenhou uma outra família monoparental sem relação de parentesco. Uma criança (em pós-acolhimento) representou um animal selvagem. Cinco crianças (duas em acolhimento/três em pós-acolhimento) não incluíram outros elementos no desenho.

### Subcategoria – Atribuição de valor no desenho/Outros elementos

| Atribuição de valor/Outros elementos | Total |
|--------------------------------------|-------|
| Valorizados                          | 2     |
| Desvalorizados                       | 2     |

Duas crianças (em pós-acolhimento) valorizaram os outros elementos representados, posicionando-os em primeiro lugar e/ou como únicas figuras representadas. Duas crianças (em acolhimento) desvalorizaram-nos desenhando-os em último lugar e como figuras mais pequenas.

### Subcategoria – Atribuição de valor na narrativa/Outros elementos

| Atribuição de valor/Outros elementos | Total |
|--------------------------------------|-------|
| Valorizados*                         | 3     |
| Desvalorizados                       | 2     |

\*(C2) excluídos do desenho, mencionados na narrativa

Três crianças (duas em acolhimento/uma em pós-acolhimento) valorizaram os outros elementos representados no desenho na sua narrativa. Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desvalorizaram na narrativa outros elementos representados no desenho.

## Categoria - Disposição dos elementos da família

### Subcategoria – Família monoparental com dois elementos

| Família monoparental com dois elementos* | Total |
|------------------------------------------|-------|
| Mãe/Pai e filhos lado a lado             | 2     |
| Mãe/Pai e filhos afastados               | 0     |

\*uma das famílias/família alargada

Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) desenharam uma família monoparental em que os elementos do núcleo familiar se encontram posicionados lado a lado.

### Subcategoria – Família monoparental com três elementos

| Família monoparental com três elementos | Total |
|-----------------------------------------|-------|
| Mãe/Pai figura central                  | 1     |
| Um dos filhos figura central            | 2     |

Uma criança (em acolhimento) representou a figura materna de uma família monoparental (mãe e dois filhos) como figura central. Duas crianças (em pós-acolhimento) atribuíram a um dos filhos de uma família monoparental (mãe e dois filhos) a posição central.

### Subcategoria – Família nuclear com três elementos

| Família nuclear com três elementos | Total |
|------------------------------------|-------|
| Pai figura central                 | 1     |
| Mãe figura central                 | 1     |
| Filho figura central               | 0     |

Uma criança (em acolhimento) desenhou uma família nuclear (mãe, pai e filho) atribuindo à figura paterna a posição central. Uma criança (em acolhimento) representou a figura materna de uma família nuclear (mãe, pai e filho) como figura central.

### Subcategoria – Família nuclear com mais de três elementos

| Família nuclear com mais de três elementos* | Total |
|---------------------------------------------|-------|
| Pais ao centro e um filho de cada lado      | 0     |
| Um filho entre os pais                      | 0     |
| Um filho ao lado dos pais/Um filho afastado | 0     |
| Grupo dos filhos entre os pais              | 0     |
| Grupo dos filhos ao lado dos pais           | 1     |

\*inclui outros elementos da família alargada

Uma criança (em pós-acolhimento) representou uma família nuclear (mãe, pai e dois filhos) posicionando o grupo dos filhos ao lado dos pais.

### Categoria – 1ª Figura desenhada

| 1ª Figura desenhada                | Total |
|------------------------------------|-------|
| Figura materna                     | 4     |
| Figura paterna                     | 0     |
| O próprio                          | 2     |
| Irmão                              | 1     |
| Elemento da família alargada       | 1     |
| Elemento sem relação de parentesco | 0     |
| Ausência de figuras humanas        | 1     |

Quatro crianças (uma em acolhimento/três em pós-acolhimento) representaram a figura materna em primeiro lugar. Duas crianças (em acolhimento) desenharam a figura correspondente ao próprio em primeiro lugar. Uma criança (em acolhimento) representou um irmão em primeiro lugar. Uma criança (em pós-acolhimento) desenhou um elemento da família alargada (avô) em primeiro lugar. Uma criança (em pós-acolhimento) não representou figuras humanas.

### **Categoria - Figura preferida**

| <b>Figura preferida</b>                     | <b>Total</b> |
|---------------------------------------------|--------------|
| Figura materna                              | 3            |
| Figura materna/Elemento da família alargada | 1            |
| Figura materna/Figura paterna               | 1            |
| Figura materna/Irmão                        | 1            |
| Figura paterna                              | 1            |
| Figura paterna/Elemento da família alargada | 0            |
| O próprio                                   | 0            |
| Irmão                                       | 0            |
| Elemento da família alargada                | 0            |
| Elemento sem relação de parentesco          | 0            |
| Não faz distinção/Gosta de todos            | 1            |
| Não menciona                                | 1            |

Três crianças (uma em acolhimento/duas em pós-acolhimento) elegeram a figura materna como figura preferida na narrativa. Uma criança (em acolhimento) nomeou como figuras preferidas a figura materna e um elemento da família alargada (avó). Uma criança (em acolhimento) considerou ambas as figuras parentais como figuras preferidas. Uma criança (em pós-acolhimento) elegeu a figura materna e um irmão. Uma criança (em acolhimento) escolheu a figura paterna. Uma criança (em pós-acolhimento) não fez distinção entre os elementos representados. Uma criança (em pós-acolhimento) não representou no desenho figuras humanas.

### **Categoria - Particularidades**

| <b>Particularidades</b>                                    | <b>Total</b> |
|------------------------------------------------------------|--------------|
| Pormenores atípicos                                        | 2            |
| Pormenores atípicos/Desenha da direita para a esquerda     | 1            |
| Família desenhada da direita para a esquerda               | 1            |
| Figura central (1º), lado direito (2º), lado esquerdo (3º) | 0            |
| Recusou desenhar                                           | 1            |
| Sem particularidades                                       | 5            |

Duas crianças (uma em acolhimento/uma em pós-acolhimento) incluíram no desenho alguns pormenores atípicos. Uma criança (em acolhimento) representou alguns pormenores atípicos e desenhou os elementos da direita para a esquerda. Uma criança (em pós-acolhimento)

desenhou os elementos da família da direita para a esquerda. Uma criança (em acolhimento) recusou desenhar a família real. Nos desenhos de cinco crianças (duas em acolhimento/três em pós-acolhimento) não se encontram particularidades que se destaquem.

## Desenho da Família Real - Diferenças entre o grupo de crianças em acolhimento e o grupo em pós-acolhimento

### Estruturas formais

Foi possível verificar a existência de algumas diferenças relativas às estruturas formais entre os desenhos dos dois grupos de crianças quanto à união e ao espaço ocupado na folha.

| Categorias |                 | Crianças em acolhimento | Crianças em pós-acolhimento |
|------------|-----------------|-------------------------|-----------------------------|
| União      | Todos unidos    | 3/4                     | 1/5                         |
|            | Todos separados | 1/4                     | 3/5                         |

Relativamente à proximidade espacial entre as figuras presentes nos desenhos, a maioria das crianças (3/4) em acolhimento representou todos os elementos unidos, apenas uma criança (1/4) desenhou os elementos da família separados entre si. No grupo em pós-acolhimento verifica-se o inverso: três crianças (3/5) representaram os elementos todos separados e apenas uma (1/5) desenhou os elementos da família unidos. Uma das crianças (1/5) do grupo em pós-acolhimento não desenhou figuras humanas.

## Conteúdo

Existem algumas diferenças significativas entre os dois grupos, no que diz respeito à valorização do próprio no desenho, à representação (presença/ausência) e à valorização da figura paterna, assim como relativamente à identidade da primeira figura desenhada.

| Categorias                 |                              | Crianças em acolhimento | Crianças em pós-acolhimento |
|----------------------------|------------------------------|-------------------------|-----------------------------|
| <b>Figura paterna</b>      | Presença da figura paterna   | 2/4                     | 1/5                         |
|                            | Ausência da figura paterna   | 2/4                     | 4/5                         |
|                            | Valorizada no desenho        | 2/4                     | 0/5                         |
|                            | Desvalorizada no desenho     | 2/4                     | 5/5                         |
| <b>O próprio</b>           | Valorizado no desenho        | 3/4                     | 2/5                         |
|                            | Desvalorizado no desenho     | 1/4                     | 3/5                         |
| <b>1ª Figura desenhada</b> | Figura materna               | 1/4                     | 3/5                         |
|                            | O próprio                    | 2/4                     | 0/5                         |
|                            | Irmão                        | 1/4                     | 0/5                         |
|                            | Elemento da família alargada | 0/4                     | 1/5                         |
|                            | Ausência de figuras humanas  | 0/4                     | 1/5                         |

Relativamente à presença/ausência da figura paterna, metade das crianças em acolhimento (2/4) excluíram-na do desenho, enquanto a grande maioria das crianças em pós-acolhimento não a representou (4/5). A figura paterna foi valorizada no desenho pelas duas crianças em acolhimento (2/4) que a representaram, enquanto no grupo em pós-acolhimento foi desvalorizada pela única criança (1/5) que a incluiu no seu desenho.

Quanto à importância atribuída no desenho à figura correspondente ao próprio, foi possível verificar que esta foi maioritariamente (3/4), como uma única exceção (1/4), destacada e valorizada em relação às outras figuras presentes no desenho pelas crianças em acolhimento, contrariamente ao que se verificou com o grupo em pós-acolhimento, onde se observou uma maior tendência (3/5) para a sua desvalorização.

No que diz respeito à primeira figura desenhada pelas crianças, podemos registar que o grupo em pós-acolhimento atribuiu maioritariamente (3/5) esta posição à figura materna, enquanto no grupo em acolhimento apenas uma criança (1/4) a representou em primeiro lugar.

## **Análise comparativa dos desenhos da Família imaginada/Família Real – E.Formais**

Encontramos algumas diferenças significativas nas estruturas formais entre os desenhos da família imaginada e da família real. As diferenças dizem respeito aos elementos presentes no desenho, às proporções relativas das figuras desenhadas, à proximidade espacial entre as figuras e ao preenchimento espacial da folha.

| <b>Estruturas formais</b>                    | <b>Família Imaginada</b> | <b>Família Real</b> |
|----------------------------------------------|--------------------------|---------------------|
| <b>Categoria - Elementos no desenho</b>      |                          |                     |
| <b>Elementos do desenho/pais</b>             |                          |                     |
| Presença de ambos os pais                    | 4/10                     | 3/9                 |
| Ausência do pai                              | 3/10                     | 5/9                 |
| Ausência de ambos os pais                    | 3/10                     | 1/9                 |
| <b>Elementos do desenho/filhos</b>           |                          |                     |
| Presença de um filho                         | 4/10                     | 4/9                 |
| Presença de dois filhos                      | 4/10                     | 4/9                 |
| Ausência de filhos                           | 2/10                     | 1/9                 |
| <b>Elementos do desenho/outros elementos</b> |                          |                     |
| Presença de outros elementos                 | 4/10                     | 3/9                 |
| Ausência de outros elementos                 | 6/10                     | 5/9                 |
| Presença de um animal selvagem               | 0/10                     | 1/9                 |
| <b>Categoria - Ordem dos elementos</b>       |                          |                     |
| Circular                                     | 0/10                     | 1/9                 |
| Por ordem                                    | 8/10                     | 7/9                 |
| Uma única figura desenhada                   | 1/10                     | 0/9                 |
| Ausência de figuras humanas                  | 1/10                     | 1/9                 |
| <b>Circular</b>                              |                          |                     |
| Mãe/Pai com um filho de cada lado            | 0/10                     | 1/1                 |
| Filhos separados entre os pais               | 0/10                     | 0/1                 |
| Filhos unidos ao lado dos pais               | 0/10                     | 0/1                 |
| <b>Por ordem</b>                             |                          |                     |
| Pai 1º à esquerda                            | 1/8                      | 0/7                 |
| Mãe 1ª à esquerda                            | 3/8                      | 3/7                 |
| Filho 1º à esquerda                          | 3/8                      | 3/7                 |
| Outro elemento 1º à esquerda                 | 1/8                      | 1/7                 |
| <b>Categoria – Proporções</b>                |                          |                     |
| Mãe maior que o pai e filhos mais pequenos   | 0/10                     | 3/9                 |
| Mãe maior e filhos mais pequenos             | 2/10                     | 5/9                 |
| Mãe igual ao pai e filhos mais pequenos      | 0/10                     | 0/9                 |
| Mãe igual ao pai e aos filhos                | 1/10                     | 0/9                 |
| Filho maior que a mãe                        | 1/10                     | 0/9                 |
| Filho maior que os pais                      | 1/10                     | 0/9                 |
| Pai maior que a mãe e filhos mais pequenos   | 2/10                     | 0/9                 |
| Por ordem decrescente                        | 1/10                     | 0/9                 |

| <b>Estruturas formais</b>                         | <b>Família Imaginada</b> | <b>Família Real</b> |
|---------------------------------------------------|--------------------------|---------------------|
| <b>Categoria – Proporções (Cont.)</b>             |                          |                     |
| Uma única figura desenhada                        | 1/10                     | 0/9                 |
| Ausência de figuras humanas desenhadas            | 1/10                     | 1/9                 |
| <b>Categoria – União</b>                          |                          |                     |
| Todos unidos                                      | 1/10                     | 4/9                 |
| Pais unidos e filhos separados                    | 0/10                     | 0/9                 |
| Filhos unidos e pais separados                    | 0/10                     | 0/9                 |
| Todos separados                                   | 5/10                     | 4/9                 |
| Um elemento isolado, três unidos e dois separados | 1/10                     | 0/9                 |
| Um elemento separado e os restantes unidos        | 1/10                     | 0/9                 |
| Uma única figura desenhada                        | 1/10                     | 0/9                 |
| Ausência de figuras humanas                       | 1/10                     | 1/9                 |
| <b>Categoria – Diferenciação de gerações</b>      |                          |                     |
| Diferenciação                                     | 4/10                     | 4/9                 |
| Indiferenciação                                   | 3/10                     | 4/9                 |
| Uma única geração                                 | 2/10                     | 0/9                 |
| Ausência de figuras humanas                       | 1/10                     | 1/9                 |
| <b>Categoria – Diferenciação de sexos</b>         |                          |                     |
| Diferenciação                                     | 7/10                     | 7/9                 |
| Indiferenciação                                   | 2/10                     | 1/9                 |
| Ausência de figuras humanas                       | 1/10                     | 1/9                 |
| <b>Categoria – Ambiente</b>                       |                          |                     |
| Sem ambiente                                      | 4/10                     | 4/9                 |
| Com ambiente                                      | 5/10                     | 5/9                 |
| Só ambiente                                       | 1/10                     | 0/9                 |
| <b>Tipo de Ambiente</b>                           |                          |                     |
| Dentro de casa                                    | 1/6                      | 2/5                 |
| No exterior                                       | 5/6                      | 3/5                 |

Relativamente aos elementos presentes nos desenhos, é possível verificar que no desenho da família imaginada quatro crianças (4/10) representaram as duas figuras parentais, três (3/10) excluíram a figura paterna e três (3/10) não representaram nenhum dos pais. No desenho da família real a maioria das crianças (5/9) exclui o pai do desenho, três (3/9) representam ambos os pais e apenas uma (1/9) não representou nenhuma das figuras parentais.

Quanto às proporções relativas das figuras desenhadas, verificou-se no desenho da família imaginada uma maior variação das formas e das dimensões das figuras representadas. Duas crianças (2/10) representaram a mãe como figura maior e os filhos mais pequenos, uma (1/10) a mãe igual ao pai e aos filhos, uma (1/10) o filho maior que a mãe, uma (1/10) o filho maior que os pais, duas (2/10) o pai maior que a mãe e os filhos mais pequenos, uma (1/10) um grupo de

crianças desenhada por ordem decrescente, uma (1/10) representa apenas uma única figura no desenho e uma (1/10) não representa figuras humanas. No desenho da família real, a grande maioria das crianças (8/9) desenhou a mãe como figura maior. Três das crianças (3/8) representaram uma família nuclear em que a mãe é desenhada como figura maior que o pai e os filhos mais pequenos, cinco crianças (5/8) representaram uma família monoparental em que a mãe é a figura maior e os filhos mais pequenos. Apenas uma criança (1/9) não desenhou figuras humanas.

Quanto à proximidade espacial entre as figuras presentes nos desenhos da família imaginada, registou-se uma maior tendência para representar as figuras separadas ou agrupadas relativamente aos desenhos da família real. Metade das crianças (5/10) desenhou todos os elementos separados, uma criança (1/10) um elemento isolado, três unidos e dois separados, uma criança (1/10) um elemento isolado e os restantes unidos e uma (1/10) desenhou apenas um elemento da família. Neste grupo, apenas uma criança (1/10) não representou figuras humanas. Nos desenhos da família real foi possível verificar que quatro crianças (4/9) representaram as figuras todas separadas entre si, e outras quatro crianças (4/9) representaram-nas todas unidas. Apenas uma criança (1/10) não desenhou figuras humanas.

## Análise comparativa dos desenhos da Família imaginada/Família Real – Conteúdo

Foi possível verificar a existência de algumas diferenças de conteúdo entre os desenhos da família imaginada e os da família real. Dizem respeito ao tipo de família representada, à valorização da figura materna, da figura identificada como o próprio/o próprio, dos irmãos e de outros elementos exteriores ao núcleo familiar e à escolha da figura preferida.

| Análise de conteúdo                                   | Família Imaginada | Família Real |
|-------------------------------------------------------|-------------------|--------------|
| <b>Categoria – Família representada</b>               |                   |              |
| Família monoparental alargada                         | 1/10              | 0/9          |
| Família nuclear alargada                              | 1/10              | 2/9          |
| Família monoparental                                  | 2/10              | 5/9          |
| Família nuclear                                       | 3/10              | 1/9          |
| Uma única figura desenhada                            | 1/10              | 0/9          |
| Grupo de amigos                                       | 1/10              | 0/9          |
| Não desenha figuras humanas                           | 1/10              | 1/9          |
| <b>Categoria – Figura materna</b>                     |                   |              |
| Presença da figura materna                            | 7/10              | 8/9          |
| Ausência da figura materna                            | 3/10              | 1/9          |
| <b>Atribuição de valor no desenho</b>                 |                   |              |
| Valorizada                                            | 4/10              | 7/9          |
| Desvalorizada                                         | 6/10              | 2/9          |
| <b>Atribuição de valor na narrativa</b>               |                   |              |
| Valorizada                                            | 6/10              | 6/9          |
| Desvalorizada                                         | 4/10              | 3/9          |
| <b>Categoria – Figura paterna</b>                     |                   |              |
| Presença da figura paterna                            | 4/10              | 3/9          |
| Ausência da figura paterna                            | 6/10              | 6/9          |
| <b>Atribuição de valor no desenho</b>                 |                   |              |
| Valorizada                                            | 3/10              | 2/9          |
| Desvalorizada                                         | 7/10              | 7/9          |
| <b>Atribuição de valor na narrativa</b>               |                   |              |
| Valorizada                                            | 2/10              | 2/9          |
| Desvalorizada                                         | 8/10              | 7/9          |
| <b>Categoria – Figura identificada como o próprio</b> |                   |              |
| Filho único                                           | 3/10              | —            |
| Filho mais velho                                      | 4/10              | —            |
| Filho mais novo                                       | 1/10              | —            |
| Um dos amigos                                         | 1/10              | —            |
| Ausência de figura identificada como o próprio        | 1/10              | —            |

| <b>Análise de conteúdo</b>                                | <b>Família Imaginada</b> | <b>Família Real</b> |
|-----------------------------------------------------------|--------------------------|---------------------|
| <b>Idade/Figura identificada como o próprio</b>           |                          |                     |
| A idade corresponde                                       | 8/10                     | —                   |
| Mais novo que o próprio                                   | 0/10                     | —                   |
| Mais velho que o próprio                                  | 2/10                     | —                   |
| <b>Categoria – O próprio</b>                              |                          |                     |
| Presença do próprio                                       | —                        | 7/9                 |
| Ausência do próprio                                       | —                        | 2/9                 |
| <b>Atribuição de valor no desenho/Ambos os desenhos</b>   |                          |                     |
| Valorizado                                                | 7/10                     | 5/9                 |
| Desvalorizado                                             | 3/10                     | 4/9                 |
| <b>Atribuição de valor na narrativa/Ambos os desenhos</b> |                          |                     |
| Valorizado                                                | 6/10                     | 8/9                 |
| Desvalorizado                                             | 4/10                     | 1/9                 |
| <b>Categoria – Irmãos</b>                                 |                          |                     |
| Presença de irmãos                                        | 5/10                     | 5/9                 |
| Ausência de irmãos                                        | 5/10                     | 4/9                 |
| <b>Atribuição de valor no desenho</b>                     |                          |                     |
| Valorizados                                               | 2/5                      | 4/5                 |
| Desvalorizados                                            | 3/5                      | 1/5                 |
| <b>Atribuição de valor na narrativa</b>                   |                          |                     |
| Valorizados                                               | 1/5                      | 2/5                 |
| Desvalorizados                                            | 5/5                      | 3/5                 |
| <b>Categoria – Outros elementos</b>                       |                          |                     |
| Presença de elementos da família alargada                 | 2/10                     | 2/9                 |
| Presença de elementos sem relação de parentesco           | 2/10                     | 1/9                 |
| Presença de um animal selvagem                            | 0/10                     | 1/9                 |
| Ausência de outros elementos                              | 6/10                     | 5/9                 |
| <b>Atribuição de valor no desenho</b>                     |                          |                     |
| Valorizados                                               | 3/4                      | 2/4                 |
| Desvalorizados                                            | 1/4                      | 2/4                 |
| <b>Atribuição de valor na narrativa</b>                   |                          |                     |
| Valorizados                                               | 5/5                      | 3/5                 |
| Desvalorizados                                            | 0/5                      | 2/5                 |
| <b>Categoria – Disposição dos elementos na família</b>    |                          |                     |
| <b>Família monoparental com dois elementos</b>            |                          |                     |
| Mãe/Pai e filhos lado a lado                              | 0/2                      | 2/2                 |
| Mãe/Pai e filhos afastados                                | 2/2                      | 0/2                 |
| <b>Família monoparental com três elementos</b>            | 0/1                      | 1/3                 |
| Mãe/Pai figura central                                    | 1/1                      | 2/3                 |
| Um dos filhos figura central                              |                          |                     |

| <b>Análise de conteúdo</b>                                 | <b>Família Imaginada</b> | <b>Família Real</b> |
|------------------------------------------------------------|--------------------------|---------------------|
| <b>Família nuclear com três elementos</b>                  |                          |                     |
| Pai figura central                                         | 0/1                      | 1/2                 |
| Mãe figura central                                         | 1/1                      | 1/2                 |
| Filho figura central                                       | 0/1                      | 0/2                 |
| <b>Família nuclear com mais de três elementos</b>          |                          |                     |
| Pais ou centro e um filho de cada lado                     | 0/3                      | 0/1                 |
| Um dos filhos entre os pais                                | 0/3                      | 0/1                 |
| Um filho ao lado dos pais/Um filho afastado                | 1/3                      | 0/1                 |
| Grupo dos filhos entre os pais                             | 0/3                      | 0/1                 |
| Grupo dos filhos ao lado dos pais                          | 2/3                      | 1/1                 |
| <b>Grupo de amigos</b>                                     |                          |                     |
| Todos lado a lado                                          | 0/1                      | 0/0                 |
| Um elemento isolado e os restantes lado a lado             | 1/1                      | 0/0                 |
| <b>Categoria – 1ª Figura desenhada</b>                     |                          |                     |
| Figura materna                                             | 3/10                     | 4/9                 |
| Figura paterna                                             | 1/10                     | 0/9                 |
| Figura identificada como o próprio/O próprio               | 2/10                     | 2/9                 |
| Irmão                                                      | 1/10                     | 1/9                 |
| Elemento da família alargada                               | 1/10                     | 1/9                 |
| Elemento sem relação de parentesco                         | 1/10                     | 0/9                 |
| Ausência de figuras humanas                                | 1/10                     | 1/9                 |
| <b>Categoria – Figura preferida</b>                        |                          |                     |
| Figura materna                                             | 3/10                     | 3/9                 |
| Figura materna/Elemento da família alargada                | 0/10                     | 1/9                 |
| Figura materna/Figura paterna                              | 0/10                     | 1/9                 |
| Figura materna/Irmão                                       | 0/10                     | 1/9                 |
| Figura paterna                                             | 0/10                     | 1/9                 |
| Figura paterna/Elemento da família alargada                | 1/10                     | 0/9                 |
| Figura identificada como o próprio/O próprio               | 4/10                     | 0/9                 |
| Irmão                                                      | 0/10                     | 0/9                 |
| Elemento da família alargada                               | 1/10                     | 0/9                 |
| Elemento sem relação de parentesco                         | 0/10                     | 0/9                 |
| Não faz distinção/Gosta de todos                           | 0/10                     | 1/9                 |
| Não menciona                                               | 1/10                     | 1/9                 |
| <b>Categoria – Particularidades</b>                        |                          |                     |
| Pormenores atípicos                                        | 2/10                     | 2/9                 |
| Pormenores atípicos/Desenha da direita para a esquerda     | 0/10                     | 1/9                 |
| Desenha da direita para a esquerda                         | 2/10                     | 1/9                 |
| Figura central (1º), lado direito (2º), lado esquerdo (3º) | 1/10                     | 0/9                 |
| Recusou desenhar                                           | 0/10                     | 1/9                 |
| Sem particularidades                                       | 5/10                     | 5/9                 |

No que diz respeito ao tipo de família imaginada desenhada, verificou-se uma tendência para a representação de famílias nucleares (4/10), com ou sem inclusão de outros elementos da família alargada. Três crianças (3/4) desenharam apenas os elementos do núcleo familiar e uma

(1/4) uma família nuclear alargada. Das três crianças (3/10) que representaram famílias monoparentais, duas (2/3) desenharam-nas sem a presença de uma figura paterna e outros elementos da família alargada e uma (1/3) acrescentou outros elementos com relação de parentesco. As restantes (3/10) diversificaram as personagens e os agrupamentos constituintes da família (3/10). No desenho da família real verifica-se que a maioria das crianças (5/9) confinou o desenho a uma família monoparental, sem a presença da figura paterna e sem inclusão de elementos da família alargada. Das três crianças (3/9) que representaram uma família nuclear, uma (1/3) desenhou apenas os elementos que constituem o núcleo familiar e duas (2/3) incluíram no desenho outros elementos da família alargada. Uma criança (1/9) não representou figuras humanas.

A figura materna foi incluída por sete crianças (7/10) na representação da família imaginada e por oito crianças (8/9) no desenho da família real, verificando-se uma maior tendência para a sua valorização no desenho da família real (7/9) relativamente ao da família imaginada (4/10). Na descrição narrativa dos dois desenhos, a figura materna foi maioritariamente valorizada pelo mesmo número de crianças (desenho da família imaginada (6/10); desenho da família real (6/9)).

A figura correspondente ao próprio foi valorizada pela grande maioria das crianças (8/9), com uma única exceção (1/9), na sua narrativa do desenho da família real, enquanto a figura identificada como o próprio, no desenho da família imaginada, aparece valorizada na descrição de seis crianças (6/10).

Quanto ao valor atribuído aos irmãos, das cinco crianças que os representaram em ambos os desenhos, quatro (4/5) valorizaram-nos no desenho da família real e apenas uma (1/5) o secundarizou, enquanto no desenho da família imaginada apenas duas crianças (2/5) atribuíram importância à figura do irmão.

As figuras correspondentes a elementos exteriores ao núcleo familiar (presentes em cinco (5/10) desenhos da família imaginada e em cinco (5/9) desenhos da família real), foram valorizadas por todas as crianças (5/5) nas suas narrativas referentes ao desenho da família imaginada e por três das crianças (3/5) que as incluíram no desenho da família real.

No desenho da família real o retrato do próprio não foi identificado como figura preferida por nenhuma das crianças (0/9), enquanto a figura identificada como o próprio foi escolhida como preferida por quatro crianças (4/10) no desenho da família imaginada.

## **ANEXO C – DADOS DA OBSERVAÇÃO**

## **Dados da observação durante a fase de entrevista e provas de desenho**

### **C1**

O José é uma criança de oito anos, afável e com uma tonalidade emocional triste. O seu comportamento manteve-se estável ao longo do tempo de entrevista, permanecendo sentado e estabelecendo frequente contacto visual com a entrevistadora. Não demonstrou qualquer dificuldade ao nível da expressão verbal ou na interpretação das questões que lhe foram sendo colocadas. Transmitiu sinais de uma tensão ansiosa constante, manifestos na sua expressão e particularmente visíveis na forma como roía compulsivamente a pele das mãos (que revelavam um problema de descamação e estavam quase em carne viva), comportamento que se acentuava quando lhe eram colocadas questões mais dirigidas à expressão dos seus sentimentos. Permaneceu atento, defensivo, vigilante e incapaz de se descontrair até à fase final da entrevista.

### **C2**

O Júlio apresentou-se com um aspecto pouco cuidado e manteve uma atitude irrequieta durante toda a entrevista, tendo-se mantido sentado, mas com frequentes mudanças de posição. Manifestou pouca capacidade ou motivação para interagir. Contudo, respondeu sem grande demora às questões que lhe iam sendo colocadas através de uma linguagem quase telegráfica, com recurso a monossílabos, pequenas frases e quase sem alterações de tom e modelação de voz que permitissem identificar o seu estado afectivo.

O seu nível de linguagem e raciocínio abstracto correspondem a um claro atraso de desenvolvimento, bem presente nas suas dificuldades de interpretação e de expressão. O seu discurso e a sua fisicalidade mantiveram-se sem grandes alterações ao longo da entrevista. O entrevistador ficou com a percepção de estar na presença de uma criança em enorme tensão interna, contrastante com a sua atitude de indiferença e alheamento em relação à situação.

A sua expressão facial raramente deixou transparecer emoções e manteve muito pouco contacto visual com o entrevistador. O seu olhar esteve-se quase sempre fixo e direccionado para os objectos que o rodeavam (como se a olhar através de...), demonstrando apenas bastante interesse no gravador. Este comportamento de aparente alheamento permaneceu ao longo da entrevista, incluindo nos momentos inicial e final, durante os quais as tentativas para estimular a descontração e o ambiente lúdico não produziu efeito. Os únicos momentos em que expressou emoções e manteve, excepcionalmente, o contacto visual, foi quando expressou medo da mãe, que poderia estar a ouvir a conversa, e quando levantou a possibilidade de os animais passarem as grades das jaulas do Jardim Zoológico, saírem do espaço em que estavam confinados e

destruírem tudo (aspectos projectivos que podem corresponder a uma angústia de destruição). Esta criança sorriu uma única vez para retribuir a promessa de que o deixaria ouvir a sua voz gravada no final da entrevista. A única estratégia relacional que manifestou foi a tentativa de estabelecer cumplicidade com o entrevistador através do segredo, enquanto fazia confidências sobre os seus encontros com o pai e expressava o medo que sentia de ser descoberto pela mãe. Estes foram também os únicos momentos em que foi possível detectar uma alteração do tom de voz, que baixava para um registo de sussurro.

**Nota:** O seguinte excerto da entrevista é inquietante, pela estranheza quase incompreensível do contexto, do conteúdo, do tom de secretismo e dos silêncios, revelados pela criança.

**Lembra-te de uma asneira que tenhas feito...Que é que ele fazia quando descobria?**

(Silêncio).

**Não te lembras?**

Brincava connosco... Para o quarto...

**Ele mandava-te ir para o quarto quando tu fazias uma asneira, era isso?**

Não.

**Então quando fazias uma asneira o que é que ele te fazia?**

Mandava-me ir para o quarto...Mas não podes dizer à minha mãe...

**Eu não vou dizer nada à tua mãe como combinámos, mas porque é que não queres que a tua mãe saiba que ele te mandava para o quarto?**

(Silêncio).

### **C3**

O Nuno é uma criança simpática, calma e cooperante e de contacto fácil. Manteve-se durante toda a entrevista sentado, com ar curioso e bem-disposto. Compreendeu e respondeu prontamente a todas as questões que lhe foram colocadas sem grandes hesitações, numa linguagem adequada à sua idade, fazendo corresponder o conteúdo das suas respostas com os objectivos das perguntas e expressando com vivacidade as suas emoções tanto verbalmente como através da sua fisicalidade.

### **C4**

O Paulo é uma criança simpática e introvertida. A sua postura durante a entrevista pautou-se pelo autodomínio e boa educação, tendo-se mantido sentado e quieto durante todo o tempo. A criança não revelou qualquer dificuldade ao nível da língua, interpretando com facilidade as perguntas e respondendo adequadamente. A sua colaboração foi acompanhada por uma atitude

que deixava observar bastante ansiedade e desconfiança em relação ao entrevistador. A sua grande rigidez inicial foi diminuindo gradualmente com o desenvolvimento da conversa, sem que, no entanto, tenha abandonado a preocupação de não perder o controlo da expressão das suas emoções (com excepção de um único momento, em que reconheceu e expressou sofrimento e tristeza ao lembrar a mãe após os episódios violentos), demorando algum tempo a pensar antes de responder. A sua interacção, acompanhada por poucas alterações da mímica facial e pela sua expressão triste, desenvolveu-se de forma pouco emotiva, com recurso a respostas de conteúdo restrito, evitando aprofundar qualquer descrição das suas vivências mais dolorosas.

O Paulo sorriu abertamente com grande satisfação, pela primeira e única vez, quando, após a entrevista, lhe disse em tom elogioso que o tinha visto ajudar com muito jeito um bebé que estava a aprender a andar. Neste momento demonstrou um comportamento menos defensivo e revelou-se capaz de uma outra forma de comunicar.

## C5

O Sílvia tem 9 anos de idade e frequenta o segundo ano do ensino básico. O seu atraso escolar parece não corresponder a qualquer défice cognitivo, uma vez que não demonstrou qualquer dificuldade de compreensão e foi capaz de desenvolver o seu discurso com expressividade verbal e imaginação.

A criança apresentava um aspecto cuidado. Manteve-se todo o tempo da entrevista num estado de agitação. Fechou janelas, apagou e acendeu a luz, abriu armários, retirou brinquedos, mexeu em todos e chegou mesmo a meter-se dentro do armário. Entrou e saiu duas vezes pela janela. Esteve sempre em constante movimento por todo o gabinete (de pequena dimensão). Enquanto o entrevistador lhe fazia perguntas, fazia muitos barulhos e falava baixinho com os brinquedos em que estava a mexer. O seu olhar “varria” a sala como se estivesse sempre em busca de algo interessante para fazer. A sua atitude foi, simultaneamente, desconfiada e desafiante, como que a testar os limites da relação, tendo-se revelado progressivamente mais confiante ao longo da entrevista.

Apesar do carácter muito violento dos eventos que vivenciou, não demonstrou qualquer tipo de constrangimento nas suas descrições. Contou os episódios da sua história através de uma narrativa acelerada, imaginativa e verbalmente expressiva, como se estivesse a relatar uma série de factos que não vivenciou e/ou protagonizou

A violência está presente na sua estruturação mental e na forma como se relaciona com os outros. Ao mesmo tempo que pedia atenção e manifestava vontade de receber afecto (tentativas de aproximação e mesmo de abraçar o entrevistador), quando lhe foi direccionado um gesto físico de afecto positivo, retraiu-se como se estivesse a sentir-se ameaçado: (O Sílvia

aproxima-se e faço-lhe uma festa na cabeça. Ele encolhe-se, e diz: Ai! Isso dói). Quando, no final da entrevista, uma outra criança entrou no gabinete, reagiu imediatamente com um comportamento verbal e físico muito agressivo, expulsando-a da sala com recurso a uma linguagem ameaçadora, ao empurrão e à tentativa de a entalar com a porta.

Ao longo de toda entrevista, o Sílvia foi testando o entrevistador com jogos de interacção com regras inventadas por ele, revelando e manifestando expectativas de resposta e de comportamento bastante exigentes. No seu contínuo movimento, tornou bem claro que prestava as informações que lhe eram pedidas apenas em troca de outras informações e de um espírito aberto para brincar com ele. Esta forma de relação imprimiu a este momento um ritmo e uma estrutura através dos quais demonstrou não estar disposto a ser uma personagem secundária ou a obedecer a uma hierarquia e a regras pré-determinadas. A sua intervenção constante atingiu os pontos máximos nos momentos em que sujeitou o entrevistador ao papel de concorrente no seu jogo de linguagem e quando, na fase final, decidiu terminar com uma inversão de papéis, pedindo ao entrevistador que o deixasse realizar ele próprio uma entrevista, à semelhança daquela que havia concedido.

## C6

A Joana é uma criança de 8 anos, de aspecto cuidado. A criança participou na entrevista com tranquilidade, interesse e atenção, respondendo às questões que lhe iam sendo colocadas com facilidade e boa disposição. O seu comportamento manteve-se descontraído, não se observando sinais de ansiedade, mesmo quando foi questionada sobre conteúdos potencialmente mais dolorosos. A Joana relatou calmamente a sua história sempre com uma postura serena, demonstrando uma capacidade de compreensão e de integração da sua situação familiar passada e presente. A expressão das suas emoções correspondia aos conteúdos da narração, tendo revelado tristeza e preocupação quando se referiu aos sentimentos do pai e contou que este chorava com saudades da família.

## C7

A Júlia tem 7 anos, aspecto cuidado e bem-disposto. Entrou completamente descontraída no gabinete e manteve um comportamento atento e de colaboração, sempre com um sorriso nos lábios. Durante as fases inicial e final, de apresentação e de despedida, em que se conversou sobre eventos neutros ou agradáveis da sua vida, manteve uma interacção de comunicação pela qual demonstrou a sua compreensão da língua, ter capacidade para desenvolver narrativas e o domínio de um vocabulário adequado à sua idade. O mesmo não se verificou durante a entrevista, uma

vez que, mesmo sem manifestar qualquer constrangimento ou emoção negativa, recorreu a uma linguagem muito sintética, por vezes monossilábica, para responder às questões.

A Júlia respondeu que não se lembra ou que não sabe quando questionada acerca do anterior comportamento violento do pai (com quem deixou de viver aos quatro anos de idade), sem transmitir sinais de estar a fazer um evitamento doloroso.

## C8

O Duarte é uma criança de 6 anos, de aspecto cuidado. Entrou no gabinete de boa vontade e desde o primeiro momento manifestou uma atitude provocatória e desafiante. Através de uma movimentação constante demonstrou falta de motivação e/ou capacidade para interagir com o entrevistador e permanecer atento e concentrado, mesmo durante pequenos períodos de tempo. O seu comportamento foi evoluindo, numa espiral de excitação, que se iniciou ainda antes do princípio da entrevista. Esta actividade física imparável foi observável na produção de uma sequência de movimentos arriscados e de acções ruidosas. Durante o tempo que esteve no gabinete abriu e fechou as portas da varanda e tentou trepar para cima do armário e mexer nas fichas eléctricas debaixo da mesa.

A sua expressão manteve-se marcada por um olhar e um sorriso constante de desafio. Não manteve contacto visual, a não ser quando, na sequência das suas acções, fixava o olhar no entrevistador/espectador, numa expectativa de conseguir uma reacção ou uma resposta. Mesmo assim acedeu, sem resistência, a responder às questões, nos intervalos da sua *performance*. O Duarte mostrou compreender as perguntas, rretorquindo com pequenas respostas, com a utilização de monossílabos. Evitou determinados assuntos remetendo-se ao silêncio ou desviando a conversa para outras situações.

## C9

A Mónica é uma criança de 6 anos, simpática, bem-disposta e com aspecto cuidado. Embora tenha mantido sempre uma postura de boa educação acompanhada por um sorriso, durante o decorrer da entrevista mostrou alguma resistência a responder e a desenvolver narrativas sobre as questões que lhe iam sendo colocadas. As suas estratégias frequentes de evitamento foram observáveis pelo recurso frequente a respostas monossilábicas, a afirmações de que já não se lembrava e a silêncios. O seu comportamento revelou dois padrões de comunicação contrastantes: mostrou uma capacidade verbal e uma vontade de interagir com o entrevistador nos momentos lúdicos de descontração que precederam e sucederam a entrevista, e retraiu-se

durante a fase em que lhe foi pedido que falasse sobre as suas memórias e os seus sentimentos referentes ao contexto de conflitualidade entre os pais e de pós-separação.

## C10

O Jaime é uma criança de onze anos, com aspecto cuidado e um sorriso de afabilidade quase sempre presente. Apresentou-se sereno e teve sempre uma atitude de colaboração e de interacção positiva com o entrevistador, respondendo com concentração a todas as questões, numa linguagem fluida e organizada.

O Jaime parece capaz de recordar e de analisar os eventos dolorosos por que passou com seriedade e consciência crítica. Revela uma capacidade de racionalização e distanciamento que lhe permite contar a sua história sem deixar transparecer uma emotividade dolorosa ou mesmo sentimentos reactivos de frustração ou revolta no presente. Demonstrou que gosta de conversar e de se relacionar com os outros e que não tem expectativas negativas em relação ao futuro.

### Avaliação da criança na relação com o entrevistador

| A criança na relação com o entrevistador | Total |
|------------------------------------------|-------|
| Adequada                                 | 4     |
| Desafiante/Provocatória                  | 1     |
| Distante/Indiferente                     | 0     |
| Inibida/Ansiosa                          | 4     |
| Intrusiva                                | 1     |
| Submissa                                 | 0     |

Das dez crianças entrevistadas, quatro interagiram de forma positiva e cooperante com o entrevistador (uma em acolhimento/três em pós-acolhimento), uma criança manteve um comportamento constantemente desconcentrado, movimentando-se de forma agressiva e provocatória, quatro crianças manifestaram observáveis sinais de ansiedade e/ou inibição durante a sessão e uma criança colaborou entusiasticamente com a entrevistadora esforçando-se por estabelecer uma paridade recorrendo a atitudes intrusivas e/ou de inversão de papéis.

## **ANEXO D – ENTREVISTAS/MÃES**

## **Guião de entrevista – Mães**

### **Tópicos de referência - Entrevistas às mães em acolhimento e pós-acolhimento**

- Perceber se existe um historial de violência nas suas famílias de origem e/ou na dos seus ex-maridos/companheiros.

### **Tempo em que viviam juntos**

- Tipo, duração, a frequência e a intensidade, assim como as causas da violência
- Tipo de exposição da criança
- Preocupação/indiferença quanto à exposição da criança aos episódios de conflito
- Atitude da criança perante o comportamento violento do pai
- Presença/ausência de vitimação directa da criança por parte da figura paterna
- Alcoolismo e/ou outras formas de toxicod dependência da figura paterna
- Gravidez desejada/Não desejada. Por ambos? Por um dos elementos do casal?
- Representação que a mulher tem do marido/companheiro enquanto pai
- Qualidade da relação pai/criança

### **Pós-separação**

- Como se sentem perante a possibilidade de uma reaproximação (mães em acolhimento) ou perante a continuidade da relação (mães em pós-acolhimento)
- Interpretação/reacção dos sentimentos da criança pelo pai
- Como projectam a relação pai-criança no futuro

## **Análise das entrevistas às mães em situação de acolhimento e pós-acolhimento**

A informação complementar retirada das entrevistas às mães contemplou os seguintes temas/categorias:

### **Categoria – Transgeracionalidade da violência familiar**

#### **Transgeracionalidade da violência familiar/Família materna**

Presença de antecedentes de violência familiar

Ausência de antecedentes de violência familiar

#### **Transgeracionalidade da violência familiar/família paterna**

Presença de antecedentes de violência familiar

Ausência de antecedentes de violência familiar

Desconhece se existiram ou não outros casos de violência

### **Categoria – Violência interparental**

#### **Violência interparental/1º Episódio de violência**

Na fase de namoro

Logo após o casamento/União de facto

Alguns tempo após o casamento/União de facto

Numa fase recente (após alguns anos de vida em comum)

#### **Violência interparental/Tipo de violência**

Física

Psicológica

Física e psicológica

Física e psicológica severa

Sexual

Física, psicológica e sexual severa

### **Categoria – Características do parceiro agressor**

#### **Motivação para desencadear os episódios violentos**

Manter o controlo/Questões relacionada com infidelidade do próprio

Manter o controlo/Ciúme

Factores situacionais

Factores situacionais/Manter o controlo e ciúme

Factores culturais/Religiosos

Sem motivação específica

#### **Consumo de álcool e/ou outras substâncias**

Consumo de álcool

Consumo de outras substâncias

Consumo de álcool e outras substâncias

Ausência de qualquer tipo de consumo

**Tipo de agressor**

Exclusivamente familiar

Violento socialmente

Desconhece o seu comportamento em outros contextos

**Preocupação em preservar a criança do conflito**

Evitava a violência na presença da criança

Não evitava a violência na presença da criança

Fazia questão que a criança assistisse aos episódios violentos

**Categoria – Exposição da criança à violência interparental**

**Exposição da criança à violência interparental/Tipo de exposição**

Presencial

Raramente presencial/Auditiva

Auditiva

Ao rescaldo

Ao rescaldo/Raramente presencial

Conhecimento por terceiros

Conhecimento por terceiros/Ao rescaldo

**A criança vítima de violência directa**

Alvo directo de violência física

Alvo directo de violência psicológica

Alvo directo de violência física e psicológica

Não foi alvo de violência directa

**Intervenção da criança nos episódios de violência**

Intervinha directamente

Não intervinha directamente

**Categoria – Criança desejada/Não desejada**

Desejada por ambos

Desejada apenas pela mãe

Desejada apenas pelo pai

Gravidez acidental

**Categoria – Representação do ex-marido/companheiro enquanto figura paterna**

Representação positiva

Representação ambivalente

Representação negativa

### **Categoria – Relação pai-criança anterior à separação**

Avaliação positiva

Avaliação ambivalente

Avaliação negativa

Nas categorias Interpretação/Reacção materna aos sentimentos da criança pelo pai – pós-separação e Desejos/Expectativas da figura materna em relação à continuidade da relação pai-criança analisámos separadamente os dois grupos de mães.

### **Categoria – Interpretação/Reacção da figura materna aos sentimentos da criança pelo pai – pós-separação**

#### **A - Grupo em acolhimento (Interpretação)**

Sente falta do pai

Não sente falta do pai

Revoltado com o pai

#### **A - Grupo em acolhimento (Reacção)**

Atitude de compreensão e preocupação

Atitude de compreensão/Não fala sobre o assunto

Passa mensagens em duplo vínculo

#### **B -Grupo em pós-acolhimento (Interpretação)**

Sente falta do pai

Não sente falta do pai

Desconhece os sentimentos da criança

#### **B - Grupo em pós-acolhimento (Reacção)**

Atitude de compreensão/Promove o diálogo

Atitude de compreensão/Não fala sobre o assunto

Atitude de preocupação/Não entende os sentimentos da criança

### **Categoria – Desejos/Expectativas da figura materna em relação à continuidade da relação pai-criança**

#### **A- Grupo em acolhimento**

Deseja proximidade

Não deseja proximidade/Teme pela criança

Não sabe/resposta evasiva

#### **B – Grupo em pós-acolhimento**

Disposta a promover a continuidade da relação/Ausência de expectativas positivas

Deseja o afastamento/Ausência de expectativas positivas

Não sabe o que pensar/Ausência de expectativas positivas.

## Entrevistas às mães em situação de acolhimento e pós-acolhimento/1

|                                                       | Análise das entrevistas                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                 |
|-------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                       | M1                                                                                                                                                                          | M2                                                                                                                                              | M3                                                                                                                                                                                                 | M4                                                                                                                                        | M5                                                                                                                                                                                         | M6                                                                                                                                                                                             | M7                                                                                                                                                      | M8                                                                                                                                                 | M9                                                                                                                                                                                                  | M10                                                                                                                                                                             |
| <b>Transgeracionalidade da violência familiar</b>     | - Ausência de antecedentes na família de origem da figura materna/<br>Desconhece antecedentes familiares da figura paterna                                                  | - Ausência de antecedentes de violência familiar/Em ambas as famílias de origem                                                                 | - Ausência de antecedentes na família de origem da figura materna/<br>Desconhece antecedentes familiares da figura paterna                                                                         | - Ausência de antecedentes na família de origem da figura materna/<br>Desconhece antecedentes familiares da figura paterna                | - Presença de antecedentes na família de origem da figura materna/<br>Desconhece antecedentes familiares da figura paterna                                                                 | - Ausência de antecedentes de violência familiar/Em ambas as famílias de origem                                                                                                                | - Ausência de antecedentes de violência familiar/Em ambas as famílias de origem                                                                         | - Presença de antecedentes na família de origem da figura materna/<br>Desconhece antecedentes familiares da figura paterna                         | - Presença de antecedentes de violência familiar /Apenas na família de origem da figura paterna                                                                                                     | - Presença de antecedentes de violência familiar /Apenas na família de origem da figura paterna                                                                                 |
| <b>Violência Interparental</b>                        | - Na fase de namoro<br>- Violência psicológica e física severa<br>- Consumo de álcool                                                                                       | - Algum tempo após o casamento /União de facto<br>- Violência psicológica e física severa<br>- Consumo de álcool                                | - Numa fase recente<br>- Violência psicológica e física<br>- Consumo de outras substâncias                                                                                                         | - Numa fase recente<br>- Violência psicológica e física severa<br>- Consumo de álcool                                                     | - Na fase de namoro/Gravidez desencadeou violência física<br>- Violência psicológica e física severa<br>- Ausência de consumos                                                             | - Logo após o casamento<br>- Violência psicológica, física e sexual severa<br>- Ausência de consumos                                                                                           | - Na fase de namoro<br>- Violência psicológica e física severa<br>- Consumo de álcool e outras substâncias                                              | - Algum tempo após o casamento/União de facto<br>- Violência psicológica e física severa<br>- Ausência de consumos                                 | - Na fase de namoro/Gravidez desencadeou violência física<br>- Violência psicológica e física severa- Ausência de consumos                                                                          | - Na fase de namoro<br>- Violência psicológica e física severa<br>- Consumo de álcool                                                                                           |
| <b>Características do parceiro agressor</b>           | - Manter o controlo/ Questões relacionadas com infidelidade do próprio<br>- Consumo de álcool<br>- Violento socialmente<br>- Não evitava a violência na presença da criança | - Manter o controlo/Ciúme<br>- Consumo de álcool<br>- Violento socialmente<br>- Evitava a violência na presença da criança                      | - Factores situacionais/ Manter o controlo e ciúme<br>- Consumo de álcool e outras substâncias<br>- Desconhece o comportamento em outros contextos<br>- Evitava a violência na presença da criança | - Sem motivação específica<br>- Consumo de álcool<br>- Violento em contexto familiar<br>- Violento na presença da criança                 | - Manter o controlo/Ciúme<br>- Ausência de qualquer tipo de consumos<br>- Violento socialmente<br>- Não evitava a violência na presença da criança                                         | - Motivada pela insubmissão a valores culturais e religiosos<br>- Ausência de qualquer tipo de consumos<br>- Violento em contexto familiar<br>- Não evitava a violência na presença da criança | - Manter o controlo/Ciúme<br>- Consumo de outras substâncias<br>- Violento em contexto familiar<br>- Evitava a violência na presença da criança         | - Manter o controlo/Ciúme<br>- Ausência de qualquer tipo de consumos<br>- Violento socialmente<br>- Não evitava a violência na presença da criança | - Sem motivação específica<br>- Ausência de qualquer tipo de consumos<br>- Violento em contexto familiar<br>- Violento na presença da criança/ Fazia questão que assistisse aos episódios violentos | - Manter o controlo/Questões relacionadas com infidelidade do próprio<br>- Consumo de álcool<br>- Violento em contexto familiar<br>- Evitava a violência na presença da criança |
| <b>Exposição da criança à violência interparental</b> | - Presencial<br>- Alvo directo de violência psicológica<br>- Intervinha directamente<br>- Pedia para parar/Chorava                                                          | - Raramente presencial/ Auditiva<br>- Não foi alvo directo de violência<br>- Intervinha directamente<br>- Pedia para parar/Recorria à violência | - Auditiva<br>- Não foi alvo directo de violência<br>- Não intervinha directamente<br>- Mantinha-se neutro/ Aguardava a resolução do conflito                                                      | - Presencial<br>- Alvo directo de violência psicológica<br>- Intervinha directamente<br>- Agarrava-se ao pai/ Interponha-se entre os pais | - Presencial<br>- Alvo directo e privilegiado de violência física e psicológica<br>- Não intervinha directamente<br>- Externalizava (Sentimentos e comportamentos agressivos – em privado) | - Presencial<br>- Não foi alvo directo de violência<br>- Não intervinha directamente<br>- Isolava-se/ Expressava a angústia e o medo através do choro                                          | - Conhecimento por terceiros/ao rescaldo<br>- Não foi alvo directo de violência<br>- Não intervinha directamente<br>- Evidenciava sinais de perturbação | - Presencial<br>- Alvo directo de violência física e psicológica<br>- Intervinha directamente<br>- Agarrava-se ao pai/Chorava                      | - Presencial<br>- Alvo directo de violência psicológica<br>- Não intervinha directamente<br>- Expressava a angústia e o medo através do choro                                                       | - Exposição ao rescaldo/raramente presencial<br>- Alvo directo de violência psicológica<br>- Não intervinha directamente<br>- Evidenciava sinais de perturbação                 |

## Entrevistas às mães em situação de acolhimento e pós-acolhimento/2

|                                                                                                 | Análise das entrevistas                                                                                                          |                                                                                                            |                                                                                                                                  |                                                                                                                                  |                                                                                                                          |                                                                                                                  |                                                                                                |                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                         |                                                                                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                 | M1                                                                                                                               | M2                                                                                                         | M3                                                                                                                               | M4                                                                                                                               | M5                                                                                                                       | M6                                                                                                               | M7                                                                                             | M8                                                                                                                                                                 | M9                                                                                                                                      | M10                                                                                                                     |
| <b>Criança desejada/Não desejada</b>                                                            | - Gravidez acidental                                                                                                             | - Desejada por ambos                                                                                       | - Desejada por ambos                                                                                                             | - Desejada por ambos                                                                                                             | - Desejada apenas pela mãe                                                                                               | - Desejada por ambos                                                                                             | - Desejada por ambos                                                                           | - Desejada apenas pelo pai                                                                                                                                         | - Desejada apenas pela mãe                                                                                                              | - Desejada por ambos                                                                                                    |
| <b>Representação do ex-marido/ companheiro enquanto figura paterna</b>                          | - Representação positiva                                                                                                         | - Representação positiva                                                                                   | - Representação positiva                                                                                                         | - Representação ambivalente                                                                                                      | - Representação negativa                                                                                                 | - Representação positiva                                                                                         | - Representação negativa                                                                       | - Representação negativa                                                                                                                                           | - Representação ambivalente                                                                                                             | - Representação negativa                                                                                                |
| <b>Relação pai-criança anterior à separação</b>                                                 | - Avaliação positiva/Relação de grande proximidade                                                                               | - Avaliação positiva/Boa relação                                                                           | - Avaliação positiva/Boa relação                                                                                                 | - Avaliação ambivalente/Boa relação inicial/Alguns distanciamento após início da violência                                       | - Avaliação negativa/Relação de marcada pela agressividade e distanciamento paterno                                      | - Avaliação positiva/Boa relação                                                                                 | - Avaliação negativa/Nunca existiu uma relação de proximidade                                  | - Avaliação negativa/Relação de marcada pela agressividade e distanciamento paterno                                                                                | - Avaliação ambivalente/Dependente das variações de humor da figura paterna                                                             | - Avaliação negativa/Nunca existiu uma relação de proximidade                                                           |
| <b>Interpretação/Reação da figura materna aos sentimentos da criança pelo pai/pós separação</b> | - Sente falta do pai/Recusa falar sobre o assunto (Criança)<br>- Atitude de compreensão e /Não fala sobre o assunto (Mãe)        | - Sente falta do pai/Manifesta desejo de proximidade (Criança)<br>- Passa mensagens em duplo vínculo (Mãe) | - Sente falta do pai/Manifesta desejo de proximidade (Criança)<br>- Passa mensagens em duplo vínculo (Mãe)                       | - Revoltado com o pai/Recusa falar sobre o assunto (Criança)<br>- Atitude de compreensão/ Não fala sobre o assunto (Mãe)         | - Revoltado com o pai/Recusa falar sobre o assunto (Criança)<br>- Atitude de compreensão/ Não fala sobre o assunto (Mãe) | - Não sente falta do pai/Percebeu o que se passou (Criança)<br>- Atitude de compreensão/ Promove o diálogo (Mãe) | - Não sente falta do pai (Criança)<br>- Atitude de compreensão/ Não fala sobre o assunto (Mãe) | - Desconhece os verdadeiros sentimentos da criança/Recusa falar sobre o assunto (Criança)<br>- Atitude de preocupação/ Não entende os sentimentos da criança (Mãe) | - Sente falta do pai/Manifesta desejo de proximidade (Criança)<br>- Atitude de preocupação/ Não entende os sentimentos da criança (Mãe) | - Não sente falta do pai/Não fala sobre o assunto (Criança)<br>- Atitude de compreensão/ Não fala sobre o assunto (Mãe) |
| <b>Desejos/Expectativas da figura materna em relação à continuidade da relação pai-criança</b>  | - Não deseja proximidade num futuro próximo<br>- Teme que a criança seja usada como arma para manutenção do controle ou vingança | - Não deseja proximidade num futuro próximo<br>- Teme pela criança                                         | - Não deseja proximidade num futuro próximo<br>- Teme que a criança seja usada como arma para manutenção do controle ou vingança | - Não deseja proximidade num futuro próximo<br>- Teme que a criança seja usada como arma para manutenção do controle ou vingança | - Não sabe /Resposta evasiva                                                                                             | - Disposta a promover a continuidade da relação<br>- Não tem expectativas positivas                              | - Não sabe o que pensar<br>- Não tem expectativas positivas                                    | - Disposta a promover a continuidade da relação<br>- Não tem expectativas positivas                                                                                | - Deseja o afastamento<br>- Não tem expectativas positivas                                                                              | - Deseja o afastamento<br>- Não tem expectativas positivas                                                              |

## Resultados – Entrevistas às mães em acolhimento e pós-acolhimento

### Categoria – Transgeracionalidade da violência familiar

#### Subcategoria – Transgeracionalidade da violência familiar/Família materna

| Trangeracionalidade da violência familiar/Família materna | Total |
|-----------------------------------------------------------|-------|
| Presença de antecedentes de violência familiar            | 2     |
| Ausência de antecedentes de violência familiar            | 8     |

Duas mães (uma em acolhimento - M5/uma em pós-acolhimento – M8) reconheceram ter experienciado algum tipo de violência nas suas famílias. Oito mães (quatro em acolhimento – M1; M2; M3; M4/quatro em pós-acolhimento – M6; M7; M9; M10) negaram ter vivenciado qualquer tipo de violência familiar.

#### Subcategoria – Transgeracionalidade da violência familiar/Família paterna

| Trangeracionalidade da violência familiar/Família paterna | Total |
|-----------------------------------------------------------|-------|
| Presença de antecedentes de violência familiar            | 2     |
| Ausência de antecedentes de violência familiar            | 3     |
| Desconhece se existiram ou não outros casos de violência  | 5     |

Duas mães (em pós-acolhimento – M9; M10) afirmaram que a violência conjugal remontava há pelo menos duas gerações na família de origem dos ex-parceiros agressores. Três mães (uma em acolhimento – M2/ duas em pós-acolhimento – M6; M7) negaram a sua existência. Cinco mães (quatro em acolhimento – M1; M3; M4; M5/uma em pós-acolhimento – M8) responderam desconhecer factos que lhes permitissem afirmar se existiram ou não casos de violência nas gerações anteriores.

### Categoria – Violência interparental

#### Subcategoria – 1º episódio de violência

| 1º Episódio de violência                    | Total |
|---------------------------------------------|-------|
| Na fase de namoro                           | 5     |
| Logo após o casamento/União de facto        | 1     |
| Algum tempo após o casamento/União de facto | 2     |
| Numa fase recente                           | 2     |

Cinco mães (duas em acolhimento – M1; M5/três em pós-acolhimento – M7; M9; M10) contaram que o comportamento violento do ex-parceiro se revelou logo na fase de namoro e uma (em pós-acolhimento – M7) logo após o casamento. Duas mães (uma em acolhimento – M2/uma em pós-acolhimento – M8) disseram que o primeiro episódio violento aconteceu após algum tempo de vida em comum e duas (em acolhimento – M3; M4) afirmaram que o carácter violento do ex-parceiro só se manifestou na fase que antecedeu a separação.

#### **Subcategoria – Tipo de violência**

| <b>Tipo de violência</b>            | <b>Total</b> |
|-------------------------------------|--------------|
| Física                              | 0            |
| Psicológica                         | 0            |
| Física e psicológica                | 1            |
| Física e psicológica severa*        | 8            |
| Sexual                              | 0            |
| Física, psicológica e sexual severa | 1            |

\*Em dois casos (M5,M9) a gravidez marcou o início da violência física

Uma mãe (em acolhimento – M3) contou que se sentia agredida psicologicamente, mas que a violência física aconteceu uma única vez, na forma de um “estalo” durante um episódio de conflito. Oito mães (quatro em acolhimento – M1; M2; M4; M5 /quatro em pós-acolhimento – M7; M8; M9; M10) relataram ter sido vítimas de violência física e psicológica severa. Uma mãe (em pós-acolhimento – M6) afirmou ter sido vítima de violência psicológica, física e sexual.

#### **Categoria – Características do parceiro agressor**

##### **Subcategoria – Motivação para desencadear a violência**

| <b>Motivação para desencadear a violência</b>                       | <b>Total</b> |
|---------------------------------------------------------------------|--------------|
| Manter o controlo/Questões relacionadas com infidelidade do próprio | 2            |
| Manter o controlo/Ciúme                                             | 4            |
| Factores situacionais                                               | 0            |
| Factores situacionais/Manter o controlo e ciúme                     | 1            |
| Factores culturais/Religiosos                                       | 1            |
| Sem motivação específica                                            | 2            |

Duas mães (uma em acolhimento – M1/uma em pós-acolhimento – M10) relacionaram as causas da violência com a necessidade de manter o controlo, acrescentando factores relacionados com os comportamentos de infidelidade dos ex-parceiros. Quatro mães (duas em acolhimento – M2; M5/duas em pós-acolhimento – M7; M8) afirmaram que o comportamento violento do ex-marido/companheiro era motivado principalmente por ciúmes e necessidade de controlo. Uma mãe (em acolhimento – M3) atribuiu a violência conjugal a factores situacionais que terão conduzido a um ambiente de desconfiança. Uma mãe (em pós-acolhimento – M6) explicou que a violência foi gerada por incompatibilidades associadas a factores culturais e religiosos. Duas mães (uma em acolhimento – M4/uma em pós-acolhimento – M9) afirmaram desconhecer as motivações do ex-parceiro agressor.

#### **Subcategoria – Consumo de álcool e/ou outras substâncias**

| <b>Consumo de álcool e/ou outras substâncias</b> | <b>Total</b> |
|--------------------------------------------------|--------------|
| Consumo de álcool                                | 4            |
| Consumo de outras substâncias                    | 1            |
| Consumo de álcool e outras substâncias           | 1            |
| Ausência de qualquer tipo de consumos            | 4            |

Quatro mulheres (três em acolhimento – M1; M2; M4/uma em pós-acolhimento – M10) reconheceram que os ex-maridos/companheiros consumiam álcool com regularidade, uma (em acolhimento – M3) disse que o ex-parceiro para além do álcool também consumia outro tipo de substâncias e outra (em pós-acolhimento – M7) que o ex-marido não bebia, mas que recorria pontualmente a outro tipo de substâncias psicoactivas. As restantes mães (uma em acolhimento – M5/três em pós-acolhimento – M6; M8; M9) afirmaram que os ex-parceiros não indicaram ter qualquer tipo de consumos ou dependências durante o tempo de conjugalidade.

#### **Subcategoria – Tipo de agressor**

| <b>Tipo de agressor</b>                            | <b>Total</b> |
|----------------------------------------------------|--------------|
| Exclusivamente familiar                            | 5            |
| Violento socialmente                               | 4            |
| Desconhece o seu comportamento em outros contextos | 1            |

Cinco mães (uma em acolhimento – M4/quatro em pós-acolhimento – M6; M7; M9; M10) descreveram o parceiro agressor como sendo violento apenas no ambiente familiar e outras quatro (três em acolhimento – M1; M2; M5/uma em pós-acolhimento – M8) como homens que

estendiam a violência a outros contextos de socialização. Apenas uma mãe (em acolhimento – M3) afirmou desconhecer o comportamento do ex-parceiro fora de casa.

#### **Subcategoria – Preocupação em preservar a criança do conflito**

| <b>Preocupação em preservar a criança do conflito</b>          | <b>Total</b> |
|----------------------------------------------------------------|--------------|
| Evitava a violência na presença da criança                     | 4            |
| Não evitava a violência na presença da criança                 | 5            |
| Fazia questão que a criança assistisse aos episódios violentos | 1            |

Quatro mães (duas em acolhimento – M2; M3/duas em pós-acolhimento – M7; M10) disseram que os ex-maridos/companheiros procuravam evitar que os episódios violentos se passassem na presença das crianças. Cinco mães (três em acolhimento – M1; M4; M5/duas em pós-acolhimento – M6; M8) contaram que os ex-parceiros não procuravam preservar as crianças dos episódios de violência. Uma mãe (em pós-acolhimento – M9) relatou que o ex-marido ia deliberadamente buscar a filha para assistir aos episódios de violência.

#### **Categoria – Exposição da criança à violência interpaparental**

| <b>Tipo de exposição</b>               | <b>Total</b> |
|----------------------------------------|--------------|
| Presencial                             | 6            |
| Raramente presencial/Auditiva          | 1            |
| Auditiva                               | 1            |
| Ao rescaldo                            | 0            |
| Ao rescaldo/Raramente presencial       | 1            |
| Conhecimento por terceiros             | 0            |
| Conhecimento por terceiros/Ao rescaldo | 1            |

Seis mães (três em acolhimento – M1; M4; M5/três em pós-acolhimento – M6; M8; M9) afirmaram que as crianças eram testemunhas oculares dos episódios violentos, uma mãe (em acolhimento – M2) contou que a criança raramente presenciava as agressões que lhe eram dirigidas, mas que percebia o que se estava a passar porque ouvia as alterações nos tons de voz e os sons que acompanhavam os episódios violentos. Uma mãe (em acolhimento – M3) disse que o seu filho nunca visualizou as agressões, mas também as percepcionava num plano auditivo. Uma mãe (em pós-acolhimento – M10) afirmou que a exposição da criança se limitava, a grande maioria das vezes, à observação das consequências dos ataques violentos. Uma mãe (em pós-

acolhimento – M7) contou que a percepção da criança relativa ao conflito era baseada principalmente em relatos indirectos e através dos efeitos que a violência deixava no seu rescaldo.

#### **Subcategoria – A criança vítima de violência directa**

| <b>A criança vítima de violência directa</b>   | <b>Total</b> |
|------------------------------------------------|--------------|
| Alvo directo de violência física               | 0            |
| Alvo directo de violência psicológica          | 4            |
| Alvo directo de violência física e psicológica | 2            |
| Não foi alvo de violência directa              | 4            |

Quatro mães (duas em acolhimento – M1; M4/duas em pós-acolhimento – M9; M10) afirmaram que as crianças eram alvos directos de violência psicológica por parte do pai. Duas mães (uma em acolhimento – M5/uma em pós-acolhimento – M8) contaram que os ex-parceiros agrediam também física e psicologicamente os filhos, durante os episódios violentos. Quatro mães (duas em acolhimento – M2; M3/duas em pós-acolhimento – M6; M7) relataram que o pai nunca foi directamente violento à criança.

#### **Subcategoria - Intervenção da criança nos episódios de violência**

| <b>Intervenção da criança nos episódios de violência</b> | <b>Total</b> |
|----------------------------------------------------------|--------------|
| Intervinha directamente                                  | 4            |
| Não intervinha directamente                              | 6            |

Quatro mães (três em acolhimento – M1; M2; M4/uma em pós-acolhimento – M8) afirmaram que as crianças actuavam nas situações de violência, numa tentativa de conter a agressividade do pai. Seis mães (duas em acolhimento – M3; M5/quatro em pós-acolhimento – M6; M7; M9; M10) contaram que as crianças não intervinham directamente nos episódios violentos.

#### **Categoria – Criança desejada/Não desejada**

| <b>Criança desejada/Não desejada</b> | <b>Total</b> |
|--------------------------------------|--------------|
| Desejada por ambos                   | 6            |
| Desejada apenas pela mãe             | 2            |
| Desejada apenas pelo pai             | 1            |
| Gravidez acidental                   | 1            |

Quando se perguntou a cada uma das dez mães se ambos os membros do casal desejaram a criança, seis mães (três em acolhimento – M2; M3; M4/três em pós-acolhimento – M6; M7; M10) responderam que o casal desejara a gravidez. Duas mães (uma em acolhimento – M5/uma em pós-acolhimento – M9) afirmaram que a gravidez fora uma decisão sua e unilateral. Uma mãe (em pós-acolhimento – M8) contou que a concepção da criança foi apenas desejada pelo pai. Uma mãe (em acolhimento – M1) referiu que a gravidez foi acidental.

#### **Categoria – Representação do ex-marido/companheiro enquanto figura paterna**

| <b>Representação da figura paterna</b> | <b>Total</b> |
|----------------------------------------|--------------|
| Representação positiva                 | 4            |
| Representação ambivalente              | 2            |
| Representação negativa                 | 4            |

Quatro mães (três em acolhimento - M1; M2; M3/uma em pós-acolhimento - M6) identificaram aspectos positivos no comportamento do pai para com a criança afirmando que, apesar do carácter violento, os maridos/companheiros demonstraram capacidade de envolvimento e de investimento parental. Duas mães (uma em acolhimento – M4/uma em pós-acolhimento – M9) foram ambivalentes na sua avaliação da paternidade. Quatro mães (uma em acolhimento – M5/três em pós-acolhimento – M7; M8; M10) avaliaram negativamente a paternidade dos ex-maridos/companheiros, e consideraram que a sua personalidade violenta determinou a respectiva paternidade.

#### **Categoria – Relação pai-criança anterior à separação**

| <b>Relação pai-criança anterior à separação</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------------|--------------|
| Avaliação positiva                              | 4            |
| Avaliação ambivalente                           | 2            |
| Avaliação negativa                              | 4            |

Quatro mães (três em acolhimento - M1; M2; M3/uma em pós-acolhimento - M6) consideraram que existia uma boa relação da criança com o pai antes da separação. Duas mães (uma em acolhimento – M4/uma em pós-acolhimento – M9) expressaram uma opinião mais ambivalente. Quatro mães (uma em acolhimento – M5/três em pós-acolhimento – M7; M8; M10) fazem uma avaliação negativa da relação pai-criança, afirmando nunca ter existido uma relação de qualidade entre a criança e o pai no tempo em que viviam juntos.

**Categoria – Interpretação/Reacção materna aos sentimentos da criança pelo pai – pós separação**

**A -Grupo em acolhimento/Interpretação**

| <b>Interpretação dos sentimentos da criança</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------------|--------------|
| Sente falta do pai                              | 3            |
| Não sente falta do pai                          | 0            |
| Revoltado com o pai                             | 2            |

Três mães (em acolhimento - M1; M2; M3) disseram ter existido uma boa relação pai-criança e consideraram que os seus filhos sentem falta do pai, ainda que nem todos o expressem. Duas mães (em acolhimento - M4; M5) contaram que os filhos sentem e manifestam uma atitude de revolta para com o pai. Ambas afirmaram que os filhos não querem ouvir falar do pai e não sentem necessidade da sua presença.

**A - Grupo em acolhimento/Reacção**

| <b>Reacção materna aos sentimentos da criança</b> | <b>Total</b> |
|---------------------------------------------------|--------------|
| Atitude de compreensão/Não fala sobre o assunto   | 3            |
| Passa mensagens em duplo vínculo                  | 2            |

As três mães (em acolhimento - M1; M4; M5) cujas crianças recusam falar sobre o pai têm uma atitude de compreensão pelos seus sentimentos e dizem respeitar os seus silêncios. As duas mães (em acolhimento - M2; M3) cujos filhos revelam desejo de proximidade apresentam-se à criança como disponíveis para compreender, aceitar e promover os seus sentimentos positivos pelo pai, passando-lhes ao mesmo tempo mensagens subliminares do seu desagrado.

**B -Grupo pós-acolhimento/Interpretação**

| <b>Interpretação dos sentimentos da criança</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------------------------------|--------------|
| Sente falta do pai                              | 1            |
| Não sente falta do pai                          | 3            |
| Desconhece os sentimentos da criança            | 1            |

Uma mãe (em pós-acolhimento - M9) reconhece que o filho sente falta do pai e expressa desejo de maior proximidade. Três mães (em pós-acolhimento - M6; M7; M10) disseram que os filhos não valorizam a relação com o pai. Uma mãe (em pós-acolhimento - M8) diz desconhecer os sentimentos da criança.

## B - Grupo pós-acolhimento/Reacção

| Reacção materna aos sentimentos da criança                   | Total |
|--------------------------------------------------------------|-------|
| Atitude de compreensão/Promove o diálogo                     | 1     |
| Atitude de compreensão/Não fala sobre o assunto              | 2     |
| Atitude de preocupação/Não entende os sentimentos da criança | 2     |

Uma mãe (em pós-acolhimento - M6) afirmou compreender o distanciamento do filho em relação ao pai e estar atenta aos seus sentimentos, procurando promover activamente o diálogo e a continuidade da relação. Duas mães (em pós-acolhimento - M7; M10) afirmaram compreender os sentimentos dos filhos e manter uma atitude de neutralidade, respeitando os seus silêncios. Duas mães (em pós-acolhimento - M8; M9) demonstraram preocupação e dificuldade em compreender os sentimentos dos filhos.

## Categoria – Desejos/Expectativas da figura materna em relação à continuidade da relação pai-criança

### A- Grupo em acolhimento

| Desejos/Expectativas – Continuidade da relação | Total |
|------------------------------------------------|-------|
| Deseja proximidade                             | 0     |
| Não deseja proximidade/Teme pela criança       | 4     |
| Não sabe/Resposta evasiva                      | 1     |

Quatro mães (em acolhimento - M1; M2; M3; M4) revelaram não desejar uma relação de proximidade pai-criança, justificando a sua atitude pelo receio de que as crianças pudessem vir a ser utilizadas como armas de manutenção do controlo ou instrumentos de vingança. Uma mãe (em acolhimento – M5) respondeu evasivamente dizendo que o bem-estar futuro das crianças depende do passar do tempo.

### B - Grupo pós- acolhimento

| Desejos/Expectativas – Continuidade da relação                                   | Total |
|----------------------------------------------------------------------------------|-------|
| Disposta a promover a continuidade da relação/Ausência de expectativas positivas | 2     |
| Deseja o afastamento/Ausência de expectativas positivas                          | 2     |
| Não sabe o que pensar/Ausência de expectativas positivas                         | 1     |

Duas mães (em pós-acolhimento – M6; M8) consideraram ser importante promover e manter a relação da criança com o pai, para lhe permitir a oportunidade de conhecer o pai que tem, apesar de assumirem uma ausência de expectativas positivas para o desenvolvimento da relação. Duas mães (em pós-acolhimento – M9; M10) fizeram uma avaliação negativa da actual relação pai-criança, mostraram desagrado pela continuidade da relação e assumiram o desejo de um afastamento. Uma mãe (em pós-acolhimento – M7) disse não saber bem o que pensar sobre a situação, uma vez que o filho demonstra desinteresse pelo pai e que este responde da mesma forma.

## Tabelas – Análise das entrevistas às mães

| <b>Categorias – Análise das entrevistas às mães em acolhimento e pós-acolhimento</b> | <b>Resultados</b> |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| <b>Categoria - Transgeracionalidade da violência familiar</b>                        |                   |
| <b>Transgeracionalidade da violência familiar/Família materna</b>                    |                   |
| Presença de antecedentes de violência familiar                                       | 2/10              |
| Ausência de antecedentes de violência familiar                                       | 8/10              |
| <b>Transgeracionalidade de violência familiar/Família paterna</b>                    |                   |
| Presença de antecedentes de violência familiar                                       | 2/10              |
| Ausência de antecedentes de violência familiar                                       | 3/10              |
| Desconhece se existiram outros casos de violência                                    | 5/10              |
| <b>Categoria – Violência interparental</b>                                           |                   |
| <b>1º Episódio de violência</b>                                                      |                   |
| Na fase de namoro                                                                    | 5/10              |
| Logo após o casamento/união de facto                                                 | 1/10              |
| Algum tempo após o casamento/União de facto                                          | 2/10              |
| Numa fase recente                                                                    | 2/10              |
| <b>Tipo de violência</b>                                                             |                   |
| Física                                                                               | 0/10              |
| Psicológica                                                                          | 0/10              |
| Física e psicológica                                                                 | 1/10              |
| Física e psicológica severa                                                          | 8/10              |
| Sexual                                                                               | 0/10              |
| Física, psicológica e sexual severa                                                  | 1/10              |
| <b>Consumo de álcool e/ou outras substâncias</b>                                     |                   |
| Consumo de álcool                                                                    | 4/10              |
| Consumo de outras substâncias                                                        | 1/10              |
| Consumo de álcool e outras substâncias                                               | 1/10              |
| Ausência de qualquer tipo de consumos                                                | 4/10              |
| <b>Categoria- Características do parceiro agressor</b>                               |                   |
| <b>Motivação para desencadear os episódios violentos</b>                             |                   |
| Manter o controlo/Questões relacionadas com infidelidade do próprio                  | 2/10              |
| Manter o controlo/Ciúme                                                              | 4/10              |
| Factores situacionais                                                                | 0/10              |
| Factores situacionais/Manter o controlo e ciúme                                      | 1/10              |
| Factores culturais/Religiosos                                                        | 1/10              |
| Sem motivação específica                                                             | 2/10              |
| <b>Tipo de agressor</b>                                                              |                   |
| Exclusivamente familiar                                                              | 5/10              |
| Violento socialmente                                                                 | 4/10              |
| Desconhece o seu comportamento em outros contextos                                   | 1/10              |
| <b>Preocupação em preservar a criança do conflito</b>                                |                   |
| Evitava a violência na presença da criança                                           | 4/10              |
| Não evitava a violência na presença da criança                                       | 5/10              |
| Fazia questão que a criança assistisse aos conflitos                                 | 1/10              |
| <b>Categoria – Exposição da criança à violência interparental</b>                    |                   |
| <b>Tipo de exposição</b>                                                             |                   |
| Presencial                                                                           | 6/10              |
| Raramente presencial/Auditiva                                                        | 1/10              |

| <b>Categorias – Análise das entrevistas às mães em acolhimento e pós-acolhimento</b>                 |      |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| <b>Categoria – Exposição da criança à violência interpaparental</b>                                  |      |
| <b>Tipo de exposição</b>                                                                             |      |
| Auditiva                                                                                             | 1/10 |
| Ao rescaldo                                                                                          | 0/10 |
| Ao rescaldo/Raramente presencial                                                                     | 1/10 |
| Conhecimento por terceiros                                                                           | 0/10 |
| Conhecimento por terceiros/Ao rescaldo                                                               | 1/10 |
| <b>A criança vítima de violência directa</b>                                                         |      |
| Alvo directo de violência física                                                                     | 0/10 |
| Alvo directo de violência psicológica                                                                | 4/10 |
| Alvo directo de violência física e psicológica                                                       | 2/10 |
| Não foi alvo directo de violência                                                                    | 4/10 |
| <b>Intervenção da criança nos episódios de conflito</b>                                              |      |
| Intervinha directamente                                                                              | 4/10 |
| Não intervinha directamente                                                                          | 6/10 |
| <b>Categoria – Criança desejada/Não desejada</b>                                                     |      |
| Desejada por ambos                                                                                   | 6/10 |
| Desejada apenas pela mãe                                                                             | 2/10 |
| Desejada apenas pelo pai                                                                             | 1/10 |
| Gravidez acidental                                                                                   | 1/10 |
| <b>Categoria – Representação do ex-marido/companheiro enquanto figura paterna</b>                    |      |
| Representação positiva                                                                               | 4/10 |
| Representação ambivalente                                                                            | 2/10 |
| Representação negativa                                                                               | 4/10 |
| <b>Categoria – Relação pai-criança anterior à separação</b>                                          |      |
| Avaliação positiva                                                                                   | 4/10 |
| Avaliação ambivalente                                                                                | 2/10 |
| Avaliação negativa                                                                                   | 4/10 |
| <b>Categoria – Interpretação/Reacção materna aos sentimentos da criança pelo pai – pós-separação</b> |      |
| <b>A – Interpretação dos sentimentos da criança/mães em acolhimento</b>                              |      |
| Sente falta do pai                                                                                   | 3/5  |
| Não sente falta do pai                                                                               | 0/5  |
| Revoltado com o pai                                                                                  | 2/5  |
| <b>A – Reacção materna aos sentimentos da criança/mães em acolhimento</b>                            |      |
| Atitude de compreensão/não fala sobre o assunto                                                      | 3/5  |
| Passa mensagens em duplo vínculo                                                                     | 2/5  |
| <b>B – Interpretação dos sentimentos da criança/mães em pós-acolhimento</b>                          |      |
| Sente falta do pai                                                                                   | 1/5  |
| Não sente falta do pai                                                                               | 3/5  |
| Desconhece os sentimentos da criança                                                                 | 1/5  |

| Categorias – Análise das entrevistas às mães em acolhimento e pós-acolhimento            |  | Resultados |
|------------------------------------------------------------------------------------------|--|------------|
| <b>B – Reação materna aos sentimentos da criança/mães em pós-acolhimento</b>             |  |            |
| Atitude de compreensão/Promove o diálogo                                                 |  | 1/5        |
| Atitude de compreensão/Não fala sobre o assunto                                          |  | 2/5        |
| Atitude de preocupação/Não entende os sentimentos da criança                             |  | 2/5        |
| <b>Categoria – Desejos/Expectativas em relação à continuidade da relação pai-criança</b> |  |            |
| <b>A – Desejos/Expectativas</b>                                                          |  |            |
| Deseja proximidade                                                                       |  | 0/5        |
| Não deseja proximidade/Teme pela criança                                                 |  | 4/5        |
| Não sabe/Resposta evasiva                                                                |  | 1/5        |
| <b>B- Desejos/Expectativas</b>                                                           |  |            |
| Disposta a promover a continuidade da relação/Ausência de expectativas positivas         |  | 2/5        |
| Deseja o afastamento/Ausência de expectativas positivas                                  |  | 2/5        |
| Não sabe o que pensar/Ausência de expectativas positivas                                 |  | 1/5        |

|                                                          | Mães em acolhimento                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|----------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                          | M1                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | M2                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | M3                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | M4                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | M5                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Transgeracionalidade/ Violência familiar</b>          | “Não (na sua família) ”; “ <i>Acho que não (na família do ex-marido) ”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | “Não (na sua família) ”; “ <i>Também não havia (na família do ex-marido) ”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | “Não (na sua família) ”; “ <i>Não, que eu saiba não (na família do ex-marido) ”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | “Não (na sua família) ”; “ <i>Não sei (na família do ex-marido) ”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                     | “ <i>Assim não...Eram mais as discussões (na sua família) ”; ‘Não sei (na família do ex-marido) ’.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Violência interparental</b>                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Primeiro episódio de violência</b>                    | “ <i>No começo do namoro era tudo bonito, depois tive deixar de estudar, porque ele não queria, era muito controlador</i> ”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | “ <i>No primeiro ano dávamo-nos lindamente, depois dávamo-nos mal</i> ”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | “ <i>Nós dois começamos a ter um bocadinho de desentendimento, mais ou menos há 5 anos</i> ”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | “ <i>Começou quando a minha filha tinha uns dois mesitos (há mais ou menos três anos) ”.</i>                                                                                                                                                                                                                               | “ <i>Foi logo, logo no princípio (na fase de namoro) ”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Tipo de violência</b>                                 | “ <i>Não era fisicamente violento no início, era verbalmente</i> ”; “ <i>Nunca bateu para me deixar marcas no meu corpo, mas que magoava...</i> ”.Ele dizia: <i>Sei muito bem aquilo que tu queres!</i> ”; “ <i>Ele fazia de tudo, tratar mal, rebaixar, fazer-me comparações com a outra (com a amante), dar bofetadas, murros e puxões de cabelo</i> ”; “ <i>Entretanto, já fazia coisas estúpidas. No Inverno e com frio, ele mandava-me ficar aos pés da cama a olhar para ele. Eu não dormia de pijama e aí ele, mesmo estando eu descalça e cheia de frio, mas apetecia-lhe e dizia-me: ficas aí. Se eu visse que estava quase a dormir e me deitasse dizia: quem é que te mandou deitar? Obrigava-me a estar ali a ser um boneco para ele</i> ”. | “ <i>No princípio assim bater não, discutíamos. Depois diziam-lhe coisas e ele batia-me; “Ele dava murros e também ameaçava com facas e ameaçava com ácido fúrico. Que me ia trazer ácido fúrico e que me matava e que me queimava toda. Era ameaçar com facas, com ácido fúrico e que ia buscar a pistola que me dava um tiro. Era um tiro na cabeça</i> ”; “ <i>E tudo ultimamente era quase dia sim, dia não</i> ”; “ <i>Esta última vez, foi aí que ele pegou na faca e me fez assim com a faca. Não me chegou a espetar porque a miúda chorou. Eu disse: tu não faças isso olha a tua filha. Naquele momento nem sei se foi Deus que me disse: grita! E a menina chorou. E foi quando ele viu a menina chorar que bota a mão abaixo</i> ”. | “ <i>A primeira vez que saí de casa, foi por causa de violência física, apesar de também se dar a psicológica...</i> ”; “ <i>Ele deu-me um estalo. Não foi...não foi essa violência...e eu sei que há casos piores</i> ”; “ <i>Era mais insultar-me, nomes que se chamam às vezes</i> ”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | “ <i>Batia-me, espancava-me e ofendia-me...</i> ”; “ <i>E foram as ameaças, ameaçava de morte muitas vezes, mas quando ele pegou na faca...</i> ”; “ <i>Diz que matava-me e às crianças... Então foi por esse motivo é que eu saí lá de casa</i> ”. Era, era (capaz de os matar). <i>Quem muito promete, um dia faz</i> ”. | “ <i>Logo no princípio era mais psicológico, bateu-me, mas o que mais me chamava era nomes, rebaixava-me mesmo muito. Só começou a bater depois do Sílvio nascer. Logo após, começou os ciúmes e depois mais tarde a bater-me. Acho que começou por eu dar muita atenção sempre ao garoto</i> ”; “ <i>Ameaçou-me de morte várias vezes...</i> ”; “ <i>Acho que não (que não era capaz de matar), mas uma pessoa chega a um ponto que já não sabe o que vai na cabeça da outra</i> ”. |
| <b>Características do parceiro agressor</b>              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Motivação para desencadear os episódios violentos</b> | “ <i>Não gostava nada que eu estudasse, ele era mesmo muito controlador</i> ”; “ <i>Quando eu fiquei grávida fui logo para a casa dele. Aí, comecei logo a ser controlada pela mãe dele, onde quer que fosse, a mãe ia comigo. Fosse para onde fosse, ia às compras, a mãe tinha de ir comigo...ou seja, a mãe era o meu guarda-costas, ia sempre comigo...no começo não ligava, até demonstrava para ele que não tinha nada a esconder que ir com a mãe não fazia diferença nenhuma</i> ”; “ <i>ele começou a andar com outras mulheres, as coisas começaram a piorar e depois passou para a agressão física</i> ”                                                                                                                                     | “ <i>Diziam-lhe coisas e ele batia-me. Chegava a casa e dizia que eu andava metida com outro gajo</i> ”. ...foi um primo dele que lhe andou a avisar que eu andava metida com outro gajo. Então, ele chegava a casa e ia pelo primo e não ia por mim. Não se acreditava em mim. Não dava. Eu falava com ele, dizia-lhe que era tudo mentira. Eu já quando namorava, já lhe disse a ele, eu sempre o respeitei. Agora que estou junta, não ia...prontos, faltar ao respeito. E então ele batia-me porque dizia que o primo tinha razão...muita gente disse: olha que não, olha que a rapariga bem se vê”.                                                                                                                                        | “ <i>Esta situação começou por falta de trabalho, ele ficou desempregado e eu estava ainda a receber subsídio desemprego, mas depois a gente tinha contas e tudo começou a acumular. Trabalho existia, mas o facto, não tem bavidos hipóteses. Eu neste momento já não estou a receber um subsídio de desemprego e era uma casa sem dinheiro...é complicado. Depois começaram as dívidas a apertar...a gente começa a andar cada vez mais enervada...também por se estar o dia inteiro juntos</i> ”; “ <i>Não há muita conversa, chega-se à noite e não há as novidades do trabalho e começa a entrar numa rotina sempre aquilo, a procura de emprego e a gente acaba por dizer o que não quer, ouve o que não quer e começa-se a ficar saturada da situação. O meu problema começou assim e também porque ele era um bocadinho ciumento, depois não sei quem disse-lhe que me conhecia. Só por uma pessoa dizer que me conhecia já achava que havia ali uma coisa</i> ”. | “ <i>Não sei. Eu acho que era frustração, sei lá...ele depois também ficou desempregado e as mulheres da rua...</i> ”.                                                                                                                                                                                                     | “ <i>Muitas vezes era por tudo e por nada, agora para o fim</i> ”; “ <i>Controlava tudo. Mesmo as coisas do trabalho, se eu satsse às quatro eu tinha que chegar em dez minutos a casa. Quando ia às compras dizia-me: porque é que demoraste tanto tempo? Já encontraste alguém com quem falar...</i> ”.                                                                                                                                                                            |

|                                                  | Mães em acolhimento                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                  | M1                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | M2                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | M3                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | M4                                                                                                                                                                                 | M5                                                                                                                                                              |
| Características do parceiro agressor             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                 |
| Consumo de álcool e/ou outras substâncias        | “Ele saía à noite e bebia álcool”; “Mas não era o álcool. Ele mesmo perdido de bêbado, ele tinha controlo naquilo que estava a fazer, a seguir lembrava-se das coisas. Ele próprio dizia: eu sei muito bem aquilo que queres. Ele nunca me marcou. Marcou-me uma vez só no pescoço quando trabalhava na escola primária, mas de resto nunca me deixou marcas.” | “Bebia sim. Ultimamente já estava a beber”. “ Não (não era o álcool a causa da violência) Estivesse ou não era igual”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | “Álcool não...”; “Mas ele com os amigos consumia qualquer coisa, por isso é que eu notava que ele vinha muito agressivo”.                                                                                                                                                                                                                                                                      | “Ele beber bebia, mas não era tanto, não lhe serve de desculpa que foi o álcool”.                                                                                                  | “Nada, nada, nada. Que eu saiba ele nunca teve nada (ausência de consumos)”; “Era muito obcecado por mim e pronto”.                                             |
| Tipo de agressor                                 | “Sim (era violento), também fora de casa”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | “É (violento fora de casa)”; “A pessoa que diziam que eu andava metida, ele trabalha lá e pelo que uma irmã minha me disse, ele mandou esse senhor para o hospital. Eu não conhecia quem é o homenzito, conhecia-o de vista porque ele era mecânico. Aqui há dias, uma cunhada ligou-me e disse-me: o meu irmão está lixado. E eu perguntei: que é que se passa? A GNR anda atrás dele, bateu ao mecânico, disse-me a irmã . Bateu-lhe? Perguntei. Diz que ele ia a entrar para o café e não sei que se passou...diz que quase que o matava. Partiu-lhe a cara toda e que ainda pegou numa cadeira para lhe mandar, só que estava alguém que lhe tirou a cadeira, senão matava-o”. | “Não. Não sei se era (violento fora de casa) ”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | “Não, com os outros não (só era violento em casa) ”.                                                                                                                               | “Ele na maneira dele é muito agressivo e tem uma maneira muito...muito coisa de falar e então...Às vezes na maneira de falar era (comportamento fora de casa).” |
| Preocupação em preservar a criança do conflito   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                 |
| Preocupação em preservar a criança do conflito   | “Não (não se preocupava que a criança assistisse) ”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | “Sim (preocupava-se, evitava que as crianças assistissem). Só que ele pensava que os miúdos estavam na cama a dormir, mas eles ouviam tudo”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | “Sim (preocupava-se, evitava que a criança assistisse). Muitas vezes, quando baviam estas situações, ele estava na escola. Eu punha-me a pé e preparava o menino e ele ficava lá em casa...”; “As situações ocorriam durante o dia e ele não estava... E então o miúdo quando chegava a casa podia notar que eu estava triste e eu dizia: não estou só cansada e ele falava bem com o menino”. | “Nada (não se preocupava que a criança assistisse) ”; “Ele fazia muita questão que o miúdo ouvisse tudo aquilo, porque achava que quando ele ia crescer também ia ter uma mulher”. | “Não (o marido não evitava agredir-la quando as crianças estavam presentes) ”; “Tanto lhe fazia que o filho estivesse como se não estivesse”.                   |
| Exposição da criança à violência interpaparental |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                 |
| Tipo de exposição                                | “O José, no começo não, era mais tudo verbal, mais dentro do quarto. A partir do momento em que passou a ser físico, ele a aproximar-se mesmo, não só a bater, mas a agredir verbalmente cara-a-cara, a ser estúpido com as palavras e mesmo a agarrar-me...o José começou a ver”.                                                                             | “Mal-educado era, ele discutia comigo, chamava quantos nomes havia e a canalha ouvia tudo. Os meninos às vezes assistiam a tudo...”; “se perguntar à minha filha com 3 anos o que o pai fazia à mãe, ela explica tudo. A doutora M., ela disse-me: A Maria contou-me isto, isto, isto. Contou tudinho”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | “Muitas vezes o miúdo estava no quarto, mas via que se estava a falar um bocadinho mais alto”; “Claro que ouvia a situação, eu ficava um bocadinho exaltada.”; “Estávamos a discutir na sala e ele estava no quarto dele e o pai entretanto saiu de casa e ele veio e perguntou: tu estás triste, mãe? Eu disse-lhe que não. E ele: tu pensas que eu que não ouço?”.                           | “Viam...e eram os gritos, os barulho...”; “Eles quando o pai não estava, bastava só ouvirem o barulho das chaves desatavam logo a fugir, eles sabiam... ia haver confusão”.        | “Sim, ele via e eu quanto mais falasse pior era; mesmo que ele estivesse a tomar atitudes que eu não gostasse”.                                                 |

|                                                                 | Mães em acolhimento                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                 | M1                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | M2                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | M3                                                                                                                                                                                    | M4                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | M5                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Exposição da criança à violência interparental                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| A criança vítima de violência directa                           | <p>“Não. Nunca lhe bateu. Disse-lhe uma ou duas vezes, perdido de bêbado, a tua mãe está a fazer-te a cabeça, mató-a a ela, mató-te a ti, depois como eu gosto muito de ti, mató-te a ti e a seguir mató-me eu. Ele disse-lhe isso pelo menos duas vezes. Mas pôr a mão em cima, nunca lhe pôs”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <p>“Ele até não era violento com as crianças. Bem houve uma ou duas vezes, não quero mentir, ele normalmente estava sempre: Ó Júlio não faças isto - porque ele é muito desinquieto. Por vezes, ficava chateado, chamava por ele, e ele não vinha, e aí ele chateava-se e tirava o cinto das calças. Mas, apesar de lhe ter dado com o cinto não era de bater...O normal”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <p>“Não era...claro que a parte do menino estar a assistir a estas situações...”.</p>                                                                                                 | <p>“Com as crianças física não, era mais pela palavra mesmo. O miúdo estava no quarto e ele dizia: tua mãe assim, tua mãe assado. Acho que isso prejudicou o filho”; “Ficava muito triste, chorava muito. Pediam muito para a gente sair de casa. Para gente sair daquela confusão, já não aguentavam”; “Eu lá tentava sossegar-los, mas não dava muito resultado...”.</p>                                                     | <p>“Batia-lhe...mas mesmo a maneira dele falar para o menino... Eu às vezes não gostava de ouvir, mas se eu me fosse a meter, apanhava também. Muitas vezes eu não podia...mesmo que quisesse ajudar...se eu quisesse falar não podia. Se eu começasse a confrontar com as verdades era pior, então mantinha-me calada”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Intervenção da criança nos episódios de violência               | <p>“Houve uma altura, foi na maior discussão que tivemos, o José dizia-me: pega num ferro e dá-lhe, vamos fugir, mãe”; “O que me levou a sair foi que a mãe é que tem de proteger o filho e o José dizia: mãe, posso dormir descansado? O pai não te vai fazer nada? E é estúpido, uma criança aos oito anos a tentar proteger a mãe porque já sabe aquilo que o pai vai fazer”; “Ele chorava e gritava: pai pára!”. “Não (não parava), ele chorava, atirava-se para o chão e às vezes magoava-se. Fazia papel de vítima para o filho ter pena”.</p>                                                                                                                                                                                  | <p>“...Ultimamente quando ele me batia, ao outro dia ele dizia: mamã, não quero ir para a escola, depois o pai bate-te. Ele numa altura baten-me à frente deles, chegou-me a mesmo a bater à frente deles”; “O meu filho chegou mesmo a tirar as sapatilhas dos pés e atirou-lhe com elas”; “Sim e haviam os momentos em que discutíamos e eles diziam: cala-te pai, ó pai cala-te”; “O meu filho é que às vezes dizia: O mãe sai, vamo-nos embora, o pai está sempre a bater”.</p>                                                                                                                                                                                                             | <p>“Não dizia nada. Deixava que as coisas acalmassem...”.</p>                                                                                                                         | <p>“Eles choravam, fugiam para o quarto”; “Fugiam”; “Às vezes a puxar o pai pela camisa, a pedir muito ao pai para não fazer, a chorar, a ficarem à frente dele quando o pai vinha para me bater, ele agarrava-se a mim para ele não bater”; “Ele ameaçava –nos muitas vezes de morte e quando ele pegou na faca se não fosse o meu filho chorar e puxar tanto para ele não fazer. Diz que malava-me a mim e às crianças”.</p> | <p>“Na maioria das vezes ele nunca o confrontava”; “Mal e ficava com revolta. Ele dizia, mesmo antes de eu tomar esta atitude dizia-me: vamo-nos embora os três, deixamos o pai para trás. Ele queria pôr uma bomba para matar o pai”; “...E quando o irmão nasceu, uma vez fui apanhá-lo no lá no quarto e perguntei que estas a fazer: Eu estou a desfazer o pai à porrada”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Criança desejada/Não desejada                                   | <p>“Não, acontecer”; “A primeira coisa que nos veio à cabeça foi o aborto”; “Não tínhamos nem condições, nem casa”; “Depois quando nasceu, ele ficou sem jeito e eu também”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <p>“Sim (ambos desejaram) ”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <p>“Sim (ambos desejaram) ”.</p>                                                                                                                                                      | <p>“Sim (ambos desejaram) ”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <p>“Não. Ele não queria...tinha ciúmes do filho”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Representação do ex-marido/ companheiro enquanto figura paterna | <p>“O pai lhe dava tudo o que o menino queria”; “Ele brincava e era amigo dele, mas tratar já não...”; “Não é que lhe desse um banho, não é que o vestisse, nunca lhe mudou uma fralda, nunca foi com ele ao médico”; “Embora ele não estivesse todo o tempo que o filho merecesse que ele estivesse ao pé dele, embora promettesse mundos e fundos, por exemplo dizia para a próxima semana vamos ao campo da bola e nunca ia...mas quando estava em casa estava bom...E quando via que o José estava a brincar era capaz de brincar com ele, de ir ver um filme com ele, de ir jogar à bola lá na estrada com ele, pegar na bicicleta do rapaz e andarem os dois na brincadeira. Iam pela estrada fora, mas muito pouco tempo”.</p> | <p>“Ele, apesar de lhe ter dado com o cinto duas ou três vezes, não era de bater...O normal. Até era muito meigo, mais coisa do que eu e quando saíamos, saíamos todos”; “ Nós quando íamos às compras... e a canalha dizia-lhe assim: quero isto de doces. A canalha pedia, e ele dava tudo à canalha. E eu até dizia: compra outra coisa, doces não, os doces fazem mal!”; “...nisto não posso falar mal”; “...ele saía e ia dar uma volta com eles”; “E ele para a canalha, até nem era assim muito coisa assim violento. O normal”; “O pai, fazia-lhe as vontades todas. Ele dizia: quero isto, o pai dava-lhe. Se ele estava a comer e não queria comer isto e o pai dizia: não come”.</p> | <p>“Ele como pai não era terrível, terrível...”; “Costumavam, às vezes, brincar os dois, jogavam à bola, às vezes, quando ele estava a fazer os trabalhos de casa ele ajudava-o”.</p> | <p>“...Antes de acontecer tudo isso, ele era muito amigo dos filhos. Dava muito bem com os filhos. Depois disso aí, ele começou a se desligar um bocadinho e já não brincava tanto com eles...”; “Falava mais o básico”; “Com isso preocupava-se (os estudos) ”</p>                                                                                                                                                            | <p>“Ele sempre foi muito bruto para com este filho, com o mais pequeno de quatro anos não era tanto, mas com este sempre foi demais”; “Era especialmente na maneira de falar, por vezes ele tinha que estar muito sossegado senão apanhava.”; “Gritava-lhe e às chamava-lhe que ele era burro. Ele desvalorizava um bocadinho o garoto”; “De vez em quando brincava com eles, por vezes até era boa”; “As vezes, quando estava melhorzinho, lá brincava um bocadinho para chamar a atenção; “Em certas coisas até interessava”; “Mas se ele se interessasse mesmo muito, procurava ir trabalhar para lhes poder dar a alimentação”; “As vezes sim, outras vezes não (mostrava interesse). Não era uma coisa constante, era instável”</p> |

Mães em acolhimento

|                                                                                           | M1                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | M2                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | M3                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | M4                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | M5                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Relação pai-criança anterior à separação                                                  | <p>“A imagem que eu tenho dos dois, no dia antes de sairmos, são eles a brincar”; Davam-se mesmo muito bem.”; “Ele tinha uma ligação tão forte ao pai, foi um dos ídolos dele.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <p>Gostavam. Ele ia a sair: ó pai quero ir contigo, ó pai isto, ó pai aquilo, o miúdo ficava mais ou menos, naqueles dois, três dias prontos, contra o pai. Ele é muito ligado ao pai”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p>“Eles tinham uma relação boa”; “Ele não batia ao filho, não era agressivo, brincava, havia uma relação saudável...”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <p>“Era boa...mas depois (de terem início os episódios de violência) Os miúdos também já não tinham mais, aquela vontade de estar com o pai”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <p>“O Silvío gostava... Gostava muitas vezes muito de brincar com ele, mas ele não ligava”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Interpretação/Reacção da figura materna aos sentimentos da criança pelo pai/pós separação | <p>“Nos primeiros dias, estive para voltar. Até ele me perguntar porque é que eu saí de casa e eu tentar-lhe explicar o porquê e as coisas acalmaram”; “Se ele quer qualquer coisa e disser que não tenho dinheiro, ele diz: posso ligar ao pai para me comprar? Ele tem vontade de estar com o pai, mas não fala do pai. Quando diz que quer voltar é por causa do cão, do gato, das bolas que deixou, por causa da bicicleta. Nunca diz é por causa do pai, porque tem saudades”; Acho que tem. No começo eu falava com a doutora porque custava-me a assimilar que ele não falasse do pai. Tentámos por duas vezes puxar o assunto e ele pura e simplesmente diz não e corta o assunto. Não quer e eu não insisto”.</p>                                                                                                                                                                                                                        | <p>“Ainda hoje me disse, não sei como é que ele se lembrou: ó mãe queria falar com o pai. E eu: então porquê? Ainda aqui há dias ele estava ali na mesa a comer e disse: ah, eu vou ao pai, eu quero ir ao meu pai. Engoli o que ele disse, mas pronto. Quero falar com o pai, que hoje é dia do pai, os meninos vão falar com os pais. Pronto, eu vou-lhe ligar e ficas aqui a falar com o pai”; “Que ele ainda aqui há dias fez-me chorar na mesa com os outros miúdos. Disse: Ai! Quero ir ao meu pai! Caiu-me mal, com as pessoas a ouvir...eu chamei-o ao quarto e disse-lhe: Queres ir? Queres que vá connosco para o pai? Não, mas deixa-me falar com o pai. Eu aí, se pedirem. Passam-se semanas que nem falam do pai”.</p> | <p>“No início disse que tinha saudades e o pai também falou, como era as férias da Páscoa, podia estar com ele. Claro que o menino não disse que não. Eu disse: não tenho condições. E é assim: eu sei que se fosse passar uns dias, que ia ser um mar de rosas, ia ficar muito contente toda a gente ia mimá-lo muito. O miúdo ia ficar encantado: está em casa, tem as coisas todas dele e porque toda a gente gosta muito do menino. Só que depois eu disse: não dou autorização, o menino tem 6 anos e não vai sozinho”; “Ele diz-me: Gosto do pai...e eu digo: olha, mas sabes o que se passou. E diz ele: ok eu também não gosto do pai. E eu: Mas porque é que dizes isso? E ele: ele era mau para ti também era para mim!”.</p>                                                                                                                                                                                                       | <p>“Não quer falar com pai, não pergunta por ele... Num dia, no do dia do pai queria que ele viesse a escola...mas depois esqueceu, não falou mais no assunto”; “Ele não fala muito do pai, não pergunta se o pai liga ou se não liga... E ele escreveu um coisa só para mim e eu perguntei a ele: E então filho, hoje é dia do pai... E ele disse: não, não fiz porque eu já não tenho pai. E pronto, aquilo tocou-me mesmo, não perguntei mais e nem toco no assunto”.</p> | <p>“Ele é mesmo muito revoltado. Tanto que ele aceitou bem a ideia de sair e irmos para aqui”; “Estão ainda um bocado perturbados, mas acho que reagiram bem”; “Noutro dia eu estava a mostrar-lhes fotografias no telemóvel e ele disse logo: não quero mais, ele é mau, ele é mau”; “O pai tenta telefonar e manda mensagens e eu não respondo. Os filhos também não falam dele, nem tocam no assunto. “Todas as mensagens eram: “quero falar contigo. Era sempre tudo para mim. Agora mudou a tática. Agora é: “Quero ver os meninos”; “Não (falo sobre o assunto). Não quero tocar no assunto com eles”.</p> |
| Desejos/Expectativas da figura materna em relação à continuidade da relação pai-criança   | <p>“Não faço ideia; eu tenho muito medo de que depois de se concretizarem as visitas do que possa vir a acontecer”; “Que ele pegue no rapaz e que mo leve. Ele disse: não sabes o que é sofrer, se soubesses o que é sofrer não me tinhas tirado o rapaz. E só isso para mim já quer dizer muito, quer dizer que se um dia apanhar o rapaz que não o vejo mais. Ou melhor, por ele não o vejo mais”; “E se calhar se ele pegasse nele e o levasse não seria tanto pela ligação com o filho, seria uma vingança contra mim”; “Pode ver o pai, sim senhor, não posso privá-lo de ver o pai nem o pai de o ver, mas fins-de-semana completos ou mês ou uma semana, não! É visitas controladas, vigiadas, seja onde for, desde que ele sozinho com o José não fique. Embora me custe porque sei que o José ia adorar passar um fim-de-semana com o pai. A irmã disse: passa o fim-de-semana aqui. Mas pode pegar no rapaz e nunca mais aparecer”.</p> | <p>“Ameaçou-me. A mim e à minha família. Aos filhos nem os ameaçava, a única coisa que ele diz dos filhos é que mos tirava. Gostava de ver os filhos e que, se não lhos mostrasse, que mos tirava. Eu disse-lhe: faz o que quiseres, a mim não mos tiras. Eu só vim para onde estou porque estou a guardar os miúdos porque não estou a dar uma situação má aos meus filhos e ele pensa que mos consegue tirar. Ele diz: tu fugiste-me com os filhos e eu vou-tos tirar”; “Não, tenho medo. No momento que o Tribunal disse: tal fim-de-semana de 15 em 15 dias, nas férias da escola, os filhos devem estar com o pai, eu não vou dizer que não...”.</p>                                                                           | <p>“Eu não sei. Neste momento que não está nada decidido nem pelo tribunal. Eu ponho esta questão, mas depois se o miúdo vai ficar iludido e contente e depois, se o menino diz que quer ficar porque eles o cativam de tal forma...e se ele resolve não mo entregar. Eu Penso nessas situações. Depois vou-me queixar a quem? Quando as coisas ficarem resolvidas, ele tem direito a este tempo”; “Não vou dizer ao meu filho: não tens pai! Ou dizer para ele não falar com o pai. Eu sei que ele vai ter direito sobre o filho”; “Há casos que o tribunal até pode dizer que não, mas isso é para aqueles casos de violência forte com a criança que ponha em risco a vida, como não tenho essa situação, não posso dizer não quero. E, se a gente tentar acordar da melhor maneira para nós e para o miúdo, também para ter o convívio com a família do lado dele. Espero que ele cumpra a parte dele para eu poder cumprir a minha”.</p> | <p>“Por enquanto eu não sei de nada porque ele é muito mau. E se eles lhe derem uns dias para ficar com os filhos e se ele me desaparece com os miúdos? E ele é bem capaz disso só para me fazer sofrer. Por enquanto não, porque ele está com o projecto de ir para fora e acho que mais dia, menos dia vai embora e eu não quero arriscar...”.</p>                                                                                                                         | <p>“Não sei bem. A minha maior preocupação é se eu fico mais calma, se o tempo passa um bocado mais. Se eles estiverem bem, também fico melhor”.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

| Mães em pós-acolhimento                           |                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                   | M6                                                                                                                                                                                                                                                     | M7                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | M8                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | M9                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | M10                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Transgeracionalidade/ Violência familiar          | “Não (na sua família) ”; “Não (na família do ex-marido) ”.                                                                                                                                                                                             | “Não (na sua família) ”; “ <i>Aí há uns quatro anos a minha mãe morreu, foi assassinada pelo marido à facada. Ela era divorciada, divorciou-se cedo. Depois a minha mãe viveu com outra pessoa. Quando eu me casei ainda não era essa pessoa com que ela estava. Este chegou mesmo a casar, mas por ciúmes tirou-lhe a vida</i> ”; “Não (família do ex-marido) ”. | “ <i>Estão a passar eu também passei.</i> ”; “ <i>O meu pai nunca foi violento para a minha mãe... Ela é que era uma pessoa com um feitio muito complicado, uns modos de falar muito agressivos, nunca foi boa mãe, batia-nos muito</i> ”; “ <i>O meu pai, não sabia e quando nós lhe contávamos, ralhava-lhe muito. Eles discutiam até que se divorciaram</i> ”; “ <i>Acho que não (família do ex-marido) </i> ”. | “Não (na sua família) ”; “ <i>Havia (na família do ex-marido). O avô dele já era violento. Ele já vivia violência em casas, porque ele foi criado pelos avós. O avô sempre lhe impingiu a ideia de que és dono da tua mulher e nem deixes que ela passe o limite, tens que a ter na ordem. O pai dele tinha alguns problemas e fazia o mesmo</i> ”. | “Não (na sua família) ”; “ <i>A família do meu ex-marido era um bocado agressiva. O avô dele batia na avó.</i> ”; “ <i>E eu, uma vez, só por me meter e ter tentado separa-los, acabou o avô também por me agredir a mim</i> ”.                                                                                                                                |
| Violência interparental                           |                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Primeiro episódio de violência                    | “ <i>Não o conhecia. Depois ele foi lá e tronçe-me para aqui. E eu pensei que ia gostar dele, mas depois não conseguia...E foi sempre aquela confusão, uma guerra. Luta, não luta...</i> ”                                                             | “ <i>Logo no começo (da relação), ele demonstrou ter essa reação comigo</i> ”.                                                                                                                                                                                                                                                                                    | “ <i>Durante dois anos foi um príncipe. Na gravidez, já não era a mesma pessoa... Mas ainda foi andando e depois do filho nascer tornou-se noutra pessoa</i> ”.                                                                                                                                                                                                                                                    | “ <i>Pensava que ia conseguir modifica-lo. E entretanto, deixou os pais e começou a fazê-lo comigo. Pensei que era parte do processo e ia modificar. Cai na patetice de casar</i> ”.                                                                                                                                                                | “ <i>A gente conheceu-se na escola. Ele era uma pessoa que não conseguia estar só comigo, traía várias vezes, era a violência psicológica. Casámos e ele sempre me traiu</i> ”.                                                                                                                                                                                |
| Tipo de violência                                 | Ele forçava-me a dormir com ele à força.”; “Depois foi piorando. Ameaçou-me com uma pistola que era de brincadeira...”; “E com uma faca também...”;                                                                                                    | “Foi em Maio ou Junho mesmo antes de vir para aqui foi quando ele me mostrou uma caçadeira. Estava mesmo muito zangado e ameaçou-me”; “E a da arma foi a pior, mas normalmente ele era violento. Era apertar o pescoço, puxar o cabelo”; “ Não esperava o que se passou com a minha mãe e fiquei mais marcada quando ele me apontou a arma”.                      | “Ele durante estes 4 anos usava o filho para tudo, a chantagem era sobre o filho. Dizia: prefiro que o meu filho fique sem mãe, ficas sem ele se te separares. As ameaças dele já não eram de me bater, ele dizia que me matava, que me odiava, não dormíamos à muito juntos”; “As ameaças que ele fazia eram: eu mato-te, tu queres que eu me vá embora. Eu mato-te ...”.                                         | “ Era psicológica, a física só começou quando eu fiquei grávida, mandou-me contra a parede, bateu nos braços, atingiu a barriga”; “Sempre que me agredia, dizia que tudo era culpa minha”; “Até com o taco de basebol dele apanhei...”; “Trancava-me em casa, tirava o telefone, os meus documentos”; “Ele dizia mato-te e a quem te proteger”;     | “O que havia mais não era a violência física, era mais a psicológica”; “E eu estava a dormir no sofá, e acordei com os murros, pontapés e tudo. Só acordei quando ele começou a me apertar o pescoço e, de resto, comecei a gritar e os meus vizinhos chamaram a polícia”; “Eu tinha que andar sempre escondida porque fez várias ameaças de morte”.           |
| Características do parceiro agressor              |                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Motivação para desencadear os episódios violentos | “O nosso casamento é diferente, é muçulmano”; “Dão-nos aquela pessoa para casar que não queremos. É mesmo forçado o casamento”; Ele forçava-me a dormir com ele e como eu não queria, então ele começava a dar-me porrada e foi assim que começou...”; | “Era muito ciumento e ele não queria que falasse com outras pessoas. No dia do casamento, levei logo uma estalada”; “Ele queria que eu obedecesse e que não contasse nada aos outros, que fosse muito reservada...”                                                                                                                                               | “Ele era por ciúme, era por ser muito transtornado, tinha o feitio dele agressivo.”; “...ele fazia-me ameaças, tinha medo dele, estava muito agressivo”; “Isolou-me de toda a gente”; “ Ele é que mandava. Ele afastou-me do grupo de amigos. Raramente ia alguém, deixámos de conviver. E era isso que ele queria, que eu vivesse isolada. Ainda vivemos assim mais uns quatro anos, cada vez pior...”            | “Não sei bem, acho que ele era assim... Sempre que eu dava uma opinião, chamava-me burra”; “Dizia: mas tu não percebes, que és gorda, isso fica-te mesmo mal, tu não consegues vestir como todas as outras mulheres normais. E vais pintar-te para quê? Tu és um monstro que andas aí”                                                              | “Era uma pessoa que não conseguia estar só comigo e traía-me várias vezes...”; “Eu tinha cortado o telefone por ele gastar fortunas a ligar para o Brasil...Só uma das facturas foi duzentos e tal euros, para mulheres que ele arranjava”; “Eu é que traía, eu é que gastava dinheiro, eu não prestava. Fui deixando-me levar por aquilo que dizia de mim...” |

| Mães em pós-acolhimento                               |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                       | M6                                                                                                                                                     | M7                                                                                                                                                                                                                                                                                              | M8                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | M9                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | M10                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Características do parceiro agressor</b>           |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Consumo de álcool e/ou outras substâncias</b>      | <i>“Ele antes de me conhecer eu sabia que ele bebia, mas nunca vi. Mas quando ele me trouxe parou de beber, mas agora está a começar a beber”.</i>     | <i>“Ele bebia e fumava de vez em quando. Mas não era pucado”; “ Um pouco do álcool. Era muito chato, teimoso, sempre a falar, sempre a repisar nas coisas, a insistir e a arranjar sempre algum pretexto para me começar a implicar e era muito insistente”.</i>                                | <i>“Não tinha vícios, ele não bebia e não saía à noite”.</i>                                                                                                                                                                                                                                        | <i>“Não. Ele sabia o que fazia”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <i>“Ele já sendo muito novo já se metia no álcool”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Tipo de agressor</b>                               | <i>“Não (não era violento em outros contextos) ”.</i>                                                                                                  | <i>“Não, era. Para os outros ele era outra pessoa”; “Ele sempre foi pessoa que não demonstrava bem o que era à frente dos outros. Pela frente era uma coisa, uma personalidade diferente e através das outras pessoas era outra”.</i>                                                           | <i>“Sim. Não foi só com a mulher, foi todo o tipo de violência, desde agressão a um GNR e o padrasto. Ele morava com a mãe e o padrasto e queria ser ele a mandar, além duma vizinha, mas a pior foi à ex-mulher”; “Ele chamava nomes, ameaçava todos, ainda apertou o pescoço ao meu cunhado”.</i> | <i>“Que eu soubesse não era ”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <i>“A nível social não era nada”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Preocupação em preservar a criança do conflito</b> | <i>“Não, ela e o irmão viam tudo”.</i>                                                                                                                 | <i>“Sim (evitava que estivessem presentes), para não demonstrar a faceta dele...”.</i>                                                                                                                                                                                                          | <i>“Era à frente. Dizia ao filho: vou buscar uma faca e mato a tua mãe porque ela quer que a gente se separe e eu não quero. O meu filho vai ficar sem mãe, mas eu também vejo-me livre dela”;</i> “Ele era muito agressivo ”.                                                                      | <i>“Nenhuma. Ele ia buscar a miúda para assistir...”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <i>“As coisas piores aconteciam quando eles não estavam”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Exposição da criança à violência interparental</b> |                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Tipo de exposição</b>                              | <i>“Assistiam, às vezes fugiam...”.</i>                                                                                                                | <i>“Ela falava com ela, eu dormia com elas no quarto delas e elas já sabiam que eu dormia com elas é porque não estava assim muito bem. E então ela percebia qualquer coisa...”;</i> “Elas sabiam ...nem era preciso dizer nada... principalmente a mais velha, ela estava sempre ali no meio”. | <i>“O meu filho assistia a tudo. O meu filho mais velho também, eu zanguei-me com ele e ele disse-me que me ia buscar uma faca, ele não tem noção das coisas, ele disse para mim: queres uma faca, queres faca...”.</i>                                                                             | <i>“Ela assistia a tudo. Uma vez lembro-me de acordar no chão com as lágrimas da miúda na cara e a ouvir: mãe acorda, por favor. Eu tentei aperceber-me do que se tinha passado, tinha-me feito nó de gravata, tinha-me sufocado e eu perdi os sentidos”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | <i>“Eles assistiam a brigas e ao pai chegar alcoolizado, mas as agressões eles não viam. Viram foi eu com o ombro ao peito, e o pai lesionado”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>A criança vítima de violência directa</b>          | <i>“Depois começou a bater no filho”; Não batia nela (não batia na filha) ”;</i> “Às vezes não me apanhava porque eu fugia e ele descontava no filho”. | <i>“Ele nunca bateu nelas, mas a mais velha assistiu a muitas cenas dele me bater”.</i>                                                                                                                                                                                                         | <i>“Batia-lhe. Era mau para o filho. Por tudo e por nada mesmo”; “Uma vez a discutir na sala, com o pequenino lá sentado, e ele a dizer: eu vou matar a tua mãe, eu vou-me livrar dela”.</i>                                                                                                        | <i>“Quando ele pegou na filha ao colo e meteu-lhe a arma à cabeça, eu estava na cozinha, ele chamou-me e disse: como é? Vamos conversar, agora?”;</i> “A miúda não parava de chorar e começou a embalar-la e diz: a tua mãe não presta, estás a ver o que me obriga a fazer? Desculpa filha, não era a ti que queria fazer. A tua mãe não presta e eu um dia mato-a”; “Que infelicidade ter arranjado uma mãe destas para ti. Filha desculpa, a tua mãe nem é boa para a cama, nem em casa e não consegue arranjar trabalho. Tás a ver a merda de mãe que tens?”; “Só de sentir o pai levantar a voz, ela chorava”. | <i>“ Ele bateu uma vez na minha filha, sem qualquer razão. Acho que lbe deu um estalo na cara. De resto não era, fisicamente não agredia, mas psicologicamente era”; “Ele contava coisas aos miúdos, que eu dormia com outros homens, eu trabalhava na loja de lingerie, que eu comprava lingerie para ir dormir com outros homens, eram essas conversas que ele tinha”; “ Ele fez-me várias ameaças de morte. Tentou matar-me, tinha um arpão de pesca debaixo da cama e chegou a dizer aos filhos que era para me matar”.</i> |

| Mães em pós-acolhimento                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                 | M6                                                                                                                                                                                                                                                                                             | M7                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | M8                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | M9                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | M10                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Exposição da criança à violência interpapental                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Intervenção da criança nos episódios de violência               | <i>Ficavam os dois no quarto fechados, eles tinham medo...”; “No último dia, ele me bateu, eu desmaiei, eles começaram a chorar. Ele começou a dizer: a tua mãe vai-me deixar, abandonar...ela vai fugir com outro homem. Depois o meu filho começava a chorar e a dizer que era mentira”.</i> | <i>“A mais velha. Ela aos gritos: pai não, pai não. Depois ela é que chamava sempre os meus sogros, ela percebia já como eu estava e ia chamar a avó para me defender”; “A Júlia era pequenina”.</i>                                                                                                                                                          | <i>“Era muito pequenino e quando via o pai ficar mais agressivo, chorava e agarrava-se a ele”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <i>“Chorava... ela começou a aperceber quando começou a andar, era muito para aquela cabecinha”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <i>“Eles não estavam lá, mas comecei a aperceber-me de que as crianças também estavam muito afectadas”; “Ninguém estava bem”.</i>                                                                                                                                                                                    |
| Criança desejada/Não desejada                                   | <i>“Sim (ambos desejaram) ”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                               | <i>“Sim (ambos desejaram) ”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <i>“Ele sim queria”; “Queria por conveniência, eu não”; “Já tinha sido casada e o meu filho de 13 anos tem uma deficiência mental e eu não queria mais filhos”; “Era para defender-se em Tribunal”; “E eu ajudei-o muito na altura, perguntaram-me como era ele como marido e padraato e eu disse: ele é excelente”; “E foi assim que os juizes tiveram pena dele...”; “Na gravidez, ele já não era a mesma pessoa, mas ainda foi andando, depois do filho nascer tornou-se noutra pessoa diferente”. “Ele depois do filho nascer até me disse que me fez de propósito, chamou-me otária. Ele disse-me: tu és tão burra que nem percebeste que eu fiz tudo de propósito para te conseguir engravidar...”.</i> | <i>“Eu tinha problemas e ele disse que me ia ajudar e que ia tentar tudo para que eu conseguisse ficar grávida. Eu nunca podia saber era que ele nunca queria ter filhos. Eu só soube disso, passados quatro anos quando eu disse: estou grávida!”; “A atitude dele foi: não, não estás e se estiveres, esse filho não é meu. Vou-me matar e vou fugir, eu não vou ser pai, vais abortar! Eu disse: Quem vai sair da minha vida és tu, depois destes anos, agora é que dizes que não queres ser pai? E ele: o sonho é teu, se queres continuar comigo, vais ter de abortar. Eu disse que não ia. Falei com um amigo que o chamou à razão”.</i> | <i>“Sim (ambos desejaram) ”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Representação do ex-marido/ companheiro enquanto figura paterna | <i>“Ele era do lado da filha... Ele dava muito bem com ela. Com o filho não, mas como a filha é criança”; “Sim (Ele brincava, passava tempo e preocupava-se com ela) ”.</i>                                                                                                                    | <i>“Não era muito de passar tempo, ele era mesmo muito ausente, ele até podia estar um pouco, mas era mesmo muito desligado”; “E se elas estavam doentes dizia-me: desenasca-te! Não era de se preocupar, eu é que tinha sempre de me desenrascar, era mesmo muito desligado”; “Não muito (não brincava muito tempo, não passava muito tempo com elas) ”.</i> | <i>“Ele nunca foi um bom pai...”; “Nunca ajudou a cuidar do filho, não tinha paciência para o filho nenhuma, por qualquer coisa ele batia no miúdo”; “Não passava tempo com ele, era sempre eu que o protegia”; “Ele dormia comigo e ele dormia na sala. Passava o dia e a noite agarrado ao computador. Tive de comprar uma TV para o quarto porque ele não queria ninguém, o filho nem podia lá estar”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <i>“O pai, assim que apareceu a Mónica, para quem não queria ser pai idolatrou a filha”; “A miúda (após a ter repreendido por fazer uma asneira) começou aos gritos, ficou muito assustada e ele mandou-a contra a parede. Foi só por ela ter gritado, ele agarrou-lhe na mão e levou-a para o seu quarto de rastos”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <i>“Até brincava, quer dizer, ele comprava as coisas para ele, não era para o filho. Ele sempre gostou de kits de carros e o filho chegava-se a ele para brincar. Com a filha, muito, muito raramente. Não brincava nada com ela. Ele nunca se sentou com eles para estudar...do tipo vamos fazer os trabalhos”.</i> |
| Relação pai-criança anterior à separação                        | <i>“Gostavam (de estar com o pai), agora estão a crescer, já sabem o pai que têm”.</i>                                                                                                                                                                                                         | <i>“Ele não passava tempo com elas, não brincava”; “A Júlia ignorava-o, a mais velha ainda dava conversa, mas não muito”.</i>                                                                                                                                                                                                                                 | <i>“O menino era pequenino, tinha medo dele...”; “Ele não queria saber, ele não tinha paciência mesmo nenhuma”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <i>“Ela gostava do pai, mas umas vezes era apapariçada e em outras a violência caia-lhe em cima”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <i>“Não existia muito contacto, ele era um pai ausente”.</i>                                                                                                                                                                                                                                                         |

## Mães em pós-acolhimento

|                                                                                                  | M6                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | M7                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | M8                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | M9                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | M10                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Interpretação/Reacção da figura materna aos sentimentos da criança pelo pai/pós separação</b> | <i>."Eu antigamente dizia e eles, não compreendiam, pensavam que estou a influenciar por causa do nosso problema. Mas agora estão a crescer já perceberam"; "Eles não queriam (visitar o pai). Nem ela, nem ele. O pai dizia que ia fazer isto e aquilo. Nunca fez. Era agora que estamos separados é que ia fazer?...e eles não queriam...até agora o pai liga e eles não querem. Foram no Natal e gostaram...mas depois ligaram na Páscoa e o pai disse que não tinha tempo"; "Têm sandades dos colegas e não do pai"; "Por acaso, dou-me bem com o pai, falo com eles".</i> | <i>"Não (não gosta de estar com o pai). Elas gostam por ser pai, mas amor não têm...acho que não. Elas vão de férias com ele e dizem-me: o meu pai não bate bem, diz cada coisa! Conversas que não têm muito bem sentido para a idade delas"; "Elas vão mais porque estão os avós, vão mais por causa das amigas, ela cresceu lá. Elas iam uma vez ou outra, mas iam porque ele pedia, não era porque necessitassem de o ver. Agora ele voltou, para junto dos pais, elas foram lá duas semanas e a minha filha mais velha até me disse: mãe, eu por o pai lá estar, até não tenho muita vontade lá ir. Para elas é pai por ser, não têm amor por ele, porque o que elas contam, aquilo deve ser uma brincadeira para elas... Ela (Júlia) estava ao telefone e respondeu-lhe duma maneira que eu fiquei espantada e a minha outra filha também. Falou-lhe não como um pai, como se fosse uma pessoa qualquer. Eu não me meto ".</i> | <i>"Quando aqui chegou não falava no pai"; "Para o fim voltou a falar a palavra pai"; " Fiz um acordo com a avó e então vai lá"; "Veio feliz. Mas passados uns dias, não parecia o mesmo filho e começou a ter um psicólogo. Além da baixa de rendimento escolar, vinha muito agressivo, com um palavreado impróprio, começou a correr na sala, jogou tudo ao chão, pegou num banco e jogou à auxiliar, chamou nomes à professora. Quando veio troxe tudo que tinha guardado. Dizia: tu não sabes nada e não podes comprar nada"; "Querida uma pistola, eu não dei, foi ao pai, e compra-lhe um relógio, livros e uma PSB. Veio com nariz empinado: o pai comprou tudo e tu dizes que não tens dinheiro"; " O filho que eduquei, meiguinho e querido veio um pestinha"; " Pode estar os 15 dias em casa que não toca no assunto, nem onde foi, nem oque comeu, nem o que fez".</i> | <i>"Ela no início perguntava: porque não vamos para o pé do pai? E eu não lhe queria explicar, era pequenina e dizia: a mãe teve problemas graves com o pai, deixei de gostar do pai e não é por causa de ti que vou voltar"; " Fazia questão que gostasse dele"; "Eu dizia: o teu pai gosta de ti, tens que o respeitar. Agora, se que ele te faltar ao respeito, vou querer que digas. Nesse dia, a coisa muda de figura"; "Até que pergunto: queria muito que tu passasses connosco este Natal. E eu: com quem? E ela: comigo e com o pai. E eu: lamento, filha, isso nunca vai ser possível, mete isso na cabeça."; "Há dias que ela me diz: mas eu gostava de ter ficado mais com o pai. Digo-lhe que não é possível...virá o tempo em que só voltas ao domingo"; "Não é muito normal (que a criança deseje proximidade) depois daquilo que eu passei com ele".</i> | <i>"Nada (não falavam sobre o pai). Ficaram magoados com ele e não mostraram interesse em ir visitá-lo"; "Eu pedi as visitas, para que fossem os pais dele a acompanhar...E vão eles buscar os netos, às quatro, à esquadra...o pai nunca vai porque diz que faz muita confusão entrar numa esquadra"; "A minha filha muitas vezes não quer ir. Só que ela vai, ela não quer deixar o irmão ir lá sozinho"; "A minha filha muitas vezes não quer ir. Só que ela vai, ela não quer deixar o irmão ir lá sozinho"; "Tem que gostar, são os avós. Mais tarde terá direito a ter opiniões, mas acho que ele agora começa a aperceber-se de certas coisas, lembrar-se de certas coisas. Ele só vai porque tem lá um amigo, passa mais com ele do que com os avós"; "Eles não me falam do pai. Mas eles vão de fim-de-semana e dizem: mãe, adoro-te. Sinto que é bom. Sinto-me a fazer um bom trabalho".</i> |
| <b>Desejos/Expectativas da figura materna em relação à continuidade da relação pai-criança</b>   | <i>"Nunca disse a eles para não darem bem com o pai, eu falo com eles. E eles não têm culpa se tudo aquilo aconteceu..."; "O pai sempre é pai, seja bom ou mau".</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <i>"Tinha que ser uma ligação forte logo no começo, agora já não. Elas não têm aquela figura de respeito, de carinho"; "Não sei, não faço ideia, não consigo ver isso (como vai ser a relação com o pai no futuro) ".</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <i>"Eu não sou contra ele ver o pai, mas ele nunca foi um bom pai, mas afinal de contas é pai e eu gostava que um dia o meu filho não tivesse algum elemento para poder dizer que a sua mãe foi culpada dele não ver o pai".</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <i>"A minha vontade era que ele não voltasse a ver a filha. Ao fazer uma coisa daquelas estava a prejudicar a filha. Acho que a miúda vai sentir aquilo que presenciou...se calbar ela até vai precisar de algum tipo de apoio, de um acompanhamento".</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <i>"A relação com o pai...acho que não vai ser boa...e com os avós, acho que também não"; "Eles estão velhos, mas são pessoas do quero, posso e mando"; "Não estou mesmo a ver um bom relacionamento"; "O que eu queria era mesmo que eles o trêsem, embarcassem para bem, bem longe, que me deixassem em paz porque mesmo não estando comigo e mesmo não falando, através dos miúdos, fazem tudo para me atingir a mim".</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

## **ANEXO E – REVISÃO DE LITERATURA**

## Violência/Violência doméstica/Violência conjugal

Os conceitos de violência, violência doméstica e violência conjugal encontram-se interligados no fenómeno da violência das relações de intimidade, pelo que julgamos fundamental do ponto de vista metodológico definir cada um deles.

Relativamente a uma definição generalista de violência consideramos adequada a proposta por Oliveira e Manita (2003), uma vez que integra o leque de comportamentos que melhor identificam o contexto em foco neste trabalho. A violência é, para estas autoras, o *“uso intencional da força, coacção ou intimidação contra terceiro ou de toda a forma de acção intencional que, de qualquer modo, lese os direitos e as necessidades dessa pessoa”*.

No que respeita à violência doméstica, concordamos com o conteúdo apresentado por Machado e Gonçalves (2003), que a definem como *“qualquer acto, conduta ou omissão que sirva para infligir, reiteradamente e com intensidade, sofrimentos físicos, sexuais, mentais ou económicos, de modo directo ou indirecto (por meio de ameaças, enganos, coacção ou qualquer outro meio) a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico privado (pessoas – crianças, jovens, mulheres adultas, homens adultos ou idosos – a viver em alojamento comum) ou que, não habitando no mesmo agregado doméstico privado que o agente da violência, seja cônjuge ou companheiro marital ou ex-cônjuge ou ex-companheiro marital”*.

Quanto à violência conjugal, Baldry (2003) define-a como *“uma situação na qual é possível identificar o exercício de qualquer forma de violência perpetrada por um homem ou por uma mulher contra a pessoa com quem tem ou teve um relacionamento íntimo”*. Os resultados dos estudos estatísticos nesta área indicam que, apesar de homens e mulheres poderem ser responsáveis por actos violentos, a maioria dos agressores são homens, sendo as mulheres as vítimas mais frequentes desta forma de violência (Manita, 2006).

Uma tipologia proposta por Johnson sugere quatro formas qualitativamente distintas de violência conjugal: a violência comum ao casal, a violência assente no poder masculino sobre o feminino ou *“terroristic violence”*, a resistência violenta, e o controlo violento mútuo ou de *“violência recíproca cruzada”*. O autor clarifica que as relações de intimidade violentas conhecem dinâmicas de abuso e de controlo distintas que reflectem o contexto específico de cada relação, pelo que não devem ser analisadas a partir de perspectivas generalistas (Johnson, 2006).

A violência comum ao casal refere-se a uma dinâmica de agressão recíproca em que se representa uma resposta interpessoal face a um conflito específico e que tende a assumir carácter intermitente, episódico ou até mesmo isolado, na rotina quotidiana de muitos casais. A *“terroristic violence”* diz respeito ao sistema relacional em que a violência assenta no poder masculino sobre o feminino e se desenvolve de forma progressiva, sistemática e grave. Esta forma de violência pode corresponder a várias estratégias de subordinação e coacção do outro, tais como o exercício de violência física, tentativas de isolamento social, comportamentos ameaçadores e outras técnicas de controlo. A resistência violenta

reporta-se às formas de resposta agressiva cometidas pelas mulheres sobre os seus parceiros continuamente agressores e controladores da sua intimidade, ou seja, aos comportamentos reactivos que se manifestam num registo de auto-defesa e que podem contribuir para uma escalada de violência que, em última instância, pode resultar em homicídio. Por último, existe o controlo violento mútuo, a “violência recíproca cruzada”, dinâmica típica de relações em que ambos, masculino e feminino, são violentos, verbal e/ou fisicamente e lutam pelo controlo da relação (Johnson, 2006).

### **Violência contra a criança**

A violência contra a criança foi uma realidade socialmente aceite até meados do séc. XX. Até então, os pais detinham poder legal e moral para educar os filhos recorrendo a qualquer método e castigo físico, mesmo que severo. A punição física era considerada uma forma legítima de educar e produzir obediência (Canha, 2003).

A partir da década de 1950 a criança inverte o seu valor social e passa a ser considerada um ser de pleno direito, a sociedade vai mudando gradualmente de sensibilidade e a partir dos anos 60 os maus tratos físicos infligidos à criança, pelas suas consequências e visibilidade, passam a ser condenados socialmente (Canha, 2003).

Em 1961, o pediatra americano Henry Kempe propõe o termo *Battered Child* como explicação muito provável para os quadros clínicos observados num grande número de crianças nos serviços hospitalares. O autor considera a hipótese de que uma percentagem significativa destas crianças, vítimas de traumas de origem não identificada ou esclarecida pela história clínica, terão sido alvo de abuso e/ou negligência em ambiente doméstico. No ano seguinte, publica o artigo “*The Battered Child Syndrome*” em que descreve o conjunto de sintomas físicos que podem resultar de maus tratos severos. Este trabalho constituiu um passo importante para a consciencialização dos técnicos de saúde e da população em geral para o fenómeno da violência contra a criança (Kempe, Denver, Silverman, Steele, Droegemueller, & Silver, 1985). Em 1963, Fontana alarga este conceito introduzindo a denominação *Criança Maltratada*, que inclui os abusos emocionais como forma de violência sobre a criança. A partir de 1965, a comunidade científica internacional adopta o termo *Child Abuse* para designar toda e qualquer forma de maus-tratos infantis (abuso físico, sexual, psicológico e negligência) (Sousa, Martins, & Fonseca, 1993).

Actualmente, é considerada violência contra a criança toda e qualquer acção ou omissão deliberada e exercida sobre ela, de forma passiva ou activa, por um adulto, que provoque danos a nível físico, psicológico ou emocional, lesando os seus direitos e/ou as suas necessidades no plano do seu desenvolvimento psicomotor, intelectual, moral e afectivo ou emocional (Sousa, Martins, & Fonseca, 1993).

## Teorias explicativas – Exposição da criança à violência interparental

Os efeitos negativos da exposição da criança à violência interparental têm vindo a ser interpretados por várias teorias.

A Teoria da Vinculação (Bowlby, 1969/1973/1980) postula que o ser humano tem uma necessidade universal de estabelecer uma relação de proximidade com uma figura cuidadora e que essa relação estabelece as bases dos sentimentos de segurança e de protecção que o irão acompanhar ao longo da vida (Ainsworth & Bowlby, 1991). Nesta sua formulação teórica, a vinculação emocional é definida como a necessidade básica, a partir da qual o sujeito vai interpretar o mundo, relacionar-se com os outros e orientar-se a si próprio. As relações de vinculação são ligações afectivas, únicas e exclusivas, que possibilitam a constituição dos recursos emocionais que sustentam o sentido interno de segurança pessoal, permitindo ao indivíduo encontrar conforto e apoio nos momentos de maior intensidade afectiva, principalmente nas perdas e nas separações. A qualidade destes vínculos emocionais precoces é uma condição fundamental e insubstituível para o desenvolvimento psicossocial do ser humano (Ainsworth, 1982).

A teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1977) defende que a observação dos padrões relacionais e comportamentais dos outros, particularmente os padrões familiares, constitui uma condição suficiente para a sua aprendizagem e reprodução. Assim, de acordo com esta teoria, os indivíduos expostos à violência interparental e/ou vitimação directa na infância guardam estes padrões de resolução de conflito no seu repertório potencial, tornando-se mais propensos à adopção e transmissão de comportamentos semelhantes ao longo da vida.

A Teoria Cognitiva-Contextual de Grych e Fincham (1990) foi elaborada com base na identificação dos factores mediadores da exposição à violência interparental e do papel destes elementos no impacto e na elaboração das estratégias de *coping* da criança neste contexto. De acordo com este modelo, as crianças confrontadas com a necessidade de integrar e compreender os eventos violentos vão interpretando o conflito e as suas implicações, num processo de aferição que compreende uma sequência de dois estádios. Pelo processamento primário, a criança mede a importância e o nível de ameaça presente no conflito e pelo processamento secundário tenta compreender o “porquê” do conflito, elabora representações e decide as suas estratégias de *coping*.

O Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994) propõe que a preservação e a promoção da segurança emocional corresponde ao objectivo primeiro e principal da vida mental da criança. As emoções funcionam como um sistema de monitorização pelo qual a criança se orienta, constrói representações e conduz os seus comportamentos. O ambiente familiar marcado pelo conflito entre os pais pode comprometer gravemente o sentimento de segurança emocional da criança, a sua relação com os pais e as suas representações, colocando-a em maior risco de desenvolver problemas

psicológicos e comportamentais. A exposição à violência impossibilita a leitura de referenciais seguros e coloca a criança na posição de encontrar sozinha as estratégias para manter a segurança emocional e as direcções para se conduzir no conflito. Enquanto algumas intervêm directamente, numa tentativa de controlar as acções e emoções parentais, outras tentam evitar a sua exposição directa.

Recentemente, Cummings, El-Sheikh, Kouros e Buckhalt (2009) propuseram o modelo Biopsicossocial para integrar as pesquisas desenvolvidas sobre as relações entre o *stress* provocado pela exposição à violência interparental e as respostas fisiológicas, psicológicas e comportamentais da criança. Neste modelo, os autores consideram que é mais relevante compreender o ajustamento da criança através das interacções entre os stressores ambientais e os múltiplos sistemas de regulação psicofisiológicos do que estudar as causas e os efeitos da exposição a este tipo de violência, de forma compartimentada. Este projecto de pesquisa foi desenvolvido a partir dos enquadramentos conceptuais e metodológicos da Segurança Emocional e do Modelo de Desenvolvimento Biopsicossocial da Criança. A metodologia desenvolvida pelos autores focalizou-se principalmente nos processos de regulação emocional, numa tentativa de compreender as formas como estes mecanismos, em interacção com o meio, podem mediar e moderar o impacto da exposição à violência interparental no ajustamento infantil à situação.

### **Casa abrigo**

As casas abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica funcionam como um esconderijo temporário para garantir a sua protecção. São, de um modo geral, o último recurso para vítimas em situações de elevado risco e a necessitar de uma protecção urgente dos agressores (Shostack, 2001). Actualmente, estes espaços têm o cuidado de prestar apoio psicológico e social especializado, para além de providenciarem as condições de manutenção das necessidades básicas das mulheres e crianças que a eles recorrem (Lyon, Lane & Menard, 2008).

Internacionalmente, as primeiras casas abrigo para mulheres vítimas de violência conjugal surgiram nos anos 70, como resultado do contexto do debate e das acções fomentados pela comunidade activista feminista (Renzetti, Edleson & Bergen, 2001).

Em Portugal, ao longo do tempo, as instituições católicas prestaram assistência aos sectores carenciados e vulneráveis da população, nomeadamente a mulheres em risco, mães solteiras e prostitutas. Os serviços de acção social laicos dedicados a esta problemática só se desenvolveram de forma estruturada e independente depois da Revolução de 1974. As primeiras casas abrigo não religiosas para vítimas de violência doméstica datam da segunda metade dos anos 90 (Baptista, Silva & Nunes, 2004).

Com o fim do Estado Novo inicia-se uma profunda reforma legislativa que abriu caminho a um debate público sobre questões de igualdade de género, direitos das mulheres e, finalmente, a uma

política de sensibilização e combate à violência doméstica. A desigualdade de género, ao longo do tempo profundamente assimilada como natural pela maioria da população portuguesa, não foi apagada da mentalidade por decreto-lei. Foram precisas quase duas décadas para que, no final dos anos 80 e início dos anos 90, a sociedade se envolvesse de forma mais consensual na necessidade de encarar a violência doméstica como um problema social a evitar e a penalizar pelo todo. A participação crescente de diferentes sectores da sociedade e de organizações na luta contra esta forma de violência permitiu o desenvolvimento de serviços de apoio às necessidades específicas das vítimas e a actuação do poder político e legislativo (Baptista et al., 2004).

O I Plano Nacional contra a Violência Doméstica da Presidência do Conselho de Ministros data de 1999. É o enquadramento legal em que, pela primeira vez, o estado assume a gravidade da situação, e regulamenta e promove o apoio técnico à protecção das vítimas de violência doméstica. O documento considera o combate a este problema como uma prioridade nacional e prevê a criação de uma rede de refúgio para as vítimas e o desenvolvimento de programas de acompanhamento e inserção específicos. No ano seguinte são decretados os primeiros regulamentos oficiais para o funcionamento das casas abrigo (Decreto-Lei nº 323, 2000).

Na sequência e de acordo com as directivas governamentais, a prevenção e o combate à violência doméstica têm vindo a ser desenvolvido por ONGS e IPSS que, com apoios comunitários e do Estado Português, investiram nesta área. A partir do ano 2000 as autarquias e os organismos de poder local passam a articular recursos com estas Instituições, no sentido de aumentar as respostas de acolhimento. Com este envolvimento da sociedade civil e dos seus organismos o número de casas abrigo tem vindo a aumentar, sendo ainda manifestamente insuficiente para responder a todas as mulheres que se encontram em risco e procuram refúgio.

É neste contexto que, em 2003, surge o II Plano Nacional contra a Violência Doméstica. O documento, com estratégias aplicadas tanto à protecção e integração social da vítima como à rede de apoio já existente, prevê a elaboração de um regulamento interno para as casas abrigo. O objectivo é garantir condições de abertura e funcionamento adequadas, uma qualidade profissional dos serviços prestados e mecanismos de fiscalização.

O III Plano Nacional contra a Violência Doméstica vigorou entre 2007 e 2011 e objectivou-se na consolidação das políticas de prevenção e combate à violência doméstica implementadas e promovidas pelos planos anteriores, acrescentando a importância do reforço das campanhas de informação e de formação no sentido de promover uma cultura para a cidadania e para a igualdade. Neste plano destaca-se a importância do apoio e acolhimento às vítimas numa lógica de reinserção e autonomia.

Actualmente, encontra-se em vigor o IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica, publicado em 2011 com um programa a concretizar até 2013. Este plano tem como objectivo conseguir uma estratégia concertada com as instituições nacionais (organismos públicos, ONGS, IPSS, poder local e sociedade civil) para combater de forma mais eficaz a violência doméstica a nível nacional, de acordo com as orientações europeias e internacionais a que Portugal se encontra vinculado. Este plano está estruturado em 5 áreas de intervenção e propõe 50 medidas concretas para informar, sensibilizar e educar os cidadãos, proteger as vítimas, promover a sua integração social, prevenir a reincidência, formar quadros profissionais, desenvolver a investigação na área e monitorizar.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, fundada a 25 de Junho de 1990, é uma instituição de âmbito nacional sediada em Lisboa. A APAV é uma IPSS, instituição particular de solidariedade social que, segundo os estatutos, visa promover a informação, a protecção e o apoio a vítimas de acções criminais. A Associação rege-se pelos princípios da igualdade de oportunidades e de tratamento e da não-discriminação (de género, raça ou etnia, religião, orientação sexual, idade, condição socioeconómica, nível de escolaridade, ideologia ou outros). É uma instituição não-confessional, independente de qualquer força político/partidária ou de qualquer outra forma de poder institucional (APAV, 2011).

A amostra do nosso estudo foi obtida numa casa abrigo desta instituição. A APAV é responsável por duas casas abrigo numa rede nacional composta por 35 equipamentos para esta finalidade. Estas casas de habitação temporária têm como função acolher mulheres vítimas de violência conjugal e as suas crianças até aos 12 anos (APAV, 2011).

A equipa multidisciplinar responsável pelo acolhimento desenvolve desde o momento da admissão todos os esforços para proporcionar aos membros do agregado familiar um ambiente de tranquilidade e segurança. A APAV tenta assegurar, neste contexto, as condições necessárias para a saúde, bem-estar integral das mulheres e dos seus filhos, providenciando sempre os meios para a continuidade da educação das crianças. O acolhimento não se reduz a um afastamento destas pessoas da situação de risco em que se encontravam, tendo como objectivo possibilitar a construção de um novo projecto de vida para estas famílias. Durante este período é prestado, de acordo com o tipo de acolhimento e a complexidade de cada caso, um apoio multidimensional à mulher, no sentido de lhe proporcionar os mecanismos necessários à sua autonomização. Esta passa, geralmente, por uma reorganização familiar, social e profissional (APAV, 2011).

As casas abrigo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima têm três categorias de acolhimento. A primeira diz respeito a situações de emergência e prevê a permanência das utentes por um período de 72h, após o qual são encaminhadas para outra casa abrigo ou para outra instituição mais adequada à intervenção no seu caso. A segunda aplica-se às situações consideradas de transição. Esta modalidade

corresponde a uma estadia de cerca de 3 meses e aplica-se quando é possível encontrar num curto espaço de tempo mecanismos comunitários para a família passar a viver em segurança. Por último, existe o acolhimento provisório e/ou prolongado na intervenção na crise e que corresponde a um período de seis meses, durante o qual se desenvolve o trabalho com a mulher e se articula com outras instituições a organização de condições de autonomia (APAV, 2011).

### **Admissão e quotidiano em casa abrigo**

. Quando uma vítima de violência na relação de intimidade contacta uma instituição de emergência social ou de apoio à vítima, os técnicos responsáveis tentam equacionar com ela todas as alternativas possíveis e o acolhimento só é acordado em situações de alto risco e quando não há outra resposta possível da rede comunitária (APAV, 2011).

A maioria das mulheres que recorre a esta opção tem poucos recursos socioeconómicos, idade inferior a trinta e cinco anos e frequentemente um ou dois filhos consigo (Renzetti et al., 2001).

Embora cada casa abrigo tenha as suas especificidades de funcionamento, de um modo geral a admissão nestes refúgios obedece a determinadas regras, sendo a presença observável de uma real motivação por parte da vítima uma condição indispensável para que o técnico proceda à aceitação em acolhimento (Baptista et al., 2004).

Não são admitidas mulheres que manifestem quadros de graves psicopatologias, de alcoolismo e/ou outras formas de toxicodependência. Algumas instituições não aceitam utentes sem autonomia física ou portadoras de doenças infectocontagiosas. As casas abrigo existentes na rede nacional não estão equipadas do ponto de vista técnico e de recursos humanos para lidar com estes problemas adicionais. Quando confrontados com estes casos, os técnicos tentam integrar as mulheres com estas sintomatologias em instituições de saúde especializadas. Não existem em Portugal, no entanto, instituições equipadas para responder simultaneamente às consequências da vitimação e aos cuidados de saúde de que estas pessoas carecem (Baptista et al., 2004).

A maioria destas instituições não aceita o acolhimento de mulheres com os seus filhos adolescentes, particularmente os do sexo masculino, estabelecendo o limite de idade de admissão na faixa etária compreendida entre os doze e os catorze anos. Este regulamento pode ser muito condicionante porque confronta parte das vítimas de violência conjugal com a escolha entre a sua segurança e a dos filhos, o acesso do agressor aos jovens, a separação de irmãos, com a impossibilidade de continuação na prestação dos cuidados parentais de que os adolescentes necessitam, entre outras questões geradoras de angústia. A imposição desta restrição prevaleceu, na maioria dos casos, com base no argumento da manutenção da segurança e da tranquilidade de todos os elementos da casa abrigo. Os jovens adolescentes podem ser difíceis de controlar num regime institucional fechado e o pessoal técnico responsável pelo funcionamento da unidade de acolhimento não tem meios para conter as suas

reações e garantir que jovens fisicamente desenvolvidos e autónomos mantenham as regras de segurança e de convivência necessárias à segurança de todos. A este problema maior junta-se o facto de parte destes adolescentes estar numa fase de desenvolvimento pós-pubertário. A sua dimensão e caracteres sexuais secundários tornam-nos aparentemente iguais a um homem adulto, o que pode assustar e provocar tensões nas outras mulheres e crianças (Renzetti et al., 2001).

O quotidiano em casa abrigo é marcado por regras e rotinas pré-estabelecidas que vigoram desde o momento da entrada até ao momento da saída. A violência é interdita sob qualquer forma, não são permitidos consumos de álcool ou de substâncias psicoactivas e os espaços para fumadores são confinados. A privacidade está limitada e as tarefas comunitárias são incentivadas. Os quartos podem ser partilhados entre as mães e as crianças ou mesmo com outra mulher e suas crianças, e a cozinha, as casas de banho e os espaços de lazer são comuns. As mulheres são responsáveis pela prestação de cuidados e pela segurança dos seus filhos e pela manutenção das tarefas domésticas do dia-a-dia. A regulamentação dos horários, das funções e das regras de segurança é bastante rígida (Renzetti et al., 2001). Neste sentido, é rigorosamente proibido, sob pena de expulsão do abrigo, violar a confidencialidade do local de residência, e os seus contactos, assim como qualquer aspecto referente aos dados biográficos das outras famílias ou funcionários da habitação. Esta mesma regra vigora para todos os profissionais técnicos e de manutenção do equipamento (Shostack, 2001).

A estadia em casa abrigo deve ser um período de reorganização mental e social da mulher no sentido de estruturar um novo projecto de vida com o apoio da equipa multidisciplinar que regula o funcionamento da instituição. A maioria dos programas de apoio em casa abrigo têm como objectivo o *empowerment* da mulher, sendo os programas direccionados para a sua definição de estratégias. Neste sentido, as equipas trabalham para prestar acompanhamento psicológico à mulher e para, em articulação com ela, encontrar as soluções jurídicas e de integração socio-profissional que garantam a sua segurança e a sua autonomização num futuro próximo (Renzetti et al., 2001).

No que diz respeito aos filhos, a maioria das casas abrigo em Portugal não tem recursos humanos para um acompanhamento psicológico sistemático de cada criança. Quando são detectadas perturbações numa delas, a instituição recorre aos apoios pontuais individualizados disponíveis (Baptista et al., 2004). Esta lacuna explica-se, em parte, pela forma como este sistema de apoio se desenvolveu. Inicialmente, as crianças foram consideradas vítimas secundárias de violência conjugal e consequentemente as estratégias de intervenção na crise concentraram-se no apoio às mulheres. Esta lógica considerava que o bem-estar dos filhos estava intrinsecamente ligado ao das suas mães e que as perturbações infantis tenderiam a desaparecer quando a segurança e o bem-estar das mulheres fossem restabelecidos (Saathoff & Stoffel, 1999).

Uma criança que ingressa numa casa abrigo com a sua mãe é integrada nos equipamentos comunitários adequados à sua idade, como creches, jardins-de-infância, escolas, *ateliers* de tempos livres, actividades lúdicas e desportivas. Este cuidado com o preenchimento do tempo é muito importante, para lhes permitir uma continuidade da sua vida social e escolar com crianças da mesma faixa etária (Baptista et al., 2004).

## Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. (1982). Attachment: Retropect and prospect. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). New York: Basic Books.
- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- APAV (2011). *Manual de Procedimentos dos Serviços de Apoio à Vítima de Crime na APAV*. Lisboa: APAV.
- Baldry, A.C. (2003). “Stick and stones hurt my bones but his glance and words hurt more”: The impact of psychological abuse and physical violence by current and former partners on battered women in Italy. *International Journal of Forensic Mental Health*, 2(1), pp. 47-57.
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. Englewood Cliffs. NY: Prentice Hall.
- Baptista, I., Silva, M. J., & Nunes, J. (2004). *National Report Portugal*. Cesis: Portugal.
- Canha, J. (2003). *A criança maltratada*. Lisboa: Quarteto Editora.
- Cummings, E. M., El-Sheikh, M., Kouros, C. D., & Buckhalt, J. A. (2009). Children and violence: The role of children's regulation in the marital aggression–child adjustment link. *Clinical Child and Family Psychological Review*, 12, 3-15.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116, 387–411.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive–contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108, 267–290.
- Johnson, M.P. (2006). Conflict and Control - Gender Symmetry and Asymmetry in Domestic Violence. *Violence Against Women*, 12(11), pp.1003-1018.
- Kempe, C.H., Denver, M.D., Silverman, F.N., Steele, B.F., Droegemueller, W. & Silver, H.K. (1985). The battered-child syndrome. *Child Abuse & Neglect*, 9, pp. 143-154.
- Lyon, E., Lane, S. & Menard, A. (2008). *Domestic Violence Shelters: Survivors' Experiences*. National Institute of Justice: U.S.A.
- Machado, C. & Gonçalves, R.A. (2003). *Violência e Vítimas de Crimes*. Coimbra: Quarteto.
- Manita, C. (2006). *Guia de Boas Práticas para Profissionais de Saúde. Guia para o atendimento a vítimas de violência doméstica/ conjugal*. Porto: CIDM/FPCEUP.
- Oliveira, A. & Manita, C. (2003). Prostituição, violência e vitimação. In: Machado, C. & Gonçalves, R. A. (Coord.). *Violência e Vítimas de Crimes*. Volume 1 - Adultos. Coimbra, Quarteto Editora.

- Renzetti, C. M., Edleson, J. L. & Bergen, R. K. (2001). *Sourcebook on Violence Against Women*. London: Sage Publications Ltd.
- Saathoff, A.J. & Stoffel, E.A. (1999). Community-Based Domestic Violence Services. *Domestic Violence and Children*, 2 (3).
- Shostack, A. (2001). *Shelters for Battered Women and Their Children: A Comprehensive Guide to Planning and Operating Safe and Caring Residential Programs*. Illinois: Charles C. Thomas Publisher Ltd.
- Sousa, E., Martins, A., & Fonseca, A. (1993). A construção social dos maus tratos (I). *Análise Psicológica*, 11 (1), pp. 75-86.

**ANEXO F – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA  
INVESTIGAÇÃO/AUTORIZAÇÃO**

Serviços Centrais da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)

A/C. Exmo. Sr. Dr. José Félix Duque

Assunto: Pedido de Colaboração em Investigação

Eu, Maria José Figueiredo Dinis Henriques, aluna do Mestrado em Psicologia Clínica do ISPA - Instituto Universitário, sob orientação académica do Prof. Doutor Emílio Salgueiro, encontrando-me presentemente a realizar o Estágio Curricular na APAV (GAV de Lisboa) sob a orientação da Dr.<sup>a</sup> Rosa Castro, venho por este meio solicitar, no âmbito da minha investigação subordinada ao tema “*Representações da figura paterna de crianças expostas à violência interparental*” a vossa colaboração para proceder a uma recolha de dados numa das vossas Casas Abrigo na zona da Grande Lisboa.

Os objectivos desta pesquisa implicam a observação de uma amostra constituída por crianças, em situação de acolhimento com suas mães em Casa Abrigo, que experienciaram exposição a violência interparental. Esta investigação prevê a aplicação de provas projectivas de desenho da família imaginada e família real às crianças e a realização de uma entrevista semi-estruturada às crianças e às suas mães.

Assumo o compromisso de cumprir todos os cuidados de confidencialidade e sigilo no respeito estrito por todos os procedimentos preconizados pela APAV, e de que toda e qualquer informação resultante da recolha de dados servirá apenas o propósito deste trabalho. Encontro-me totalmente disponível para qualquer clarificação ou esclarecimento que considerem necessário.

Lisboa, 3 de Fevereiro de 2012

Com os melhores cumprimentos,

Anexo – Projecto de investigação

Telemóvel - 914115285

E-mail [m.j.henriques@netcabo.pt](mailto:m.j.henriques@netcabo.pt)

Exma. Senhora,

A Associação Portuguesa de Apoio á Vítima (APAV) tem todo o gosto em colaborar no estudo que está a desenvolver, conducente à obtenção do grau de Mestra.

Poderá contactar a Senhora Dr.<sup>a</sup> Cátia Rodrigues, que representará a APAV nesta colaboração.

Cumprimentos atentos de,

*José Félix Duque*

Assessor técnico da Direcção  
Senior Adviser

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima  
Portuguese Association for Victim Support  
Rua José Estêvão, 135A, Piso 1, 1150-201 Lisboa  
Portugal  
tel. dir. +351.21.358.79.21  
tel. +351.21.358.79.00  
fax +351.21.887.63.51  
e-mail: [apav.sede@apav.pt](mailto:apav.sede@apav.pt)  
<http://www.apav.pt>

## **ANEXO G – PEDIDO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

## **Consentimento informado**

O presente documento pretende constituir um termo de consentimento informado relativamente à sua colaboração e à autorização para a participação do seu(sua) filho(a) num trabalho de investigação no âmbito da dissertação do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica.

O estudo visa explorar a temática das representações da figura paterna de crianças expostas à violência interparental, sendo que os dados serão recolhidos através da realização de uma entrevista e a aplicação de duas provas de desenho às crianças e uma entrevista à mãe. Ambas as entrevistas serão gravadas em formato áudio.

Todos os dados de identificação serão mantidos anónimos e confidenciais e a sua colaboração, assim como a participação do seu(sua) filho(a) será inteiramente voluntária. Ambos poderão desistir a qualquer momento da sua contribuição, sem que daí advenha qualquer consequência. Este pedido de consentimento será apresentado ao seu(sua) filho(a) para que este possa decidir livremente se deseja ou não fazer parte deste estudo.

Depois de ter compreendido o acima referido, declaro que aceito colaborar nesta investigação e autorizo a participação do meu(minha) filho(a).

Assinatura da participante:

---

Assinatura da investigadora:

---

(Maria José Henriques)

Lisboa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.